

COLLEEN OAKES



Rainha de Copas

SANGUE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

UNIVERSO DOS LIVROS

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

COLLEEN OAKES



Rainha de Copas

SANGUE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

UNIVERSO DOS LIVROS

COLLEEN OAKES

Rainha de Copas

SANGUE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

São Paulo
2018



Queen of Hearts: Blood in Wonderland
Queen of Hearts Saga, #2
Copyright © 2014 by Colleen Oakes
All Rights Reserved.



Copyright © 2017 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial: **Luis Matos**

Editora-chefe: **Marcia Batista**

Assistentes editoriais: **Aline Graça e Letícia Nakamura**

Tradução: **Alline Salles**

Preparação: **Marina Constantino**

Revisão: **BR75|Clarisse Cintra e Alexander Barutti**

Arte: **Aline Maria, Francine C. Silva e Valdinei Gomes**

Capa: **Francine C. Silva**

Imagem de capa: **Fastock, Canstock, Shutterstock e Latinstock**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Oakes, Colleen

Rainha de copas : sangue no País das Maravilhas / Colleen Oakes ; tradução de Alline Salles.

São Paulo: Universo dos Livros, 2018.

240 p. (Coleção Rainha de Copas ; 2)

ISBN: 978-85-503-0070-1990

Título original: *Queen of hearts: Blood in Wonderland*

1. Ficção inglesa 2. Contos de fadas I. Título II. Salles, Alline

16-1079 CDD 813.6

Universo dos Livros Editora Ltda.

Rua do Bosque, 1589 – Bloco 2 – Conj. 603/606

CEP 01136-001 – Barra Funda – São Paulo/SP

Telefone/Fax: (11) 3392-3336

www.universodoslivros.com.br

e-mail: editor@universodoslivros.com.br

Siga-nos no Twitter: [@univdoslivros](https://twitter.com/univdoslivros)

Agradecimentos

Muito obrigada a todas as pessoas maravilhosas que tornaram este romance possível:

Ryan Oakes: por seu *feedback*, apoio infinito e em acreditar inteiramente neste romance, que transformou uma vaga ideia em uma realidade tangível. Obrigada por compartilhar seu amor, seu pensamento criativo e seu conhecimento divertido sobre fantasia e treinamento de luta. Obrigada por me dar força para permanecer fiel aos meus instintos e à minha história.

Para Maine: você é minha maravilha.

Para Ron McCulley e Tricia McCulley, que são modelos de paciência, apoio e a quantidade certa de devoção familiar: obrigada.

Minha elegante irmã, Cynthia McCulley: obrigada por sempre colocar um sorriso em meu rosto e por concordar em ser um cavalo. Seu amor compartilhado por músicas dramáticas me ajudou a escrever as cenas mais emocionantes desta história. A próxima é para você.

Amigos amados que ajudaram neste processo conforme a história se desdobrava apenas por serem seres maravilhosos – Kimberly Stein, Sarah Glover, Emily Kiebel, Cassandra Splittgerber, Elizabeth Wagner, Jordan Powers, Terri Miller, Nicole London e Karen Groves: obrigada por ouvirem quando descrevia por *horas* algo que estava em minha cabeça.

Minhas primeiras leitoras intimidadoras – Katie Hall, Michelle Rehme, Erika Bates, Jen Lehmann, Denise McCulley, Patty e Sarah Jones, Angela Turner, Holly Cameron e Stefanie Feustel: obrigada por me ajudarem a transformar este romance em algo do qual tenho muito orgulho.

Este livro passou pelas mãos dos editores mais habilidosos: Erin Armknecht, um editor cujas ideias são tão boas que simplesmente não podem ser mensuradas; Jeni Miller, cuja habilidade e olho editorial eram completamente aterrorizantes e necessários ao mesmo tempo; Jess Riley e Wayne Parrish, *Rainha de Copas* brilha muito mais por causa de vocês.

Crystal Patriarche, Heidi Hurst, Sara DiVello e todo o time Spark-Press/BookSparksPR: vocês são esplêndidos.

Para Erin Chan, charmosa e talentosa: obrigada por ser a figura

marcante que agracia a capa da edição original.

Mae Whitman: obrigada por ser a inspiração por trás de Dinah. Você é uma coisinha feroz, e admiro cada minuto de seu trabalho.

Finalmente, o homem, Lewis Carroll: *Alice no País das Maravilhas* é a coisa mais prazerosa e grandiosa que já li. Obrigada por ser o verdadeiro gênio por trás desses personagens e por me deixar perambular, com a caneta, por esse lugar magnífico.

Este livro é para Ryan, o eterno rei bondoso do meu coração.

“O Gato apenas sorriu quando viu Alice. Parecia de boa índole, ela pensou, mas não deixava de ter garras muito longas e um número respeitável de dentes, por isso ela sentiu que devia ser tratado com respeito.”

– *Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll

As folhas foram esmagadas debaixo de Dinah quando ela se virou no chão da Floresta Retorcida, seus olhos tentavam se localizar no labirinto de árvores vivas. Sim, as árvores na Floresta Retorcida estavam vivas. Não vivas a ponto de falar, andar ou ter rosto, mas a ponto de *enxergar*; disso Dinah não tinha dúvida. Aqueles olhos sem olhos eram esquisitos e desencorajadores. Ela deitou de costas, piscando por causa da luz da tarde, observando os galhos balançarem com o vento, tão longe acima dela que tinha que apertar os olhos para ver suas folhas. As árvores da Floresta Retorcida eram mais altas que as Torres Negras, e às vezes tinham a mesma largura. Os troncos grossos e retorcidos de pinheiros e carvalhos dificultavam sua passagem e, na noite anterior, Dinah se vira mais se contorcendo e se agachando do que andando entre eles. Cada árvore era diferente – algumas tinham várias flores cor-de-rosa que circundavam em espiral seus galhos e troncos, algumas tinham samambaias aveludadas que caíam em cascata dos galhos e outras eram estéreis, com apenas seus galhos para abrigá-las. Havia árvores que cresciam para o lado – compridas e rasteiras. Outras eram torres magricelas de casca ondulada, com seus galhos apontando para cima até o céu. Algumas delas pareciam ter sido queimadas; eram escuras como a noite e seus troncos emanavam um aroma leve de cinzas. No entanto, elas estavam vivas e prósperas, como evidenciavam as flores brancas e pretas que dançavam espiraladas na ponta de seus galhos. Era incrível... e aterrorizante.

Ainda deitada, Dinah ficou pensando que as árvores sabiam de tudo – sabiam onde ela estivera e o que acontecera; sabiam que, um dia, fora a Princesa do Palácio do País das Maravilhas. Sabiam que seu pai, o brutal Rei de Copas, a havia traído alguns dias antes de sua coroação e havia assassinado seu amado irmão, o Chapeleiro Maluco, ao jogá-lo pela janela. Conheciam o estranho que a fez partir voando do palácio montada em Morte, o corcel do diabo, um Hornhoov cuja sede de sangue era lendária. Conheciam Wardley, o amor de sua vida, que prometera encontrá-la. E sabiam que seu pai, provavelmente, estava seguindo seu rastro enquanto ela permanecia parada sob um amontoado de folhas. Ela fechou os olhos por apenas mais um

instante. Não era só a história de Dinah que as árvores conheciam – ela podia sentir a consciência aguçada em seus ossos. As árvores da Floresta Retorcida sabiam quem desenhou a localização das estrelas noite após noite e quem criou o Todren. Elas conheciam cada Yurkei e cada cidadão do País das Maravilhas, aqueles que aceitaram a escuridão e aqueles que escolheram a luz. Sim, as árvores colossais da Floresta Retorcida tinham consciência, e esse fato a amedrontou e a confortou conforme ela trilhava seu caminho pela floresta na noite anterior, seguida por Morte, sempre a uma distância de, no mínimo, vinte metros. As árvores murmuravam e estalavam ao redor, sempre sabendo de tudo, conforme os dois trilhavam o caminho cada vez mais para dentro daquele arvoredo.

Só pararam quando Dinah desabou em um tufo particularmente grande de folhas lamacentas. Com a última força que restou, ela se cobriu com sua capa de lã e fechou os olhos. Adormeceu instantaneamente. O sono foi sem sonhos, totalmente escuro e, quando acordou, ficou grata por não ter tido visitas de nenhum pesadelo. Piscando à luz da manhã, a jovem ficou maravilhada com quanto sua mente havia clareado depois de uma noite de descanso. Morte dormia por perto – Dinah podia ouvir sua respiração. Ela torceu para que ele afugentasse qualquer vida selvagem naquela parte da floresta. Ele soava amedrontador, uma criatura dos pesadelos.

Ela esfregou os olhos delicadamente, fazendo uma careta quando seus dedos quebrados lhe causaram uma dor aguda. Suas costas se contorceram em protesto, parecia que tinha dormido em uma placa de pedra, e não em uma cama de folhas. Seu estômago roncou alto, e Dinah pegou sua bolsa, mas, antes, colocou a espada de Wardley ao seu lado. Desamarrou as tiras marrons atadas ao tecido e, devagar, pegou o que tinha dentro, lembrando-se de tudo o que possuía: duas túnicas de linho brancas, um cinto, um vestido preto pesado – bem esquisito! –, oito filões, doze pedaços grandes de carne seca de ave, uma sacola de frutas já apodrecendo, um mapa antigo do País das Maravilhas enrolado, os restos de sua camisola ensanguentada e um punhal afiado. Ela tirou o punhal da bolsa. Era obviamente caro, e seu cabo era incrustado com dúzias de ametistas intercaladas com prata e ouro retorcido. O vestido ao seu lado era pesado e completamente sem cor – era o tipo de roupa que Dinah usaria, mas Vittiore nunca deixaria tal tecido ser colocado sobre os próprios ombros.

Vittiore.

Dinah cerrou os dentes e apertou o punhal. Com certeza Vittiore seria coroada rainha logo, tomando o lugar de Dinah no trono ao lado de seu pai. Ela sempre fez parte da conspiração, esteve esperando debaixo das asas do pai para colocar as mãos na coroa de Dinah, que sempre suspeitou que Vittiore não era exatamente a pobre criança

encontrada em um saco que fingia ser. A garota fazia parte do plano desde o começo, da conspiração para acusar Dinah, da trama para matar seu irmão Charles. Com raiva, a jovem cerrou os punhos em volta do cabo do punhal, mas depois se forçou a se acalmar. Virou o punhal para a luz do sol. *Talvez eu consiga trocá-lo por comida*, pensou, depois percebeu o quanto era tolo pensar nisso. Ela não iria a nenhuma vila ou cidade. Seu pai e Cheshire esperavam que ela fosse fraca, que procurasse ajuda entre os cidadãos do País das Maravilhas. Não faria isso. Iria simplesmente desaparecer na floresta para sempre. *Vou aprender a sobreviver*, pensou. *Vou esperar por Wardley e, então, encontraremos um barco e navegaremos para Outros Mundos*. O pensamento a deixou exausta e melancólica. Um desespero gigante parecia rodeá-la, esperando pela oportunidade perfeita de se apossar dela. Se Dinah não continuasse andando, seria tomada por esse sentimento rapidamente. Suas pernas se mostraram doloridas quando ela se levantou e depois guardou a espada de maneira firme às suas costas. Morte continuava dormindo, e Dinah pensou que seria melhor não o acordar. Sem dúvida, ele precisava de descanso tanto quanto ela, e acordar um Hornhoov feroz poderia fazê-la ser esmagada até a morte. Melhor deixá-lo dormir.

Analisando o caminho, Dinah começou a perambular por entre as árvores, enquanto comia o restante das frutas. A floresta parecia continuar infinitamente em todas as direções. Minúsculos ramos de flores roçaram seu rosto quando ela passou por uma árvore cujo tronco formava uma espiral, circulando até o céu. A árvore estava soltando um líquido leitoso gélido que pingava de seus galhos e formava uma poça branca ao redor da base do tronco. Dinah se ajoelhou ao lado da árvore e se debruçou sobre a substância. Minúsculos insetos cor-de-rosa com asas transparentes deslizavam na superfície da poça, mergulhando seus longos bicos no líquido. O leite era sugado para seus corpos e distribuído por suas asas venosas e transparentes. A substância branca deu às suas asas, então, uma textura quebradiça, como um pão torrado. Depois dessa transformação, os insetos colocaram as asas para trás e saíram andando, parecendo mais minúsculos lagartos do que as borboletas a que se assemelhavam no início. Eles olharam para Dinah com indiferença enquanto se afastavam floresta adentro, formando uma trilha de fatias de pão branco marchando em sincronia.

– Incrível – murmurou Dinah.

Ela parou. O sol refletiu em alguma coisa rígida de metal quando Dinah ergueu os olhos. Ela saltou para trás, tropeçando em uma raiz enorme, e sua espada caiu no chão. Revolveu-se para pegar a arma nas folhas úmidas ao se esforçar para voltar a ficar de pé. *Não sou uma guerreira*, pensou, conforme seu coração martelava nos ouvidos. O

metal continuava a refletir o sol. A princesa avançou devagar, caminhando entre as árvores, com a espada guiando seu caminho. Com esforço, escalou um pequeno aterro paralelo à luz refletida para ter uma visão melhor.

A montanha subia até um sulco profundo na floresta, e Dinah se debruçou na beirada, preparando-se para ver um batalhão de soldados esperando por ela. Em vez disso, viu-se olhando para um vale... *de cabeças?* Havia dezenas delas – rapidamente, Dinah as contou ao descer a colina com cuidado. A sujeira tomou suas botas quando pisou no chão com um baque. O solo da floresta havia mudado – em volta deste vale, especificamente, a folhagem era grossa e densa, com samambaias que chegavam até o tornozelo e raízes emaranhadas no chão. Ali, havia apenas grama verde brilhante que dançava com o vento, e o topo da folhagem tocava as cabeças entalhadas. Eram gigantes, maiores do que a cama extremamente grande que Dinah tinha no palácio. Algumas das cabeças estavam na posição natural, o que fazia parecer que o restante do corpo estava enterrado e que elas estavam simplesmente colocando a cabeça para fora para xeretar. Algumas jaziam de lado, seus lábios sendo esfregados pela grama amarela queimada. Uma estava totalmente virada para baixo, o corte brusco em seu pescoço quadrado encarava o sol. Aquela cabeça usava uma coroa que possibilitava tal posição, já que as pontas afiadas ancoravam-na no solo. Havia algo familiar nela... Dinah arriscou chegar mais perto, caminhando entre as cabeças. Ela se inclinou para olhar para o rosto e a coroa, e seu cabelo encostou na terra.

Uma tontura a atingiu quando percebeu o que estava vendo: seu pai, o Rei de Copas. Ela sabia pela coroa, a mesma que circundava a cabeça de seu pai agora, e por suas bochechas grandes. Ficar tão perto daquele rosto fez Dinah se sentir desconfortável. Apesar de ser feito inteiramente de metal brilhante, parecia muito com seu pai – a mesma teimosia gravada entre suas sobrancelhas, a mesma sede de sangue correndo por seus olhos, o mesmo traço de sorriso irônico que nunca apareceu realmente. A face virada encarava Dinah, os olhos firmes perfuravam seu peito. O coração dela batia forte, e ela se virou para observar as outras. Todas eram de reis e rainhas. Reconheceu muitos membros da família real – seus avôs e avós, todas as gerações, inclusive aquelas que estiveram presentes na construção do palácio.

Havia a Rainha Millay, famosa por sua graciosa hospitalidade e beleza arrebatadora. Sua cabeça estava de lado, a coroa de pérola coberta pelo musgo verde, macio e discreto. Ao lado estava sua majestade, outro Rei de Copas, o Rei Royce. Era famoso por não ser fiel à sua diligente rainha e por tornar sua amante a Rainha de Copas depois que Millay morrera. Dinah não viu a cabeça da amante em

nenhum lugar. Vinte cabeças, mais ou menos, do que Dinah achava serem os chefes dos Yurkei também estavam ali – cabeças fortes e sólidas de guerreiros bonitos esculpidas, coroadas não com um pedaço de ouro ou prata, mas com penas e tecidos com ondas elaboradas que desciam e emolduravam seus olhos brilhantes e claros feitos de pedras preciosas azuis. A princesa achou isso o mais assombroso – os olhos dos Yurkei a faziam se sentir como se estivesse sendo observada enquanto andava, enquanto tocava cada rosto e se maravilhava com seu tamanho e beleza. A luz do sol refletiu nas nuvens baixas e criou uma sombra ondulada nas cabeças, fazendo-as parecer, por um minuto, como se estivessem engajadas em uma conversa – um diálogo eterno sobre política, terra e lenda. Dinah ficou fascinada. *Quem fez isso, e por quê? E quando? Como transportaram esculturas tão grandes pela floresta sem retirar as árvores que as rodeiam?* A jovem deixou os dedos correrem sobre o rosto do chefe Yurkei atual, Mundoo, o inimigo de seu pai. O metal estava quente, frequentemente beijado pelo sol, e foi calmante contra sua mão cortada. Se ela fosse rainha, sua cabeça teria, um dia, sido agraciada com essa recompensa? Esperava que sim. O vale era estranhamente lindo, completamente enervante, um bom lugar para reis e rainhas terem seu descanso real.

Vou trazer Wardley aqui um dia, ela pensou, *se eu conseguir encontrar este lugar de novo*. Não estava convencida de que conseguiria – ela e Morte haviam andado muito e dado voltas naquela floresta, não muito diferente das cobras pretas com olhos prateados que vira em muitas árvores até aquele momento. Juntos, haviam contornado as áreas mais profundas da Floresta Retorcida, torcendo para deixar sua trilha confusa e indetectável. Como ela poderia encontrar o caminho até ali de novo, para aquele vale, o vale de seus ancestrais que um dia governaram, sendo que ela nunca havia governado? Sua cabeça deveria estar ali, não a de Vittiore. Ela sentiu a fúria cega crescendo dentro de si, aquela fome obscura que escalava seu estômago e abraçava seu coração quando menos esperava. *Como eles ousaram tirar sua coroa?* Com um grito, Dinah golpeou a espada na árvore mais próxima, cortando e batendo até que o tronco estivesse desgastado e descamado. Ela sentiu a vibração na lâmina e em seu braço, uma sensação chocante que era mais purificadora do que dolorosa. Até ela parar. Suas mãos latejavam de dor, mas ela não se importou.

– Você matou meu irmão! – ela soluçou. Lágrimas desciam pela sua face conforme golpeava com a espada de novo e de novo o tronco áspero. – Você o matou! Aquela coroa era minha! Era minha! – Girando a espada, ela batia a lâmina contra a árvore, e o metal cortava a madeira cada vez mais profundamente a cada golpe. Aquilo não era esgrima, era retalhamento, era outra coisa, uma coisa que ela desconhecia. Era glorioso e perigoso ao mesmo tempo, intoxicante.

Dinah continuou até seus braços tremerem com exaustão. Com raiva, jogou a espada longe para limpar as lágrimas do rosto. Respirando fundo, recostou a cabeça na árvore, cuja agora exposta madeira branca absorvia as lágrimas salgadas da princesa. De sua altura gigantesca, o topo da árvore soltou um gemido profundo, e Dinah observou sua casca ondular a árvore toda, como o mar. Muitos galhos se retorceram, acusando-a e indo em sua direção.

– Desculpe, desculpe, me perdoe. – Dinah colocou a mão agora sangrando na madeira crua, sentindo as cicatrizes e os entalhes profundos que causara. – Me desculpe. Eles o mataram. Levaram tudo. – Soluçando, olhou novamente para a cabeça de seu pai, a forma como a coroa estava enterrada no solo, a forma como o pescoço apresentava o corte brutal de uma espada. Havia uma agressividade nesta estátua que não existia nas outras. Enquanto as outras cabeças estavam apoiadas, a posição da cabeça de seu pai era punitiva.

Um sentimento desagradável estava começando a percorrer sua espinha, uma sensação surreal e familiar. Era a mesma sensação que tivera ao acordar aquela noite no palácio, quando um estranho de preto estava parado em pé em frente à sua cama. *Ela estava sendo observada.* Seriam as cabeças? Dinah encarou as estátuas, alternando o olhar de um rosto a outro, mas não viu movimentação alguma. Aquelas coisas não estavam vivas, eram apenas pedra e metal. Devagar, a jovem pegou sua espada ao lado da árvore e a segurou à frente, as mãos doloridas agarrando firmemente a empunhadura.

– Apareça! – ela gritou. – Estou vendo você!

Houve apenas silêncio como resposta, e as cabeças continuaram encarando-a, imóveis conforme a grama ondulava em círculos concêntricos ao redor do pescoço de cada uma. Dinah estava recuando lentamente, passando por uma cabeça, depois outra. Havia alguma coisa ali, podia sentir. *Será que seu pai a encontrara?* Dinah se virou e seu olho flagrou um brilho branco se movendo rapidamente pela grama alta. Ela respirou fundo quando posicionou a espada. Nunca iria conseguir chegar a Morte a tempo. Era hora de lutar, hora de morrer. Não iria ser levada para as Torres Negras. Seus olhos corriam de uma cabeça a outra.

Ela não viu o urso, não até ele já estar rugindo de um jeito que ecoava entre as cabeças de metal e se espalhava por entre as árvores. A princesa ficou paralisada de medo enquanto o urso corria em sua direção. Sentia que estava se assistindo em um sonho, imóvel, observando a morte correr até ela. Era como se estivesse debaixo d'água. *Preciso me mover*, disse a si mesma. *Mexa-se!* Finalmente, seus pés obedeceram, e Dinah correu em direção à estátua mais próxima – um chefe Yurkei com a cabeça na vertical, cujo tecido da coroa a circulava preguiçosamente e então descia até o chão. Sem pensar,

embainhou a espada e começou a escalá-lo, colocando um pé nos lábios dele e saindo do chão, agarrando o narigão do chefe. Os olhos não ofereciam nenhum lugar em que pudesse se segurar, então Dinah foi para o lado e se pendurou na orelha do homem, segurando a ponta das penas grandes que caíam sobre suas têmporas. Um espasmo de dor rasgou suas mãos quando ela se içou sobre a faixa pesada de tecido e miçangas que circulava a cabeça. Jogou-se da ponta da coroa de tecido e caiu sobre a cabeça.

Um rugido veio de baixo, tão alto e aterrorizador que Dinah temeu ter sua cabeça despedaçada. O urso havia chegado até a estátua agora. A jovem olhou com cuidado para baixo. O bicho era enorme e começou rodear o lugar, raivosamente farejando o solo onde ela esteve e cavando buracos profundos. Apoiando-se nas patas de trás, o urso chegava à altura dos olhos do chefe, logo abaixo do rosto de Dinah. Ele abriu sua boca gigante, delineada com presas afiadas, e soltou um rugido horripilante. Dinah sentiu o bafo quente, um ar rançoso tomou seu rosto, e ela teve ânsia: uma mistura de carne podre e morte que a lembrou das Torres Negras.

O urso passou suas patas enormes pelo rosto da estátua, e um terrível barulho agudo do osso raspando o metal preencheu o ar. Era uma criatura intimidadora, alta o bastante para sua cabeça encostar no teto do banheiro de Dinah. Seu pelo tinha dois tons diferentes de branco – a maior parte era de um tom de creme sujo, mas as listras que iam de sua barriga até as costas eram de um branco brilhante e intacto, um branco puro, mais branco do que qualquer tecido ou tinta que ela já vira. Sua bocarra se fechou de repente com um barulho conforme seus olhos leitosos analisavam o rosto da princesa. Além da boca enorme cheia de dentes, também tinha duas presas grandes que subiam da parte de baixo de sua mandíbula. A estátua tremeu quando o urso começou a se bater contra ela. *Ele quer derrubá-la*, Dinah pensou horrorizada. Houve outro tremor quando o urso bateu as patas na base e então começou a cavar a lama ao redor do pescoço do chefe.

Dinah havia lido sobre os ursos brancos da Floresta Retorcida. Às vezes, eles eram considerados mitos, e muitos acreditavam que haviam sido extintos havia décadas. Eram difíceis de matar, o que era uma pena porque sua pele valia uma pequena fortuna. O corpo todo de Dinah tremeu quando o fitou. O urso bateu seu corpo gigante contra a cabeça de novo, causando um tremor violento. O animal bufou, frustrado, e continuou a cavar ao redor da base antes de bater na cabeça de novo e de novo, alternando uma atividade com a outra. Estava presa. Terra voava pelo ar. Dinah olhava, desesperada, à sua volta para encontrar algum jeito de fugir. As árvores não estavam ao seu alcance; além disso, tinha certeza de que o urso conseguiria escalar qualquer coisa que não fosse pedra. Ela poderia pular e correr

para longe, mas tinha plena consciência de que o animal era mais rápido. Seria morta em questão de segundos. *Talvez, se conseguisse atrair o urso para mais perto, poderia enfiar a espada em sua cara ou talvez cegá-lo.* Era a melhor chance.

Dinah conseguia sentir seu peito sendo comprimido pelo medo conforme os rugidos do urso balançavam a estátua. Ela se inclinou na beirada, com a cabeça para baixo e a espada levantada acima de sua cabeça.

– Estou aqui! – ela gritou. – Venha me pegar!

O urso a olhou de um jeito confuso quando seus olhos leitosos focaram nela. Sua mandíbula se abriu e soltou um rugido alto antes de atacar a base da estátua. Ele não mordera a isca, e Dinah se preparou para outro impacto. A estátua balançou violentamente de novo quando o corpo largo da fera se chocou contra ela. Por um instante, ela achou que a estátua ficaria firme, mas, quando a pedra titubeou, Dinah já estava voando pelo ar, e a espada saiu de sua mão. A jovem caiu bruscamente de lado e rolou pela grama alta. Mal teve tempo de olhar para cima e o urso já estava andando em sua direção. Não havia nada que pudesse fazer. Ela fechou os olhos e esperou pelo ataque.

Mas ele não veio.

Dinah abriu os olhos. O urso estava a apenas dez metros dela, agachado e parado, a pele de suas costas arrepiada formando uma linha reta. Dinah ouviu um baque atrás dela, então virou a cabeça. Lá estava Morte, suas patas com cascos espinhosos pisando no chão com intensidade. O urso começou a andar para a frente e para trás enquanto olhava para as quatro toneladas de carne deliciosa de Morte, mas também encarava os ossos pontudos que se projetavam para fora de seus cascos. Até um urso branco tinha que pensar duas vezes antes de atacar Morte. Dinah começou a rastejar para trás devagar, até Morte ficar entre ela e o urso, que não parecia se lembrar da pequena presa.

O ar parou de circular e, por um segundo, o vale das cabeças ficou perfeitamente paralisado, sua grama caída preguiçosamente. A floresta prendeu a respiração. A jovem viu a luz do sol parando de refletir o cabo de sua espada, caída bem ao lado do urso, que esfregava o solo com movimentos laterais contínuos, criando uma pequena nuvem de poeira. Morte soltou um chiado longo pelas narinas.

Com um rugido, o urso atacou, e Morte também. Eles se encontraram na metade do caminho com um choque terrível de garras e ossos. Bateram-se e dançaram, ambos sangrando com rapidez – o urso na cara e Morte na lateral do corpo. Estavam entrelaçados, peito com peito. O urso ficou de pé, apoiado nas patas de trás, e atacou a lateral de Morte com suas garras. O Hornhoov soltou um grito agudo

quando o urso enfiou os dentes em seu peito exposto, arrancando um pedaço grande de pele do cavalo. Morte deu um coice no peito do urso antes de dar uma boa chacoalhada. Eles se separaram antes de atacarem novamente, caindo no chão com um estrondo de trovão e sangue. Morte estava por cima desta vez e, rapidamente, empinou-se nas pernas traseiras para atacar o urso com seus cascos maciços. Dinah ouviu um ruído doentio conforme o peso dos cascos e dos ossos espinhosos atingiu as costelas e o peito do urso. O corcel ia pisoteá-lo até o matar.

O urso lançou a pata enorme sobre o cavalo, rasgando a carne do seu focinho. Morte recuou, balançando a cabeça. O urso rolou e se levantou com um rugido. O sangue jorrava de sua barriga enquanto cambaleava. Morte estava rodeando o urso agora, bufando com raiva conforme coágulos de sangue voavam de sua boca. O urso arrastou-se para o lado e então correu em direção ao seu oponente de novo. O Hornhoov se virou, mas o urso acertou a parte de trás de Morte. Os dentes do urso fincaram-se profundamente em seu flanco e as garras ficaram vermelhas do sangue das suas coxas, fazendo o enorme corcel gritar.

Incapaz de se soltar do urso ao se virar, Morte se apoiou nas patas da frente para afastar a fera. Com um coice forte, pegou o urso pelo pescoço e fez a besta coberta de sangue se estatelar de costas.

À luz do sol, os músculos de Morte pulsavam e se agitavam com prazer – para Dinah, era óbvio que, apesar de estar machucado, ele estava gostando da luta. Relinchou feliz conforme andava de um lado para o outro, mesmo com seu flanco e seu peito agora expostos e sangrando. Seu desejo louco pela luta preenchia o ar, era um cheiro poderoso e palpável. Ele se virou para se reposicionar. Naquele instante, Dinah compreendeu por que o urso branco estava fadado a perder – ele estava agindo por instinto, por fome. Sua necessidade era natural. Morte via isso como uma batalha – seu cérebro planejava a estratégia conforme eles lutavam e, mesmo que o urso fosse mais forte, Morte se *adaptava*.

O urso atacou de novo, mas, desta vez, o corcel estava pronto. Assim que o oponente se aproximou, Morte se empinou e levou os ossos espinhosos que rodeavam seus cascos diretamente ao pescoço e à cara do urso, que soltou um grito terrível enquanto o cavalo o forçava para baixo antes de se empinar mais uma vez e atacar com seus cascos o peito da fera.

Dinah desviou o olhar. Agora, a criatura estava totalmente irreconhecível, um monte branco coberto por vermelho. Morte andou para trás e urrou. Era um som profundo e horrível, um grito de guerra, e estremeceu até os ossos da princesa. Morte começou a galopar de maneira selvagem em volta de sua vítima. O corpo caído tremeu, e

Dinah observou as costelas expostas darem uma estremecida final antes de o urso desistir da vida.

A jovem permaneceu no chão em silêncio, os olhos fixos em Morte, com mais medo dele do que nunca. O cavalo nem pareceu reparar nela quando enterrou a cabeça profundamente na barriga do urso e começou a comer, o que fez a princesa ser tomada por uma onda de asco. Ela havia se esquecido de que, às vezes, os Hornhooves comiam suas vítimas. Ficavam tão satisfeitos com carne e osso quanto com grama e grãos. Com a mão cobrindo a boca, se virou e andou de volta até a cabeça do chefe Yurkei, que agora estava de ponta-cabeça. Havia cortes gigantes onde o urso arranhara a pedra com as garras. Dinah suspirou alto, de repente consciente do quanto chegou perto de ser mutilada e comida. Essa era a segunda vez que Morte salvara sua vida.

Depois de um tempo, Morte comera o que quis do urso e agora estava deitado na grama, cheirando seu flanco ferido. Hesitante de sair de perto dele, Dinah correu para pegar sua bolsa e voltou rapidamente para o Vale das Cabeças. Dentro da bolsa, encontrou sua velha camisola ensanguentada. Os pássaros nas árvores começaram a cantar de forma estridente de novo enquanto ela rasgava o tecido em muitos pedaços compridos. Abaixando a cabeça, se aproximou do Hornhoov com cautela. Ele fez um barulho suave quando ela chegou perto, e Dinah tomou isso como um bom sinal. Usando seu odre, derramou o restante da água nos cortes profundos do flanco e do peito da criatura. Sua cabeça enorme se sacudiu de dor, mas ele não se mexeu enquanto ela limpava suas feridas usando água e as mãos. O mais delicadamente que pôde, Dinah colocou os pedaços de tecido sobre os cortes sangrentos e usou as mãos para pressioná-los e estancar o sangue.

Ela se levantou e andou até o urso morto; seu peito e cabeça nada mais eram do que carne no chão. *Isso vai exigir um estômago forte*, ela disse a si mesma, mas tinha que ser feito. Era imperativo para sua sobrevivência que Morte confiasse nela, que entendesse que ela sabia o que ele era. Ele não era um animal de estimação. Não era dela. Brandindo o punhal que pegara na bolsa, Dinah se inclinou sobre o urso, respirou fundo e começou a cortar e tirar sua pele. Era uma tarefa difícil – quando ela terminou, o sol estava se pondo ao leste, e ela podia ver que a noite começava a aparecer por uma única estrela visível.

O sangue manchava seus cotovelos, seu cabelo estava emaranhado e cheio de suor, e suas duas mãos tremiam de dor. Seus dois dedos quebrados latejavam, e o corte em sua mão parecia ter se aberto de novo, seu sangue se misturando ao do urso. Mas, enfim, ela terminara, conseguira a pele. Era grossa e macia, do tamanho de um pequeno cobertor em uma forma quadrada irregular. Em um riacho próximo,

Dinah lavou o sangue.

Carregando a pele molhada nos braços, a jovem a levou diante de Morte. O Hornhoov cheirou a pele e ergueu a cabeça de ônix para fitá-la. Ela prendeu a respiração ao estender a pele sobre suas costas largas, era o troféu da luta. Com a mão tremendo, ela se inclinou para a frente e a colocou só por um instante em sua lateral. Ela a manteve ali até Morte dormir sob seu braço. Seu corpo estava fatigado de um jeito que Dinah não havia percebido antes. Limpou o punhal e observou demoradamente o Vale das Cabeças. O sol se punha lentamente sobre a grama enevoadada, e toda a área fervilhou com um brilho quente. O inseto que lembrava uma torrada passou orgulhoso por Dinah, sem dúvida caminhando de volta para a árvore leitosa que lhe deu vida. A princesa mordeu o lábio e começou a andar para o leste enquanto a floresta era tomada pela escuridão. Ela andou apenas alguns metros antes de ouvir o baque dos cascos de Morte atrás dela, quebrando galhos conforme andava. Logo, ele estava à distância de um braço dela. O fedor de morte o cercava completamente, mas, para Dinah, ainda era um cheiro bem-vindo.

Os dias se transformaram em uma semana, ou era o que Dinah pensava por ver o sol do País das Maravilhas nascer e se pôr, do oeste ao leste, do oeste ao leste. Ela levantava de manhã para estocar suprimentos em sua bolsa – repetindo mentalmente os itens para si mesma, em uma tentativa de manter a sanidade. *Cinco filões, dez pedaços de carne de ave. Três filões, sete pedaços de carne de ave. Um filão, três pedaços de carne de ave.* Então era hora de encontrar água, o que, graças aos deuses do País das Maravilhas, não era difícil. A Floresta Retorcida estava cheia de nascentes abrindo tortuosamente seus braços em pequenas lagoas, perfeitas para encher seu odre ou fornecer a muito merecida água a Morte. Geralmente, ele quase secava as piscinas, deixando para trás uma poça preta cheia de algas e sujeira. Eles descansavam e comiam no seu tempo, lentamente entrando cada vez mais fundo na floresta.

Desde que tinham deixado o estábulo, Morte, na verdade, estava ganhando peso com o gramado abundante e as plantas do País das Maravilhas. Sua pelagem preta brilhava ao sol, com seus músculos grandes e preparados. Ele parecia saudável e forte, mesmo com suas feridas se curando. Mas Dinah não estava se alimentando tão bem. Quando ela comia sua carne de ave e seu pedaço de pão toda manhã, tinha consciência de que estava, dolorosamente, morrendo de fome, e de que cada refeição significava que sua disposição estava diminuindo. O que faria quando a comida acabasse? Sempre colhia todas as frutas das árvores que encontrava – uma árvore Julla, com seus melões pretos, pontudos e distorcidos, uma árvore de pêssego cor-de-rosa, um punhado de amoras. Dinah jogava tudo na boca, seus lábios ficavam escuros do suco das frutas. Pisando em plantas e troncos derrubados, ela andou entre inúmeras árvores que se estendiam por uma eternidade. À noite, quando se ajeitava em um amontoado grosso de folhas ou um monte de terra particularmente macio, pensava em comer apenas metade de um filão, e sempre acabava comendo-o inteiro.

Essa fome primitiva era algo pelo qual nunca havia passado – uma frequente sensação de vazio, uma infinita visão de todos os pratos de comida que lhe estavam disponíveis no palácio. Ela pensou e pensou

de novo em todas as tortas que jogara fora, em toda a comida deixada no prato quando acabara de comer, nos banquetes e bailes onde bandejas de comida eram empilhadas até chegarem acima de sua cabeça. Generosas apresentações de peitos de frango, tortas criativamente decoradas, taças de vinho frizante e frutas suculentas. *Toda aquela comida, desperdiçada; toda aquela comida a que ela não dera atenção.* Era nisso que pensava quando andava, quando as dores da fome eram tão fortes que ela arfava em voz alta e Morte erguia a cabeça, alerta. Ela pensava em comida e no que ia fazer quando a comida acabasse. Todo esse tempo, ela andava. Suas botas marrons, que costumavam ser de um vermelho suntuoso e profundo, mas agora estavam cobertas até o topo de lama, triturando galhos de árvore morta, folhagem densa e orquídeas exóticas.

Desde o ataque do urso, ficara mais alerta sobre quanto barulho fazia. Ter atacado a árvore com sua espada em um momento de loucura com certeza o havia atraído. Sua respiração era silenciosa e ela tentava pisar suavemente, mesmo quando suas pernas pareciam ser feitas de aço. Tentava medir seus sentidos – o que ela ouvia, que cheiro podia sentir? Ela deveria ter visto o urso – ele era branco brilhante, pelo amor dos deuses – e, mesmo assim, seus olhos a traíram. Chegara a um centímetro de perder a vida porque não estava prestando atenção. *Não aconteceria novamente.*

Ainda assim, era difícil não ser distraída pela beleza ao seu redor. Quanto mais adentravam na Floresta Retorcida, mais esplêndida ela se tornava. As cores suaves da planície davam destaque para o verde-musgo profundo, e suas nuances ressecadas tocavam em cada majestosa torre de troncos e galhos. De manhãzinha, o momento calmo e silencioso era quebrado quando a luz branca irradiava por entre as árvores e divinos fachos do crepúsculo cobriam o solo da floresta. Um dia, enquanto ela observava distraidamente uma lontra entrar e sair do facho de luz, por pouco não caiu do penhasco. Atrás dela, Morte fez um barulho alto e então Dinah parou, a ponta de suas botas derrubando várias pedrinhas do abismo, que chegaram ao rio limpo lá embaixo. Até isso a fascinava; ela nunca tinha visto uma água tão transparente, ou os montes que embelezavam o fundo do rio. Camadas de pedra prateada convergiam uma sobre a outra, dando um efeito de ondulação ao rio, apesar de o fluxo da água ser bem calmo.

Eles desceram até o riacho prateado. A água era muito rasa e, se ela apertasse os olhos, conseguiria ver plantas minúsculas ondulando submersas, seguindo a correnteza. Peixes laranja brilhantes pulavam e brincavam entre as camadas finas de prata. Nadavam de costas, seus rabos manchados e reluzentes se entrelaçavam conforme lutavam contra a corrente. Com grandes explosões, atiravam-se para fora da água, davam uma cambalhota para trás no ar e abriam suas asas

escondidas nas costas. Voavam alguns metros e mergulhavam de volta na água para fazer a mesma coisa de novo.

Morte permitira que Dinah montasse nele algumas vezes nos últimos dias, mas apenas quando estava tão exausta de andar que se via apoiando-se em cada árvore que passava para se manter equilibrada. Com um relincho irritado, ele ficava ao seu lado e levantava a perna. Dinah subia com um suspiro agradecido e sentia uma onda de alívio ao se sentar na pele de urso já quente, com as pernas enroscadas no pescoço de Morte. Às vezes o cavalo trotava, mas, na maior parte do tempo, eles só caminhavam por horas, até Morte parar e Dinah descer, grata pelo descanso muito necessário para suas dores musculares constantes.

Certo dia, enquanto dormia relaxada pelo ritmo tranquilo dele, acordou assustada com a sensação de ter uma sombra fria passando por cima de si. Dinah olhou para cima e soltou um grito baixinho. As árvores haviam convergido em uma cobertura densa de galhos floridos, entrelaçando-se uma à outra para criar um túnel sólido de flores. O que estava abaixo delas, privado da luz do sol, tinha uma textura macia e confusa e estava coberto por musgo denso e marrom-avermelhado. As flores caíam para o centro do túnel – cor-de-rosa, roxas, verdes e brancas brilhantes, engolindo o céu. Insetos brancos esquisitos zumbiam pelo túnel – completamente rotundos, voavam com asas pequenas que mal pareciam suportar seu peso, aconchegando-se nas pétalas úmidas de orquídea, esperando pelo seu parceiro. Assim que o parceiro chegava, as duas criaturinhas se enganchavam de alguma maneira e criavam uma luz quente que brilhava de ambos. Juntos, flutuavam embriagados através do túnel.

Dinah estava observando tudo isso maravilhada quando Morte se empinou violentamente sob ela – quase foi arremessada para se estatelar embaixo das patas do animal, e teria acontecido se não estivesse segurando em sua crina. Sem aviso, ele começou a correr – aquele galope puro e furioso que ela tinha presenciado apenas quando estava voando para salvar sua vida. Seu corpo flutuava como uma correnteza violenta debaixo dela, sua velocidade não se igualava a nada que Dinah já tinha visto. Dessa vez, ela conseguiu aproveitar – o mundo passando voando, os verdes e roxos do túnel se misturando conforme eles corriam pelas orquídeas caídas e passavam pelos troncos aveludados. Seus cascos mal tocavam o solo. A jovem sentiu seu cabelo escuro voando, sua capa cinza batendo com o vento. Os músculos se contraíam e tensionavam com prazer e liberdade; Dinah podia sentir sua animação. Ela podia sentir sua repentina liberdade e desespero na corrida, e o acompanhou no movimento que ia das pernas até seu tronco. Pela primeira vez desde que fora acordada pela mão do estranho naquela noite, a princesa se permitiu sorrir, um

sorriso que se transformou em risada quando Morte se lançou mais rápido e mais longe pelo túnel. *Estou voando!*, ela pensou. Arriscando colocar uma mão acima da cabeça, deixou seus dedos tocarem as milhares de orquídeas fúcsia, suas pétalas inchadas caindo ao redor dela. As joaninhas brilhantes guiavam o caminho deles com uma luz viva furta-cor, decolando dos galhos e das flores e ocasionalmente encostando no rosto e na testa de Dinah. Ela não se importava. Fechou os olhos e aproveitou o vento suave no rosto quando Morte aumentou a velocidade. O túnel acabou de repente, com dois troncos de árvore deitados no meio do caminho. Morte os pulou com facilidade – o que era amedrontador – e então começou a galopar na velocidade normal. Dali, aquela cobertura se dispersou, fazendo com que não demorasse para que estivessem de volta à floresta. O ar batia frio em seu rosto, e Dinah se surpreendeu ao ver que ele estava molhado de lágrimas.

Morte a deixou montar um pouco mais aquele dia. Quanto mais Dinah o observava, mais entendia por que ele não havia obedecido ao rei quando seu pai gritara o nome de Morte em uma raiva cega aquele dia. Morte não era um corcel normal. Não vinha quando era chamado, não era do tipo de receber carinho e ser amado, já que não iria retribuir. Lógico que Dinah dava a ele todas as maçãs que encontrava, mas somente de uma certa distância – jogando para ele. Não era o Rajado. Os ossos espinhosos sanguinários ao redor de suas patas e o olhar sombrio a lembravam disso toda vez que o olhava. Morte era seu próprio guerreiro. Quando seu pai o montava para a batalha, ele cometia o erro de achar que Morte estava lutando por ele – nunca entendeu que Morte queria lutar por si mesmo, que não era leal ao homem. O corcel vivia pelo amor à luta e ao sangue, não era o companheiro do rei, não era o veículo para a glória de seu pai. Ele não sabia ou não se importava que seu dono era o rei – só queria lutar. Morte foi a toda batalha por vontade própria.

Se seu pai tivesse entendido isso, nunca teria trancado Morte em uma jaula de ferro no estábulo, no escuro. Lá o animal ficara bem rancoroso, o que explicava por que não matara Dinah e Wardley no dia em que Wardley a jogara em suas costas. Isso nunca aconteceria agora, Dinah tinha certeza disso. Morte estava esperando uma chance de ser livre, e sentiu que alguma coisa importante estava acontecendo. A corrida do palácio, que durara quase um dia, provavelmente nunca aconteceria de novo – havia sido a combinação de adrenalina e sua necessidade de liberdade. Ela tinha quase certeza de que o corcel não a mataria, mas não iria tentar a sorte. A cada noite, dormia um pouco mais perto de seu corpo quente, mas nunca o tocava, nem se permitia dormir perto de seus ossos espinhosos ou de sua boca grande. Quando ela fechava os olhos, ainda podia vê-lo enterrando o focinho na barriga do urso, sua barriga molhada de sangue preto. Era uma visão

que ela não iria – nem deveria – esquecer.

Morte dormia todas as noites sem se importar com isso, e Dinah o observava, invejando-o, enquanto ele adormecia e entrava no sono profundo. O sono nunca mais veio fácil para a princesa. À noite, seus pensamentos perambulavam por locais obscuros ou lembranças ainda mais obscuras. O corpo de Charles, quebrado em uma pedra. Seus empregados amados, Lucy e Quintrell, com as gargantas cortadas e ensanguentadas. O som das trombetas ecoando do castelo e as Cartas que não paravam de sair, prontas para matar a princesa. O estranho, sua silhueta negra diante de sua sacada, o jeito que sua mão estava cobrindo a boca dela, sem dúvida o momento mais aterrorizante de sua vida. Ela pensou em Wardley e seus cachos castanhos. Wardley, que a salvara; Wardley, que, provavelmente, estava nas Torres Negras, com raízes pretas entrando em seu corpo, em seu cérebro, o sugando.

Quando ela finalmente pegava no sono, mudava de um pesadelo bizarro para outro. Ela estava nas Torres Negras em um minuto e, no outro, nos aposentos de seu pai. Na noite anterior, sonhara que tinha acordado com o som de alguém chorando baixinho atrás das árvores. A curiosidade a levou a seguir em frente, e ela chegou a um enorme espaço vazio entre as árvores, onde uma das Cartas de Copas que ela matara estava sentada em um tronco, suavemente tocando um alaúde, com um gato descansando preguiçosamente em seu ombro. Dinah se sentara aos seus pés e ouvira a canção chorosa enquanto o sangue descia pelo seu peito, um rio vermelho se arrastando cada vez mais perto de sua camisola branca. Ela acordou gritando, coberta de suor frio, e não conseguiu dormir até o sol nascer.

Outra semana se passou. Ali, naquela floresta, ela pensava muito na mãe. Dinah sempre tentou ao máximo não pensar em Davianna. O pai a havia proibido de falar esse nome em sua presença, então a menina, como era muito jovem, pensou que seria melhor se apenas fingisse que sua mãe nunca existira. De um lado, ela era grata a ele por essa desculpa – era mais fácil do que encarar o luto, a onda de vazio que a envolvia quando olhava para trás por um instante. Mas ali ela estava à mercê de suas lembranças durante as horas infinitas de caminhada. Não havia ninguém com quem conversar com exceção de Morte, e Dinah não queria decepcionar o equilíbrio delicado que haviam criado ao, de repente, se tornar bem falante. O bom sobre o companheiro era que ele não se importava se Dinah chorasse enquanto andava, ou se passava uma hora olhando para o nada na floresta enevoada. Permitir a si mesma se lembrar de Davianna era um presente que a jovem se dera – ela precisava se sentir próxima a alguém naquele ambiente selvagem. Então mergulhou fundo na própria mente, até Davianna.

A primeira memória que Dinah tinha de sua mãe era a ponta dos dedos dela contornando sua face, traçando suas maçãs do rosto e seus

lábios com total devoção. Sua mãe amava ser tocada e tocar os outros; ela sempre estava pondo as mãos nos ombros daqueles que estavam abaixo dela – Cartas, lordes, damas, comerciantes ou até plebeus da propriedade do País das Maravilhas, a cidade que circundava o palácio. Inicialmente, eles eram paralisados por sua beleza, mas o toque de suas mãos os deixava impressionados pela sua graça. Davianna era filha do Duque e da Duquesa de Ierladia, a maior e mais rica cidade da Costa Ocidental. Ierladia ficava ao sul de Todren e era a fortaleza do País das Maravilhas no norte.

Como Dinah, Davianna não podia sair do palácio, apesar de lhe ser oferecido todo luxo possível. Negociações entre o avô de Dinah, o Rei de Copas na época, e o pai de Davianna certificaram seu lugar no trono e, desde quando nascera, Davianna era prometida para ser a esposa do Rei do País das Maravilhas – a Rainha de Copas. Isso explicava a forma como ela flutuava pela sala cheia de pessoas da elite da corte sem nem pensar, ou como demandava lealdade aonde quer que fosse. Foi criada e educada para ser uma rainha, assim como Dinah. Mas, diferentemente da menina, Davianna amava seus estudos e as aulas de dança, enquanto a filha sempre pensava em maneiras de escapar delas.

Quando criança, Dinah tinha a nítida impressão de que sua mãe amava ser rainha. Ela governava com tranquilidade. Como mãe, era gentil e amorosa, paciente com a filha precoce que estava sempre arrancando a coroa e manchando seus vestidos com as mãos sujas de chocolate. O relacionamento delas mudara quando Charles nasceu, mas a princesa nunca se sentiu negligenciada; muito pelo contrário, ela via quanto cuidado Charles exigia e desejava estar incluída. Então ela ajudava. Em vez de jogar críquete ou assistir às aulas de equitação, Dinah e sua mãe alimentavam e davam banho em Charles, ou passavam o dia tentando ensiná-lo a andar ou levando-o para a sacada para que ele pudesse ver as estrelas mudando de direção. Dinah não vira seu pai quando tinha entre três e cinco anos, pois ele estava fora lutando nas guerras contra os Yurkei e, naquela época, ficou muito ligada à mãe e a Harris, seu conselheiro e professor.

Infelizmente, conforme Dinah crescia, passava cada vez mais tempo com Harris e cada vez menos tempo com Charles e a mãe. Havia tantas coisas para aprender antes de se tornar rainha, e Dinah era terrível em todas essas funções. Como se vestir, como acenar, como comandar cada Carta, como tomar chá e como dar um chá, como comer tortas, como montar o Rajado. Suas aulas tomavam o dia todo, mas toda noite Harris e Emily fingiam não perceber quando Dinah escapava de seu quarto e corria escondida pelas Cartas de Copas para os Aposentos Reais para contar à mãe sobre seu dia.

Davianna sempre estava se preparando para dormir, penteando seu

cabelo negro e grosso com seu pente cor-de-rosa de concha e olhando para seu reflexo no espelho, seus olhos azul-escuros cheios d'água fitando-se sob cílios incrivelmente longos. A menina sabia que ela tinha um segredo. Podia ver em seus olhos, no jeito que ela posava. Toda noite, quando Dinah entrava, sua mãe parecia estar se preparando para a visita de um amante, apesar de estar apenas se preparando para dormir. Sempre estava linda, sempre pronta. Juntas, subiam na cama em forma de coração de Davianna e sua mãe a puxava para perto e ouvia enquanto Dinah sussurrava para ela todos os mínimos detalhes de seu dia – o que Harris estava vestindo, o que Emily havia dito, as coisas que aprendera, como ela chorara depois de ter quebrado um bule centenário. Toda noite terminava com ela perguntando por que seu pai não a amava, e sua mãe balançava a cabeça.

– Um dia você vai entender.

Como conspiradoras, elas riam e conversavam, mãe e filha, tão felizes de estarem próximas e livres de todos. Quando Dinah estava quase dormindo, sua mãe a balançava delicadamente para que voltasse aos seus aposentos. Exausta, a menina perambulava de volta ao seu quarto, com uma Carta de Copas irritante sempre a seguindo para se certificar de sua segurança.

O pai de Dinah voltou outro homem da guerra. Estava mais bravo e muito mais cruel com elas. Ela passou a ver a mãe menos ainda e, quando via, Dinah ficava assustada com sua aparência enrugada e com olheiras. Sua mãe parecia exausta e triste. Os cuidados com Charles foram tirados dela e passados para Lucy e Quintrell. Às vezes, a menina visitava o quarto de sua mãe no fim do dia, mas Davianna geralmente estava dormindo, sem conseguir receber visitas, então ela era mandada de volta ao seu quarto como uma criança sem jantar.

Na véspera de seu nono aniversário, Dinah se deparou com uma cena que jamais esqueceria. Sua aula diária na biblioteca acabara mais cedo por causa da crise de espirros do Monsenhor Wol-Vore, o tutor de linguagem, e a princesa se viu com algumas horas livres – algo que nunca tivera. Correndo feliz pelo corredor, com seu vestido cor-de-rosa se arrastando atrás dela, Dinah foi até o quarto da mãe. As Cartas de Copas, que, normalmente, faziam guarda à porta da rainha, estavam estranhamente ausentes, e a porta estava entreaberta. Quando colocou os dedos na maçaneta fria, Dinah pôde ouvir a voz de seu pai – ele estava bravo. Ela parou à porta, esperando.

– Como ousa? Você não é nada mais que uma prostituta comum, um lixo nascido em uma família de classe baixa que foi lavado no mar das praias de Ierladia! Eu sou o Rei do País das Maravilhas e não vou ser uma piada. É assim que me recompensa? Quem é ele? Me fale! Eu

deveria cortar sua cabeça por isso!

Dinah ouviu alguma coisa se quebrando – louça, talvez. Alguma coisa acertou a porta com um barulho alto e a menina pulou para trás, com medo. Ela podia ouvir sua mãe murmurando, tentando acalmar seu pai.

Então ouviu:

– Não me diga que não é NADA! – rugiu o homem que usava a coroa.

Dinah ouviu o estalo de pele com pele – um tapa. Queria ajudar sua mãe desesperadamente, mas estava com medo do seu pai violento, que contara terríveis histórias de guerra que a deixavam enjoada por sua crueldade. Sua mão se demorou na porta quando ela ouviu a mãe chorando atrás dela... então Dinah voltou para o quarto, como uma covarde.

Nunca contou a ninguém sobre aquele dia – nem a Wardley. Era estranho pensar nisso agora, enquanto pisava em tronco após tronco, os músculos de suas coxas se contraíam com o esforço que tinha que fazer para andar pela floresta. Um riacho cruzou a sua frente, e Dinah parou para encher o odre. Morte se banhava na água e a princesa se sentou no solo enlameado para molhar seu pé dolorido. O tilintar da correnteza tinha um poder de embalar, e Dinah ergueu o rosto para absorver o sol quente, descansando só por um minuto, só mais uma... mais uma lembrança...

Sua mãe morrera em uma tarde de inverno, quando montes enormes de neve cor-de-rosa estavam empilhados contra os portões de ferro do lado de fora do palácio e, dentro dele, todos tentavam se esquentar. A doença dela fora repentina e violenta. Um dia, a mãe estava lá – com o rosto magro e preocupado, mas viva – e, no outro, ela estava na cama, molhada de suor tão quente que aquecia o ar frio. Seus lábios, normalmente com a cor de figo maduro, estavam azuis e secos, e seus olhos já haviam morrido de alguma forma – olhavam para além de Dinah, como se a rainha estivesse vendo outra pessoa. A Febre Branca havia atacado as terras do País das Maravilhas naquele ano – uma doença rápida que deixava as unhas da pessoa brancas antes de, repentinamente, mandá-las para a cova, apesar de ser curioso que ninguém no palácio tivesse pegado a doença além de sua mãe.

A Dinah não era permitido tocar nem se aproximar da mãe, então ficava parada soluçando à porta, os braços de Harris a envolviam firmemente, segurando-a enquanto ela observava o corpo de sua mãe se contorcer e convulsionar de dor. Não era permitido que Charles entrasse no quarto, e o rei não estava em lugar algum quando Davianna deu seu último suspiro, seus olhos fixos em Dinah quando ela sussurrou seu adeus, o corpo tremendo com o esforço.

– Dinah, ah, minha menina selvagem. Você é tão esperta, assim como ele. Seja gentil, minha querida, seja carinhosa. Seja uma boa rainha. Cuide de seu irmão.

Dinah chorava, grandes lágrimas pingavam de seu queixo.

– Vou fazer isso, mamãe, vou fazer. Eu te amo. Eu te amo.

A tentativa de um sorriso ruborizou o rosto de Davianna.

– Eu também te amo.

A conversa havia deixado a rainha exausta, e não muito tempo depois disso ela caiu em um sono profundo e nunca mais acordou. A velocidade com que seu peito subia foi diminuindo até cessar. A rainha foi declarada morta. Seu pai, seus empregados, Harris, todo mundo que conhecia sua mãe chorava. Os olhos negros de Cheshire estavam cheios de lágrimas espertas de crocodilo. As Cartas vinham e iam; um padre, vestindo uma túnica vermelha longa coberta com corações, tocou um minúsculo sino de prata do lado de fora da janela dela. Outro sino de algum lugar abaixo foi tocado como resposta. De repente, todo o reino estava tocando sinos, e o som se ampliou pelo jardim e entrou pela janela aberta enquanto um redemoinho de neve cor-de-rosa descansava nos lábios de sua mãe.

Dinah gritou e se debateu nos braços de Harris quando a coroa fina de rubi foi retirada da cabeça de sua mãe. O padre a segurou sobre as chamas até a coroa obter um brilho vermelho-escuro, como se brilhasse por dentro. Ela percebeu que era uma medida de precaução, para limpá-la da febre. Ele foi até Dinah enquanto assoprava a coroa para esfriá-la.

– A rainha está morta. Vida longa à futura Rainha do País das Maravilhas.

Então, colocou a coroa em sua cabeça, a temperatura dela queimando a ponta de suas orelhas. Harris se virou e a carregou para fora do quarto e Dinah teve a chance de olhar uma última vez para o rosto de sua mãe, ver sua beleza levada pela morte. Quando a cobriram com um lençol cinza, o choro da menina construiu seus muros. Tomando seu pai como exemplo, Dinah construiu um muro ao redor dessa memória, espesso como pedra e impenetrável a pensamentos filosóficos. Mas ali, nas profundezas da Floresta Retorcida, era muito fácil se lembrar. Ela podia sentir o cheiro podre da sua cama, podia sentir o medo nos olhos de Harris quando a coroa quente foi posicionada em sua cabeça.

Dinah enxugou os olhos quando colocou os pés cheios de bolhas na água fria. O alívio foi instantâneo, e ela pensou que poderia ficar ali para sempre, naquela área pequenina adorável da floresta, onde todas as árvores eram brancas e as enormes folhas azuis e verde-escuras cheias de feixes se alongavam do chão. Mas ela não podia. Ainda não. Depois de alguns minutos, tirou seus pés da água, enxugou-os

delicadamente com o que sobrara dos panos de linho e os colocou de volta nas botas, agora instrumentos de tortura. Ela observou, em silêncio, enquanto um falcão vermelho-alaranjado dançava e mergulhava no horizonte, uma beleza. Ela olhou esperançosa para Morte, desejando que ele levantasse sua perna e tivesse misericórdia dela. Ele não o fez, mas olhou ao longe, sua cabeça enorme preta se inclinou com interesse.

– Acho que vamos caminhar então – murmurou Dinah.

Era bom ouvir uma voz – qualquer uma, mesmo que fosse a sua. Eles continuaram andando em direção ao nordeste. Sua marcha para a fome, como Dinah começou a pensar na situação, se arrastava.

O falcão rastreador continuou sobrevoando preguiçosamente suas cabeças.

Dinah se sentiu esquisita o dia todo. Ela tinha acabado de comer seu último filão e havia apenas alguns pedaços de carne. Uma sensação bizarra subiu por sua espinha até a cabeça. Convenceu-se de que era apenas o sentimento ruim de não ter mais comida. Seu tempo havia acabado – ela precisaria aprender a caçar ou começar a comer somente frutas que encontrasse pelo caminho, o que não iria sustentá-la por muito tempo...

A jovem estava perdendo peso rapidamente – já tinha diminuído dois buracos de seu cinto e, quando lavou o rosto no riacho naquela manhã, ficou surpresa em como seu rosto estava fino e cansado. Seu cabelo estava um emaranhado que, provavelmente, levaria anos para ser desembaraçado, e sua pele estava marcada por dezenas de pequenos arranhões causados por galhos cheios de espinhos. O corte em sua mão estava cicatrizando bem, mas seus dois dedos quebrados ainda doíam quando ela os pressionava. O pensamento chocante de que ela talvez não sobrevivesse àquela tarefa a atingiu como uma onda gelada. *Não posso morrer de algo tão simples quanto falta de comida*, disse a si mesma. *Sobrevivi às Torres Negras, a um pai que me queria morta e a um ataque de urso. Não vou cair e morrer só porque não tenho mais comida. Vou lutar e aprender.*

Naquele dia, ela ficou muito atenta a coisas que fossem comestíveis. Encontrou uma árvore Julla, mas a maioria de suas frutas pontudas havia apodrecido. Conseguiu pegar três frutas comestíveis e as guardou na bolsa para o dia seguinte. Encontrou uma planta estranha no chão que parecia o repolho que comia no palácio. Para provar, colocou uma folha na língua e cuspiu logo em seguida. Era amargo e adormeceu sua língua, então rapidamente lavou a boca com água. *Vou morrer envenenada mais rápido do que de fome*, pensou. *Não posso simplesmente começar a comer coisas que não conheço.* E ela conhecia muito pouco. A Floresta Retorcida estava cheia de plantas fascinantes e aterrorizantes: gigantescas videiras emborrachadas que tremiam quando ela passava e que, quando tocadas, soltavam uma nuvem de poeira amarela brilhante; roseiras que eram altas, em vez de largas, cujas pétalas viravam para dentro quando o sol se punha; plantas carnívoras que se alimentavam de roedores pequenos – e que uma vez

tentaram morder seu tornozelo, e teriam conseguido, se Dinah não estivesse de botas. Havia milhares de plantas e flores diferentes entrelaçadas nas árvores – aquelas árvores, sempre sabendo de tudo –, e nenhuma delas era comestível.

Resmungando sozinha enquanto ignorava a dor aguda em seu estômago, Dinah andava, assistindo ao sol ardente rastejar do oeste para o leste enquanto o crepúsculo pairava como um cobertor grosso. Sem aviso, ela se viu em uma pequena clareira, marcada por uma árvore com buracos pequenos e perfeitamente redondos perfurando seu incrivelmente largo tronco. Caminhou em silêncio para analisar a árvore, percebendo que tinha, no mínimo, duas vezes a largura de suas acomodações no palácio. Ela acariciou devagar o tronco macio, deixando sua mão descansar naquela superfície surpreendentemente acetinada. Tinha a textura de mármore, mas era madeira pura. Brilhava ao pôr do sol, a luz refletia nela como uma brasa quente. Dinah observou maravilhada quando os raios de sol passaram pela árvore e, de repente, ela pulsava com vida, como se emitisse luz de dentro. A árvore era transparente e preenchida por uma seiva dourada congelada. Ela podia ver tudo dentro dela – cada fibra, cada bolha de ar. Era uma árvore de âmbar, algo que só vira nos livros; eram raras porque muito valiosas. Quando encontradas, eram imediatamente cortadas e transformadas em joias, mobília e corrimões para a elite. A base de sua mesa de chá era feita dessa madeira rara.

Dinah passou as mãos pelo tronco. Era tão lindo que ela perdeu o ar – por que alguém o cortaria? Havia muito mais beleza em uma árvore viva do que em um pingente no pescoço de alguma mulher da nobreza. A árvore pulsava com um calor que Dinah achava que não vinha do sol, mas, sim, de dentro dela. Seus dedos tremeram ao perceber que a textura estava mudando sob seu toque. Enquanto, antes, parecia mármore frio, agora era viscoso como as geleias que ela passava nas torradas. Quando tirou a mão, estava coberta com uma seiva escura e gotejante da cor de um melão. Sem pensar, ela a lambeu. Depois de semanas comendo pão velho e carne de ave seca, o xarope era o paraíso – nutritivo e doce, a melhor coisa que já provaria. Lambeu a mão inteira, cobrindo o rosto com melão, e pegou mais até se sentir preguiçosa com o açúcar, embriagada com a sensação de satisfação. Tropeçou para longe da árvore, passando por Morte, que também estava lambendo o tronco.

A princesa estava limpando as mãos na grama molhada quando olhou para cima surpresa, pois seus olhos flagraram uma estranha forma nas árvores. Havia uma casa diante dela. Dinah caiu para trás em choque, pondo a mão no cabo da espada. *Como não vi isso?* A casa estava posicionada confortavelmente entre duas árvores, suas raízes se retorciam através do teto. Isso fez Dinah se arrepiar. Morte continuava

a beber sem preocupação. Lembrou-a das Torres Negras, aquela raiz se retorcendo em sua boca, em suas narinas. Dinah vomitou o xarope no chão, e o líquido denso cobriu seus pés. Depois disso, para seu alívio, ela se sentiu muito melhor sem aquele peso todo no estômago. Ficou boquiaberta com a casa enquanto rastejava atrás da seiva da árvore. Não havia luz vindo de dentro, sem velas tremeluzindo nas janelas abertas, sem guardas com a noite se aproximando. Morte colocou as orelhas para trás e bufou alto. Dinah sentiu aquele horror familiar que a havia afligido o dia todo. Será que era perigoso? Ela deveria correr para longe da casa? Enquanto desejava voltar imediatamente para a segurança da floresta, se viu atraída pela estrutura feita pelo homem. Fazia tanto tempo que não via nada relacionado a humanos que ela queria passar a mão nas paredes, sentir a madeira e os pregos, os cobertores e as xícaras. E também, ela raciocinou, poderia ter comida, na casa, algo que não podia ignorar.

Engatinhando, Dinah encontrou uma pedrinha e a jogou contra a porta. Ela bateu com um barulho alto e caiu ao lado de um cesto vazio. Esperou alguns minutos, mas nada aconteceu, além de o vento balançar os galhos das árvores acima de sua cabeça com um assobio calmo. Ela pegou a espada e se aproximou cautelosamente, com passos silenciosos de gato. Agachou-se bem abaixo da janela e levantou a cabeça para espreitar pelo vidro chanfrado. Não conseguia enxergar nada pelo material grosso, mas podia sentir que tudo estava quieto e parado. Respirando fundo, virou a maçaneta da porta, que se abriu e parou no limite da dobradiça. Dinah entrou, rezando para encontrar uma cozinha farta de comida. A casa tinha um cômodo circular grande com um pé-direito alto e arqueado e um chão imundo. À direita, uma cama desarrumada havia sido revirada e os livros estavam espalhados, com suas páginas virando devido ao vento. Na frente do espaço havia uma lareira fria, confortavelmente diante de uma sala de estar com uma cadeira de balanço bem usada apoiada na parede. O cobertor usado para cobrir a cadeira estava todo rasgado e jogado pelo cômodo.

À esquerda, realmente havia uma cozinha que fora saqueada recentemente. Uma cesta de comida havia sido jogada de lado, e leite pingava no chão de um vidro de ponta-cabeça. Como a fome controlava seus impulsos, Dinah correu até lá. Empurrou a mesa revirada pisando na chaleira manchada de azul e branco quebrada no chão. Ela não se importava – tudo o que via era dois filões, cebolas, cenouras e o que parecia ser uma fatia grossa queimada de carne – cervo, talvez. Voraz, jogou essas coisas na bolsa conforme o sol mergulhava por trás da cabana, preenchendo o cômodo com uma luz sombria. Ela deu uma mordida no pão. *Quem esteve aqui? Yurkei? Será que foi algum animal – um lobo? Alguma coisa pior?* Dinah olhou ao seu

redor. Não. A bagunça parecia um pouco organizada para um animal, um pouco intencional demais. Que animal deixaria comida, mas rasgaria quadros pendurados e reviraria a cama?

Morte relinchou de maneira nervosa do lado de fora e bateu no chão com seus cascos espinhosos e pesados. As louças lá dentro chacoalharam. A jovem lançou um último olhar para a cozinha antes de sair da casa redonda. Agradeceu silenciosamente a quem tivesse assado aquele pão e plantado aquelas cebolas enquanto ia para trás da casa, de volta à floresta. Morte estava de novo atrás dela, mas ambos pararam de repente. Havia um campo comprido que se estendia por centenas de metros para trás do jardim, e o corpo estava lá, deitado de bruços na terra. Não era muito grande, mas, obviamente, forte – músculos definidos, duros como pedra, que pareciam ter sido esculpidos em suas costas. Ele usava um chapéu flexível e uma túnica de linho de cor lavanda, seus pés estavam sujos e sem sapato. *Um fazendeiro*, Dinah pensou, apertando os dedos em seus lábios trêmulos. Ela sentiu todo o ar sair de seu pulmão quando entendeu o que estava vendo. Saindo das costas do homem, havia uma flecha comprida. Estava localizada entre suas grandes escápulas, e uma pequena mancha de sangue rodeava o ponto perfurado. Ele havia sangrado pela frente, pois havia uma poça de um vermelho escuro no solo em volta dele. O sangue ainda estava molhado, mas esfriando rapidamente e se transformando em um gel grudento, uma mistura doentia de vermelho e âmbar.

O fato de que isso acontecera havia pouco tempo assustou a jovem, mas não tanto quanto se assustou ao ver o coração de vidro vermelho que se encontrava no final da flecha. Ela já tinha visto essas flechas decorando as costas das Cartas de Copas que faziam ronda nos portões de fora do palácio. Ficou parada enquanto o mundo girava ao seu redor. Não eram os Yurkei que estiveram ali. As Cartas a haviam encontrado. Dinah colocou a bolsa nas costas e correu em direção a Morte.

– Me levante! – ela gritou.

Seu pânico era claro e, desta vez, ele não hesitou, levantando a perna quando ela se aproximou. Dinah pisou sem medo nos espinhos e se jogou nas costas dele, suas pernas agarrando o pescoço enorme do animal.

Até onde podia ver, o rastro das Cartas (evidente, impossível não ver uma vez que prestava atenção) ia em direção ao norte, então ela se virou para o leste, sem desviar do caminho anterior. Dali, Morte correu. O coração dela batia em seus ouvidos enquanto Morte corria pela floresta mais escura do que nunca. A cada minuto que avançavam, colidiam com galhos, fazendo muito barulho, porém, como não fariam? Dinah mal estava enxergando, mas Morte parecia

ter uma visão noturna perfeita – ele desviava de galhos e buracos fundos na terra tranquilamente, sem problemas. Quando se passavam alguns segundos, ela olhava para trás, rezando para não ver um Hornhoov branco emergir da escuridão. Eles haviam se distanciado alguns quilômetros da casa quando ela ouviu o primeiro grito fraco e o tilintar de armadura. O medo a rodeava e dificultou seu pensamento. Os sons pareciam estar vindo de uma cordilheira negra ao longe.

Lágrimas brotaram de seus olhos e suas mãos tremiam ao segurar a crina de Morte, fazendo-o virar e acelerar. *Cheguei tão longe, tão longe – não pode ser aqui. Não agora...* Enquanto fugiam, o sol desaparecia atrás das Montanhas Yurkei e tudo ficava escuro. A Floresta Retorcida se tornou nada mais que sombras, uma sombra negra de árvores e galhos. Dinah mal conseguia ver a cabeça de Morte diante dela enquanto ele mergulhava entre as árvores, esforçando-se para se distanciar dos sons de cavalos e homens, que ficavam mais altos. Os barulhos vinham de todos os lados agora, tão estranhos e abrasivos para seus ouvidos depois de tanto tempo de silêncio. A chegada deles violentava a floresta silenciosa, quebrando a paz das árvores. Era um distúrbio violento. Eram muito escandalosos e pareciam estar em todo lugar, em volta dela, chegando de todos os lados. Ela não conseguia vê-los, mas estavam se aproximando – e não tinha para onde ir sem que ouvissem Morte pisando nos galhos.

Dinah desembainhou a espada, e o barulho agudo de metal ecoou por entre as árvores. Ela não conseguiria lutar com muitos deles – com nenhum, talvez –, mas não seria levada para as Torres Negras. Iria obrigá-los a matá-la, e faria o possível para matar seu pai, sendo este seu único objetivo naquela noite escura; se esse fosse o fim, que fosse assim. Ela vingaria o irmão, os cuidadores, e a mãe, morta pela negligência e crueldade de seu pai. Dinah ficou parada e prendeu a respiração por um instante. Então a voz de seu pai foi carregada pela escuridão, comandando suas tropas, enviando um punhal de medo diretamente para ela.

– Ela está aqui! Tragam-na para mim, morta ou viva. O valor de uma vida de salário e um cargo na corte serão dados à Carta que a trouxer. Ouçam-me, homens, cumpram seu dever e vinguem seu príncipe inocente! O sangue dele não será em vão!

A voz paralisou Dinah, assim como Morte. Eles ficaram perfeitamente parados enquanto o urro dos soldados ecoou à sua volta na escuridão. Estavam cercados. Uma folha foi triturada logo atrás de Dinah e ela ouviu uma respiração profunda.

– Esconda-se – sussurrou uma voz na escuridão. – Se quer viver, esconda-se; não lute. Esconda-se.

Dinah não precisava que dissesse duas vezes ou pensar de onde

tinha vindo o conselho. Em silêncio, desceu de Morte e pediu que ele a seguisse para uma área de folhas densas no meio das árvores, tropeçando muitas vezes em coisas que não conseguia enxergar. Algo se arrastou pela sua bota e ela se esforçou para não gritar. Era uma escuridão esmagadora. *As estrelas devem estar do outro lado do céu esta noite*, ela pensou, *se escondendo dessa barulheira terrível*. Não conseguia ver quase nada, com exceção das pontas das árvores mirando o céu cinza da noite. Os sons das Cartas a rodeavam; os galhos se quebravam violentamente, o tilintar de caneca batendo na coxa, cavalos andando e um som particular que fez seu sangue gelar – o som alto de outro Hornhoov caminhando pela floresta.

Ela ficou paralisada, pensando em como se esconder melhor. E como esconder Morte? Olhou para ele na escuridão, mas ficou surpresa por quase não conseguir ver nada – sua pelagem preta se misturava tranquilamente com as árvores e a noite. *Eu tenho que desaparecer*, ela pensou. *Desaparecer na noite. O vestido*. Agindo mais rápido do que pensava, desamarrou a bolsa e remexeu dentro dela, as mãos procurando o tecido pesado e grosso. Quando parecia que ela tinha tocado em tudo em sua bolsa com exceção do que precisava, sua mão sentiu o vestido preto pesado. Ela mal conseguia ver um palmo à sua frente, quanto mais o tecido preto do vestido. Colocando a espada no chão, pôs o vestido por cima da cabeça. Ele escorregou com facilidade, e sua barra esfregava no chão. Colocando as mãos para trás, ela percebeu que a roupa tinha um capuz; Dinah puxou o tecido fino preto para cobrir seu cabelo escuro e seu rosto. Era comprido o suficiente para cobrir tudo, e o tecido tocou seu queixo. Ela enfiou as mãos nas mangas para que não ficassem de fora e se prensou contra o tronco de uma árvore larga.

As vozes estavam quase em cima dela agora – eles chegariam em segundos com suas espadas, cavalos e tochas. Ela olhou para Morte, que estava parado como ela, com uma fumaça branca saindo de suas narinas. Estava precisando de cada centímetro de seu controle para não entrar na luta. Dinah esticou o braço e tocou suas narinas. Com gentileza e cuidado, colocou a mão em seu focinho.

Com a voz trêmula, murmurou:

– Quietinho... quietinho...

A fumaça parou e Morte ajoelhou, se transformando em um só com a folhagem densa à sua volta. Talvez soubesse que não podia ganhar essa luta, não nessa noite, não enquanto ainda estava parcialmente ferido da luta com o urso. De qualquer forma, Dinah não conseguia mais vê-lo; ela apertou sua cabeça e seu corpo contra a árvore e esperou que todos viessem. Uma palpitação de medo subia de suas pernas e chegava em seu peito. Seus joelhos estavam fracos. Ela estava com o coração apertado.

– Não se mexa – sussurrou a mesma voz de antes. Estava acima dela? – Não se mexa, não respire e as Cartas não vão te ver.

Dinah congelou, se transformando em uma estátua negra na floresta. *Não respire. Não pense.* Fechou os olhos enquanto as Cartas passavam por eles. Muitas delas pisaram bem ao seu lado – uma quase pisou em Morte antes de mudar, de repente, de direção e desviar para a direita. *Ele deveria ser grato por estar vivo, pensou, já que isso seria uma morte terrível.* Dois passaram raspando pela árvore na qual estava encostada, e Dinah apertou as mãos dentro das mangas para evitar desmaiar. Incapaz de erguer a cabeça por medo de ser vista, manteve os olhos grudados no chão. Não conseguia enxergar nada exceto as luzes ocasionais de uma tocha que era carregada pela escuridão, cuja luz era engolida pelo espaço amplo da mata. Ela podia ouvi-los arrastando-se, as espadas sendo desembainhadas e as flechas, levantadas, os sons de respiração contida e cantis de água e bandeiras se agitando ao vento, tão alto quanto o toque de um trompete.

As vozes das Cartas saíam das árvores.

– Ela estava aqui! Eu a ouvi, Vossa Majestade!

– Ela está ali!

A cacofonia de sons pulando pela floresta dificultava muito saber onde cada homem estava – e ela podia perceber que as Cartas estavam desorientadas e espalhadas. Não estavam acostumadas às árvores, à noite sem estrelas. Para o horror de Dinah, ela sentiu a terra tremer sob seus pés e ouviu o pesado passo específico com o qual tinha crescido e estava familiarizada. Ela ousou levantar a cabeça alguns centímetros. O Hornhoov branco carregando seu pai estava entre as árvores, com Cheshire bem atrás dele. Seu pai montava orgulhoso e furioso uma fêmea da metade do tamanho de Morte, mas que ainda era gigante. Ele carregava uma tocha, claramente visível na escuridão que rodeava o restante das Cartas. Usava sua armadura vermelha, com um destacado coração preto que cortava o peito. O ouro de sua coroa brilhava à luz do fogo, seus olhos se acendiam como chamas. Ele segurava as rédeas do Hornhoov com uma mão e sua Espada de Copas com a outra, pronto para matar. Parecia olhar diretamente para Dinah, através dela. Ao lado dele, Cheshire montava segurando seu punhal de forma frouxa enquanto analisava a floresta, seus olhos negros, como os de gato, procurando em cada árvore, e sua capa roxa cobrindo o flanco de seu corcel.

O Hornhoov movimentou a cabeça na direção deles e o rei começou a andar para lá. Dinah agarrou a árvore, pressionando o rosto contra o peito, temendo que seu coração realmente explodisse.

– Fique parada – ordenou a voz.

A jovem congelou conforme o Hornhoov de seu pai se aproximava cada vez mais, a tocha iluminando apenas alguns metros à frente. Com

cuidado, ela levantou a cabeça e viu seu pai olhando diretamente para ela, apertando os olhos na escuridão, seu rosto era uma máscara de pura fúria. Dinah não se mexeu. Ele parecia confuso, como se estivesse em dúvida sobre o que estava vendo. Ele inclinou a cabeça, os olhos vermelhos cheios de raiva e ainda semicerrados na noite negra olhando exatamente para Dinah, mas sem vê-la. Estava tão perto que ela podia ver o suor em sua testa e sentir o fedor de bebida grudado em sua pele. Ela tinha certeza de que ele podia ouvir seu coração, que batia com força suficiente para chacoalhar a árvore.

Seu pai desceu do Hornhoov e começou a andar em direção ao amontoado de árvores onde Dinah estava escondida. Seu medo começou a ser inundado por ódio e ela sentiu uma onda tóxica de fúria tomar suas entranhas. *Ele matou Charles*, pensou. *E vou matá-lo agora, uma sombra na escuridão. Sim, meu rei, chegue mais perto.* Movendo-se o mais lentamente que pôde, Dinah pegou a espada e seus olhos miraram o pescoço dele, a única parte aberta de sua armadura. De repente, houve um barulho alto nas árvores atrás deles.

– Ali! – gritou um soldado ao longe. – Ouvi alguma coisa ali! Acho que é ela!

O rosto do rei se retorceu com prazer e ele voltou a montar no Hornhoov, virando-o em direção ao som. Cheshire o seguiu, olhando para trás na direção do monte teoricamente vazio, levantando seu punhal ameaçadoramente e seguindo o rei. O Hornhoov do rei continuou tentando voltar – claro que sentira o cheiro de Morte –, mas o pai de Dinah simplesmente puxava as rédeas e enfiava as esporas em sua barriga.

– Anda, criatura maldita! Encontre-a! – Juntos galoparam pela escuridão, e a luz de sua tocha diminuiu para o tamanho de uma vela grande na escuridão.

– Vai... – sussurrou a voz, então Dinah ouviu o som de um corpo caindo da árvore acima dela.

– Quem é...

– Não há tempo! – interrompeu a voz, claramente masculina, de alguma forma familiar. – Isso, vai! Vou guiá-los para o sol. Rápido, porque com certeza vão voltar para cá. – Ele estava tão invisível quanto ela, era apenas uma forma enorme escura entre as árvores.

Dinah colocou a bolsa nas costas e montou em Morte, guardando a espada entre seus ombros, tornando-se invisível de novo. Preto no preto, uma sombra à meia-noite.

– Em silêncio – ela sussurrou para seu corcel gigante.

Morte pareceu entender porque seguiu para leste em silêncio, com cascos beijando delicadamente o solo. Eles foram para longe da minúscula cabana e das Cartas perseguidoras, cada vez mais profundamente na noite negra, até que não ouvissem mais os sons do

exército de seu pai. Andaram quietos por horas, e Dinah percebeu que o solo reto da floresta agora estava se inclinando para cima, ficando mais duro e mais rochoso. O Hornhoov e sua companheira se moviam discretamente entre as árvores, até Dinah ver um pequeno monte de rocha empoleirado em um cume estreito com vista para a floresta. Estrategicamente, seria um ótimo lugar para vigiar a aproximação das Cartas; além disso, suas pernas trêmulas a lembravam de que não deveriam seguir adiante. Sem falar nada, desceu de Morte e caiu nas pedras, exausta da caminhada e do medo dominador. Morte ajoelhou-se atrás das rochas ao lado dela e caiu no sono rapidamente, deixando-a sozinha com a noite sem estrelas.

Confortada pelo fato de que não achava que o exército de seu pai pudesse surpreendê-los no escuro – ou encontrá-los no escuro, de qualquer forma –, Dinah deixou suas pálpebras se fecharem uma, duas vezes, então se rendeu à exaustão voraz. Ela sonhou com um baralho em uma mesa de vidro, sendo jogado por uma luva preta. A mão estava separada do braço, e manchas vermelhas lavavam as cartas conforme eram reveladas. Copas. Espadas. Ouros. O Rei. O Rei. O Rei. De novo e de novo.

Seus olhos se abriram arregalados no amanhecer, e ela acordou molhada de suor febril, sem saber o que a havia despertado tão de repente. Então ouviu o clique de uma bota diante dela e sentiu uma lâmina de ferro fria pressionada firmemente contra seu pescoço. Tremendo, ergueu os olhos; sua trança preta encostada na ponta de uma espada. Um Espadas estava parado à sua frente, sua figura enorme bloqueava o sol.

– Bom dia, Princesa.

Dinah se curvou para trás, batendo a coluna em uma rocha saliente. Enchendo a mão de terra, ela a jogou na cara do soldado e tateou o chão à procura de sua espada. O Espadas tossiu, irritado.

– Não vai encontrá-la agora, Vossa Majestade. – O Espadas levantou a outra mão, que segurava a espada de Wardley. Ele tinha duas armas, e ela, nenhuma. – Sabe, não é muito do feitio de uma princesa jogar sujo.

Dinah parou um segundo antes de, lentamente, se aproximar do Espadas, esperando balançar a pedra em cujo topo Morte roncava. *Por que ele ainda está dormindo? Que maldição esse animal preguiçoso!* A lâmina escorregou inofensivamente em sua garganta conforme o Espadas a pressionava.

– Não acorde esse seu monstro. Só quero conversar com você, só isso.

O coração dela galopava descontroladamente no peito, e Dinah olhava freneticamente em volta para ver o restante da cavalaria do Rei.

– Cadê os outros?

– Ah, eles? Deixei-os para trás.

O Espadas deu um passo à frente na luz e Dinah gritou.

– VOCÊ! – Ela reconheceu o Espadas imediatamente, seus olhos cor de amêndoa, seu cabelo grisalho, o minúsculo coração preto tatuado abaixo do olho direito, mas mais por causa da cicatriz superficial de dois centímetros que cortava sua face esquerda. – Eu conheço você!

O soldado sorriu e passou a espada delicadamente pela marca.

– Sim, *cê* me conhece. *Cê* me deu isso, deve lembrar, um dia no palácio em que tentei roubar um brinquedo bobo de madeira da sua mão.

– Não era meu. Era do meu irmão.

O Espadas fez uma careta.

– Ele não vai mais precisar dele agora, não é? Acho que asas teriam ajudado mais.

Dinah soltou um grito de raiva antes de fingir ir para a esquerda, girar, desviar da arma e conseguir pegar o escudo preto do Espadas.

Ele a jogou bruscamente para trás com uma mão, fazendo-a cair na terra. Ele era muito *forte*. Então Dinah jogou-lhe uma pedra, que bateu em sua armadura peitoral.

– Não fale do meu irmão, seu imundo! Onde está o Rei? Se vou morrer, não perca tempo com essa brincadeira besta. Me mate agora e negue esse prazer ao meu pai. – Ela parou. – Por favor, eu lhe imploro. Por favor. Não pode ser ele.

O Espadas olhou para Dinah fascinado.

– Tão espirituosa como eu me lembrava. Agora, sente-se, feche essa matraca e ouça o que tenho para dizer. Meu braço está cansado de segurar essa espada e quero abaixá-la, mas vou precisar que prometa que não vai tentar fugir, caso contrário, posso ter que te dar uma cicatriz parecida.

Dinah se sentou, suas pernas desmoronaram debaixo dela. Ela fechou os olhos. *É isso, não é? Esse homem vai me levar direto para meu pai, direto para a Espada de Copas do Rei ou para as Torres Negras.* Dinah tinha certeza de que o restante das Cartas estava aglomerado na base do vale, só esperando por eles. O Espadas limpou o rosto com a manga e jogou a espada de Wardley em um arbusto próximo. Então baixou a outra espada para a linha da cintura, seus olhos penetrantes nunca deixando o rosto de Dinah.

– Bom, Princesa, posso começar? – Ele passou a mão em seu cavanhaque salpicado de preto e cinza. – As Cartas de seu pai não vão nos pegar, não se tomarmos cuidado. Não podemos andar por aí como tolos, que é o que esteve fazendo esse tempo todo. Não estou aqui por ele, pelo Rei de Copas. Estou aqui por meus próprios interesses, e pelos seus.

Dinah estreitou os olhos.

– O quê?

– Estou aqui para ajudar. *Cê* não conseguirá ir muito mais longe, não sem minha ajuda. Seu pai vai encontrá-la, talvez não hoje, talvez não amanhã, mas vai. E quando encontrar... – O Espadas franziu os lábios e passou o dedo à frente do pescoço. – Bom, *cê* sabe o que acontece. Seu pai é um rei completamente sem honra. – Os olhos dele estavam tristemente fixos no bosque atrás dela.

Dinah o encarou, sem entender o que ele estava dizendo. *Ele quer me ajudar?* Ela seguiu seu olhar para o lado, dando a impressão de que estava pensando no que ele estava falando antes de pular para a direita. Quase conseguiu passar pela pedra e abrir a boca para chamar Morte, mas o Espadas a pegou pela cintura e a jogou no chão com força. Os dedos machucados de Dinah vibraram de dor, e o Espadas se esticou e lhe deu um soco na têmpora direita, o que fez a cabeça da jovem girar. O sangue entrava em seu ouvido.

– Eu te disse só OUÇA. Ah, pelo amor dos deuses... – O Espadas a

levantou e, com facilidade, a levou de volta para baixo da pedra. – Vamos tentar de novo. Meu nome é Sir Gorrann ou Sir Gorr, se preferir. Sou um Espadas a serviço das Cartas por trinta anos ou mais, e estou aqui para te ajudar, mas precisa se acalmar e começar a se comportar mais como uma princesa, droga.

Dinah estava com dificuldade de respirar, e o mundo girava enquanto sua audição voltava aos poucos. Ela não tinha certeza do que estava acontecendo. Mais uma vez, tentou correr, porém Sir Gorrann lhe deu um soco rápido no estômago que a deixou gemendo e arfando no chão. Ele suspirou alto.

– Não fico feliz em tratá-la assim, mas, até *cê* parar de tentar fugir e me ouvir, vou continuar te batendo... – Ele se sentou ao lado de Dinah em um tronco de árvore e tirou as luvas pretas, flexionando as mãos.

Ela apoiou a testa no chão, com as mãos e corpo curvados de forma protetora sobre seu estômago.

– Não consigo... não consigo... respirar.

– É, *cê* nunca apanhou, não é? Mais um motivo para precisar de proteção, ajuda para sobreviver. Posso te ensinar muitas coisas, Princesa. Como sobreviver, como não deixar rastro, como lutar.

– Eu sei lutar – bufou Dinah antes de cuspir sangue no chão.

– Não, não sabe. Aquele garoto bonito do estábulo pode ter te ensinado algumas coisas, mas lutar não foi uma delas. Nem ser discreta. Esteve guiando o Rei diretamente para você, pisoteando a floresta montada nesse seu diabo...

– Wardley? – Quando o Espadas o mencionou, tudo no mundo pareceu parar. – O que sabe sobre Wardley? Ele está vivo?

– Ah, agora quer conversar. – O Espadas tirou a poeira de sua túnica preta, decorada com um símbolo de Espadas preto brilhante. – Vou te falar uma coisa, Princesa, vou fazer um acordo. *Cê* para de fugir, para de tentar lutar comigo, e certifique-se de que esse seu cavalo não me empale com seus ossos espinhosos, e eu te conto tudo o que sei sobre o País das Maravilhas e o que aconteceu depois da sua... partida.

Dinah piscou com o amanhecer, seus olhos fixos no rosto do Espadas.

– Eu me lembro de você. Deixou o portão aberto. Poderia tê-lo fechado, mas esperou. Eu te vi. Você parou...

O Espadas assentiu rapidamente.

– Deixei mesmo. Agora, se me acusar disso de novo vou te deixar inconsciente e *cê* não terá respostas sobre seu garoto do estábulo, seu guardião ou sua irmã.

Dinah fez careta e levantou-se com ajuda dos cotovelos, com gosto de lama na boca.

– Você está enganado, senhor. Não tenho irmã. Eu ficaria feliz em

ouvir sobre a morte de Vittiore.

O Espadas soltou uma risada grosseira, como uma pedra raspando o chão.

– Essa é a princesa brava que conheço! Agora, seja uma boa garota e chame seu, hã, *cavalo*. É melhor irmos andando. Se ficarmos aqui, as Cartas do Rei nos encontrarão em menos de uma hora.

– Como você...?

O Espadas assobiou baixinho e uma égua marrom-avermelhada se aproximou em um trote delicado. Dinah franziu o cenho. Morte definitivamente não viria se ela assobiasse.

– Me responda isso, traidor: por que não está com o Rei?

O Espadas riu, guinchando enquanto montava na égua.

– Vamos dizer que tenho meus próprios interesses em te ajudar. Mas não é para se preocupar com isso ainda. Agora, antes de eu responder a qualquer pergunta, preciso que faça essa sua nuvem preta carregada se levantar e andar, a menos que ache que sua cabeça tenha melhor utilidade como decoração da latrina do Rei.

Dinah se levantou cambaleando.

– Quanto tempo vai levar?

– Quanto tempo vai levar para quê?

– Quanto tempo vai levar para você responder às minhas perguntas?

O Espadas deu risada.

– Vamos fazer um acordo. Vou responder a uma pergunta a cada pôr do sol. Agora, precisamos mesmo ir, do contrário, as Cartas ocuparão a área logo. Acredite no que digo.

Ele a tinha bem onde queria, ela tinha certeza disso, mas o que mais ela podia fazer? Era difícil não saber o destino de Wardley.

– Como você sabe o que estão fazendo se não está com eles?

O Espadas já havia começado a caminhar entre as árvores, que pareciam muito mais fantásticas daquele lado da Floresta Retorcida.

– Eu sei porque sou o melhor rastreador do Rei, ou pelo menos era. Cê nos guiou direto para si, e não sou o único que ele está usando. Eles estão te rastreando agora mesmo e, depois de não ter sido pega por um triz ontem à noite, tenho certeza de que sabe o que isso significa. Vão invadir como água, cercando-a por todos os lados. A escuridão não vai te esconder de novo, não com as árvores diminuindo quanto mais seguimos para o leste.

Dinah limpou o rosto no vestido preto pesado.

– Foi você. Você disse para nos escondermos.

– É. E, se eu não tivesse feito isso, cê estaria sem cabeça agora, já que estava determinada a lutar contra um exército todo por um único momento de vingança contra seu pai. Espero que eu consiga te ensinar a pensar sobre as consequências de seus atos, a controlar sua fúria.

– Meu pai assassinou meu irmão.

– Não foi o primeiro, imagino, a ser injustiçado pelas mãos do Rei, o bastardo vingativo que é, mas isso é conversa para outra hora. Temos que ir andando, ou serei obrigado a te deixar inconsciente, jogá-la no meu cavalo e deixar seu corcel preto aqui. Não vou gostar, mas será a coisa mais fácil que farei hoje, com certeza. E, só para assegurar de que *cê* não fuja com essa sua criatura muito veloz, vou ficar com sua bolsa e sua espada, pelo menos até achar que pode tê-las de volta.

Dinah sentiu a raiva crescer dentro dela.

– Quem é você para me dar ordens? Ninguém, um Espadas nojento! Sobrevivi sozinha sem você, muito bem.

O Espadas virou seu cavalo e semicerrou os olhos para Dinah.

– Sobreviveu? Sobreviveu? O que planeja fazer quando sua comida acabar? Ou quando precisar caminhar longe do curso do rio? Não foi difícil te encontrar porque seguiu o rio, e as Cartas a encontraram sem precisar de muita coisa. Não fui enganado por aquela trilha falsa para o Nono Mar, mas eles foram, então deixei que vagassem uns dias por lá. Aquele seu corcel é rápido, mas eles vão te pegar alguma hora, perseguindo até ele estar exausto ou te abandonar. Não se iluda, as Cartas vão ficar na sua cola. – Ele acariciou a barba. – Talvez o Rei amontoe suas cabeças juntas. *Cê* ficou a uma espada de ser morta ontem à noite. Me diga, Princesa, qual é o seu plano?

Ele pegou Dinah desprevenida e ela baixou os olhos conforme uma onda quente de vergonha tomava seu rosto. O Espadas fez um estalo suave com a língua e o cavalo trotou ao lado dela. Com o rosto machucado e sujo de terra e apertando seu estômago, a jovem fez o que pôde para se levantar e encarar o Espadas. Seus olhos negros se fixaram nos olhos dourados dele, absorvendo seu rosto, que fora bonito um dia.

– Meu plano, meu plano é esperar... – ela começou.

– Esperar quem? – Ele a espreitou. – Por quem *cê* tá esperando? O garoto do estábulo? O Rei?

Dinah balançou a cabeça.

– Não sei, acho que sim... – Ela percebeu quanto fora tola. Nuvens negras de dúvida a rodeavam. *Não tenho um plano. Oh, deuses, aonde estou indo?* – Eu... – Ela fechou a boca com a mão. Não havia mais nada a dizer. Ela havia falhado. Não tinha direção nem futuro, não sem Wardley, e ele não estava ali. Entretanto, Sir Gorrann estava, e ela podia segui-lo (e teria que fazê-lo, caso contrário, não teria comida ou roupas) ou ficar ali e morrer. Era simples. Das profundezas da Floresta Retorcida, ela pensou ter ouvido o toque fraco de um trompete. Ainda a estavam procurando e, se ela ficasse, eles a encontrariam. O Espadas estava certo. Não havia escolha. Ela tirou o cabelo do rosto e olhou ameaçadoramente para o Espadas. – Certo. Vou chamar Morte.

– Ah, esse é o nome dele? É um animal muito feroz. Já o vi em batalha. Matou dezenas de Yurkei bem na minha frente.

– Você deveria montar nele. Ele ama novos cavaleiros.

O Espadas gargalhou.

– Acho que não vou fazer isso hoje, Princesa. É hora de partir. Tenho certeza de que *cê* me alcança.

– Não me chame mais de Princesa – ela disse em voz baixa. – Meu nome é Dinah.

Ele inclinou a cabeça em sua direção e sua égua marrom desapareceu entre um monte de árvores com musgo verde. Dinah ficou parada apenas por um segundo, deixando a brisa tocá-la. O ar estava mais frio, e ela percebeu com um estalo que, do topo do amontoado de rochas, conseguia ver um esboço alinhado das Montanhas Yurkei, antes longe no horizonte. As árvores no vale abaixo dela murmuravam bravas na brisa, e ela viu muitas delas se erguerem para receber o ar puro e gelado. No céu azul, um falcão de penas vermelhas mergulhava sem parar na floresta, procurando comida, girando com uma eficiência mortal, navegando sobre as árvores. Suas penas se ondulavam como escamas de peixe, e ela observou as cores dançarem acima de sua pequena forma.

Alguma coisa prateada brilhou no pescoço da ave na luz da manhã. Ela apertou os olhos. *Um colar*. Dinah sentiu sua respiração parar na garganta. Aquele era um falcão rastreador. Não era caçador de roedores, estava caçando *a Princesa*. Havia visto esse falcão antes. O Espadas tinha razão. *Era hora de ir*. Dinah jogou a capa de lã suja sobre os ombros e começou a escalar o monte rochoso. Morte dormia na parte de cima, mantendo seus cascos espinhosos pressionados diante dele. Dinah limpou a garganta. Ele não se mexeu. Ela tossiu de novo, mais alto dessa vez. Um de seus olhos cor de mármore negro se abriu, e ele observou Dinah começar a caminhar para a floresta, seguindo o Espadas. Ela andou por muitos minutos antes de ver Sir Gorrann à frente, seu cavalo vagueando pela floresta enquanto o Espadas cantarolava em tom suave. Ele sorriu para Dinah quando ela ficou logo atrás dele.

– Ah, decidiu vir. Essa é a primeira boa decisão que *cê* toma desde que deixou o palácio.

– Cale a boca – respondeu Dinah. – Não tenho escolha. Você está com minha bolsa e minha espada.

– Estou mesmo, Princesa.

– Acho que vi um falcão rastreador.

– Realmente viu. Seu nome é Bew e ele pertence a um dos rastreadores do Rei, Sir Fourwells.

– Ele vai nos encontrar?

– Não agora que está comigo. – O Espadas ergueu os olhos, analisando as árvores e a paisagem mais rochosa. – Não teremos que ir longe. Duvido que o Rei vai guiá-los para fora da Floresta Retorcida. Se não a encontrarem lá, provavelmente vão para Ierladia, para fazer uma visita bem desagradável para a família de sua mãe.

– Por que eles não nos seguiriam?

O Espadas a olhou irritado.

– Porque estamos nos aproximando do território Yurkei, e o Rei não quer ser pego desprevenido.

O Espadas piscou ao sol antes de se curvar e pegar um pedaço de trigo do chão para colocar na boca.

– Você é tão esperta quanto dizem.

O chão deu uma leve tremida quando Morte apareceu no fim da trilha, seu corpo colossal refletia o sol ardente enquanto ele galopava em uma velocidade alarmante. A égua do Sir Gorrann deu um passo para trás, quase tropeçando em um galho caído. Até ela sabia que não se podia brincar com um Hornhoov. Sir Gorrann ficou pálido.

– Ah, como ele é grande! Consegue controlá-lo?

Dinah deu de ombros e pegou um galho para jogar entre as árvores.

– Não muito. Eu não tocaria nele se fosse você.

Antes de ela soltar o galho, o Espadas, que tinha as unhas pretas como fuligem, agarrou o punho dela.

– O que está fazendo? Sem jogar galhos. Sem tocar nada que não precise. Não jogue, não chute, não arraste os pés ou passe as mãos nas árvores. Já vai ser bem difícil cobrir os rastros dele – fez sinal para Morte, que estava mastigando umas flores amarelas pequenas que floresciam como bolhas quando ele as mordida – sem que você deixe seu cheiro e sua marca em todo lugar. Pode também deixar um tapete real vermelho atrás de nós!

Eles andaram até o sol estar alto no céu, parando para um almoço rápido beirando o rio. O Espadas pegou de suas coisas um pouco de carne seca e um embrulho pequeno de queijo. A boca de Dinah salivou ao ver o queijo, mas ela se obrigou a desviar o olhar e parecer feliz com seu pão bolorento. Não queria nada daquele homem.

– Me dê suas botas – ele ordenou ríspido, e Dinah obedeceu. Ele as lavou no rio, tomando cuidado para esfregar as solas com paciência. Entregou-as de volta para ela. – Pise suavemente. Pense em si mesma como o ar. Tudo que *cê* faz deixa um rastro. Tente andar pela floresta não fazendo tanto barulho como antes. – A jovem observou fascinada o Espadas apertar dois ramos de pinheiro pendurados em seu cinto para que eles se arrastassem atrás dele. Ele apontou para o riacho. – *Cê* e o cavalo precisam andar pelo rio por alguns quilômetros. É aí que planejo despistá-los.

Era fácil falar. Fazer Morte segui-la pelo riacho que ia até a altura dos tornozelos era incrivelmente difícil. Enfim, ele foi atraído por um pedaço grande de carne que Dinah havia pegado na casa do fazendeiro. Morte não gostava de molhar seus ossos espinhosos, apesar de ser óbvio que estava precisando – rastros de sangue seco coloriram a água quando ele, finalmente, entrou. Tudo seguia para cima agora – a paisagem, as flores, as plantas. Dinah logo começou a suar com o vestido preto. Andar dentro d'água era difícil. Ela tropeçou bastante; seu tornozelo ficava preso em algas, em pedras e, para seu horror, em uma cobra listrada de prata e cor-de-rosa. Após alguns quilômetros, o Espadas ordenou que ela saísse da água e andasse só de meias. Ele misturava a terra atrás dela, apagando as pegadas. De vez em quando, o Espadas lambia o dedo e o segurava no ar ou parava e inclinava a cabeça, ouvindo algo inaudível para os ouvidos dela. Uma das vezes, fez Dinah subir em uma árvore só para descer do outro lado. Ela protestou gritando, até que o Espadas desembainhou sua espada. Ela resmungou durante toda a subida e toda a descida enquanto Morte se divertia, observando-a.

Muitas vezes, Dinah começava a falar e ele a mandava ficar quieta e, certa vez, sem aviso, o Espadas a empurrou para um arbusto, deitando-se por cima dela, seguido por vários galhos e folhas. Dinah deu um grito e o empurrou com toda a força, temendo que ele quisesse corrompê-la de um jeito que só havia lido nos livros, mas as mãos dele cobriram sua boca. Dinah lutou até ver o brilho vermelho do falcão rastreador acima deles, dançando para dentro e para fora das árvores. Ela ficou quieta, apesar de ter certeza de que o falcão podia ouvir as batidas barulhentas de seu coração. Depois de um tempo, seguiram pelas árvores branquicentas de novo, até ficar escuro e a floresta se tornar negra. A jovem sentiu como se estivesse andando entre fantasmas, cada um coberto com um tecido de linho branco. O Espadas parou de repente e colocou a orelha contra o chão. Depois de escutar por alguns segundos, ele se levantou rapidamente.

– Vamos acampar aqui esta noite. Este é um bom lugar. – Ele amarrou sua égua, Cyndy, a uma árvore e olhou para Dinah para ver se ela faria o mesmo.

Ela riu de sua ideia.

– Tente amarrá-lo. Não vai viver muito, mas mais um motivo para tentar.

Morte parou em um monte de musgo a alguns metros e começou a comer toda a grama que estava ao seu alcance. O Espadas começou a coletar galhos e colocá-los em uma pilha. Dinah percebeu tarde demais o que ele estava fazendo. Ela jogou terra na pilha com o pé.

– Pare! O que está fazendo? Não faça uma fogueira, eles vão ver!

O Espadas riu enquanto abria um saquinho de musselina.

– Já viu o pó noturno?

Dinah balançou a cabeça. O Espadas acendeu o fogo com uma pedra, mas, assim que viu o primeiro sinal de chama, jogou um pouco do pó na chama crescente.

– É, o truque é fazer isso quando a chama está bem pequena. Não funciona em uma fogueira enorme ou em queimada.

Dinah observou maravilhada a chama crescer, mas, em vez de ser laranja, era preta, e emitia uma fumaça clara que desaparecia no céu. Mesmo assim, as chamas eram quentes, e ela aproveitou a primeira sensação de calor que sentia no rosto em muito tempo. O Espadas assou dois coelhos que havia caçado naquele dia e, generosamente, deu um a Dinah, que o devorou, saboreando o suco melado que ficou em seu rosto. Jogou o resto de seu coelho para Morte, que quebrou os ossos com os dentes.

O Espadas observou, enojado.

– Anormal, isso, sim.

Dinah deu de ombros. Quando o Espadas terminou de comer, derramou uma mínima porção de pó noturno em seu cachimbo e se encostou em uma pedra. Aquela tranquilidade enfureceu Dinah, e ela não podia mais conter sua raiva.

– Wardley. O que aconteceu com ele? E Harris? Me diga agora ou vou fugir com Morte, eu juro.

O Espadas encheu a boca de fumaça e limpou a garganta.

– Então *cê* quer saber sobre o reino que deixou para trás?

– Sim.

Ele soltou uma nuvem de fumaça preta com a boca e baforou na cara de Dinah.

– Tudo bem. Qual é sua pergunta?

Dinah pensou bastante e demorou para perguntar.

– Eu gostaria de saber toda e qualquer informação referente a Wardley Ghane e os motivos por trás dos danos e perigos pelos quais ele pode ter passado.

O Espadas fez uma careta com seu rosto desenhado.

– Isso parece mais de uma pergunta.

Dinah sorriu irônica.

– Não acho; acho que parece uma pergunta válida. Afinal, só estou perguntando sobre Wardley.

– Cê tá perguntando um pouco mais, e acho que sabe disso.

– Acho que isso é a sua opinião.

Dinah continuou sorrindo. Ela observava seus traços mudarem através da chama cor de ônix. Não sabia muito sobre os Espadas – de todas as Cartas, eles eram os mais misteriosos –, mas o que sabia era que adoravam contar uma boa história para seus camaradas, histórias sangrentas de guerra, membros perdidos e febre de batalha, histórias que fariam qualquer cidadão do País das Maravilhas sofrer. Dinah estava jogando uma isca para ele – ela podia ver pelo jeito que sua boca se contorcia e o ranger dos dentes finos. Sir Gorrann queria contar-lhe tudo. Dinah começou a pressioná-lo.

– Essa é minha pergunta. Não tentei fugir hoje, apesar de nós dois sabermos que eu poderia ganhar na corrida a cavalo tranquilamente.

– Não teria conseguido chegar até seu cavalo – respondeu Sir Gorrann com absoluta certeza. – Jogo uma faca nas suas costas mais rápido do que monta nele. Não sou tão habilidoso com um punhal, como os Ouros, mas sei jogar uma faca. Posso ver com facilidade que sua maior fraqueza, Princesa, é ser impulsiva, assim como seu pai. Posso te ensinar a ser melhor. Seu treinamento começará amanhã.

Dinah detestava o jeito casual como ele a insultava e como presumia conhecê-la como Wardley ou Harris conheciam. Se fosse antes, poderia tê-lo enviado para as Torres Negras por tal insolência. Imediatamente, ela se arrependeu daquele pensamento; só pensar nas Torres Negras já fez seu estômago se agitar e se revolver com o coelho que tinha comido. Ela nunca mandaria ninguém para lá, não depois de ver Faina Baker, não depois de sentir as raízes pretas entrarem em

suas narinas. Ela estremeceu.

– Tem alguma coisa te incomodando, Princesa?

Dinah ergueu a cabeça de forma arrogante, fingindo uma confiança que não sentia.

– Não. Responda à minha pergunta, Espadas.

O Espadas se levantou na noite clara, as chamas pretas do fogo beijavam a ponta de suas botas. Um rastro fino de fumaça saía circulando da lateral de sua boca, e ele começou.

– Bom, se quer saber, Wardley Ghane está vivo.

Dinah sentiu uma onda de alívio; era a melhor sensação que já tivera. O peso enorme de preocupação saiu de suas costas, e ela desejava que esse sentimento de clareza e descanso permanecesse para sempre intacto. Um soluço escapou de sua garganta.

Sir Gorrann a observou de perto.

– Vou te contar o que sei, o que vi aquele dia em que fugiu, o qual os cidadãos do País das Maravilhas agora chamam de “A Manhã da Tristeza”. Todas as Cartas foram acordadas cedo por seus comandantes com a surpreendente notícia de que a Princesa havia assassinado o próprio irmão, os cuidadores e duas Cartas de Copas a sangue-frio.

Duas mentiras e uma única verdade, Dinah pensou. *Realmente matei duas Cartas de Copas. Enfie uma faca no coração de uma por trás, como uma covarde, e bati na cabeça da outra. Wardley matou outra no estábulo. Foram três Cartas.* O sangue em sua mão estava aumentando.

O Espadas continuou, sem perceber sua culpa rodopiante.

– Quando o sol nasceu, fomos instruídos a colocar nossa armadura e marchar para encontrar a Princesa em frente aos portões e capturá-la, sim, *cê*, viva ou morta. – Ele tossiu. – Nosso comandante, o grande Espadas Starey Belft, deixou claro que a morte era totalmente aceitável, devido à natureza de seus crimes. – O Espadas limpou a garganta. – Eu sabia que era mentira. A cicatriz em minha bochecha dizia o contrário. A paixão com que *cê* tinha protegido aquele brinquedo bobo de madeira para seu irmão me mostrou que nunca conseguiria fazer uma coisa dessas. Nos segundos em que vestia a armadura, me perguntei o que *cê* tinha a ganhar pelo indescritível crime de fratricídio. Seu irmão nunca foi uma ameaça à sua coroa; era para *cê* ser coroada, ou era o que eu achava. Não, a única pessoa que ganharia com o assassinato de seu irmão era seu pai. Isso tudo passou pela minha cabeça, sabe, conforme eu fechava minha armadura e saía para vigiar os portões. Nenhum dos outros homens parecia questionar isso... Estavam sedentos por conflito, batalha, por alguma coisa. Os Espadas estão dormentes há muito tempo. Marchamos para fora assumindo posição nos portões, enquanto a maior parte do nosso batalhão seguia as Cartas de Copas pelo castelo. Nós esperamos. O exército de Cartas voltou e começou a procurar nos estábulos. Então

eu te vi, a visão mais aterrorizadora que já presenciei.

Dinah inclinou a cabeça, confusa. A fogueira noturna refletia o rosto do Espadas, fazendo seus olhos brilharem como moedas no escuro.

– O quê?

– É! Uma visão aterrorizante. Eu te vi, Vossa Alteza, agarrada a esse seu corcel preto gigante, saindo do labirinto do estábulo como se o próprio diabo te perseguisse. Vi a madeira explodindo do corpo de seu corcel, uma espada na sua mão, sua outra mão agarrada à crina dele, a capa voando atrás. Eu vi com horror *cê* passar por homens desarmados sem piscar, dominada pela vingança. Não consegui começar a pensar no que estava fazendo, mas *cê* estava aterrorizadora. Conforme corria para o portão, outros dois Hornhooves foram atrás, matando e atropelando qualquer homem que ficasse na frente. Sabia que eles mataram pelo menos dez homens?

Mais sangue, pensou Dinah, *mais morte por minha causa*. O Espadas deu uma risada fraca. Ecoou pela paisagem rochosa ao redor deles.

– Os cidadãos do País das Maravilhas ainda estão falando disso, eles te chamam de “Rainha Vermelha”.

– Mas não sou a Rainha Vermelha. Essa não sou eu – soltou Dinah. – Eu estava amedrontada. Estava fugindo pela minha vida. Nem entendia totalmente o que estava acontecendo. Wardley me colocou em cima do Morte e o mandou correr para os portões.

– Sim, as pessoas da cidade não sabem disso. Só sabem o que o Rei fala para elas, e é muito pouco. Por causa da Manhã da Tristeza, eles a *odeiam*, mas, mais importante, a *temem*. Para todos no reino, parecia um ataque, uma última represália ao País das Maravilhas depois de matar seu irmão: um ato selvagem, cheio de fúria. Eles acham que *cê* queria matar o máximo de Cartas de Copas possível antes de abandonar o castelo e deixar seu pai velar o único filho.

– Não é verdade. Eu nunca faria... – *Mas você faria*, disse uma voz dentro dela. *Você realmente matou Cartas inocentes. Você podia e o fez*.

O Espadas jogou outro punhado de galhos nas chamas negras da fogueira, o que a aumentou, fazendo fumaça invisível entrar nos olhos de Dinah. Ele continuou.

– *Cê* parecia uma guerreira com sede de sangue aquele dia, Princesa. Vi o medo selvagem em seus olhos quando passou pelos portões de ferro, o olhar de uma criança desesperada para sobreviver. Vi isso muitas vezes em batalhas. Mas não foi o que o reino viu. Acredite em mim, será sua vantagem no futuro.

No futuro? Dinah se levantou do tronco podre em que estava sentada.

– Não entendo o que isso tem a ver com Wardley. Me fale sobre Wardley. – Ela estava ficando irritada.

– Ah, desculpe, vou chegar lá, Vossa Alteza. Porque tudo o que aconteceu com seu garoto do estábulo...

– WARDLEY – interrompeu Dinah. – O nome dele é Wardley.

– Tudo foi resultado de suas ações naquele dia, *cê* saindo do castelo como um urso louco que deixaram à solta. Fiquei tempo o suficiente para ver seu pai e sua pequena cavalaria passarem pelos portões para te perseguir, e não sei se já vi um homem com mais vontade de destruir outro. Ele deseja vingança e nunca vai parar de ter sede por ela.

No passado, esse comentário teria feito com que Dinah se inundasse em lágrimas, mas agora só instigava a raiva borbulhante dentro de si. Não iria mais lamentar a perda de seu pai. Ele havia tirado tudo dela. *Eu deveria tê-lo matado na floresta naquela noite*, ela pensou. *Tive minha chance de vingança e fugi dela.*

– Quando o Rei de Copas voltou da sua caça, estava cego de raiva. Tinha perdido, e todos no País das Maravilhas sabiam disso, principalmente as Cartas. Ele bateu em três vendedores de fruta só porque não saíram da sua frente rápido o suficiente, e há um monte de pessoas da cidade nas quais ele bateu tão violentamente que *cê* mal reconheceria. Também matou um dos Hornhooves brancos, só porque não conseguiu te alcançar. – O Espadas passou os dedos pelo cinto em que prendia sua faca enquanto se levantava, e Dinah, de repente, se sentiu um pouco insegura quando a raiva em seu tom aumentou.

– Wardley – ela sussurrou.

– Er, certo. Conheço uma Carta de Copas que faz guarda na enfermaria do palácio. Disse que, depois de o Rei matar o Hornhoov, abriu a sala onde estavam cuidando do seu garoto do estábulo e exigiu seu sangue também. Estava enlouquecido, revirando carrinhos e camas, batendo nas parteiras e cuidadores com suas manoplas. O médico argumentou que o sangue de Wardley já havia sido tirado e que ele tinha um corte bem real para provar sua inocência. O Rei passou por ele, com a espada na mão... – Dinah achou que fosse desmaiar sob as estrelas, espiraladas em um padrão circular e brilhante. – Por algum milagre, o Rei se deteve assim que viu que o sangue espalhado na mesa e caindo no chão pertencia a Wardley. Ele estava inconsciente, sua ferida, aberta e profunda.

Dinah estremeceu, lembrando-se da sensação de sua espada separando o músculo dele, batendo no osso, a cara de dor do garoto que ela amava.

– Foi encontrado caído no estábulo. A história de Wardley é que ele se separara das Cartas de Copas quando entraram no castelo para tentar impedi-la de fugir... Ele pensou que *cê* iria procurar seu cavalo manco no estábulo e queria te pegar no flagra, ter a própria vingança por matar seu irmão, um garoto com o qual ele tinha crescido junto.

Ouvii um som no escuro e, quando acordou, havia um buraco sangrando no seu braço e um galo enorme na cabeça.

Dinah fez uma prece em silêncio agradecendo por Wardley ser tão esperto, tão criativo. Até nas Torres Negras ele fora astuto e rápido.

– O Rei queria a cabeça dele de qualquer forma, mas foi convencido do contrário pelo conselho, por Cheshire, na verdade, aquela cobra truculenta que é. O assassinato de uma Carta jovem e bonita, uma que era querida e cheia de potencial para se tornar o Valete de Copas, com certeza geraria desconfiança na corte e no reino. No fim, foi uma ação política. – O Espadas balançou a cabeça com uma risada cavernosa. – Claro que sua reputação de ser um dos lutadores mais habilidosos das Cartas desapareceu a partir daquele momento, e agora é conhecido por ter sido vencido pela Princesa no estábulo. Seu pai o culpa pela sua fuga, e ele se tornou alvo de piadas. É chamado de “Wardley, o Fraco”, apesar de ser sempre por trás, já que um homem sábio não diria isso quando ele tem uma espada na mão. Ele ainda usa o broche de Carta, mas trabalha mais em reconstruir o estábulo que *cê* arruinou de forma tão descuidada.

Dinah tentava controlar a respiração, mas o choro que estava segurando explodiu e ela enterrou o rosto nas mãos. Wardley, que já fora a estrela mais brilhante do País das Maravilhas, o futuro Valete de Copas, seria zombado pelo resto da vida, tudo porque a salvara. Por causa do choro, seu corpo se chacoalhava diante do Espadas, que parecia assustado com a repentina onda de emoção.

Dinah estava com vergonha.

– Desculpe. Foi minha culpa... Wardley... ele me salvou. Me colocou no Morte e abriu os portões do estábulo. Me deu a espada dele e me disse que a fincasse nele. Eu teria ficado lá e esperado o Rei se não fosse por ele. – Ela limpou o nariz na ponta de sua manga.

O lábio do Espadas se curvou em um sorriso.

– Foi o que pensei. *Cê* não consegue me derrubar como guerreira. Me derruba como uma princesa assustada, tirada de seu reino, negligenciada por seu pai, uma garota frágil... que viu seu irmão ser assassinado e sua meia-irmã ser coroada Rainha.

Dinah ergueu a cabeça.

– Vittiore?

– Você deve ter imaginado que ela tomaria seu lugar.

Sim, Dinah tinha imaginado isso, mas era sempre um pesadelo, seu pior medo havia se tornado realidade, algo que ela tinha se convencido de que nunca aconteceria. Vittiore andando pelo Grande Salão enquanto a corte fazia reverência a ela. Seus cachos compridos dourados pressionados pela linda coroa retorcida que Charles fizera sendo colocada em sua cabeça. *Meu pai tirou tudo de mim*. Em sua mente, ela via Vittiore, sentada no trono de coração ao lado de seu

pai, governando o País das Maravilhas, quando ela não era nada mais que um pedaço de fruta podre das vilas da montanha. Dinah soltou um grito raivoso e repentino e chutou o tronco podre abaixo dela em direção ao fogo.

– Aquela vadia nunca vai ser a verdadeira Rainha. Ela é um peão do jogo de meu pai, uma ferramenta que ele usou para me deixar de fora. Sabia que meu irmão seria assassinado e não fez nada.

Dinah viu o esboço de um sorriso passar pelo rosto sombrio do Espadas.

– De fato. Mas é amada pelo povo. Eles são gratos por ela ter sobrevivido à violência assassina da Rainha Rebelde. O que as pessoas dizem é que *cê* tentou matar a doce Vittiore, mas não conseguiu entrar em seu quarto.

– Isso é MENTIRA – sussurrou Dinah com vigor. – Nunca cheguei perto do quarto dela naquela noite. Só fui ao quarto de Charles, quando vi meu irmão... – Sua voz sumiu em uma mistura de raiva e mágoa. – Vi seu corpo quebrado deitado em uma pedra. As estrelas estavam tão escuras quanto seu sangue naquela noite, e seus olhos olhavam para o nada.

O Espadas ficou quieto e, por alguns minutos, não houve nenhum barulho a não ser o crepitar da fogueira noturna e os sons da fumaça saindo das narinas de Morte.

Enfim, o Espadas limpou a garganta.

– Não há o que fazer agora. Vittiore é Rainha e senta ao lado de seu pai. Há uma inquietação no País das Maravilhas porque o Rei subiu os impostos para justificar o aumento do número de Cartas e de armas. Muitas pessoas no reino estão passando fome, enquanto ele reforça o exército. Quando partimos, estavam construindo torres ao redor do perímetro dos muros de ferro.

Dinah enxugou as lágrimas e se esforçou para manter a voz controlada.

– Os Portões de Ferro? Nós os quebramos? – Ela se lembrava vagamente das laterais dos portões segurando o corpo de Morte antes de se abrirem.

O Espadas riu.

– Bom, o Rei não acha que os Portões de Ferro são suficientes para manter sua filha traidora presa, então está reforçando-os para se certificar de que mantenha *cê* e todo mundo fora.

Dinah deu um sorriso torto.

– Para me manter fora? Que ideia. Não tenho intenção de voltar para lá. Vão me matar no instante em que eu aparecer na propriedade do País das Maravilhas! Nunca mais vou ver o palácio de novo. – *Ou Wardley, ela pensou com tristeza. Ou Harris. Ou Emily. Ou o lindo coração de vidro que fica do lado de fora do quarto de minha mãe, aquele*

que torna o mundo vermelho.

O Espadas deu uma última tragada no cachimbo antes de jogar seu conteúdo no fogo.

– Talvez. Mas acho que o Rei teme algo mais do que o retorno da Princesa.

– Os Yurkei?

– Esse é o fim das suas respostas esta noite.

– Não há nada mais para me contar sobre Wardley?

– Não. O ombro dele ainda está se recuperando. Ele passa os dias no estábulo, limpando o estrume que é jogado na cara dele pelos órfãos.

Mas está vivo, pensou Dinah, ele está vivo. Ela esfregou as mãos distraidamente. Mais sangue em minhas mãos, pensou, mais consequências de minhas ações. E Harris, e Emily... O que aconteceu com eles? Será que meu pai cortou a garganta deles com tanta facilidade como fez com Lucy e Quintrell?

Ela começou a aumentar o tom da voz quando o Espadas se virou um pouco, as orelhas dele apontavam para o céu.

– FIQUE QUIETA! – ele sussurrou.

Dinah congelou onde estava. Sem fazer nenhum barulho, o Espadas correu até suas coisas e pegou um arco e flecha. O coração dela batia em seus ouvidos. O que ele estava fazendo? Talvez trabalhasse para seu pai. Talvez fosse um assassino enviado para matá-la discretamente e enterrá-la na floresta, onde seu corpo iria simplesmente se desintegrar na terra. Ela olhou em volta, analisando as pedras cobertas por musgo e as árvores brancas finas que rodeavam a fogueira noturna. *Há lugares piores para descansar, ela pensou. Pelo menos estou sob as estrelas brilhantes... Se ele quisesse me matar, ela raciocinou, teria me matado enquanto eu dormia. Poderia ter cortado minha garganta com aquela faca antes de eu ao menos entender o que estava acontecendo.*

O Espadas ergueu o arco, seus braços musculosos tremiam enquanto mirava em alguma coisa que Dinah não conseguia ver no céu escuro. Finalmente, ele expirou e soltou a flecha. Dinah ouviu um *quack* seguido do barulho de algo caindo nas folhas secas. O Espadas se lançou na floresta. Dinah ficou parada. *Agora, pensou, agora seria a hora certa de fugir com Morte; suas pernas tremiam. Vail!, disse a si mesma, mas suas pernas não se mexeram. Ela ficou parada. Havia alguma coisa nesse Espadas, raciocinou, alguma coisa diferente. Além disso, a comida estava quase no fim. E ele tinha razão – ela não tinha um plano. Derrotada, admitiu para si mesma que estava perambulando sem objetivo pela floresta, e era um milagre ter sobrevivido. Agora tinha ajuda ou pelo menos alguém que queria algo dela o que, em alguns casos, era tão bom quanto uma ajuda. Não era um amigo, mas ela não sentia o perigo irradiar dele. Ela parou, pensando na raiva na cara de seu pai quando estava escondida na*

sombra das árvores.

– Mas você não pode confiar nisso – sussurrou para si mesma. – Não pode confiar nesse sentimento. – Ela nunca sonharia que seu pai iria tentar matá-la ou jogar seu irmão de uma janela. Os sentimentos não significavam nada. *Em quem confiar, se sua própria família se virou contra você?*

Rapidamente voltou a se sentar no tronco apodrecido, o que causou um barulho debaixo dela. *O dia em que eu descobrir o que ele quer, pensou, será o dia em que vou deixá-lo para trás comendo poeira.* Houve um farfalhar entre as árvores, e algo caiu e quebrou com um barulho doentio aos seus pés. Era o falcão, o falcão rastreador; suas penas lindas de um vermelho escuro estavam molhadas com sangue preto, e uma flecha atravessava seu pescoço. Dinah olhou para o Espadas – e a admiração estava estampada na testa dela.

Ele riu da surpresa dela.

– Frango, Princesa?

Pela primeira vez em semanas, Dinah dormiu bastante e profundamente, sem sonhar com as Cartas de Copas sanguinárias ou qualquer coisa que a fazia despertar com medo. Já era tarde quando ela acordou com um barulho alto. Protegeu os olhos e se sentou. O Espadas estava batendo as espadas e observando como as lâminas corriam uma sobre a outra. Dinah ficou compreensivelmente nervosa com isso.

– Bom dia, Princesa. – O Espadas jogou um pedaço de pão para ela, e Dinah o despedaçou com mordidas ávidas. – *Cê não é muito delicada, não é?*

Ela fez uma careta para ele.

– Agora, levante-se para que eu possa começar a treiná-la. Precisa aprender a lutar, a se defender. Já vi meninas de oito anos empunharem espada melhor que *cê*.

– Duvido muito – respondeu Dinah, limpando as migalhas do rosto. Ela deu um pedacinho de seu pão para Morte, que quase arrancou seus dedos.

– Pelo contrário, fui criado em uma vila onde toda criança sabia como se defender.

Dinah estava curiosa com aquele homem.

– Onde era a sua vila? E o que o faz pensar que as crianças conseguiam se proteger?

O Espadas não respondeu e ficou quieto antes de diminuir rapidamente a distância entre eles. Antes que Dinah conseguisse respirar, ele havia colocado a grande mão em seu braço e a chacoalhado bruscamente.

– Não fale coisas que *cê* não sabe. Se minha filha tivesse sobrevivido, ela ganharia de você em um segundo.

– Me solte! – ela gritou, puxando o braço para se desvencilhar. – Pensei que Espadas não pudessem ter famílias. Sua filha provavelmente nada mais é que seu melhor soldado mirim...

Ela não teve tempo de terminar. O Espadas lhe deu uma rasteira, e Dinah caiu de costas com um baque. Todo o ar saiu de seus pulmões. Ela mal teve tempo de reagir, e a ponta da espada dele já desenhava uma linha em seu pescoço. Ele fez uma reverência a ela.

– Agora nós dois temos cicatrizes.

Dinah se levantou com um salto e voou para cima dele, então os dois caíram no chão. O Espadas enfiou a cara dela na terra com facilidade, depois pisou nela com a bota. Apesar de suas ações terem sido rápidas e rudes, seu tom permaneceu calmo.

– Cê não vai dizer uma palavra sobre minha filha, entendeu? Agora, está pronta para aprender?

Dinah se contorceu debaixo do pé dele, depois gritou.

– Saia de cima de mim. Eu ordeno que retire o pé! Me obedeça! Estou mandando!

A risada rouca do Espadas ecoou pela superfície rochosa ao redor enquanto ele continuava a se equilibrar em cima dela.

– Ah, Princesa. Antes de aprender a lutar, precisa compreender que ninguém no País das Maravilhas se importa com seu destino. Cê não é mais uma pessoa da realeza brincando de espada com o garoto do estábulo. Não é mais uma princesa, ou alguém, na verdade. É miserável, uma andarilha na floresta. Pense nisso. Cê é ela, é aquela garota, a garota que seria Rainha?

Dinah pensou por um momento, seu rosto sangrava na terra. Ele estava certo. Ela não era mais a princesa que adorava observar flocos de neve cor-de-rosa caindo do céu nublado, não mais fazia com que as pessoas ficassem de joelhos em uma sala. Estava ali, no meio do mato. Morrendo de fome, quebrada e sangrando, e havia um Espadas, literalmente, em suas costas. Tudo isso e, mesmo assim, Dinah se sentia mais no controle de seu destino do que nos últimos meses no palácio. Havia uma liberdade em não ter nada a perder.

– Deixe-me levantar. Eu disse para me deixar levantar! – Ela rolou para o lado rapidamente, o que o fez perder o equilíbrio. Então pegou a perna do Espadas e enfiou os dentes em sua panturrilha.

Ele soltou um grito e saiu de cima.

– Você me mordeu! Quem morde outra pessoa?

Dinah conseguiu ficar em pé, cambaleando, com a boca sangrando e coberta de terra, então cuspiu no chão.

– Vamos, seu Espadas nojentto... Me ensine a lutar.

Ele esfregou a barba.

– Ah, essa é a garota que me bateu por causa de um brinquedo, eu sabia que estava aí em algum lugar.

Ele jogou a espada de Wardley para ela, e Dinah tentou pegá-la sem cortar a mão. Essa foi a melhor parte de seu dia. Ela passou o resto daquela manhã se machucando e sendo cortada pela ponta da espada de Sir Gorrann. Cada golpe era desviado e cada movimento de seu corpo foi dissecado em uma tentativa de encontrar suas fraquezas, que acabaram sendo *todas*.

Conforme ele voava em volta dela, sua voz nunca parava de ensinar.

– Qualquer movimento fora de equilíbrio e *cê* pertence ao inimigo. Um bom esgrimista sabe quando seu oponente está desequilibrado e vai usar isso a seu favor.

Dinah tentava manter o equilíbrio perfeito enquanto manevrava a espada, mas nunca dava certo – ela sempre pendia levemente para um lado ou para o outro. O Espadas continuava a derrubá-la no chão com facilidade, mas, depois de algumas vezes, ela passou a se levantar com um pulo, pronta para lutar de novo.

– Isso foi bom. Aprenda a levantar rápido. Voltar para a luta. Não está acostumada a ser derrubada. Precisa aprender a esperar isso, a reagir rapidamente quando é derrubada. Pode fazer a diferença entre vitória e derrota. Todo bom lutador é derrubado uma vez ou outra. Agora, me devolva sua espada. Vamos tentar de novo amanhã para corrigir seu equilíbrio, mas, até lá, *cê* não a merece.

Dinah segurou a espada de Wardley perto de seu peito. *Eu ganhei o direito a essa espada*, pensou. *Não vou desistir tão fácil*. Ela se sentiu forte.

– Venha pegar! – declarou.

Ele foi, e a deixou caída na ponta de uma pedra, sem conseguir respirar, com o nariz sangrando. Assim que a manhã acabou, Sir Gorrann apagou todos os rastros deles no acampamento e então continuaram a adentrar mais nas Montanhas Yurkei. O terreno estava sempre mudando. O chão subia e descia com ladeiras rochosas, como ondas de pedra que cresciam e quebravam nos vales, espirrando suas rochas gigantes pelos lindos vales verdes antes de se formarem de novo. Era uma caminhada fisicamente exaustiva, e Dinah frequentemente olhava com cara de vítima para Morte, mas ele a ignorava. Só uma vez, quando Dinah escorregou em uma pedra e cortou sua canela de cima a baixo, Morte parou e levantou a perna. Dinah subiu exausta em suas costas maciças enquanto Sir Gorrann observava fascinado.

– Obrigada – ela disse para ele, passando a mão em seu pescoço macio antes de ele relinchar para ela.

Adorava o ritmo dos músculos de Morte debaixo dela, o oceano negro que cobria todo o seu corpo. Ele caminhava com facilidade pelos picos cheios de buracos enquanto a égua marrom de Sir

Gorrann, Cyndy, parecia se esforçar cada vez mais. O ar se tornou rarefeito e mais puro, e Dinah apreciava a respiração fria e cortante que clareava sua mente.

Eles pararam para acampar à noite, e Dinah poderia fazer uma pergunta enquanto o Espadas fazia a fogueira noturna. Ela perguntou sobre Harris, e soube que ele estava preso nas Torres Negras. Fazia parte de um grupo de prisioneiros obrigados a trabalho escravo, ajudando a reforçar os Portões de Ferro. Sir Gorrann disse que Harris ficava do lado de fora por algumas horas na maioria dos dias. Confessou que o velho homem estava acabado, exausto e triste. Frequentemente cheio de hematomas e cortes feitos pelas Cartas de Paus. Essa notícia partiu o coração de Dinah, e não houve um dia a partir daí no qual ela não pensou no olhar gentil de Harris e em suas mãos macias. Ele a havia retirado da barriga de sua mãe, amara-a da forma como seu pai deveria tê-la amado, havia lhe ensinado tudo o que ela sabia, e agora estava sofrendo. Era imperdoável, e a raiva fumegante que ela sentiu com relação a seu pai poderia ter queimado toda a Floresta Retorcida. Para sua tristeza, soube que Emily havia sido decapitada em uma cerimônia pública de execução, com base no testemunho de Nanda e Palma, as damas de companhia de Vittiore. O Espadas não falou com ela pelo resto da noite, e Dinah ficou grata por isso. Ela encarava as estrelas do País das Maravilhas, amontoadas em pequenos grupos, e não fez questão de enxugar as lágrimas que escorriam por seu rosto.

Todo dia depois disso, nas semanas seguintes, era a mesma coisa. Ela acordava dolorida, mas descansada. Juntos, eles devoravam um café da manhã rápido de pão e carne antes de o treinamento começar. Depois de alguns dias treinando o equilíbrio, Dinah finalmente recuperou sua espada e, com ela, seu orgulho. Estava cheia de cortes, mas cada um lhe ensinou uma lição dolorosa, que não esqueceria facilmente. A dor consolidava coisas no cérebro como a leitura não era capaz de fazer. Depois de lutar, continuavam seguindo para o leste, caminhando bem devagar e dolorosamente por solos com pedregulhos e campos com pedras espalhadas. As Montanhas Yurkei estavam acima deles agora e, quanto mais longe ficavam da Floresta Retorcida, menos medo ela tinha de que seu pai a encontrasse. O solo rochoso e as rachaduras no chão forneciam mínima proteção quando chegavam perto das raízes das árvores, mas não havia mais ninguém lá. O Espadas os havia tirado do alcance do Rei, como prometera. À noite, Sir Gorrann contava a ela sobre os movimentos políticos e os boatos que corriam no País das Maravilhas; sobre alguns ela sabia; sobre outros, não. Contou histórias sombrias sobre os Espadas, que a entretinham enquanto os ferimentos cicatrizavam. Ele nunca falava do passado, o que deixava Dinah mais curiosa para saber de onde ele

viera e por que estava ali. Quando o pressionava por respostas, ele simplesmente saía de perto, deixando-a em um silêncio desconfortável.

Quando as estrelas apareciam, eles observavam, fascinados, luzes estranhas iluminarem a montanha, mudando de cor, brilhando como uma chama apesar de estarem refletindo um sol invisível. Era lindo, abstrato e assustador ao mesmo tempo. A luz parecia girar em volta de um pico específico. Ela nunca havia visto algo assim. Dinah nunca ousava virar as costas para as luzes, e dormia encarando-as, mas acordava olhando a lateral cinza e plana da montanha de manhã. O Espadas permaneceu esse tempo todo com ela e, com seu treinamento, a jovem estava ficando esguia e forte. Outra semana se passou. Os pensamentos de abandoná-lo foram desaparecendo e, nas noites claras e frias, ela era grata por ter um amigo, se é que podia chamá-lo assim.

Depois da aula matinal, que consistia em acertar repetidamente os alvos que Sir Gorrann marcava com madeira queimada, eles começaram a escalar cedo devido à quantidade de nuvens ameaçadoras vindas do oeste. O tempo mudara nos últimos dias. A primavera alegre e colorida havia se transformado em chuvas torrenciais e quentes e noites nubladas. Nunca tinha imaginado que ficar molhada poderia ser tão horrível, pois ela estava constantemente úmida, encharcada ou se secando...

Enquanto eles circundavam pedras que lembravam granitos gigantes, algumas até deixavam Morte parecendo um anão, Dinah pensou em uma pergunta. O Espadas tinha compartilhado muito pouco de si mesmo, e a curiosidade de Dinah ficava maior a cada dia. Em alguns dias, ela sentia que o conhecia melhor do que ninguém; em outros, estava seguindo nada mais do que uma sombra – indiferente e difícil de se abrir. Hoje havia sido a caminhada mais pesada até ali, e ambos estavam exaustos do zigue-zague rochoso que levava a um penhasco. Em uma reviravolta surpreendente, Morte permitira que Dinah o guiasse com uma rédea de couro que o Espadas lhe dera. *Era uma piada cruel*, pensou Dinah. Se Morte caísse da montanha, ela não conseguiria fazer nada para ajudá-lo. Iria despencar junto a ele, e ambos teriam seus corpos quebrados nas pedras lá embaixo. *Exatamente como meu irmão*. Ainda assim, uma conexão física com Morte ajudou a acalmar ambos enquanto andavam e tentavam não olhar para baixo.

Torcendo para que o desconforto e a distração da caminhada amenizassem a fúria dele, Dinah ousou perguntar:

– Sir Gorrann, o que aconteceu com sua família?

O Espadas se encolheu ao cortar o braço em uma pedra afiada.

– Droga! Olha o que me fez fazer. Estava desesperada para perguntar, não é?

Dinah deu de ombros, fazendo a rédea de couro de Morte balançar com o movimento.

– Talvez. Sim. Responda isso ou me diga aonde estamos indo.

O Espadas respirou fundo e olhou para o céu com seus olhos amêndoa.

– Tudo bem. Vou te contar. Mas não sem alguns parâmetros. O que estou prestes a dizer não pode ser repetido, entendeu? E, assim que eu contar, não é para fazer mais nenhuma pergunta sobre o assunto. Não vou deixar *cê* me chatear com sentimentos que já enterrei há muito tempo.

Dinah assentiu.

– Não vou. Juro.

– Tudo bem, então. – Ele se virou um pouco para olhar para ela, seu cabelo grisalho comprido balançando suavemente com o vento. – Segure-se na pedra, Princesa, ou esse vento vai te cortar inteira.

Dinah se pressionou contra a ardósia atrás dela e continuou a observá-lo em silêncio. O Espadas encarou o horizonte, seus olhos mirando alguma coisa que ela não conseguia ver.

– Eu cresci na Floresta Retorcida, mais para o norte de onde estamos. É por isso que falo um pouco diferente, sabe? Um vilarejo chamado Dianquill. *Cê*, provavelmente, nunca ouviu falar.

Dinah balançou a cabeça, com os olhos fixos na centena de metros que pairava abaixo dela.

– Não estou surpreso. Eram umas cem pessoas, talvez mais. Minha mãe morreu quando eu era apenas uma criança. Meu pai era caçador, e ele providenciava a maior parte da comida para a cidade, junto a outros homens. Era como ele vivia. Dianquill também era conhecida pela colheita de frutas durante toda a primavera. A maior parte da infância passei procurando por frutas raras que trariam a fortuna dos viajantes que passassem por ali.

– Tinha apenas quinze anos quando conheci Amabel. Eu a vi pelo canto dos olhos, essa garotinha ruiva, obviamente com fome e vestida com trapos imundos. Ela era de uma das famílias estranhas que moravam nas profundezas da floresta. A família dela não tinha dinheiro para se mudar para o vilarejo, então Amabel e suas irmãs iam comprar alimentos de vez em quando antes de voltar ao seu isolamento. Naquele dia, dei a ela a fruta Julla que eu tinha na bolsa e ela saiu correndo por entre as árvores. Uma semana depois, ela me encontrou de novo enquanto eu estava caçando. Seu pai havia enlouquecido e morrera, mas, antes de partir, ensinara sua filha a ser a melhor rastreadora do País das Maravilhas. Foi assim que ela me achou, e foi assim que me encontrou toda semana depois daquele dia. Em troca de comida, ela me ensinava a rastrear. Apesar de eu parecer habilidoso para você agora, não sou nada comparado a Amabel. Ela conseguia rastrear um cervo a centenas de quilômetros e, ao mesmo tempo, seguir a trilha de um homem que andara naquela área vinte anos antes.

Sir Gorrann parou para beber um grande gole de seu odre.

– Nós nos casamos quando eu tinha dezenove anos, e vou te falar,

nunca amei outra mulher. Toda manhã, quando abro os olhos, consigo ver seu rosto... Seu cabelo vermelho comprido, seus olhos claros, selvagens como o mar. Com a ajuda de meu pai, construímos uma casa no limite da cidade. Estávamos dentro o bastante da floresta, onde tínhamos um pedaço de terra e paz, mas perto o suficiente do vilarejo para que eu pudesse continuar a sustentar minha família com os ganhos por ser um caçador habilidoso. Caçar ficou bem fácil com as habilidades rastreadoras de Amabel. Tínhamos tudo de que precisávamos, e uma vida doce e fácil. Éramos muito felizes. E, depois de nosso terceiro ano de casados, tivemos nossa filha, Ioney. Parecia com a mãe. Pensei que não pudesse amar alguém mais do que amava Amabel, mas perdi a batalha no dia em que coloquei os olhos em Ioney. Nossa família estava completa, e eu não queria mais nada. Era um jovem feliz. Então eles chegaram. Era um dia úmido de primavera, igual a este...

Sua voz fraquejou. O Espadas parou de se mexer, e Dinah ficou na mesma posição na pedra. As lágrimas estavam se acumulando nos olhos dele, e ela viu suas mãos encharcadas se contraírem com a emoção. Apesar de estar repentinamente fascinada, tentáculos sinuosos de culpa começaram a serpentear dentro de si por ter pedido para ele contar os detalhes.

– Você não precisa...

– SILÊNCIO, GAROTA! – ele soltou. – Você perguntou, e vai ouvir. Tenha paciência. Faz muito tempo que não falo delas.

A boca dele se retorceu de dor ao continuar a história.

– Como estava dizendo, era primavera e as chuvas quentes vinham e iam. Eu estava fora caçando um urso branco, o mesmo tipo que quase arrancou seus braços, quando vi fumaça subindo do vilarejo. Corri de volta, mas era tarde demais. O vilarejo inteiro estava queimando; nenhuma casa ficou ilesa. Muitos dos meus amigos mais íntimos haviam sido massacrados protegendo seus lares. As mulheres e as crianças foram deixadas vivas, mas a maioria dos homens foi cortada em pedaços. Meu pai estava pendurado em uma tora em chamas no lugar que, um dia, foi meu lar na infância. Toda a comida dos aldeões e o gado haviam sido levados, e a casa de todos, queimada para sempre. O vilarejo inteiro dizimado em menos de uma hora por algumas Cartas cruéis.

Dinah estreitou os olhos.

– Cartas? Do Palácio do País das Maravilhas? Não os Yurkei?

– Também pensei que tinham sido os Yurkei no início, mas não. Um amigo que morreu em meus braços me contou que, apesar de os cavaleiros estarem pintados para parecerem Yurkei, eram, sem dúvida, Cartas. A flecha fincada no estômago dele tinha um coração vermelho de vidro na ponta, então não havia dúvida. De fato, foram as Cartas de

Copas, no caminho para lutar contra os Yurkei. Seus estoques haviam acabado, então pegaram o que quiseram do meu vilarejo. Fechei os olhos, montei no meu cavalo e galopei para minha casa, mais rápido do que nunca cavalguei na vida.

Dinah queria parar sua história, colocar a mão na boca dele para não ouvir o horror que estava chegando.

Uma lágrima desceu no rosto dele.

– Cheguei tarde demais, tarde demais para as minhas garotas. As Cartas haviam passado por cima de Amabel enquanto ela estava cuidando do nosso jardim de ervas. Ela estava deitada imóvel no chão, seu cabelo vermelho molhado com o sangue que saía de seu peito. Sua mão agarrada ao arco e flecha, e só consigo imaginar que ela pretendia usá-lo para proteger nossa filha indefesa, minha amada corajosa, o amor da minha vida. Por isso, ela foi atingida bem no coração. Eu queria segurá-la para sempre, seu corpo ainda quente, mas tinha que encontrar minha filha.

Dinah fechou os olhos e se pressionou contra a pedra fria, desesperada para parar de ouvir.

– Ioney estava dentro de casa, apesar de não haver mais casa, só uma pilha queimada de madeira cheia de fumaça e vigas caídas. Só sobraram os ossos da minha menininha, minha Ioney.

Com os olhos embaçados pelas lágrimas, Dinah desviou o olhar de Sir Gorrann para o céu aberto diante deles, uma vista ampla de vales coloridos de tons de mel e pedras cinza. Até agora, ela havia se enganado ao pensar que era a única que sofrera, a única a ter um motivo para ficar triste. Sua infantilidade a condenou, e ela sentiu seu rosto ruborizar de vergonha.

O Espadas continuou.

– Se arrependeu de ter perguntado, não é? Era uma noite escura quando deitei ao lado da minha amada e, mais de uma vez, pressionei o punhal em minha garganta, sentindo que a morte seria um doce alívio para a dor, esperando que pudesse me juntar a Amabel e Ioney, onde quer que elas estivessem. A única coisa que me impediu de enfiá-lo na jugular foi o pensamento de vingança. No dia seguinte, enterrei Amabel e Ioney debaixo da amoreira favorita delas na floresta, um túmulo sem marcas. Plantei as orquídeas preferidas de Amabel formando um círculo em volta do túmulo, cantei a música favorita delas e parti com meu cavalo ao cair da noite. Não levei nada comigo além de comida, um cobertor e toda arma que pude encontrar.

Um sorriso sombrio passou pelo rosto dele, e Dinah temeu que pudesse estar louco.

– Cavalguei tanto que meu cavalo morreu em dois dias. Eu o deixei na floresta, mal parei para enterrá-lo. Dali, persegui as Cartas até o começo das Montanhas Yurkei, onde estavam tentando encontrar o

caminho para Hu-Yuhar, a cidade Yurkei escondida, e falharam miseravelmente. Era um pequeno grupo de apenas seis homens.

Sir Gorrann sorriu e acariciou a barba com uma dedicação perturbadora.

– Eu os segui e matei um a cada noite, para que o resto vivesse com medo antes da chegada iminente da morte. Eles me chamaram de Fantasma Noturno e se enganaram ao achar que eu era um assassino Yurkei. Levei seis dias para matar todos, e apreciei cada morte. Quando, finalmente, minha vingança estava completa, deixei os corpos na Floresta Retorcida, do mesmo jeito que deixaram minha Amabel para morrer. Vivi meses nestas montanhas, quando, um dia, encontrei a vontade de continuar vivendo. Fui até a propriedade do País das Maravilhas. Não havia mais nada para mim no meu vilarejo ou na Floresta Retorcida. Nunca mais queria ver esses lugares de novo; lugares em que, na memória, via minha esposa ou onde havíamos concebido nossa filha.

Sir Gorrann limpou a garganta e piscou antes de continuar a subir. Sua voz ficou firme.

– Fui até o palácio, que me cegou com seu tamanho e riqueza. O País das Maravilhas não era como eu esperava, e fui rapidamente comido vivo pela vida da cidade. Gastei o pouco de dinheiro que havia levado comigo com bebida e mulheres. Fiquei amigo de camaradas desagradáveis e, logo, estava roubando para comer e, então, roubando para viver. Era um bom ladrão quando não estava bebendo, mas, infelizmente, isso era mais frequente. Fui pego invadindo a casa de uma dama da corte enquanto tentava pegar suas joias, tão bêbado que mal conseguia parar em pé. O marido dela era um monstro e me bateu até eu virar uma poça de sangue. Fui levado para as Torres Negras.

Dinah ficou boquiaberta e ele lhe lançou um sorriso grosseiro.

– É, Princesa, cê não é a única que viu o horror das Torres Negras. Felizmente, para mim, eu estava na Torre dos Ladrões, que só tem torturas menores. Nunca fiquei preso nas raízes terríveis.

Dinah fez uma prece silenciosa para que Harris não estivesse preso à árvore. Vê-lo devorado por dentro como Faina Baker com certeza seria suficiente para acabar com ela.

– Fiquei aprisionado nas Torres Negras por dois anos. Foi uma época obscura, mas fiquei amigo de um Paus jovem que me contou tudo o que sabia sobre o País das Maravilhas, as Torres Negras e as Cartas. Fui solto um ano depois e obrigado a me juntar aos Espadas, fato pelo qual serei para sempre grato. Graças aos Espadas, tive comida, um lugar para morar e um objetivo. Certo dia, me tornei o rastreador líder do Rei, e isso me permitiu estar aqui com você agora.

Dinah franziu o cenho enquanto jogava pedrinhas pela montanha íngreme.

– Ainda não entendo por que quis me ajudar. Você é um Espadas, portanto, é leal ao Rei e às Cartas. Traiu seu juramento de um jeito muito sério.

O Espadas escalou para um cume alto a fim de ver ao seu redor e, então, olhou de cima para Dinah, que o observava com uma admiração confusa. Ela se mexeu e foi atrás dele, finalmente se aproximando do topo da montanha.

O Espadas ficou parado diante dela, encarando-a de forma intensa.

– De fato, está correta. Quebrei meu juramento te ajudando. Abandonei as Cartas. Ajudei a pessoa mais procurada do País das Maravilhas. E pelo quê? Com certeza, *cê* imaginou que há alguma coisa que deixei de contar, e está correta. Há, ainda, uma pessoa que devo pegar para vingar a minha família, um homem que tomou tudo que eu tinha de precioso. E, mesmo eu tendo demorado trinta anos, terei minha vingança, porém, não por meios tradicionais. O ataque que matou minha família foi ordenado por um jovem rei, recentemente coroado. Ele queria impressionar seus homens, mostrar sua força bruta, então saiu cavalgando com um grupo de reconhecimento e destruindo tudo no caminho. Ele estava presente no ataque que dizimou meu vilarejo, mas então foi chamado de volta ao País das Maravilhas para negócios da realeza. Não consegui matar esse homem discretamente rastejando na floresta, porque era vigiado noite e dia por lutadores mais habilidosos que eu. Tirar sua vida não é suficiente. Preciso vê-lo cair, ver tudo o que ama ser arrancado dele.

Dinah encarou o Espadas conforme gotas carregadas de chuva encharcavam os dois. Um relâmpago serpenteou pelo céu cinza.

– Por isso te ajudei, e é por isso que subimos essas montanhas eternamente. O homem que *cê* chamava de pai é o homem que ordenou o ataque ao meu vilarejo e, algum dia, nós dois teremos nossa vingança pelas pessoas amadas que ele tirou de nós.

Dinah encarou o Espadas, sem saber o que dizer enquanto sua cabeça se ocupava com pensamentos e emoções poderosas. Um suspiro escapou dos lábios dela conforme enxugava com as costas da mão uma lágrima que vagueava em seu olho, misturando-se com a chuva, que agora estava caindo de lado. Sua dor não era nada comparada à perda dele e, mesmo assim, ela sentia uma pitada de raiva queimá-la por dentro. Os motivos dele finalmente estavam claros, e ela tinha consciência do quanto estava perto de um homem que poderia ter tirado sua vida uma dúzia de vezes antes que ela acordasse.

Finalmente, ela encontrou as palavras que estava procurando e começou a falar.

– Sir Gorrann, sinto muito pela perda da sua família, mas não tenho intenção de voltar ao Palácio do País das Maravilhas nem hoje, nem nunca. Agora se puder, por favor, me dizer aonde está me levando, tenho certeza de que podemos...

– QUIETA, TOLA! – chiou o Espadas, virando a cabeça rapidamente para o oeste. Morte balançou as orelhas. Alguma coisa interrompia o silêncio. O triturar de uma folha, o som de um passo na trilha abaixo deles. – Depressa! – ele gritou. – Alguém está nos seguindo. Precisamos nos apressar. Apresse seu corcel. Precisamos ultrapassar o topo e rápido. Se ele não conseguir acompanhar, o deixamos para trás. Precisamos ir agora.

O medo se agitou em Dinah conforme ela agarrou as rédeas de couro, puxando Morte tão rápido quanto escalava e subia na encosta rochosa.

Subindo e passando por cima das pedras, eles se depararam com um paredão. Uma encosta de pedra cinza subia diante deles, estendendo seus cumes chanfrados em direção ao sol do meio-dia. Centenas de pedrinhas preenchiam o espaço pequeno, como se um gigante tivesse brincado com elas e as deixado em um monte bagunçado.

– Estamos presos! – Dinah reclamou. – Aonde você nos trouxe?

Sir Gorrann estava analisando a parede do abismo de cima a baixo procurando por alguma coisa que Dinah não conseguia enxergar. Havia muitos passos agora, ecoando pelas saliências abaixo, o som de mais de uma dúzia de homens aproximando-se cada vez mais. Primeiro, Dinah estava confusa sobre por que eles estavam demorando para atacar, mas depois ela entendeu. Quem quer que fosse que os estivesse perseguindo, queria encurralá-los. Morte estava com eles. Nenhum homem, Carta ou Yurkei queria ser o primeiro a subir naquela pedra. Sir Gorrann continuou a procurar entre os seixos.

– O que está fazendo?! – Dinah gritou. – Temos que lutar!

Finalmente, Sir Gorrann encontrou o que estava procurando. Dois seixos, perfeitamente alinhados, de forma e tamanho iguais. À primeira vista, não havia nada de extraordinário neles, porém, olhando melhor, sua forma, mancha e cor idênticas eram enervantes. Dinah correu até Sir Gorrann, com a espada desembainhada.

– Guarde isso – ele murmurou. –Você não conseguiria lutar contra o que ameaça nos encurralar.

Depois de rastejar ao redor dos seixos, o Espadas deu um passo grande entre eles. O que deveria ter acabado com uma trombada o fez desaparecer completamente. Dinah piscou muitas vezes antes de conseguir decifrar essa ilusão espantosa – e genial. Os dois seixos eram, na verdade, um só, chanfrados para parecer separados, como duas pedras. Parecia que estavam pressionados um contra o outro, mas suas linhas esculpidas escondiam um buraco alto. Do lado de fora, pareciam dois seixos normais. Entretanto, do ângulo perfeito, era fácil ver a abertura estreita. Dinah sabia que nunca teria conseguido encontrá-la sozinha.

– Por aqui! – gritou o Espadas.

Alguma coisa se agitou em seu estômago quando ela olhou o túnel

preto. Era uma sensação terrível, escondida, um medo que distorcia e confundia. Ela a reconheceu imediatamente – foi assim que se sentiu quando a raiz entrou na boca dela. O desespero era evidente – tinha maldade naquele túnel.

– Não. Não, não consigo entrar aí.

Sir Gorrann pegou o braço dela e praticamente a puxou para dentro.

– Não temos escolha, Princesa. Ande!

Ela abriu a boca para retrucar, mas não tinha escolha. Com a cabeça abaixada, seguiu a égua de Sir Gorrann pela abertura estreita. Morte deu uma bufada alta e bateu no chão furioso, seus cascos enviavam baques de eco pela pedreira. O chão parecia tremer. Enfim, assim que Dinah tirou as mãos das rédeas, ele enfiou a cabeça e entrou no túnel por vontade própria. As laterais de seus flancos esfregavam na parede. Ele se sentia estranho e desconfortável naquele terreno rochoso. Suas orelhas estavam achatadas contra a cabeça, e Dinah podia sentir seus músculos tensos e prontos para correr. Ela sentiu uma onda repentina de pânico.

Sir Gorrann, sua égua, Dinah e Morte enfileirados, movendo-se o mais rápido que conseguiam. Se Morte entrasse em pânico e disparasse, todos seriam pisoteados sob seu peso esmagador. Sir Gorrann olhou para trás, para Morte, com o rosto pálido e deformado. Obviamente, havia chegado à mesma conclusão. Eles pararam, seus corações batendo alto naquele espaço apertado.

– Este é um lugar misterioso – respirou Sir Gorrann. – Vamos nos apressar. Acalme seu monstro.

O túnel talvez tivesse mais quase um quilômetro e, desde que entraram, uma escuridão abrangente os cobria como um cobertor pesado. Acima de sua cabeça, Dinah podia ouvir um rastejar de raízes, um chiado sussurrado e o som de milhares de perninhas. Alguma coisa gotejou em sua face, alguma coisa quente e com cheiro de sangue. Sua mão passou por alguma coisa molhada e borrachuda e ela pulou em direção à égua com um gritinho. Morte estava ficando cada vez mais agitado, e Dinah se esforçou para permanecer calma quando uma gavinha molhada acariciava sua bochecha na escuridão. Algo estava rastejando em seu cabelo, algo que fazia sons agudos com uma boca afiada. Passou por sua testa e pulou no muro. As paredes em volta deles estavam vivas, erguendo a voz em um refrão chiado. *Maldade, maldade, maldade*. Sir Gorrann se encostou contra a parede para deixar Cyndy passar, e Dinah sentiu a mão dele se fechar em volta de seu punho, grata pelo calor de seus dedos calosos. Algo úmido e comprido circulou pelo punho deles e depois escapuliu pelo túnel.

– Não corra. Não corra. – Ele não parava de repetir o mantra, convencendo a si mesmo mais do que a Dinah.

Dinah não precisava de um lembrete. Por mais terrível que fosse o

túnel – e era o lugar mais abominável com que ela podia sonhar, um lugar de pesadelo –, não havia nada pior do que ser esmagada viva e deixada para morrer naquele lugar, para ter seu corpo consumido lentamente por quaisquer demônios que vivessem naquele corredor sombrio. Ela não iria correr. Se corresse, Morte correria, e todos morreriam. O passo dela se manteve estável, e sua mão apertou a de Sir Gorrann, dando-lhe força. Ela o acalmaria. Eles ficaram em silêncio, com medo de que suas vozes causassem um desmoronamento ou, pior, deixassem as criaturas invisíveis agressivas. Um medo selvagem do desconhecido pressionou o cérebro de Dinah, e ela se viu lembrando-se de cada coisa sombria pela qual passara. Viu mortes, corpos, o Rei. Charles com minhocas rastejando para fora de seus olhos. Vittiore usando sua coroa prateada. O fazendeiro morto, a flecha em suas costas ensanguentadas.

Ela tropeçou uma, duas vezes... de novo. Sir Gorrann também estava com dificuldade, murmurando coisas violentas para si mesmo quando batia na parede e tropeçava. Uma coisa pesada e escorregadia havia parado em seu ombro, e ele se esforçava para tirá-la de lá. Dinah continuou andando. Não conseguia ajudá-lo. Sua esperança se esvaíra. A respiração que saía das narinas de Morte estava queimando o cotovelo dela, sua mandíbula pressionada nas costas dela. Ele estava empurrando, empurrando, mais rápido agora. *Vamos morrer aqui*, ela pensou. Outro pensamento lhe ocorreu – talvez já estivessem mortos. Talvez aquele túnel fosse a morte, com toda a sua medonha finalidade.

Ela não conseguia se lembrar de quem era. Como chegara ali mesmo? Alguma coisa estava passando por sua boca. *Poderia abri-la também*, ela pensou. *O que faria de mal?* Então, viram uma luz. Uma luz quente apareceu no fim do túnel, um ponto rosado nebuloso, quente, bem-vindo e seguro. Pulsava pela escuridão. Cyndy correu em direção a ele e Sir Gorrann a seguiu, esquecendo-se de toda a instrução anterior, desesperado demais para se ver livre daquele inferno subterrâneo. Mas Dinah não correu. Manteve o passo estável, e Morte não correu. Coisas pegajosas e terríveis se soltavam de seu cabelo e seus punhos. Alguma coisa desceu rastejando em sua perna de volta à escuridão. A luz brilhava no escuro. Ela surgiu no meio daquele rosado glorioso e caiu de joelhos ao lado de Sir Gorrann. Ele a empurrou para o lado logo antes de o corpo gigantesco de Morte desabar bem onde ela estava ajoelhada.

Ficaram deitados no chão, arfando, inspirando profundamente o ar doce e delicioso, muito felizes por estarem fora do túnel. Minutos se passaram. Não havia nada mais doce do que estar vivo. Morte relinchou feliz ao lado dela, rolando no tapete macio de flores para apagar o fedor do túnel. Quando ela finalmente se sentiu equilibrada de novo, colocou as mãos no chão. Flores roxas, a mesma cor que

Cheshire usava tão frequentemente, abriam-se e fechavam-se diante de seus olhos, emanando raios individuais de luz clara. Com cada pulso da pétala, uma minúscula gavinha vermelha saía, uma luz rosa na ponta do estame. Era extraordinário e estranho ao mesmo tempo, e os olhos dela seguiram pelo chão até verem uma flor que levava a uma porção de flores, e a porção de flores levava a um campo. Eles estavam em um vale cheio de flores roxas e cor-de-rosa que piscavam emanando luz e – ela manteve a mão na ponta da flor. *Sim. Calor.*

As flores emanavam calor quando se abriam, o que explicava o ar paradisíaco que fluía por aquele campo. A grama era de um verde brilhante e parecia mais um travesseiro macio do que o solo de uma floresta. Dinah sentiu o desejo irresistível de tirar as botas e correr rindo por entre as flores. Um estado que poderia somente ser chamado de felicidade histórica. Ela estava bêbada daquilo.

– Meus deuses – Dinah ouviu Sir Gorrann murmurar, e se levantou.

O Espadas manteve a mão em seu braço e, com um toque gentil, ergueu sua cabeça. Ambos olharam maravilhados para... os *cogumelos*. Milhares de cogumelos enormes em espiral preenchiam o campo. Eram enormes, tão altos quanto as árvores da maioria dos lugares. Suas hastes eram mais largas que Dinah, troncos brancos que culminavam em uma explosão revolta e densa de cor, o horizonte como um guarda-sol. Eles explodiam do chão, com cores e tipos variados, dando o efeito genérico de um sonho fantástico. Dinah rodopiou. O vale era comprido e profundo, uma mistura de cor e formas curvas fantásticas, cada cogumelo apontando, orgulhoso, para o céu.

Dinah piscou. De repente, não tinha certeza do quanto ficara encarando os cogumelos. Estava ali havia uma hora ou um minuto? Olhou para Sir Gorrann. O Espadas estava enraizado no mesmo lugar de antes, boquiaberto. Dinah saiu do transe e começou a andar em direção a um cogumelo. Seu chapéu era de um amarelo brilhante com redemoinhos de laranja e vermelho fluorescentes, como se alguém tivesse passado o pincel molhado no topo dele. Debaixo do chapéu, uma luz branca quente pulsava de suas lâminas. Elas pareciam se contrair com cada explosão de luz, como se estivessem respirando. O cogumelo era completamente hipnotizante, talvez a coisa mais atraente que ela já vira. Parecia chamá-la. Dinah esticou o braço para tocar a haste.

– Não. – A voz profunda quebrou o transe de Dinah, e sua mão parou. O Espadas foi até ela. – Não toque neles. Podem ser venenosos, não sabemos. Por outro lado...

– Quero comê-los – sussurrou Dinah, com água na boca só de pensar.

Sir Gorrann coçou a barba, sua mão tremia de desejo.

– Também quero, o que é exatamente o motivo para não o fazermos. Vamos continuar nosso caminho.

Dinah queria ficar ali para sempre, mas simplesmente assentiu. Seus olhos absorviam cada haste, cada centímetro dos cogumelos. Juntos, andaram em silêncio pelo campo. Os cogumelos se estendiam em todas as direções, parecendo nunca acabar. Dinah observava fascinada conforme passavam por um cogumelo listrado de branco e rosa com haste preta e lâminas amarelas, um cogumelo azul brilhante da cor e da profundidade do céu e um cogumelo roxo-escuro com uma haste coberta por milhares de minúsculos cogumelos da mesma cor. A luz no vale desaparecia em um brilho tranquilizador. Era algo de outro mundo, a coisa mais extraordinária que Dinah já vira, exatamente o oposto do túnel escuro de onde emergiram. Sir Gorrann não falava, mas tinha a espada na mão por algum motivo que Dinah não compreendia completamente. Morte andava atrás deles, comendo tudo o que via. Não tinha como Dinah impedi-lo naquele vale cheio de comida, e ela o observava com inveja enquanto ele engolia um cogumelo branco que parecia ser feito de gelo. Os passos dela pousavam silenciosos no gramado macio. Conforme passavam, gavinhas enroladas saíam do chão, grossas como o braço de um homem. Elas se balançavam levemente quando o pé dela tocava o chão ao seu lado, como se estivessem acordando de um estado adormecido.

Eu podia ficar aqui para sempre, pensou Dinah. Podia deitar debaixo dos cogumelos e simplesmente observar suas cores pulsarem com essa... vida arrebatadora. Dinah deixou seus olhos pairarem em um cogumelo cor-de-rosa, seu fúcia brilhante era da mesma cor da parte interna da fruta Julla. Estrelinhas brilhantes pontilhavam seu chapéu.

– Oh – respirou Dinah, maravilhada com a beleza de tudo.

Ela estava prestes a tocar o cogumelo. Um grito esquisito ecoou pelo vale, um som muito estranho naquele paraíso tranquilo de luz e calor. Parecia um grou. O grito foi seguido por outro, então ela ouviu um *whump*. Conhecia aquele som. Seu rosto se distorceu com terror enquanto ela se virou. A primeira flecha derrubou o Espadas. Ele voou para trás e caiu na grama com uma flecha branca trêmula fincada em seu peito. Mais duas flechas caíram dos dois lados dele. O vale ficou mais claro conforme todos os cogumelos de repente emanaram uma luz branca que cegava. Uma segunda flecha caiu logo depois dos pés dela, outra à sua frente. Ela piscou confusa.

Acorde! Gritou para si mesma. *Estão sendo atacados!* Seus pensamentos finalmente se conectaram e, então, começou a correr como louca, com uma chuva de flechas caindo ao seu redor. Dinah mergulhou por entre os cogumelos, abaixando-se e desviando quando

as flechas passavam por seu rosto.

– Morte! – ela gritou. – Morte! Morte!

De repente, ele estava em cima dela, sua pelagem preta estremecendo de animação. Ele mal ficou parado tempo suficiente para ela pisar em sua perna e se jogar em seu pescoço antes de saírem voando, seus músculos batendo como trovão debaixo dela. Lançavam-se por entre os cogumelos, a cor do arco-íris enevoada passava por eles. Dinah observou com medo quando uma fila de guerreiros com penas apareceu diante deles. Eram centenas, cada um segurando arco e flechas, cada um mirando nela e em Morte. *Os Yurkei*. Morte virou para a esquerda, mas eles também estavam lá, e para a direita, emergindo dos cogumelos como fantasmas na escuridão. *Eles estavam ali o tempo todo?* Morte relinchou e andou para trás. Tinha alguma coisa errada com ele. Estavam cambaleando, pulando, caindo. Os guerreiros se moviam lentamente em sua direção. Dinah e Morte estavam cercados por todos os lados.

Morte começou a se empinar, e Dinah se agarrou ao seu pescoço para não cair. Quando ele desceu, ela o cutucou para seguir adiante. Se não havia passagem livre para fugir dos Yurkei, ela passaria por cima deles. Morte iria esmagá-los com seus cascos, mesmo agindo estranho. Dinah desembainhou sua espada.

– DINAH, PARE! – a voz a reprovou pelo vale, forte e profunda.

A luz dos cogumelos diminuiu com o som. Ela virou a cabeça surpresa. Era a primeira vez que Sir Gorrann dizia seu nome. Ele estava parado distantemente, parecendo bem vivo no meio de milhares de guerreiros Yurkei que o cercavam, com as flechas prontas, todas apontando para ela e para ele. O sangue pingava de seu ombro, mas a ferida não parecia horrível. Não havia sinal de ferimento no peito. *Armadura*, ela pensou. *Ele ainda está com armadura. Graças aos deuses*. A batida selvagem de seu coração estremeceu seu corpo quando Morte rodou e se virou de novo.

Sir Gorrann ergueu a voz.

– Dinah, não lute! Vão te matar com centenas de flechadas antes de chegar até eles. Vamos nos render. Abaixei sua espada. – O Espadas pegou sua arma e a deixou no chão antes de erguer os braços acima da cabeça.

Houve uma agitação na multidão, e os olhos de Dinah se arregalaram quando um Yurkei repartiu todos como se fossem o mar. Os cogumelos começaram a sussurrar com luz e barulho. Todos os guerreiros estenderam os braços e pressionaram a base de suas palmas das mãos juntas, polegares grudados, dedos separados. Como asas. Dinah ouviu um estrondo familiar, e seu estômago se contorceu.

Um Hornhoov marrom-claro emergiu da penumbra e, montado nele, estava um homem assustador. Seu cabelo era branco como a neve,

seguro por uma faixa; seus cabelos abaixo dos ombros. Listras de tinta branca cobriam seu corpo musculoso e muito bronzeado, seus olhos azuis radiantes eram visíveis a longa distância. Em sua cabeça havia um cocar de penas brancas e azuis que circulavam a coroa antes de descer em cascata pelas suas costas. O resto dos Yurkei o observava com total atenção, suas mãos ainda estendidas diante de si mesmos. Ele assentiu o mais discretamente possível e os braços deles voltaram à posição original – mirando flechas nela e em Morte. Ele estava quase em cima dela agora; Dinah tinha certeza de seu nome: Mundoo, o Chefe dos Yurkei.

Um arrepio de medo passou por ela quando se lembrou de todas as histórias horríveis que ouvira sobre esse guerreiro chefe. Ele levantou a mão para ela, com a voz regular e tranquila.

– Mulher. Você passou pelo cemitério sagrado da tribo Yurkei e agora será punida por isso: nos entregue seu corcel, seus suprimentos e toda a sua comida, então poderá seguir com vida. Do contrário, todos serão perfurados por flechas de meus guerreiros mais fortes. Eles não erram.

Dinah estava sentada paralisada, surpresa pela pronúncia perfeita no idioma do País das Maravilhas. Parecia um acordo justo, mas ela não queria se separar de Morte. Mundoo o estava olhando com ganância, como se soubesse o que fariam com ele.

Dinah tossiu.

– Tenho algo muito mais valioso para lhe dar do que meu corcel. Joias e ouro são muito mais valiosos do que este cavalo. Posso lhe dar tudo e muito mais.

Mundoo deu um estalo com a língua e o Hornhoov pálido se aproximou, olhando Morte com agressividade. A égua era quase do mesmo tamanho de Morte, da cor da mais pura areia, e tinha a crina branca trançada com laços e tinta azuis.

Mundoo estreitou seus olhos azuis brilhantes enquanto se aproximava deles.

– Mas este não é apenas um corcel, minha senhora, como sabe muito bem.

Dinah viu os olhos de Mundoo se arregalarem quando ele chegou mais perto, logo antes de ele preparar a flecha, apontando diretamente para a garganta dela. Foi o tempo apenas de ela piscar.

– *Iy-Joyera! Iy-Joyera!* – A tribo se moveu rapidamente em direção a ela, com todas as flechas apontadas para Morte. Mundoo olhava além de sua flecha trêmula. – Esse não é um Hornhoov comum. Já vi esse corcel antes. Esse monstro já matou dezenas dos meus melhores guerreiros e carregou o assassino Rei do País das Maravilhas nas costas enquanto queimava e destruía nossos vilarejos.

Agora Mundoo estava bem perto de Dinah. Os Hornhooves arfavam

e batiam no chão com as patas a uma distância perigosa, desesperados para lutar um contra o outro. Morte cambaleou de novo, e Dinah se abaixou em direção a Mundoo. A ponta da flecha dele estava encostada em sua garganta.

– Me diga! Me diga como uma garota plebeia suja tem o cavalo do rei e o discurso de uma nobre. Me diga agora ou vou espirrar seu sangue aqui. Vou deixar que assista enquanto matamos seu demônio, uma flecha de cada vez.

Dinah ergueu o queixo e encarou profundamente os olhos do Chefe. Ela não tinha escolha. Sem dúvida, iriam matá-la assim que soubessem quem ela era, e era melhor ter uma morte rápida do que decorrente de tortura. Ela não iria morrer como uma princesa quieta, calma e insegura. Iria morrer com glória, como uma guerreira que chegara muito longe sozinha, que sobrevivera à Floresta Retorcida. Ela tinha visto morte e dor, sentido a lâmina da espada em seu pescoço e a adrenalina do medo que antecedia a morte iminente. Ela era uma mulher, não uma garota, e não iria morrer sem lutar.

Dinah ergueu a voz quando pegou a espada rapidamente.

– Meu nome é Dinah, e já fui a futura Rainha do País das Maravilhas até fugir de meu pai e chegar até aqui. Não vai tocar em meu corcel hoje nem espirrar meu sangue. Não temo a morte por suas flechas, mas você deveria temer minha espada e minha raiva.

Morte se empinou nas pernas de trás e ela viu confusão e surpresa registradas no rosto de Mundoo conforme baixava a espada em direção à cabeça dele. O Hornhoov de Mundoo deu um salto habilidoso para trás, e Dinah balançou a espada no ar antes de alguma coisa dura e pesada bater na lateral de sua cabeça com um estrondo nauseante. A claridade enevoadada do campo de cogumelos escureceu e Dinah agradeceu por sua morte ter sido rápida e indolor. Ela fechou os olhos e esperou para ver o rosto feliz de Charles, bem do outro lado do buraco do coelho.

Lá estava de novo, o ataque da escuridão, o céu preto, os relógios fluando. Dinah girou e se virou dentro dele, esforçando-se para se mexer. Seus braços estavam amarrados por algo – seria uma videira? Não importava quanto ela se esforçasse, aquilo a amarrava mais apertado, estrangulando-a, pressionando seus órgãos desconfortavelmente. Ela abriu a boca para gritar, mas as videiras estavam em sua boca também. Mas agora eram as raízes, as raízes das Torres Negras, serpenteando para dentro e para fora, preenchendo-a com visões. Sangue em uma espada, um fantasma branco emergindo da escuridão, suas garras alongadas... O corpo de Dinah foi empurrado e ela teve a sensação de que iria cair, mas, então, alguma coisa forte e dura a envolveu pela cintura e a endireitou. A consciência retornou e ela percebeu que estava subindo e descendo. Balançou a cabeça uma vez e se forçou a abrir os olhos...

Morte. Ela estava em Morte, mas o que estava atrás dela? Conseguiu virar a cabeça. O Espadas estava montado em Morte logo atrás dela, com um braço em volta de sua cintura e o outro agarrando as rédeas de couro vermelhas com desespero. Ela pôde ver por quê. Sir Gorrann havia sido vendado. A cabeça de Dinah caiu para a frente, e ela conseguiu ver que estava amarrada com uma corda branca grossa, de textura não diferente da dos galhos de árvore. Em sua boca, havia algum tipo de mordação de tecido, e ela se esforçava para respirar pelo nariz para não sufocar. Parecia que a lateral de sua cabeça tinha sido atingida por um objeto pontiagudo, e havia sangue seco incrustado em seu olho e em seu nariz. Ela tentou mexer a boca e sentiu a mão do Espadas subir pelo seu rosto e, delicadamente, tirar a mordação. Os lábios dele encostaram em seus ouvidos e uma onda brava de palavras saiu de sua boca.

– Não diga uma palavra, nem uma droga de palavra, sua Princesa tola e idiota. Cê tem sorte de estar viva agora e, por causa de sua impulsividade, nós dois quase morremos. É igualzinha a seu pai, rápida para esbravejar e lenta para pensar. Tem sorte por minha mão ter achado uma pedra, do contrário, estaria espalhada em pedacinhos pelo campo de cogumelos. – Dinah sentiu o odre passar por seus lábios. – Beba um pouco de água agora e volte a dormir. Imagino que

tenhamos mais alguns quilômetros para viajar antes de chegarmos a Hu-Yuhar.

Dinah mal conseguia assentir, pois sua têmpora latejava de dor, mas conseguiu tomar alguns goles de água. Sir Gorrann havia jogado uma pedra nela? Seus pensamentos estavam confusos e nebulosos. Havia os cogumelos e os Yurkei e suas flechas e depois... ela não conseguia se lembrar. Por que o Espadas a estava levando daquele jeito?

O balanço cadenciado de Morte a embalou de volta à inconsciência e, quando acordou de novo, o crepúsculo estava se instalando. Ela olhou em volta. Estavam em um vasto campo de grama de um verde pálido balançando com o vento, tão alta como a maioria dos homens, intercaladas com árvores torcidas de lavanda, que se emaranhavam e saltavam de suas raízes. O vento ondulava a grama de um lado para outro de forma violenta, e os Yurkei não pareciam nem notar quando ela cobria a cabeça para evitar se enroscar na grama. Uma fila de guerreiros Yurkei se alongava diante deles, e Dinah percebeu que estava cercada de todos os lados por guardas, vigiando ambos com clara repugnância. Ela encarava os guerreiros descaradamente, eram muito diferentes de tudo o que já tinha visto. A pele deles era de um caramelo-escuro, cor de areia molhada ou pão queimado. Listras grossas de tinta branca saíam de debaixo dos seus olhos e seguiam por todo o corpo, cobrindo seus braços e troncos nus. Todos tinham olhos azuis brilhantes que irradiavam do rosto escuro. Tinham cabelos brancos que iam até um ponto de sua testa. A maioria tinha cabelo curto, cortado logo abaixo do pescoço, embora o cabelo de Mundoo fosse mais comprido, descendo em uma trança com listras azuis até o fim de suas costas. Usavam calças (se é que se podia chamar assim) feitas de penas brancas com o cós baixo e que se assentavam ao redor de seus músculos pélvicos.

Eram estranhamente bonitos e se moviam com uma graciosidade tranquila que iludia todo humano que Dinah conhecia. Seus cavalos eram todos pálidos com crinas brancas. Eram menores que as éguas que ela havia visto no estábulo, mas pareciam mais velozes e mais conectados aos seus cavaleiros. Juntos, cavalo e cavaleiro se moviam como se tivessem apenas uma mente. Reunidos, os Yurkei criavam uma massa incrível de músculo e habilidade, cada um com uma aljava atravessando suas costas, cheia de flechas brancas salpicadas de cinza...

Mundoo cavalgava na frente, as pegadas pesadas de seu Hornhoov ecoavam pela paisagem silenciosa. Ele era mais alto que o restante, e Dinah podia ver pelos músculos definidos em suas costas que era uma espécie impressionante. Era estranho olhar para Mundoo, um nome que colocava medo no coração de toda mulher e todo homem do País das Maravilhas e ver que, embora fosse, sem dúvida, um homem

selvagem, ainda era apenas um homem. Histórias dos Yurkei corriam livremente pelo País das Maravilhas – histórias do terror que eles infligiam por cidades inocentes, do quanto batiam em suas mulheres, de como sacrificavam suas crianças e roíam ossos humanos. Diziam que se acasalaram com grous e que seus descendentes eram os terríveis ursos brancos da Floresta Retorcida. Dinah sempre fora cética quanto às histórias sobre os Yurkei – principalmente porque era cética com relação a tudo o que aprendia –, mas agora podia ver com os próprios olhos que as histórias eram grosseiramente exageradas.

Aqueles homens não eram tão diferentes das Cartas. Vestiam-se de forma distinta e falavam uma língua que soava como uma correnteza, mas eram apenas homens, não monstros. Ela aprendera o básico da língua Yurkei em seus estudos, porém, a verdadeira lição não foi falada: eles são o inimigo. *Saiba a língua do inimigo.*

Dinah lutava contra suas amarras conforme seus braços adormeciam e sua coluna reclamava por estar flexionada para a frente por tantas horas.

– É melhor *cê* parar de se mexer – comentou o Espadas discretamente. – Não chame atenção para si mesma.

– Hummm...

O Espadas retirou a mordaca por um segundo.

– Morte? – ela arfou.

Mesmo com a venda, podia sentir a decepção de Sir Gorrann para com ela quando voltou a colocar a mordaca.

Finalmente, ele assentiu.

– É maravilhoso com o que se preocupa. Morte me deixou subir, provavelmente porque eu estava te carregando. Ele está muito drogado pelos cogumelos, nem deve saber o que está acontecendo agora. Está só andando. Do contrário, acho que teria matado muitos hoje. – Ele pausou. – Quero alertá-la de que Morte pode não viver muito tempo assim que chegarmos a Hu-Yuhar. *Cê* precisa entender que ele matou muita gente, muitos Yurkei. *Iy-Joyera* significa demônio negro.

Dinah sentiu seus olhos se encherem de lágrimas e do sangue que gotejava do ferimento em sua cabeça. Ela se contorceu contra a mordaca.

– Por...

Sir Gorrann a tirou de novo.

– Por... Por que você me trouxe aqui?

– Ainda não se preocupe com isso. Vai saber.

Dinah fechou os olhos de novo, metade segura, metade alarmada pela presença do Espadas atrás dela.

– Durma. Vou te acordar quando chegarmos. Melhor ficar mais

esperta. E não tente matar o Chefe de novo, caso contrário, ambos vamos acabar esburacados por flechas.

Não posso prometer isso, pensou Dinah sonolenta, prestes a dormir enquanto Sir Gorrann se esforçava para colocar a mordança dela de novo, sem enxergar. *Não se ele tentar me matar primeiro. Vou lutar por minha existência patética, independentemente do quanto seja insignificante neste momento.* A cabeça dela latejou e caiu rapidamente nos braços embalantes do sono.

Ela acordou deitada de costas, com os olhos encarando um círculo do céu azul brilhante. Piscou algumas vezes antes de erguer as mãos para enxugar os olhos lacrimejantes. Seus braços estavam soltos. Era um bom sinal. Ela deixou seus olhos observarem os arredores, hesitante em se mover. Estava em um tipo de tenda, mas não era triangular ou quadrada. Era perfeitamente redonda e baixa, com a forma das tortas que ela amava comer no palácio. Sabia que, se se levantasse, seus dedos tocariam o teto e, se fosse só um pouco mais alta, conseguiria colocar a mão no buraco no topo. Dinah se levantou tremendo. Estava sentada em um tipo incrível de colchão feito de grama tecida. Suas costas estavam muito melhores do que estiveram durante as várias semanas dormindo no chão duro. Pela primeira vez em muito tempo, o corpo de Dinah se sentia realmente descansado. Ela esticou os braços à sua frente, o que a levou a sentir uma dor que irradiava da cabeça para o corpo todo...

Delicadamente, apalpou a ferida perto da têmpora. Sangue seco cobria a área, e um galo do tamanho de uma maçã projetava-se de um ponto acima de sua orelha. Sua cabeça estava latejando, e a dor que pressionava seu crânio a fez ranger os dentes. Ela ficou sentada imóvel por alguns minutos até a dor diminuir a ponto de deixá-la se mover. Dinah respirou. Ela estava bem. Estava viva. Era o suficiente. Olhou para o colchão de grama desejando-o e considerou simplesmente se enrolar e se fingir de morta pelo resto do dia, mas tinha uma sensação de que não seria útil para ela. Havia questões a serem respondidas. Seus olhos finalmente se adaptaram à luz da tenda, e ela viu dois guerreiros Yurkei parados quietos perto da porta, com suas mãos travadas em seus arcos.

Dinah se virou de volta para o colchão. Uma túnica vermelha simples e um par de calças de penas brancas estavam estendidas para ela. Vestiu-se rapidamente, mais ou menos consciente de que os olhos azul-claros dos guerreiros lhe assistiam enquanto se movia, mesmo quando suas faces eram impassíveis. Ela tentou fazer uma trança no cabelo, mas as pesadas e grossas mechas que tanto detestara estavam mais para um ninho de rato do que para cabelo. Suas botas haviam sumido, e ela esperava que não tivessem desaparecido para sempre, se

fosse sobreviver a tudo isso. Havia se acostumado bem àquelas botas.

Quando se aproximou da porta do quarto em forma de barraca, os dois guardas abriram caminho.

– Mundoo desejar ver você – disse um deles em um sotaque pesado na língua do País das Maravilhas.

Dinah assentiu, torcendo para que não vissem seu medo crescente. *Eles ainda não me mataram*, consolou-se. *Já é alguma coisa*. O ódio fervilhante nos olhos azuis de um dos guardas era intenso, enquanto o outro simplesmente a olhava intrigado por sua presença. Prendendo a respiração, ela abriu a aba da tenda. A luz branca do sol atacava seus olhos enquanto Dinah se esforçava para entender o que estava vendo. Após alguns instantes, permitiu-se soltar o ar, aturdida por um silêncio respeitoso. Ela estava em Hu-Yuhar, a cidade oculta dos Yurkei. Estava em um vale bem estreito cercado por penhascos rochosos dos dois lados, faces cinza que subiam e sumiam. Depois dessas muralhas de pedra, as lindas Montanhas Yurkei os cercavam, seus topos sempre escondidos por uma neblina que girava e saltava como uma criança brincando. Essas montanhas eram conhecidas por não terem topo e, quanto mais Dinah chegava perto delas, mais acreditava nisso.

O vale inteiro não tinha mais que um quilômetro de largura. O solo era coberto por uma exuberante grama verde-azulada. Cavalos estavam por todo o lugar, vagando livres – comendo, correndo, dormindo. O solo do vale parecia pertencer a eles, apesar de ela ver centenas de Yurkei fazendo suas tarefas diárias em dois caminhos estreitos de terra que flanqueavam as paredes rochosas. Dinah olhou para cima, protegendo os olhos da luz do sol muito brilhante que caía por todo o vale. Centenas de tendas – com o mesmo formato daquela na qual acordou – projetavam-se da lateral da montanha, pairando a centenas de metros do chão como nuvenzinhas. Redondas e chatas, elas erguiam-se de buracos na pedra ou da beirada dos abismos ou, às vezes, somente da face vertical e plana da rocha. Algum tipo de estrutura de madeira segurava cada tenda à montanha, como feixes compridos, que se retorciam e apoiavam os tubos que seguravam as tendas por baixo. *Biscoitos*, pensou Dinah. Era isso que a forma a lembrava. Biscoitos redondos e chatos.

Flutuando pelo vão entre as faces das duas montanhas, havia um sistema de pontes elevadiças, feitas da mesma madeira que suportava as tendas às laterais do abismo. Os Yurkei se moviam pelas pontes em uma velocidade assustadora: crianças correndo atrás umas das outras, mulheres com cestas cheias de comida ou de roupas, homens carregando flechas. O vale era cheio de vida, apesar de a maioria dela estar acontecendo acima da cabeça de Dinah. Alguma coisa bateu em seu ombro, alguma coisa pontiaguda e dura. Ela gritou e se virou. O guerreiro Yurkei que a olhara com repugnância estava atrás da jovem,

forçando a ponta de uma lança curva e comprida contra ela.

–Você. Anda. Para o Chefe.

Dinah começou a andar em frente, sem saber ao certo aonde estava indo até muitas crianças Yurkei correrem diante dela e começarem a guiar o caminho. Seus cabelos brancos e compridos voavam livres em seus ombros, sem as faixas brancas que marcavam os homens. Menino ou menina, Dinah achava difícil diferenciar. Todos juntos eram adoráveis, até um deles se virar e cuspir na sua cara.

– C’hallgu Quon!

Então muitos outros se viraram e repetiram.

– C’hallgu Quon! C’hallgu Quon! – entoaram.

Rainha má? Dinah tentou traduzir em sua mente enquanto limpava a cuspida do lábio. Pedrinhas apareceram do nada e, de repente, ela estava sendo escoraçada com todo tipo de coisa: grama, pedras, cuspe, terra... Ergueu as mãos para se proteger e os dois guardas Yurkei a cercaram, cada um pegando um braço e brandindo ordens para as crianças. Ardentemente, ela olhou em volta à procura de Sir Gorrann, mas sua cabeça com cabelo grisalho não estava em nenhum lugar. Ela estava sozinha.

Nas laterais do vale, mulheres Yurkei haviam se enfileirado para observá-la, aquela princesa nojenta e humilhada. Ela tropeçou enquanto a olhavam, e se sentiu ainda mais humilhada por aquela beleza selvagem e olhares perfurantes. As mulheres usavam somente saias e faixas de penas brancas que caíam largas sobre suas pernas e ao redor dos seios. Todas eram musculosas e elegantes, com a pele escura macia e olhos azuis brilhantes. Seus cabelos eram compridos e torcidos para trás em coques muito bem elaborados, decorados com miçangas azuis espaçadas que piscavam à luz do sol. Dinah se sentiu um peixe fora d’água, um monstro horrendo com sua pele branca pálida, cabelo e olhos pretos. Os olhos das mulheres se estreitavam conforme ela passava. Percebeu que a túnica lhe foi dada com um propósito. Estava usando vermelho, a cor do Palácio do País das Maravilhas, uma cor que os lembrava exatamente de quem ela era. Vermelho, cor do sangue, a cor do opressor. *Eu deveria ter saído nua*, ela pensou, tropeçando de novo. *Atrairia menos atenção.*

A multidão abria espaço conforme ela se aproximava de uma grossa corda branca que parecia pendurada no ar. Dinah olhou para cima, jogando a cabeça para trás a fim de analisar toda aquela altura. Lá longe, esculpidas em duas paredes rochosas que delineavam o vale, dois grous se encaravam – suas asas se alongavam, seus peitos se estufavam. Dois pescoços compridos se estendiam até cabeças gigantes com terríveis bicos abertos. As esculturas eram tão grandes que os bicos estavam quase se tocando, mesmo que comesçassem nas laterais opostas do vale.

– Meir hu-gofrey – murmurou o guerreiro Yurkei que a tinha olhado com curiosidade. – Nossos protetores e deuses.

Dinah assentiu. Ela sabia que os Yurkei adoravam os pássaros, e essa fascinação havia crescido do País das Maravilhas por causa das reuniões de seus antepassados com os Yurkei. Entre as curvas do pescoço dos pássaros, dois troncos compridos estavam suspensos pelo mesmo material de corda de madeira que ela vira no vale. O Chefe morava ali, ela imaginou, suspenso perpetuamente entre dois pássaros antagônicos, cada um do tamanho de uma montanha.

Dinah parou e olhou a escada. Balançava com o vento, parecendo fraca e desgastada.

– Não consigo.

O guerreiro Yurkei bravo empurrou Dinah para cima da escada e colocou sua mão no primeiro degrau.

– Suba – ele exigiu. – Suba.

Dinah olhou para cima. A tenda estava suspensa a centenas de metros da terra. Uma queda, mesmo do meio, com certeza a mataria ou quebraria cada osso de seu corpo. Ela inspirou profundamente e começou a subir a escada de corda que, de alguma forma, mesmo balançando com o vento, ainda conseguia ser forte e não cair com toda a força que ela fazia. Colocando mão depois de mão, subia com os dois guerreiros Yurkei atrás dela, obviamente incomodados com a lerdeza de seu avanço. Uma rajada forte de vento balançou a escada, e Dinah se pressionou contra ela, envolvendo os braços e as pernas nos degraus. Ela ouviu a risada das crianças Yurkei que a assistiam se agarrar desesperada pela vida à escada que saía do chão e soprava atrás dos guerreiros, ricocheteando como um rabo raivoso.

– Para cima, para cima! – gritou o guarda atrás dela.

Dinah se agarrou à escada, com medo de se mexer, com medo da grande queda que quebraria seu corpo nas pedras pontiagudas lá embaixo. A escada virava e balançava, e Dinah gritou antes de murmurar preces quase esquecidas da infância enquanto se agarrava ao próximo degrau. Ela estava congelada, incapaz de se mover. A escada começou a rodopiar com o vento, cada vez mais rápido enquanto crepitava e assobiava. Ela podia ouvir os barulhos de risada lá embaixo e a raiva rugindo do vento que cortava o vale. *Estou com muito medo, pensou. Será que já fiquei com tanto medo assim? Vou morrer aqui.* O degrau abaixo de sua mão estava ficando escorregadio devido ao suor, e o pé de Dinah estava entrelaçado entre outros dois. *Não consigo. Não consigo me mexer.*

Antes de finalizar seu pensamento, o mais gentil dos dois guardas subiu rapidamente a escada atrás dela, alcançou-a em segundos. Assim que chegou, ele se moveu lentamente, circulando a escada até estar do lado oposto, com o rosto a centímetros do de Dinah. Ele pendia da

corda com uma mão enquanto desenroscava os pés de Dinah com a outra. Depois, trocou as mãos, apertando uma palma na corda de madeira, que continuava girando com a brisa, e envolvendo a outra firmemente na cintura dela.

– Vou ajudar – ele murmurou. – Pise.

Dinah fechou os olhos e se esticou até o degrau seguinte, segura pela mão dele em volta de sua cintura. O pé da jovem encontrou o degrau. Sem pensar, ela pegou o outro degrau e o outro depois desse, mesmo quando o vento balançava a escada de lado tão bruscamente que a mão de Dinah quase escapava. O guerreiro Yurkei a segurou quando ela escorregou e depois a levantou. Às vezes, parecia que não ia conseguir, mas ainda subia. Ela subiu e passou pelos peitorais enormes dos grous, pelas cristas de seu pescoço gigante e, finalmente, subiu no fino e amplo tronco branco entre as duas aves, como se uma delas tivesse cuspidido um pires.

O guerreiro Yurkei foi o primeiro a subir na barraca, e bateu a mão duas vezes no suporte de madeira do lado de fora. Um quadrado de tecido foi puxado de baixo e, com um salto, ele desapareceu no buraco, voltando para ajudar Dinah. Os pés dela penderam no ar desesperados quando ele segurou seus braços, e ela levantou o olhar, fitando os olhos azul-claros dele, com sua vida completamente nas mãos dele. Ele lhe deu um sorriso tímido e a puxou para cima pela abertura, colocando-a no chão bruscamente dentro da tenda. As pernas e os braços de Dinah estavam tremendo tanto que ela simplesmente rolou e ficou deitada de costas, arfando e contraindo o pulmão a cada respiração profunda. Suas mãos não paravam de tremer, ela estava suando frio. Era bom estar em uma superfície firme, mas não conseguia se esquecer do fato de que aquela tenda de tecido estava suspensa a centenas de metros no ar. Não era natural ficar a essa altura, e ela desejava sentir a terra sob seus dedos. Era uma criança da terra, não do céu. Seu coração bateu de forma assustadora quando ela percebeu que também teria que descer a escada depois, o que seria menos exaustivo fisicamente, mas infinitamente mais perigoso. Ela fechou os olhos e focou em respirar. Depois de alguns minutos, a voz de um homem quebrou o silêncio.

– Gostou da subida, Princesa?

Com cuidado, Dinah rolou e se sentou. Tentou respirar normalmente, para parecer sob controle. Mundoo estava diante dela, resplandecente em um grande cocar feito de penas azuis, usando nada mais do que uma tanga de penas e um tipo de sandália de madeira que subia do tornozelo até a panturrilha. As listras brancas de tinta que ela tinha visto nele antes não estavam mais lá, tendo sido substituídas por ilustrações brancas elaboradas e símbolos que cobriam sua pele. Seus músculos eram definidos e firmes; seus olhos,

brilhantes e azuis. Ele se sentou calmo em um trono enorme com aves douradas esculpidas que, para sua surpresa, não era diferente dos tronos de Copas no Grande Salão. Na verdade, quanto mais ela olhava para ele, mais percebia quanto era idêntico aos tronos do Palácio. Um era esculpido com corações, o outro, com pássaros, mas, tirando isso, eram iguais. Esculpidos pelo mesmo escultor, sem dúvida.

Levante, Dinah disse a si mesma, *agora! Você parece fraca*. Tremendo, ela se forçou a se levantar e a erguer a cabeça. Mundoo se levantou e fez um gesto para seus guardas.

– Lu-feryir.

Os guardas se viraram e andaram em direção às muitas aberturas ao longo da tenda com forma de feijão e saíram. Dinah arfou, pensando que Mundoo tinha ordenado que a matassem – então percebeu que era muito tola quando viu que as cordas suspendendo as tendas àquela altura também eram passarelas que levavam a túneis estreitos esculpidos no peito das aves de pedra.

– Gostaria de um pouco de água? A subida pela escada pode ser... um trabalho árduo para quem não está acostumado.

Dinah acenou para ignorar a água. Não queria nada dele exceto sua misericórdia, apesar de sua garganta desejar o líquido.

– A subida pela escada foi para me fazer parecer fraca. – Ela ergueu o queixo. – Vossa Alteza.

Mundoo deu uma risadinha.

– Sabe, você não lembra o seu pai, não muito. Seu orgulho e sua falta ruidosa de autocontrole, talvez. Mas, fora isso... – Ele encarou os olhos escuros dela. – Não vejo em você o homem que matou tanta gente do meu povo.

Dinah baixou os olhos.

– Meu pai, o Rei, assassinou meu irmão a sangue-frio para que não tivesse que compartilhar a coroa. Depois de assassinar *seu próprio filho*, jogando-o pela janela, tentou me matar, sua própria filha. Ele me perseguiu pela Floresta Retorcida, chegou tão perto que senti sua respiração e o cheiro da raiva emanar de seu corpo. Não tenho amor por meu pai, e o fato de você não ver nada dele em mim é o melhor elogio que já recebi.

Mundoo sorriu e ergueu a mão até a face de Dinah. Ela se obrigou a ficar parada enquanto as mãos bronzeadas e fortes acariciavam sua mandíbula.

– E o Palácio do País das Maravilhas? Você é leal a eles? Às Cartas?

Dinah pensou em sua resposta com cuidado. *Sou um rato em um ninho de águia*, considerou, *e um movimento errado vai me levar direto à sua boca*.

– Não tenho lealdade ao País das Maravilhas enquanto ele permanecer nas mãos de um homem que assassinou meu irmão.

Os olhos azul-claros de Mundoo brilharam com um sorriso bizarro.

– Boa resposta. Vejo que é adepta da linguagem dos líderes e da política. Eu não deveria estar surpreso. – Mundoo se afastou dela e começou a andar em volta de seu trono. – Deve saber a história do meu povo e do País das Maravilhas. Nossas lendas dizem que os Yurkei chegaram aqui há centenas e centenas de anos, voando nas costas de aves enormes. Vivemos em paz com a terra e fizemos deste lugar, Hu-Yuhar, a cidade oculta, nosso lar. Não tínhamos necessidade de guerra, armas, a não ser para caçar. Então, um dia, estranhos apareceram, trazidos por um barco de uma terra distante, de “Outros Mundos”, como vocês chamam. Eles tinham muitas armas e muitas joias enormes e brilhantes que impressionaram nosso Chefe tolo na época. Esses homens criaram o Palácio do País das Maravilhas e continuaram a nos empurrar de volta para as montanhas, apesar de, inicialmente, terem concordado em compartilhar todo o território. O pai do pai do seu pai declarou guerra a nós, e estamos batalhando com a linhagem de Copas desde aquela época. E pelo quê? Desejamos nada mais do que viver em nossas terras e ter paz. É verdade... Quando uma vila do País das Maravilhas chega bem perto de nossas terras, queimamos tudo, porque temos que lutar por cada centímetro de grama. Vocês, cidadãos do País das Maravilhas, pegam tudo e não dão nada em troca. Este é um país grande e, mesmo assim, o Palácio parece ser dono de cada centímetro, do Mar Ocidental até a base das Montanhas Yurkei. Como nossos ancestrais diziam, *Yu-Fhullei-Ja-Drayden*, *Ja-Drayden*, o que não pode ser, não pode ser. Como deve saber, tenho espiões no Palácio do País das Maravilhas e ouço boatos de que seu pai está construindo uma base para começar sua grande guerra. Quer nos empurrar para o mar, o lugar de onde os ancestrais dele vieram, com seus corações vermelhos e sede de sangue e de tortas. Ele quer encontrar Hu-Yuhar e destruí-la.

Mundoo suspirou e descansou a mão no topo do trono enquanto a encarava. Dinah podia ver as linhas de preocupação que se desenhavam em seu rosto forte.

– E então nos deparamos com você, que entrou facilmente por nosso território montada no demônio negro. O que faço com uma Princesa exilada? A maioria das pessoas lá embaixo gostaria de te ver publicamente executada. Olhe para baixo.

Dinah ficou parada enquanto Mundoo levantava os tecidos da lateral da tenda. Então segurou o pescoço dela e a forçou a ir em direção à luz.

– Olhe para baixo, Dinah. Veja-os, veja as viúvas lá fora que desejam seu sangue derramado por vingança a seus guerreiros que nunca retornaram. Pode ter sido exilada do País das Maravilhas e o

próprio Rei pode querer você morta, mas isso importa muito pouco para uma criança sem pai ou para uma mulher cuja cama nunca será quente de novo.

Dinah ficou quieta ao olhar para a multidão abaixo, a mão quente de Mundoo contra sua nuca. Nada que ele dizia era mentira.

– Executar você, seu Espadas e seu corcel seria o caminho mais fácil. Mas acho que podemos achar uma utilidade melhor para você. O quanto sabe sobre como está seu reino atualmente?

– Sei que a cidade está inquieta por causa do aumento de impostos.

Sei que meu pai está se tornando cada vez mais paranoico e que está acumulando um grande número de Cartas; não tenho certeza do motivo. Sei que colocou Vittiore, sua marionete, no trono ao seu lado, e que, mais do que nunca, governa com mão de ferro. Está se preparando para alguma coisa, mas não me preocupa muito. Não sou mais membro da família real. Agora sou simplesmente uma garota sem lar.

Mundoo sorriu.

– Gostaria de acreditar nisso. Sei que sua irmã é muito bonita, com cabelos da cor do sol.

– E uma cabeça de merda – respondeu Dinah, mais áspera do que pretendia. – Ela não faz nada que meu pai não a mande fazer. Vittiore não conseguiria governar um formigueiro.

– Interessante. Mas seu pai, ele é um homem esperto, não é?

Dinah pensou em como seu pai havia decapitado Faina Baker bem na frente dela só para ensiná-la a não meter o nariz onde não devia.

– Ele é inteligente, sim. É um lutador habilidoso, mas também muito brutal e implacável, e bêbado. Isso o tornou mais lento nos últimos anos. O homem mais esperto no palácio é Cheshire. A maioria das decisões de meu pai vem dele. – Em sua mente, Dinah viu o corpo minúsculo de Charles amassado sob um céu estrelado. – Não sinto nada com exceção de raiva pelo Rei. Tiraria a vida dele com prazer. Tentei fazer isso na Floresta Retorcida até o Espadas intervir.

– Ouvi falar. – Mundoo a encarou, seus inflexíveis olhos azuis perfuravam os ossos adormecidos dela. – Acho você muito interessante, Dinah, Princesa exilada do País das Maravilhas. Histórias de sua fuga do palácio ecoam por essas terras, até aqui em Hu-Yuhar, nossa casa. Você é chamada de muitas coisas: a Rainha da Morte, a Rainha Vermelha, a Rainha Rebelde, a Amazona do Demônio Negro. Alguns dizem até que é um fantasma, um presságio do futuro...

– Não sou ninguém – respondeu Dinah. – Sou simplesmente Dinah, uma exilada que tropeçou em seus campos de cogumelo por acidente.

Mundoo ergueu a sobrancelha.

– Por acidente? Sim, isso é *interessante*. Ninguém tropeça em nosso

cemitério sagrado por acidente. Não. Seu Espadas trouxe você até aqui, apesar de seus motivos ainda não serem claros.

– Não, nós estávamos... – Dinah deixou as palavras morrerem, e a pontada em seu coração lhe disse que Mundoo tinha razão. O Espadas a levava até ali. Ela pensou que eles estivessem fugindo do Rei, talvez pelas montanhas de Outros Mundos, mas, em vez disso, ele a levava para o leste... diretamente para os Yurkei. – Eu confiei nele. – Ela arfou com a garganta seca e rouca.

Mundoo ficou parado e lhe entregou uma pequena tigela de madeira cheia de água.

– Beba. Eu insisto. Me dá aflição ouviu sua voz.

Sentindo-se humilhada, Dinah bebeu a água fazendo barulho.

– Você deveria saber que não deve confiar em ninguém quando possui muito poder.

– Não possuo muito poder – ela respondeu, enxugando a boca. – Possuo uma espada, uma bolsa cheia de roupas sujas e um cavalo.

– Ah, seu cavalo. – Mundoo desamarrou um pedaço de tecido que estava jogado em seu glorioso trono e o teto se abriu, como um ovo que tem a casca removida. O céu se abriu acima deles, e o espaço foi preenchido pelo vento gelado que balançava a escada muito facilmente. Dinah mal teve tempo de olhar quando um gigante grou branco entrou voando na tenda, as asas enormes provocando explosões de ar em seu rosto. O grou pousou no trono e soltou um grasnido alto para Dinah. Mundoo continuou parecendo não reparar na ave com aparência perigosa. – Morte será sacrificado em uma semana, quando a lua estiver cheia. Um preço deve ser pago por todo o sangue desta tribo que ele derramou. Acredite, não vou ficar feliz em matar um Hornhoov, uma criatura rara e valiosa, e nunca vi um como ele.

– Ele não fez nada. – Dinah soube que isso não era verdade assim que as palavras saíram de sua boca.

– Não? Com meus próprios olhos, o vi esmagar três dos meus melhores guerreiros sem nem titubear e olhar para trás, pelo menos não até ele voltar para provar a carne. – A jovem se lembrou do urso, do focinho de Morte coberto com manchas de sangue e do jeito como o estômago dela se revirou. – O monstro VAI morrer. E então vamos decidir o que fazer com seu cavaleiro. Tenho muito no que pensar. Meus espiões me deram motivo para acreditar que seu pai está se preparando para um ataque enorme à minha tribo, talvez trazendo a luta para cá, para Hu-Yuhar, em alguns meses.

– Mas sua cidade parece impenetrável. Está rodeada por montanhas.

Mundoo sorriu quando o grou que descansou a cabeça em seu joelho.

– É assim que as pessoas pensam, contudo, não subestimo seu pai. Temos nossas fraquezas, assim como qualquer cidade. Mas isso é para eu pensar. Por enquanto, você fica aqui como nossa convidada. Vai às nossas festas e cerimônias, e vou encorajá-la a falar com nossa tribo, para aprender. Não poderá deixar este vale, nem entrar em nenhuma casa. Vai continuar seu treinamento com o Espadas, e vou ordenar que meu guerreiro mais forte te instrua e a ajude a fortalecer suas habilidades. Não pode chegar perto de Morte, ou vamos derramar o seu sangue em vez do dele. E se ele, de repente, desaparecer ou for liberto, você morre, junto ao Espadas. Vou fazer você assistir enquanto o cortamos pedacinho por pedacinho.

– Onde está Sir Gorrann?

– Ele estará te esperando na sua tenda. Conversamos mais cedo, e ele subiu a escada de um jeito muito pior que você. – A boca de Dinah se curvou no menor dos sorrisos enquanto Mundoo passeava por trás dela. Pelo menos Sir Gorrann estava vivo. – Vamos conversar de novo, Princesa, mas, por enquanto, você deve ir. Conheceu seus guardas, Kiershan e Yur-Jee. Eles vão segui-la para onde você for. Não a encorajaria a sumir da vista deles. Yur-Jee perdeu o filho mais velho pela espada de seu pai, então eu teria cuidado para não o deixar bravo. A paixão pode levar um homem a atitudes violentas.

Dinah assentiu e se virou para sair. A luz do sol piscou diante de seu rosto, mas só por um segundo, então sentiu que havia um braço em volta de seu pescoço, um corpo pressionado contra suas costas. Mundoo fora muito rápido. A princesa não entendeu o que estava acontecendo. A dor veio rápido quando alguma coisa pontiaguda e dura a atingiu e a atravessou. Seu ombro explodiu, e tudo ficou branco. Ela pegou a mão estendida dele, na qual viu uma faca feita da mesma madeira branca que segurava a tenda por cima. Era fina como uma agulha de tricô, e agora estava coberta de vermelho. Mundoo respirou e a enfiou nas costas dela de novo, logo acima de sua escápula. *Ele a estava matando.* Ela não sentiu aquilo entrar, mas, quando saiu, a dor foi pior do que qualquer coisa que já sentira. Dinah soltou um grito abafado enquanto o sangue escorria de seu ombro. A dor era profunda, como se milhares de ferros quentes estivessem sendo pressionados contra ela. Dinah tropeçou para trás antes de cair de joelhos com uma respiração sufocada. Mundoo se ajoelhou atrás dela e envolveu o braço largo em seu pescoço de novo, seus lábios esfregavam na orelha dela conforme a puxava mais para perto. Dinah engasgava e sufocava. A mão dele estava coberta de sangue.

– Não tenha medo, Princesa. O ferimento que fiz não é fatal, e vai sarar rápido. Você não vai morrer, tem minha palavra. Isso foi por balançar sua espada em direção à minha cabeça. Sou o nobre Chefe dos Yurkei e um homem de honra, mas não ia querer que achasse que

somos amigos ou que pode fugir da minha vista. Apesar de estar exilada, ainda é a semente do meu inimigo, e não vou esquecer isso, não até fazer justiça para meu povo. – Seu bafo quente permanecia na cara dela. Parecia que os músculos do ombro de Dinah estavam se desconectando, fibra por fibra. Ela soltou um grito, e ele sorriu. – Desculpe causar tanta dor, mas devo deixar um lembrete para que não me traia. Os Yurkei têm sido caçados, executados e torturados sob o coração vermelho do País das Maravilhas. Seu sangue não é nada além de uma gota no oceano que precisa ser preenchido para haver justiça. Somos um povo pacífico, mas, como cobras adormecidas, damos o bote quando alguém chega muito perto, e os Reis e Rainhas do Palácio do País das Maravilhas pisam na gente há décadas. Sou um homem de honra, mas não inofensivo. – Ele a soltou de forma violenta, e ela caiu de cara no chão de madeira da tenda, contorcendo-se de dor. O Chefe chamou Ki-ershan e Yur-Jee, e eles apareceram por uma das aberturas.

– Levem-na pela montanha – Mundoo instruiu com um abanar de mão. – Certifiquem-se de que ninguém a machuque ou machuque o Espadas até eu tomar uma decisão com relação ao destino deles. Alimentem-nos, limpem-nos e vistam-nos. Cuidem para que sejam bem tratados, mas os vigiem de perto. Chamem Ge-Jursi para usar poções de Iu-Hora para curá-la. – O corpo inteiro de Dinah se curvou em uma dor excruciante enquanto ela gritava. Yur-Jee levantou a voz para discutir com o Chefe, mas Mundoo o silenciou com a mão erguida. – Faça o que mando. *Ach-julik*.

Yur-Jee se curvou com as mãos estendidas à frente, em direção ao símbolo do grou. Os guardas de Dinah a pegaram pelos braços e a levaram para fora da tenda. Parecia que o ombro dela estava pegando fogo. Ela arfou, sem conseguir respirar de dor. Empurraram-na para a passarela de corda que levava ao peito da ave. Dinah tropeçava repetidamente, o que tornava ainda mais aterrorizante andar pela corda estreita e cheia de nós. O sangue escorria de seu ombro até cobrir seus pés descalços, e ela se esforçava para ficar consciente. Escorregou. Ki-ershan pressionou a mão contra a ferida para fazê-la parar de sangrar. Dinah podia ver o chão a centenas e centenas de metros abaixo conforme tentava permanecer na estreita ponte de corda. A multidão a observava em silêncio conforme gotas de sangue caíam de seu corpo. Eles pareciam satisfeitos.

– Anda – grunhiu Yur-Jee, empurrando-a bruscamente para a frente, tão forte que Dinah teria saído voando da ponte se Ki-ershan não a tivesse segurado.

– *Ja-hohy!* – gritou para Yur-Jee.

Pare, pensou Dinah, meio delirante. *Sim*, *Ja-hohy* significa “*pare*”. *Obrigada*, *Harris*, ela pensou, delirando.

Alguma coisa coçava em seu ombro e, de repente, parecia que em algum lugar profundo do corte o osso estava se separando do músculo. Ela deu um grito e tropeçou para a frente, e seus joelhos bateram na pedra que levava até a montanha. Mais do que feliz com a sensação da pedra fria, ela riu histericamente por ter um chão sólido debaixo de si, mesmo que fosse uma ave de pedra gigante a centenas de metros do chão. Mas a necessidade de beijar o chão foi substituída por uma dor latejante e violenta, e ela se esforçou para permanecer consciente. Ouviu vozes aumentando de volume e gritos. O rosto de Sir Gorrann apareceu no céu azul enevado acima dela, as linhas finas de seu rosto se enrugando de preocupação.

– O que ele fez? Dinah, *cê tá bem?* Dinah! Dinah! Vossa Alteza, deixe eu ver. – As mãos dele pegaram o rosto dela, o ombro. O Espadas a virou com delicadeza, tirando a mão de Ki-ershan do ferimento, e ela ouviu uma inspirada profunda.

– O Chefe não deveria ter feito isso. Por que ele fez isso? Yur-Jee, por favor, me arranje umas bandagens e uma curadora. AGORA!

Dinah fechou os olhos. Quando os abriu de novo, havia uma Yurkei linda inclinada sobre ela, com os olhos azuis brilhantes fixos na ferida de Dinah e seu cabelo branco resplandecente molhado de vermelho onde as pontas tinham passado pelo sangue. Ela ouviu em silêncio a mulher cantar uma música de lamento enquanto ia para a frente e para trás sobre Dinah e aplicava um tipo de pasta cinza na ferida. A massa tinha o cheiro dos campos de cogumelo – quente e poderoso, um aroma entorpecedor. A dor de repente se transformou em uma dormência, uma sensação de apunhalamento, e Dinah suspirou de alívio, erguendo a mão para apertar o ombro da mulher.

– Obrigada, obrigada, obrigada – ela não parou de repetir; sua língua estava começando a adormecer.

A mulher sorriu, mostrando seus dentes pequenos perolados.

– Como se diz... na língua do País das Maravilhas? Ahh... Bom... *Su-heyg... hu-sang...* – A mulher juntou as mãos. – Ah, sim, *hu-satey*. – Seus olhos azuis encaravam os de Dinah firmemente. – Bem-vinda. Bem-vinda a Hu-Yuhar.

Dinah dormiu por dois dias depois disso, dois gloriosos dias na cama de grama tecida, dois gloriosos dias de descanso. De vez em quando acordava com dor. Comia e fazia suas necessidades, antes de se render à inconsciência. Sir Gorrann permanecia sentado em silêncio ao lado de sua cama, sempre vigiando. Ele deve ter dormido, mas Dinah não sabia quando e, na verdade, não se importava. A massa curadora fez seus sonhos serem claros, vívidos e alegres. Charles aplicando plumas em um chapéu. Harris ajustando seus óculos enquanto eles se enchiam de vinho e de uvas. Wardley, montado em Corning, com seus cabelos castanhos brilhando como chocolate quente ao sol e seus braços se estendendo para ela. Wardley... Ela pensava nele com frequência nos poucos minutos entre acordar e voltar a dormir. Wardley, seu amor, que ela provavelmente nunca mais veria. Wardley, o Fraco, como era chamado agora. A vergonha que ela sentia por ter manchado seu nome era, às vezes, insuportável, então era mais fácil apenas dormir.

Quando se passaram dois dias, finalmente, Dinah decidiu de má-vontade que era hora de sair do confinamento de sua tenda quente e confortável, apesar de pensar que poderia ficar ali para sempre – comendo, dormindo e sonhando. Sir Gorrann a despertou cedo e se certificou de que ela comesse um prato de ovos e uma fruta cor de âmbar estranha. Enquanto Dinah comia os ovos, um pouco da gema amarela escorreu por seu queixo. Ela encarou Sir Gorrann, que estava devorando seus próprios ovos, ainda faminto depois da última mordida.

– Você me trouxe até aqui? – ela perguntou.

O Espadas limpou o rosto com um guardanapo de pena.

– Talvez. Talvez ainda não seja a hora das perguntas.

Dinah jogou seu prato pelo cômodo com uma fúria que surpreendeu até a si mesma. Sua ferida gritava em protesto, e ela soltou um grito baixinho.

– Por quê? POR QUE VOCÊ FARIA ISSO? Por que nos traria até aqui?

O Espadas se levantou e limpou seu colo.

– Não vou responder a essa pergunta, não agora, não enquanto ainda está agindo como uma criança. Mas posso dizer para perguntar

a si mesma se confia em mim. Pergunte se cê teria sobrevivido sem mim. E, quanto cê terminar, vou te levar para o rio para tomar banho porque nunca vi ninguém tão nojento, e seu ferimento precisa ser lavado e cuidado.

Ele saiu da tenda sem falar mais nada. Dinah ficou sem ação por alguns minutos na luz branca clara da tenda. Ele a levava até ali. Mas por quê? Para dar aos Yurkei a vingança que eles tanto desejavam? Para resgatá-la para o Rei, que, depois, a mataria? Não importava em quantas situações ela pensava, nenhuma fazia sentido. O Espadas a tinha salvado, protegido, ensinado a lutar. Uma pessoa não dá uma espada ao inimigo e o instrui a empunhá-la. Quanto mais pensava nisso, menos as coisas faziam sentido. Mas que escolha ela tinha? Não podia mudar o fato de que era uma hóspede bem descansada na tribo Yurkei e de que havia sido esfaqueada pelo Chefe. Mundoo a tinha *esfaqueado*. Dinah se lembrou do veneno em sua voz, a raiva que estava borbulhando sob seus discursos sábios.

Ela sentou e pensou por alguns minutos. Dormir a havia transformado em outra pessoa, em alguém com capacidade de pensar em vez de apenas sobreviver hora após hora. Ela podia tomar banho, mas não sozinha, se quisesse lavar seu ferimento, que estava grudento e ardendo. Finalmente, com um grito de dor e uma enxurrada de xingamentos que orgulhariam o Espadas, Dinah se endireitou e puxou a túnica sobre a cabeça. Colocou a cabeça para fora e viu Ki-ershan esperando por ela. Ele assentiu com a cabeça em direção a um caminho de terra que seguia para trás da tenda.

– Obrigada – ela sussurrou.

Ele sorriu para ela. Ki-ershan era, definitivamente, o favorito dos dois guardas. Ele a seguiu quando Dinah continuou a andar devagar pelo caminho até chegar a um riacho que corria pelo vale. Sua ferida ainda pulsava com a dor, mas não era nada comparada ao que se lembrava da dor provocada pela faca de madeira. Sir Gorrann esperava em uma curva na trilha, e eles andaram juntos em silêncio.

Ela parou no riacho e olhou para a água. Era estreito, não tinha nem dez metros de largura, mas ondulava e dançava ao sol da manhã. Sua água tão límpida quase refletia como um espelho. Dinah pensara que não teria mais vergonha depois de ter desfilado pelo vale em sua túnica vermelha brilhante e, então, ter sido obrigada a subir a escada para o céu, mas estava enganada. No riacho azul brilhante, havia centenas de Yurkei tomando banho, brincando e lavando roupa. Todas as mulheres tomavam banho nuas, seus corpos longilíneos perfeitos brilhavam ao sol com sua pele macia. Dinah viu Sir Gorrann desviar o olhar, um rubor vermelho aparecendo nas bochechas dele. Devagar, Dinah se despiu, tentando cobrir tudo o que podia com a túnica antes

de entrar rapidamente na água congelante, estremeando quando ela atingiu sua ferida. Todos os olhos estavam voltados para ela quando se levantou, sem dúvida enojados por aquela criatura pálida, machucada e com os cabelos e os olhos mais escuros que já haviam visto. O frio intenso lhe deu falta de ar, e ela imediatamente começou a tremer. Uma pasta estranha cinza saía de seu ferimento. Sir Gorrann entrou depois dela, tentando se cobrir também, arfando devido à água fria. Ele mergulhou a cabeça para depois emergir chacoalhando a água de seu cabelo grisalho. Então, começou a esfregar a ferida de Dinah com força. O momento era qualquer coisa, menos íntimo, pois ambos estavam congelando e trabalhando o mais rápido que podiam.

Sir Gorrann levantou a voz para sussurrar em seu ouvido.

– Sua ferida... está quase curada. Maravilhoso. Nunca vi nada igual.

De fato, ele estava certo – sua ferida estava cicatrizando muito bem depois de dois dias de descanso, o que quer que fosse aquela massa curadora que a estava selando. Seu ombro estava constantemente dolorido e, quando ela levantava os braços, sentia uma pontada aguda, mas Mundoo manteve sua palavra – a ferida não a mataria. Ele deixara uma cicatriz nela, lembrança dele. Dinah observava a água límpida ao seu redor ficar turva com a terra e a sujeira tiradas de sua pele. Havia uma gentileza no jeito como o Espadas tocava seu ombro, algo que fez Dinah perceber que, apesar de tê-la levado para a toca dos Yurkei, confiava nele profundamente. Ele nunca a machucaria, ela sentia isso; do mesmo jeito que sabia que as estrelas mudavam toda noite. Sir Gorrann xingou o Chefe enquanto esfregava o ferimento ensanguentado.

– Ele achou que *cê* merecia isso, sem dúvida, mas não tinha que ser tão profundo. Poderia ter deixado *cê* em paz. E as batalhas que virão...?

– Por que se importar? – respondeu Dinah. – De qualquer forma, serei executada em alguns dias, tempo suficiente para ver Morte ser sacrificado. Mundoo com certeza me quer morta, ele só quer prolongar o processo. E por que não iria querer? Não é segredo que os Yurkei não são fãs da família real, nem deveriam ser. – Ela ergueu os olhos para Yur-Jee, que os observava da margem do rio com uma raiva evidente. – Mundoo pode perder a chance dele – ela murmurou. – Há muitas pessoas aqui que gostariam de ver minha cabeça em uma estaca logo, em vez de esperar.

– Os Yurkei não decapitam as pessoas – disse Sir Gorrann tranquilamente enquanto mergulhava a cabeça no riacho. – Jogam os prisioneiros das asas dos grou nas pedras. – Ele parou, de repente consciente da imagem da qual faria Dinah se lembrar. – Sinto muito, Vossa Alteza. Esqueci.

Ele passou os dedos na água, vendo Charles na pedra.

– Não sinto. Seria adequado morrer como meu irmão. Seria um bom equilíbrio.

Dinah percebeu de repente que o riacho barulhento havia ficado quieto. As mulheres Yurkei estavam saindo nuas da água e pegando suas crianças com sussurradas ordens de obediência. As crianças se esforçavam, infelizes de terem sua brincadeira interrompida, mas as mulheres as carregavam, todos molhados, nus e saudáveis. Em segundos, Dinah e Sir Gorrann eram os únicos no riacho. A princesa ouviu o quebrar de galhos atrás dela e se virou, seus braços envolvendo seu peito apertado e seu coração barulhento debaixo dele.

Dois pés enormes estavam diante dela na margem – dedos nodosos e nojentos –, pedaços gigantes de carne marcada por calos e cicatrizes. Eles levavam ao homem mais alto que Dinah já vira. Era estranho ver alguém com tom de pele parecido ali nas profundezas do país Yurkei. O cabelo dele era castanho-claro, não branco, apesar de ser comprido e cortado à maneira Yurkei. Tinha franja, e seus olhos eram de um verde intenso. Uma cicatriz profunda corria de seu queixo até o meio de sua face, misturando-se com as listras de tinta branca que iam dos seus olhos até as canelas. Ele usava uma tanga de penas e seus músculos enormes pulsavam, cheios de veias. Coxas e braços como troncos de árvore estendidos de seu estômago rígido. Era um gigante, o maior homem que Dinah já tinha visto, um que faria até seu pai parecer um anão. Em uma das mãos, ele segurava um arco elaboradamente curvado e uma flecha. Na outra, uma espada de Copas.

O estômago da jovem se revirou quando ela viu a luz do sol refletir a lâmina dupla. Só o pai dela e as Cartas de alto escalão carregavam espadas de Copas. Ela olhou maravilhada enquanto seus braços pressionavam seus seios com firmeza. O homem olhou furioso para eles antes de jogar suas armas na margem. Sem aviso, ele se abaixou e tirou Dinah da água ao fechar os braços dela na lateral de seu corpo e levantá-la tão facilmente quanto pegaria uma boneca de pano. Parecia que alguma coisa estava se desfazendo dentro do ombro dela. Ela se contorceu, mas não adiantou. Seu aperto era forte como ferro. Os pés dela se debatiam no ar. Sir Gorrann tentou sair do riacho, olhando fixamente para o homem.

O homem zombou quando olhou no rosto surpreso de Dinah.

– Essa garota magrela de olhos pretos é a grande Princesa do País das Maravilhas? Aquela que superou seu pai, que roubou seu cavalo e deixou um rastro sangrento para trás? Não pode ser. Você mal é do tamanho da minha coxa e fraca como um verme recém-nascido. Você é ela, essa guerreira lendária, a Rainha Rebelde? Me responda, criança.

Dinah flexionou o pescoço para olhar para ele; a água descia de seus olhos. Sua boca parecia incapaz de formar palavras.

– Fale! – ele berrou, e seu bafo soprou o cabelo dela para trás.

Dinah mordeu o lábio, a fúria dentro dela cutucando sua cabeça para sair da sonolência. Ela se torceu para se libertar, mas era inútil. Em vez disso, fixou os olhos negros nos dele.

– Sou Dinah, a antiga Princesa do País das Maravilhas, e este é meu guarda, Sir Gorrann, um Espadas, e um dos rastreadores mais temidos das Cartas.

– Ouvi dizer – ele disse. – Um rato nu afogado e seu velho guardião; é você quem tenho que treinar? – Rindo, ele a colocou no chão. – Prazer em conhecê-la. Pode me chamar de Bah-kan. Como deve ter percebido, não pareço com a maioria dos meus irmãos aqui em Hu-Yuhar. Pode estar se perguntando quem sou eu, pois falo fluentemente a língua do País das Maravilhas.

Dinah estava, na realidade, se perguntando tudo isso, então assentiu.

– Meu nome é Stern Radley, e já fui das Cartas de Paus de alto escalão do exército do Rei.

Dinah arfou. Stern Radley era *famoso* – na verdade, sua estátua gigante vigiava o quarto de Charles. Havia poemas e histórias sobre ele, Stern Radley, o Paus mais corajoso que já viveu.

– Você é famoso – ela gaguejou com os lábios azuis de frio. – E deveria estar morto!

O enorme homem deu um berro que pareceu chacoalhar as árvores em volta.

– Então o Palácio do País das Maravilhas fez você acreditar nisso. Meu nome Yurkei, o verdadeiro nome pelo qual vai me chamar, é Bah-kan, que significa Guerreiro Alto. Estou aqui para treiná-la. – Os olhos dele passaram pelo corpo de Dinah. – Tem minha permissão para se vestir. – Ele a colocou no chão bruscamente.

Dinah cambaleou em direção à sua túnica vermelha e suas calças de penas brancas, tão delicadas quanto um sussurro ao serem colocadas sobre sua pele molhada. Sir Gorrann saiu da água também, as mãos cobriam a virilha enquanto olhava para Bah-kan.

– Histórias de sua possível morte ressoam pelos corredores das Cartas – ele disse vigorosamente. – Como se transformou em um guerreiro Yurkei tendo sido do alto escalão no Palácio do País das Maravilhas? – Seu tom era acusador. *Traidor*.

– Ah, essa é uma história para outra hora. Agora, temos que ir. Mundoo insiste que o treinamento comece hoje, para vocês dois. – Ele deu um tapa forte no ombro de Sir Gorrann. – É bom ver outra Carta, mesmo que seja um Espadas. É um milagre tê-la mantido viva. Os Espadas não são conhecidos exatamente por suas habilidades.

Sem roupas, Sir Gorrann atacou Bah-kan, que bateu a palma da mão no peito do Espadas sem titubear. Sir Gorrann voou de volta para o riacho como se tivesse sido jogado pelos deuses. Ele ficou com um olhar furioso, a água escorrendo de seu cabelo grisalho. Dinah tentou controlar, mas a risada estava coçando em sua garganta e não demorou para começar a rir de forma tão histérica que quase caiu chão. As lágrimas deixaram seus olhos vermelhos. Toda a situação, tudo, era tão terrível, tão estranha e confusa e, mesmo assim, ela só conseguia rir de Sir Gorrann queimando de raiva na água, parecendo um gato afogado. O guerreiro Yurkei gigante riu discretamente conforme ela fazia um coque no cabelo rapidamente.

Bah-kan limpou a garganta.

– Estou feliz que tenha feito você rir, Princesa. Seu treinamento terá início em alguns minutos. Siga este caminho pelo rio, vire à direita na cachoeira e, então, espere na frente do curral, logo abaixo do joelho do grou. – Ele mexeu as sobrancelhas. – Talvez seja tão maluca quanto dizem, do mesmo jeito que seu irmão. Particularmente, mal posso esperar para descobrir. – Bah-kan pegou suas armas e saiu.

Normalmente, esse tipo de insulto deixaria Dinah furiosa, mas, em vez disso, só a fez rir mais. O Espadas então se juntou a ela, rindo enquanto boiava no riacho, sua nudez aparente para o mundo ver enquanto ele cuspiu água para cima. Foi um bom momento antes de voltarem para o vale, encharcados e rindo o caminho inteiro.

Infelizmente, a alegria não durou. Bah-kan era um lutador brutal e um treinador impiedoso. Não tinha estômago para fraqueza e os desafiava lutando contra eles com apenas uma mão – e às vezes, sem as mãos. Multidões de Yurkei se formavam todas as manhãs para ver Bah-kan humilhar e explorar suas fraquezas. O foco era Dinah, mas ele também lutava com Sir Gorrann muitas vezes por dia. Aquelas lutas eram incríveis de ver, e Dinah sentia que aprendia mais assistindo do que participando. Até Mundoo, que fazia jornadas misteriosas nos túneis da montanha durante o dia, aparecia às vezes para assistir às lutas. Bah-kan se armava com a espada de Copas, Sir Gorrann com sua espada e seu punhal. Bah-kan começava atacando – uma visão que mataria homens mais fracos. Sir Gorrann girava para desviar, ágil com os pés, e a ponta de sua espada acertava Bah-kan quando ele passava. Bah-kan podia ser enorme, mas era rápido como um homem muito mais magro. Ele girava na direção oposta e manejava sua espada de Copas para cima, torcendo para pegar o pescoço do Espadas. Sir Gorrann se curvava para trás, tirava o punhal da bota e o lançava em Bah-kan, que se defendia da lâmina com a espada de Copas. Então, encontravam-se no meio.

As espadas voavam e tiniam pelo vale com a dança habilidosa dos combatentes, uma que atraía até os melhores guerreiros Yurkei para

assistir e analisar. Bah-kan antecipava os golpes do Espadas e se defendia, a espada de Copas fechada em seu peito funcionando como escudo e arma. Sir Gorrann era mais cuidadoso, mais calculista. Ele guardava seus ataques para os momentos em que tivesse as melhores oportunidades. Bah-kan tinha a vantagem da força, mas também era um lutador inteligente, que calculava manobras desafiadoras antes de atacar sem medo. Eles eram bem parecidos. Muitas vezes, quando a espada de Bah-kan chegava perto demais, Dinah temia que Sir Gorrann fosse morrer, porém, ele sempre pulava no momento certo ou gritava para se render. Bah-kan berrava para o céu e batia no peito antes de ajudar o Espadas a se levantar. Era impossível deter Bah-kan, ela concluiu, talvez o melhor guerreiro que já vira na vida. Ele era uma combinação mortal de Carta altamente disciplinada com as melhores características de um guerreiro Yurkei – igualmente brutal e gracioso, movendo-se como se estivesse dançando no ar. Dinah rapidamente concluiu que não havia ninguém no País das Maravilhas ou no país Yurkei que pudesse vencê-lo, com exceção, talvez, de Xavier Juflee, o Valete de Copas. Mas ela não tinha certeza se mesmo ele conseguiria vencer Bah-kan.

Depois da luta, muitas mulheres Yurkei corriam até Sir Gorrann para cuidar de seus ferimentos enquanto ele se recuperava ao lado do círculo de terra, sangrando e, de vez em quando, com um dente a menos. Por algum motivo esquisito, as mulheres Yurkei o achavam um pouco fascinante e, mais de uma vez, Dinah o flagrou piscando para elas. Já a luta entre Dinah e Bah-kan era muito menos emocionante, já que Dinah levava apenas alguns minutos para cair de cara no chão, vencida e exausta de todas as formas possíveis. Ainda assim, ela estava orgulhosa de conseguir enfrentar a maioria dos golpes dele com estilo próprio de contra-ataque. Ela não mais manuseava a espada no ar com golpes grandes e pesados, mas, sim, aplicando golpes rápidos combinados com movimentos de pé ágeis. Não estava mais simplesmente balançando a espada ao seu redor por medo de ser atingida; estava calculando o golpe seguinte. Dançava em volta de Bah-kan e, uma vez, conseguiu golpear com intensidade logo acima das costelas dele, o que o deixou arfando. Os Yurkei ao redor gritaram e ficaram de pé.

Bah-kan deu uma risadinha e, então, atacou, com a raiva passando pelo seu rosto listrado de branco. Dinah pulou alto para desviar do golpe baixo e bateu o cabo de sua espada forte no joelho dele. Era como bater em uma pedra, e as vibrações que recebia em seus dedos quebrados a faziam gritar de dor. Bah-kan, então, ficou em cima dela. Ele manejou a espada de Copas pelo peito dela, mas parou no meio, virou-se e, então, lhe deu um soco nas costas na altura do ombro – bem no lugar onde Mundoo havia fincado sua faca. Ela gritou.

– Bah-kan! – gritou Sir Gorrann, bravo.

Bah-kan deu de ombros.

– Um inimigo vai procurar a fraqueza óbvia dela. Por que eu não posso?

Surpresa pela dor fervente que soprava de seu ombro e distraída pela raiva, Dinah atacou o braço dele com a espada. Foi um erro. Com a ponta de sua espada de Copas ele arrancou a espada de Dinah, que saiu voando para a multidão, deixando-a desarmada.

– Vossa Alteza!

Dinah olhou para cima bem em tempo de ver Sir Gorrann jogar sua faca na direção dela. Ela a pegou e se virou para encarar Bah-kan de novo. A multidão ficou em silêncio quando o guerreiro mudava seu peso de um pé ao outro, como se estivesse pensando em milhões de formas de matá-la. Então ele falou.

– Seu pai, o Rei do País das Maravilhas, é devasso e traidor.

Os Yurkei vibraram com suas palavras.

Dinah apertou a mão na faca.

– Concordo! – ela gritou de volta.

– E seu pai também foi um prostituto. – Todos riram e Bah-kan deixou um sorriso se desenhar em seu rosto. – Sua meia-irmã é milhares de vezes mais bonita que você, e a coroa fica muito mais adorável na cabeça dela. Soube que é uma boa rainha.

Dinah sentiu a fúria crescer dentro dela, a ardente raiva que tentava controlar com tanta frequência a arranhava. Mesmo assim, ela permaneceu calma.

–Você tem toda razão. Ela é adorável, apesar de ser uma rainha falsa.

Bah-kan andou de lado e, então, atacou; sua espada de Copas se levantou como se fosse cortá-la na metade. Dinah rolou na frente dele, juntando suas canelas e fazendo-o tropeçar. Ao passar, cortou a panturrilha dele com a faca. Bah-kan rugiu quando caiu, e Dinah se apressou para se levantar, a faca posicionada para ser lançada. Por um segundo, ela tinha vantagem. Bah-kan foi distraído por sua perna ensanguentada, e a espada de Copas estava abaixada. Então ele falou de novo.

– Sua mãe era muito conhecida tanto por ser prostituta quanto por seu filho louco, que teria se beneficiado de um afogamento na infância. O Chapeleiro Maluco deveria ter sido deixado no fundo de um lago.

Dinah gritou com raiva quando a fúria a tomou, fazendo-a lançar a faca em Bah-kan. A lâmina foi jogada de forma tão descuidada que passou perto da espada de Copas, apesar de ele não a ter movido. Com uma velocidade sobre-humana, ele se esticou, pegou a faca e a lançou de volta na direção de Dinah. Ela observou a arma se enterrar

profundamente em sua armadura. Sem a armadura que Mundoo insistiu que usasse, estaria morta, mas essa era a menor preocupação. Sem enxergar nada além da raiva que a possuiu, ela se jogou em cima de Bah-kan e rasgou a orelha dele com os dentes.

– Vossa Alteza! Dinah! Pare! – Ela sentiu Sir Gorrann pegá-la pela cintura e retirá-la de cima do guerreiro.

Bah-kan a empurrou com uma mão.

– Controle-a! Deuses, ela é tão louca quanto as pessoas dizem!

Todo mundo encarou Sir Gorrann enquanto ele a carregava, contorcendo-se e gritando, de volta para sua tenda. Aquele foi um dia sombrio, mas o treinamento continuou. Toda manhã ela aprendia a lição: quando deixava a fúria dominá-la, perdia o controle de si mesma, de sua luta e de seu foco. Bah-kan a atacava com palavras e insultos em todas as lutas depois desse dia, mas Dinah nunca mais cedeu ao desafio. Permanecia calma e controlada, e dizia a si mesma que a vingança era bem-sucedida com uma espada – não com petulância violenta. A força e a habilidade de Bah-kan sempre a venciam no fim, e o fariam para sempre, mas Dinah se desenvolvia exponencialmente como uma lutadora a cada vez que a espada de Copas dele encontrava a sua lâmina. Entre o treinamento que Wardley lhe dera quando estava crescendo, o tempo que passara aprendendo com Sir Gorrann na floresta e as lutas brutais e exaustivas com Bah-kan, Dinah agora se sentia muito mais confortável com a espada na mão. No dia seguinte, ela lutou com dezenas de diferentes guerreiros Yurkei e, na maioria das vezes, os venceu.

Quando se vangloriou, Bah-kan a lembrou, rindo, de que não havia realizado grande coisa, pois a principal arma dos Yurkei não era uma espada, mas, sim, o arco e flecha (uma arma com a qual Dinah não tinha nenhuma intimidade). Em uma batalha de verdade, ela não chegaria nem a centenas de metros deles, a não ser que estivessem sem arco e flecha; se tivessem apenas punhais, ela perderia. Isso não importava para Dinah. Quando seu oponente estava deitado no chão diante dela, sua espada prateada contra a garganta arfante dele, uma onda de orgulho e fúria inundava o organismo dela. Ela amava a sensação de ganhar uma luta. Não era surpresa que seu pai achasse a batalha viciante – quando você não sabe se vai ganhar ou perder, o instante em que encontra a abertura mágica pela qual vai deslizar sua espada é uma sensação de outro mundo.

Depois do sétimo dia de treinamento, Bah-kan liberou Dinah cedo, dizendo que tinha que visitar sua esposa e seus filhos, que moravam na outra ponta do vale. Dinah sorriu ao pensar nisso – Bah-kan e sua esposa gigante Yurkei, e sua tenda cheia de crianças monstruosas, todas mais altas que as outras crianças Yurkei, com cabelo pintado de branco e olhos azuis brilhantes.

Dinah estava exausta e queria dormir, mas Sir Gorrann rapidamente a informou de que deveria encontrar outras formas de ocupar seu tempo. Quando ela falou em lutar, ele insistiu que tinha prioridades na tenda; não disse a Dinah o que era, mas, delicadamente, enxotou-a de lá depois de verificar seu ferimento quase curado.

Dinah suspeitou que a prioridade dele fosse com uma das mulheres Yurkei que o observava tomar banho todos os dias, mas ela ficou quieta e pegou alguns ovos antes de sair. Sir Gorrann abaixou a porta da tenda na cara dela depois de ordenar que encontrasse um pouco de fruta madura no pomar Yurkei. A jovem suspirou. Era quase noite, e o sol se pondo estava começando a provocar um brilho dourado no vale. Tempo livre? Sem os guardas? Era um conceito estranho para ela neste momento.

Depois de alguns minutos pensando, decidiu andar ao redor do vale até o pomar. Ainda tinha uma hora ou mais antes de o sol se pôr ao leste. Queria ver o que havia atrás do topo da montanha mais alta, a montanha no extremo norte, que tinha uma escadaria esculpida profundamente em sua lateral. Dinah andou tranquila até lá e se viu perambulando pela face externa da montanha do vale enquanto os Yurkei seguiam para suas tendas no fim da tarde. Luzes fracas de tochas brancas brilhavam dentro das tendas de tecido, dando ao vale um brilho místico e encantado, como se nuvens etéreas tivessem flutuado até lá. Conforme passava, Dinah via os olhos baixos das pessoas da tribo, um sinal de desrespeito. A desconfiança e a raiva dos Yurkei em relação a ela permaneciam, porém eles não cuspiam mais nem jogavam pedras nela quando saía da tenda, e isso era um avanço enorme. Muitos deles cruzavam o vale para evitar andar ao seu lado, e Dinah se perguntava se era apenas porque não queriam correr o risco de tocá-la ou porque tinham medo dela. Suas aulas com Bah-kan e Sir Gorrann estavam ficando populares e, apesar de sempre perder, ela era uma lutadora forte.

O tempo passava devagar ali, e a princesa perambulou sem objetivo pelo vale por horas; sua única animação era quando se espremia contra a montanha para desviar de um grupo de pôneis galopando. As horas de crepúsculo das Montanhas Yurkei eram seu horário de lazer, e o barulho dos cascos se tornou um som consolador a cada noite que dormia. A vida Yurkei era muito tranquila, bem diferente da vida com a qual havia crescido no palácio – uma vida de política e jogos, de tortas, vestidos e Cartas. Ali, as pessoas simplesmente viviam e labutavam na terra. Era uma comunidade com estilo de vida natural. Posses não importavam muito para os Yurkei – apenas terra e cavalos, a natureza, as montanhas e os pássaros, todas as coisas a que davam valor de um jeito ou de outro. Claro que era *terra* que seu pai queria deles. E, se ela tivesse sido coroada Rainha ao seu lado, como desejou

a vida toda, provavelmente teria concordado com as invasões aos Yurkei e, finalmente, com uma guerra – afinal, elas pareciam acontecer a cada trinta anos ou mais. Os cidadãos do País das Maravilhas temiam os Yurkei enquanto, ao mesmo tempo, desejavam ter sua liberdade e conexão com a natureza no próprio País das Maravilhas. Virando a cabeça, Dinah observou uma égua pálida excepcional galopar veloz pelo vale. Ao longe, dúzias de groux brancos dobraram suas asas em um galho enorme no ninho que ficava sobre um afloramento rochoso. *Eu poderia ficar aqui*, Dinah pensou surpresa, *poderia ser feliz aqui*. Poderia se tornar uma guerreira Yurkei, morar em uma tenda suspensa na lateral da montanha e aprender a amar alturas pelas cordas espalhadas entre as duas montanhas.

Sim, ela poderia ser feliz ali, talvez, com o tempo. Não havia Wardley, então uma vida realmente perfeita estava fora de cogitação, mas o que poderia fazer? Ele nunca a encontraria ali, e ela nunca mais voltaria para o palácio, para que sua cabeça não encontrasse o bloco de mármore branco que já retirara tantas. Aquele vale poderia conter um futuro para ela; mesmo assim, seu coração mantinha distância dessa ideia. A verdade, pensava, era que não havia final feliz para sua história. Sua punição não havia sido definida, porém, quando Mundoo a planejasse, matariam Morte. O destino dela esperava o dele, e se o dele era alguma indicação, então ela deveria entender que isso era um breve indulto à morte. Mundoo estaria certo em soltá-la das asas do groux porque, se ela fosse Rainha, com certeza executaria a filha de seu mais temido inimigo. Talvez Mundoo estivesse fazendo Bah-kan treiná-la só para, depois, ter uma luta (mais) justa até a morte quando a hora de sua execução chegasse. Uma apresentação para as multidões, uma morte sangrenta gloriosa para aqueles que desejavam justiça.

Seus devaneios foram interrompidos por um cheiro delicioso que entrou em suas narinas. Era um aroma distinto, quente e cítrico, tão diferente dos aromas terrosos da comida Yurkei. Havia um toque de cereja e rosa, pão quente e creme fresco. Como era possível? Será que estava sonhando? Ela inspirou o ar de novo. *Não. O cheiro era real*. Com cuidado, seguiu o aroma, chegando a um pequeno pomar que ficava no extremo oeste do vale.

As árvores eram grossas, a fileira de árvores frutíferas seguia, provavelmente, por um quilômetro e meio. Limoeiros com frutas amarelas penduradas encostados em macieiras luxuosas, seus troncos, por sua vez, pressionados contra amoreiras. Ainda mais altas, pairavam algumas árvores frutíferas, conectadas ao solo por um tipo de videira azul que serpenteava o caminho, e sua fruta roxa era do tamanho de bolinhas de gude.

O pomar em si era maravilhoso – realmente uma maravilha –, mas nada se comparava ao cheiro que Dinah estava sentindo: *lar. Tortas. Chá*. No fundo de sua mente, ela sabia que estava sendo induzida. Ainda assim, o aroma era tudo do que sentia falta: Harris, Wardley, banhos quentes e o palácio. *O palácio dela*. Luzes brilharam diante de si no pomar e ela desacelerou o passo. Uma voz ranzinza interior ordenou que pegasse seu punhal, e ela obedeceu, protegendo os olhos dos lampiões em formato de coração que pareciam flutuar entre as árvores. Finalmente, ela emergiu das árvores em uma pequena clareira. Uma mesa comprida, posta de forma magnífica com xícaras enormes de chá de todas as cores e decorada com vasos de flores, estava diante dela. Estava repleta de todas as suas tortas favoritas do País das Maravilhas: framboesa e creme, limão batido e amanteigado de rosas, cacau puro misturado com geleia em pó. Havia pratos amontoados, xícaras empilhadas, velas e jarros fumegantes de chá quente.

Uma toalha de mesa de xadrez cor-de-rosa estava estendida na grama alta e, no meio, havia um bolo. Era um bolo branco com uma cobertura simples: o desenho de um coração, um único coração vermelho. O peito de Dinah se apertou, e ela cerrou a mão ao redor do punhal enquanto começava a se afastar da mesa. Uma luz se agitou por entre as árvores, e ela observou uma figura alta vestida em um robe chique dar um passo à frente e se sentar à mesa. Seus dedos longos se estenderam e pegaram uma xícara de chá, depois a levaram aos lábios finos. Ele soprou a fumaça e, então, deu um gole.

– Hummm. Olá, Vossa Alteza – ele disse suavemente, antes de colocar a xícara de volta na mesa. – Não vai beber uma xícara de chá comigo? Nada me deixaria mais feliz.

Dinah sentiu o ar sumir de seu peito e viu o pomar girar. O homem se encostou na cadeira e apontou para a mesa.

– Por favor, sente-se. Você não quer que esfrie. – O sorriso macabro de Cheshire parecia se alongar até o fim do vale. – O gato comeu sua língua?

Dinah estava com dificuldade de respirar. Seus pulmões se pressionaram contra seu peito, sua cabeça contra seus ombros – tudo, tudo estava convergindo em um intenso ataque de pânico e ela não conseguia entender o que estava acontecendo. Havia uma mesa cheia de comida, luzes nas árvores e, então, havia o homem – ESSE homem –, responsável por tanta dor, por virar seu pai contra ela, por ajudar seu pai a assassinar seu irmão e coroar Vittiore. Cheshire, o homem mais esperto do País das Maravilhas. Ele estava bem ali, seu corpo incrivelmente comprido espalhado na cadeira de madeira, tomando chá como se não desse a mínima para o mundo. Um cavanhaque salpicara seu rosto emborrachado desde que ela o vira pela última vez, e seu cabelo e olhos pretos brilhavam com malícia à luz das velas. Uma corda roxa estava amarrada em sua túnica cor de ameixa, circulando sua cintura, e, quando ele deu uma mordida generosa em uma das tortas de cacau, o açúcar sujou a ponta de seu broche, que era decorado com joias com os símbolos das quatro cartas. Isso significava que ele controlava TODAS as Cartas.

Dinah notou o punhal em cima da mesa inocentemente colocado diante dele – seu cabo virado para dentro –, sua arma escolhida, pronta caso ela o atacasse. Imóvel pela presença dela, ele lambeu a ponta dos dedos.

– Hummm... esta é deliciosa. – A voz dele tirou Dinah daquele lugar obscuro em sua mente no qual ela estava paralisada, e ela passou a mão na ponta do punhal que carregava. Os olhos dele seguiram seus dedos. – Eu não o lançaria, Princesa. Tenho certeza de que sua habilidade se desenvolveu desde que chegou aqui, mas, se fizer isso, não vai ter nenhuma das respostas que procura, e acredito que procure respostas mais do que vingança, pelo menos neste momento. Acredite em mim quando digo que posso lhe dar *ambas*.

Dinah semicerrou os olhos e desembainhou o punhal. A voz dela finalmente saiu, arranhando sua garganta.

– Me diga um motivo pelo qual não deveria matá-lo onde está – ela disse com raiva. – Me diga por que não deveria cortar sua garganta aqui mesmo, e então me deliciar com essas tortas enquanto seu sangue inunda a mesa. Ficaria muito feliz ao fazê-lo.

Os olhos de Cheshire brilharam ao fitá-la.

– Porque assim não vai realmente se deliciar com elas. Tortas e sangue não são harmoniosas para o paladar. Além disso, são maus modos, como sua mãe deveria ter lhe ensinado.

Minha mãe. Como ousa? Dinah estava em cima dele um segundo depois, segurando seu pescoço e pressionando a lâmina do punhal contra a artéria principal. Ela puxou a cabeça dele para trás segurando o cabelo preto oleoso. Tortas espirraram dos lugares elaboradamente planejados quando as pernas dele bateram na ponta da mesa. Ele se virou de repente, e Dinah afrouxou o aperto do punhal, cautelosa para não cortar a pele fina do pescoço. Ela realmente queria respostas – mas também queria que ele sentisse o medo que poderia se apossar de uma pessoa em segundos, como mergulhar na água congelada. Ele se virou de forma rápida e brusca, e ela afastou sua lâmina, então, de repente, estava atrás dela, pressionando seu corpo contra o dela, sua mão não no punhal, mas tapando sua boca. Ela cometera um erro fatal.

A boca dele encostou em sua orelha.

– Isso lhe parece familiar, Princesa? – disse, raivoso. Então baixou a voz significativamente, e Dinah sentiu calafrios subirem por sua coluna. – Talvez da noite em que salvei sua vida e mandei você correr com uma bolsa nas costas? A noite em que eu lhe disse VÁ, AGORA, e, ainda, como uma idiota, em vez disso, visitou os aposentos de Charles?

O corpo de Dinah esmoreceu. Cheshire – ele era o estranho que salvara sua vida? Ela parou de se contorcer e ficou parada na clareira.

Devagar, Cheshire retirou a mão da boca de Dinah e colocou uma mecha de cabelo preto atrás da orelha dela.

– Agora, Dinah, seja uma boa garota e se sente. Tenho muito para lhe contar, e você parece faminta. Tome um pouco de chá e coma tortas. Eu ficaria desolado se quebrasse meu bule favorito se debatendo por todo lado. Não foi fácil trazer tudo isso para cá.

O corpo dela tremia, e Dinah permitiu que ele a guiasse para uma cadeira na outra ponta da mesa. Ela ainda estava agarrada ao punhal, e Cheshire não tentou pegar o dele – uma apresentação planejada para fazê-la se sentir no controle, sem dúvida. Do outro lado da mesa, ele se sentou e tomou outro gole de chá enquanto endireitava a toalha e as xícaras.

– Agora. Por onde começar? Tenho tanto para lhe contar, mas creio que começarei pelo início, já que a maioria das coisas envolvem a MIM MESMO de qualquer forma.

Dinah o encarou, o ódio brilhava nos olhos dela.

– Nasci em Verrader, um vilarejo de pescadores na Costa Ocidental. Tenho certeza de que nunca ouviu falar. – Dinah não ouvira mesmo. –

Meus pais eram pobres, mas bem-educados, mesmo não sendo muito bem orientados, devido à diligência dos padres na cidade, que achavam que toda criança merecia uma educação decente. Eles me criaram para ser um pescador como eles, porém, também me criaram memorizando a literatura e as línguas do País das Maravilhas. Eu detestava pescar e cresci sonhando com o dia em que sairia daquela cidadezinha lamentável, com suas crianças selvagens que cresceriam para não ser nada mais do que pescadores e donas de pensão.

– Quando criança, fui provocado de maneira impiedosa, só porque podiam ver que eu era extremamente inteligente. Ainda mais doloroso para o orgulho deles, eu não tinha interesse na vida para a qual eram destinados. Meu pai também ficou decepcionado e, quando fiz doze anos, começou a me bater com uma frequência perturbadora até quase me matar.

– No dia em que fiz dezesseis anos, saí de casa, mas não sem saquear a fortuna escondida de meu pai. Havia uma pedra grande na costa, uma pela qual meu pai passava todo dia. Havia um ninho de alga marinha na base e, até onde eu entendia, a maioria das algas morrem e se desintegram. Mesmo jovem, percebi que essa alga não desaparecia. Ficava viva, porque ele a aguava alguns dias. Minhas suspeitas estavam corretas, era ali onde meu pai guardava seu dinheiro, enterrado profundamente na terra debaixo da alga. Era muito dinheiro. Escondera dinheiro ali por anos, gastando em bebida e mulheres, apesar de minha mãe e eu passarmos fome muitos dias. Peguei todo o dinheiro dele e contei ao construtor local que meu pai estava dormindo com sua esposa.

– No dia seguinte, peguei o cavalo do meu pai e cavalguei para o leste rumo ao Palácio do País das Maravilhas e a vida que havia sonhado. Chegando lá, imediatamente encontrei emprego na loja de joias, administrando e fazendo a contabilidade. Sou bom com números, livros e coisas que podem ser, como devo dizer, manipuladas? O contador que estivera ali antes de mim de repente ficou doente, e eu o substituí. Atualizei todas as contas e me certifiquei de cobrar as dívidas de todos os clientes, algo que o contador anterior não fazia.

Cheshire balançou a cabeça.

– As pessoas do País das Maravilhas sonham em ser nomeadas para a corte, portanto, gastam dinheiro em joias para deslumbrar a família real, que, como sabe, nunca repara em tais coisas. As pessoas queriam essas joias, mas não queriam pagar por elas. Em um ano, rapidamente regularizei todas as dívidas e, ao fazer isso, fiquei conhecido no País das Maravilhas como um homem que conseguia o que queria. Chamei a atenção de um banqueiro, que me contratou e, depois, de outro banqueiro bem conhecido, que me colocou no comando de tudo

quando seu principal contador desapareceu. Quando cheguei, o proprietário do banco me contou sobre um problema: houve uma quantia muito grande de crédito emprestada para um comerciante rico que estava evitando ou batendo em todo cobrador.

Cheshire suspirou e inclinou a cadeira para trás, colocando o pé sobre a mesa enquanto mastigava um doce decorado.

– Apreendi cedo que cada homem tem algo que valoriza mais que outras coisas, e meu trabalho era encontrar o que era. Depois de observá-lo por algumas semanas, soube que esse homem tinha um filho bastardo que amava; era pequeno, nem havia completado três anos. Ele era seu orgulho e alegria, apesar de escondê-lo do mundo. Um dia, quando saíra com a mãe prostituta, peguei o bebê dela e o mantive prisioneiro no banco. Ele se debatia, mas, para ter vantagem, não o amarrei ou amordacei; não, ele era uma criança, então, simplesmente, o trancamos em uma sala e o deixamos sozinho com comida e água. O homem veio na mesma hora com todo o dinheiro para pagar suas dívidas. Devolvemos a criança, mas marcamos o selo do banco no calcanhar do menino, para que seu pai não se esquecesse de pagar as dívidas. Ele deixou o País das Maravilhas pouco tempo depois.

– De alguma forma, o Palácio do País das Maravilhas ficou sabendo dessa transação e me contratou para o banco do Rei. Dois anos depois de eu começar como contador, era uma das três Cartas de Ouros administrando o tesouro da majestade. Eu tinha jeito com números, um jeito de conseguir o que queria com aqueles que deviam ao Rei, fossem plebeus ou lordes turistas. Eu era o terceiro na hierarquia das Cartas de Ouros, e vivi uma vida de contas e cálculos.

Cheshire parou para tomar um gole de chá e gesticulou para Dinah fazer o mesmo. Ela balançou a cabeça e jogou seu chá na grama. Cheshire ficou horrorizado.

– Não é veneno, Vossa Alteza, mas não vou criticá-la por ser precavida. Você é esperta, como eu. Quero dizer, os deuses sabem que as pessoas tentaram me envenenar durante os anos.

Ele respirou fundo e deu um sorriso falso. Seus dentes artificialmente brancos brilhavam na escuridão.

– Eu sinto muito se esta próxima parte for difícil para você escutar, mas precisa saber. Certa noite, fui convidado para ir ao Baile Real de Críquete, algo com o que acredito que esteja familiarizada. Compartilho de seu desgosto por tais coisas, mas vejo-as como necessidade para a ascensão social. Naquela noite, uma jovem radiante estava visitando a corte. Ela era de Ierladia, e havia boatos de que seria a noiva do Rei, a futura Rainha. Seu nome era Davianna.

– NÃO. – Dinah se encolheu. – Não, não.

Cheshire se inclinou para a frente, com a expressão sincera.

– Quando vi sua mãe, meu mundo mudou. Entenda isso, em toda a minha vida consegui coisas para outras pessoas, dinheiro, bens, vingança. Era minha especialidade. Mesmo assim, pela primeira vez, vi algo que queria para *minha* mesma. Ela era a mulher mais bonita que já tinha visto, a mulher mais bonita que a *maioria* dos homens já tinha visto. Seu cabelo era grosso e preto, como o seu, e alguém poderia equilibrar um limão na curva de seus quadris. Rosas invejavam o rubor de seus lábios, e figos, o roxo-escuro de sua íris. *Ela tirou meu ar*. Davianna dançou com muitos homens naquela noite e, na maior parte do tempo, com o Rei, como em qualquer baile tradicional.

– Eu esperei minha vez e peguei seu braço. Não conseguia respirar ou pensar. Quando ela dançou comigo, nossos mundos pareceram parar. Havia uma conexão intensa, uma sensação de que estivemos esperando um pelo outro por toda nossa vida. Apaixonamo-nos instantaneamente, coisa de conto de fadas; no entanto, era real. Ela não amava seu pai, que já era um homem bruto, bêbado, porém, casou-se com ele porque desejava ser a Rainha e nós dois concordamos que o País das Maravilhas precisava de uma mão estável para governar. Amei sua mãe por onze anos, de corpo e alma.

Ele parou para baixar sua xícara, os olhos pretos encaravam Dinah através das luzes brilhantes das árvores.

– Juntos, concebemos uma criança e demos a ela o nome de Dinah. Você, minha linda e forte filha.

Tudo pareceu parar para Dinah, e ela segurou o bule com tanta força que o espatifou em suas mãos. Sua mente estava com dificuldade em se manter calma, e ela ouviu uma confusão de vozes aumentar dentro de sua cabeça, todas revoltadas, todas em estado de choque. Uma gota de sangue de sua palma caiu sobre a mesa.

– *Mentiras* – ela sussurrou.

Cheshire deu um sorriso solidário e continuou.

– Tenho certeza de que é difícil ouvir isso, mas não vamos nos esquecer de que o homem que pensou ser seu pai tentou matá-la e assassinou seu irmão. Você deveria gostar de saber que não compartilham o mesmo sangue. Davianna e eu nos amamos por pouco mais que uma década. No final, o Rei de Copas começou a suspeitar que sua mãe tinha um caso. Cada hora acordado que eu podia, passava com ela, e houve muitas vezes que o Rei chegou bem perto de nos flagrar, mas eu escapava a tempo. Em seu décimo ano de vida, Davianna ficou doente, de repente. Suspeitei de envenenamento, e ainda suspeito, apesar de nunca ter conseguido provar quem o fez ou por quê. – Ele pegou um pão decorado, e Dinah notou seu lábio tremer discretamente. – Nunca consegui dizer adeus adequadamente a ela, exceto quando reuniram as Cartas do mais alto escalão para fazer as últimas declarações de respeito quando sua vida estava sendo drenada

lentamente. Imagine ver o amor da sua vida morrer à sua frente e poder trocar apenas palavras formais e agradáveis de consolo na frente do Rei; seu coração parecendo queimar dentro do peito.

– Ousei não dizer nada, porque quem tomaria conta de você se eu fosse executado? E o que aconteceria a você? O Rei já suspeitava que não fosse filha dele por causa de seu cabelo e de seus olhos escuros... Bem diferentes do de Charles, que, com seu cabelo loiro, com certeza era seu filho. O Rei foi deixado sozinho para lamentar a perda, mas inventei um problema urgente de contabilidade para discutir com ele naquela noite. Em seu luto bêbado, confessou para mim que achava que sua esposa era infiel. Voluntariei-me para encontrar o culpado e, um mês depois, com a prova, dei a ele a cabeça de um Carta de Ouros, um jovem bonito chamado Kenrik Ruhalt. Pobre Kenrik, negou o tempo todo até seu pai decapitá-lo em uma execução secreta ao crepúsculo. Recebi o emprego dele e, gradualmente, trabalhei para ser o conselheiro-chefe do Rei, o Chefe das Cartas. Foi cruel? Sim, mas tinha que estar na melhor posição para controlar o Rei, me certificar de que ele agiria como um governante firme, já que não era sua inclinação natural e, mais importante, para ficar de olho em você, minha filha.

Cheshire sorriu e olhou para a mesa.

–Você tinha dez anos na época, e eu já havia intercedido onde queria para me certificar de que tivesse uma boa infância, mesmo antes da morte de Davianna. Planejei que os Ghanes se mudassem para o palácio para que você tivesse Wardley como amigo, já que, antes da chegada dele, era uma criança sozinha e mal-humorada. Convenci o Rei a contratar o gentil Harris como seu guardião, em vez da cruel governanta Forsythe, que era a professora tradicional das crianças reais. Certifiquei-me de que estivesse protegida, tanto quanto possível, da raiva do Rei. Encorajei-o a ir para a guerra com os Yurkei quando você era muito nova, para que você e sua mãe pudessem ter um pouco de paz.

– Entretanto, como sabe, o homem que chamou de pai por tanto tempo é voraz e obsessivo. Ele tinha certeza de que você não era filha dele e estava convencido de que nunca o seguiria ao trono porque, logo, se casaria e iria bani-lo ou executá-lo. Ele me contou sobre um plano em que esteve pensando por muito tempo, uma ideia de criar a própria herdeira, a herdeira que sempre quis. Ele precisava encontrar uma criança, uma criança da mesma idade que sua filha. Uma menina, porque um menino seria inclinado à rebeldia, e o que ele precisava era de alguém que pudesse ser manipulado, alguém que pudesse controlar sem problemas. Como seu conselheiro, alertei-o contra a ideia, mas havia muito tempo suspeitava que ele nunca a deixaria subir ao trono. Fiz tudo o que pude para mantê-lo longe de você, mas a raiva e os

delírios paranoicos estavam aumentando, apesar de escondê-los atrás de uma máscara encantadora de satisfação. Nunca poderia arriscar minha posição de conselheiro... Quem tomaria conta de você? Então concordei em ajudá-lo a encontrar a princesinha dele.

– O Rei disse ao Conselho que estava saindo para caçar, mas, em vez disso, cavalgou para vilarejos na parte baixa da Costa Ocidental, cidades isoladas pelo mar onde não seríamos notados. No caminho, deparamo-nos com uma pequena cabana com fogo queimando do lado de fora, longe de qualquer cidade ou vilarejo. Uma mulher e uma menininha estavam fazendo colares de conchas do mar. A garota era impressionantemente linda, quase etérea e, mais importante, tinha cabelo amarelo, da mesma cor que o Rei. Naquela noite, o Rei queimou um pequeno coração nas costas dela para lembrá-la de quem era e cavalgou para casa com ela amarrada às costas de Morte. Algumas Cartas o seguiram com sua mãe, Faina Baker, e a jogaram nas Torres Negras assim que chegaram à propriedade do País das Maravilhas. A garota foi batizada de Vittiore, um nome nobre, e colocada à frente da corte como sua filha perdida. Estava lá naquele dia, e vi seu rosto como se seu mundo tivesse desabado.

– Foi nesse dia que percebi que sua vida estava em perigo e, quanto mais chegava perto da coroação, mais seu pai tentaria se livrar de você... Seria isso ou tentar persuadi-la a desistir do direito ao trono. Isso nunca daria certo... Mesmo quando criança, você desejava ser rainha.

Ele sorriu.

– Sua sede de poder parece a minha. Mostrei os túneis naquela tarde, que era tudo o que podia fazer no momento para ajudá-la. Algum dia, pensei, precisaria deles. Comecei a tentar dar dicas para você sobre os motivos de seu pai, do fato de uma grande conspiração para coroar Vittiore estar crescendo à sua volta, da qual eu fazia parte, mas não colaborava quando podia. Seu pai tomou a posição no Jogo Real de Críquete e eu sabia que não demoraria para ele tentar assassiná-la ou exilá-la. Enviei um recado no jantar daquela noite em uma garrafinha. Pode parecer antiquado, mas eu queria que descobrisse sozinha. Afinal, sabia que minha filha era inteligente e curiosa, assim como eu.

A garganta de Dinah estava seca e latejante, seus olhos cheios de lágrimas. *Não pode ser verdade. Não pode ser.*

– Eu não deveria ter me preocupado. Usando os túneis, você foi às Torres Negras e descobriu a verdade sobre Vittiore, mesmo que não entendesse tudo, porque, naquele momento, Faina Baker já havia enlouquecido. Seu pai estava faminto por uma troca no poder e, assim que soube de sua excursão para as Torres Negras, decidiu decapitar Faina. Era uma mensagem para você, mas seu objetivo real era

lembrar Vittiore do que aconteceria se ela se rebelasse contra ele. Era inacreditavelmente cruel, mas foi uma lição bem dada para que nenhuma de vocês pusesse o nariz onde não devia.

– O tempo passou. A paciência do Rei com você estava acabando e sua coroação se aproximando. Um tipo de loucura tomara conta dele, que começou a murmurar palavras violentas e obscuras. Eu me preocupava com sua segurança. Pressionei o Rei a revelar os planos para mim, mas ele se recusou. Até seus conselheiros mais confiáveis ficaram no escuro.

As mãos de Dinah estavam apertando a toalha e suas unhas rasgavam o tecido fino. Seu mundo estava entrando em colapso, por dentro e por fora. Seus olhos marejados faziam parecer que as estrelas estavam caindo. Ela parou de respirar. Encarou Cheshire enquanto ele continuou, mas tudo o que ela viu foi Charles.

– Na noite do assassinato de seu irmão, eu tinha saído para encontrar alguns colegas que moravam na corte do lado de fora do palácio: Lordes Delmont e Sander, tenho certeza de que os conhece.

Dinah assentiu, impaciente.

– Voltei tarde, muito mais de meia-noite. Seu pai invadiu meus aposentos, sem anunciar, e o cobriu com sangue. Ele estava histérico. Eu o acalmei, mas não consegui esconder o horror quando me disse que havia acabado de jogar Charles de uma janela e assassinado Lucy e Quintrell. Ele disse que culparia você, para que nunca subisse ao trono. Cortaria sua cabeça ou a jogaria nas Torres Negras pelo resto da vida. Enquanto ele andava de um lado para outro perto da janela, murmurando sobre justiça e como a filha bastarda de sua mãe seria punida pelos crimes dela, eu sabia que cada instante da minha vida se resumia àquele momento. Como poderia salvar minha filha sem revelar a verdade ao Rei?

– Disse para o Rei se trocar, tomar banho e reunir as Cartas para ajudar a capturá-la. Então corri – como corri – primeiro para as cozinhas e então para a sala de armas. Sabia que você nunca sobreviveria sem comida na selva... Fora criada em um palácio que lhe dava tudo de que precisava. Depois de eu ter preparado sua bolsa, corri para seu quarto, onde deixei Harris e Emily inconscientes. Por alguns segundos, observei você dormir, minha filha, o orgulho do meu coração, com a aparência de sua mãe e uma inteligência como a minha. Nunca havia visto você tão de perto, tão perfeita, o sangue de minhas veias dormindo diante de mim. Jurei que faria de tudo para ajudá-la a sobreviver. Então você acordou... e tentou me matar.

Ele deu risada, e Dinah se lembrou do medo ao acordar com a figura negra no quarto.

– E apesar de não seguir minhas instruções, conseguiu fugir e com GRANDE estilo! Deixou para trás uma bagunça sangrenta, roubou o

Hornhoov de seu pai e, então, fugiu dele e de seu exército em uma perseguição da qual os plebeus vão falar por cem anos! – Ele juntou as mãos. – Eu não poderia ter planejado melhor. Foi genial, uma declaração do seu poder. Depois de ter ido embora, o Rei rapidamente declarou que era uma traidora do reino e coroou Vittiore. Foi a maior coroação que o País das Maravilhas já vira, e creio que ela ficou feliz por ter sido coroada. O Rei partiu após o evento para retomar a caça a você, e era a oportunidade que eu estava esperando. Uma chance de encontrá-la e me certificar de que estava sobrevivendo à Floresta Retorcida.

– Fontes seguras me contaram sobre um Espadas rastreador que tinha um rancor de longa data contra o Rei, e eu o procurei. Fiz um acordo com seu Sir Gorrann. Ele a rastreará, com o Rei ainda na cidade, mas ia encontrá-la antes e levá-la para as profundezas das Montanhas Yurkei, onde estaria a salvo. Ele a rastreou bem demais, e, como pode ver, a manteve segura, alimentada, e começou a treiná-la para lutar.

Cheshire esfregou sua garganta onde Dinah o havia ameaçado com o punhal. Um sorriso passou por seu rosto.

– O Espadas foi bom. Uni-me ao Rei na missão de caçá-la e, assim que soube que estava segura sob os cuidados de Sir Gorrann, discretamente saí do lado do Rei e segui um caminho alternativo para Hu-Yuhar, mas não sem antes convencê-lo a abandonar a busca e voltar ao Palácio do País das Maravilhas.

Ele acariciou automaticamente seu broche brilhante.

– Eu a vi na escuridão, naquela noite, tão imóvel com o vestido preto que guardei para você. Fiquei muito orgulhoso por estar usando-o tão bem, e muito furioso por se arriscar, tudo por uma chance de vingança. Por favor, perdoe-me pelo atraso. – Ele gesticulou para a mesa decorada. – Não me chamaria de uma pessoa prática para arrumar malas. Mas, finalmente, aqui estamos, pai e filha, reunidos enfim, sem segredos ou mentira entre nós. Desejei muito este momento.

A voz de Dinah ficou presa na garganta. Ela desejava se jogar nele, tirar sua vida, bater nele, abraçá-lo, chorar e rir, tudo ao mesmo tempo. Sentia-se enjoada e tonta, confusa e exultante. *Era demais*. Mal conseguia formar uma única frase amarga.

– Por quê? Por que está aqui?

Os dedos dele pararam de se mover contra a xícara e, com cuidado, ele se levantou e andou lentamente até Dinah. Ajoelhando-se diante dela, curvou a cabeça com cabelo preto à luz da lua e, então, fitou-a, com um largo sorriso branco em seu rosto fino.

– Por quê? Porque é minha filha, o orgulho e o propósito de minha vida, e vim para ajudá-la a recuperar o trono no País das Maravilhas.

Por quê? Porque você é a verdadeira herdeira da Rainha Davianna, e sua reivindicação ao trono é mais forte do que a de Vittiore, que é indigente, sem família. Ela age lindamente em seu trono roubado. Vou ajudá-la a se vingar do Rei, com o poderoso exército dos Yurkei atrás de você. Por quê? Porque nasceu para usar a coroa, e não vou ver a filha de Davianna definhar lentamente nas Montanhas Yurkei. Dinah, precisa se tornar uma conquistadora.

Sem aviso, ele pressionou os lábios contra a mão dela e Dinah sentiu uma onda de asco preenchê-la. Ela tirou a mão bruscamente, como se tivesse sido queimada.

Cheshire se levantou e foi até a ponta da mesa, onde, delicadamente, pegou uma boleira prateada com tampa. Colocou-a diante de Dinah.

- Um presente para minha filha.
- Não quero ver.
- Você precisa.

Tremendo, a jovem tirou a tampa. Debaixo dela, estava sua coroa – a coroa de ouro e rubi, com inúmeros corações que ardiam como fogo, a coroa que ela deixara para trás. Cheshire a pegou e a colocou em sua cabeça. Ela havia se esquecido de como era dura, de como suas pontas cravavam-se em seu crânio e da felicidade que sentia quando pesava em suas têmporas. Essa coroa, sua coroa. As luzes nas árvores cintilavam, e ela ouviu o farfalhar de asas do grou acima de sua cabeça. Olhou para Cheshire, ajoelhado diante dela. Seus olhos escuros encontraram os dela, como uma imagem refletida, seu inimigo, seu pai?

A voz dele ressoou pelas árvores.

– Levante-se, Dinah, e se torne a Rainha de Copas. Aceite o seu destino.

A noite parecia prender a respiração. Dinah o fitou, seus olhos negros brilhando à luz das estrelas.

Aceite o seu destino.

Ela correu.

Tudo o que ela ouvia eram as pisadas e sua respiração, alternando com cada passo. Ramos e galhos se quebravam e batiam enquanto ela corria pelo pomar Yurkei, para longe de Cheshire, para longe de tudo o que ele dissera. Sua respiração, alta e irregular, estava cheia de dor e confusão. As pisadas e a respiração eram tudo o que acontecia por ora, e eram a única coisa que ela conseguia fazer, a única coisa na qual conseguia pensar...

Galhos pontiagudos rasgavam seus braços e pernas, os espinhos espetando sua pele macia conforme ela passava. Ramos escuros arqueavam-se para o alto enquanto Dinah corria mais para dentro do pomar. Havia estranhas luzes azuis cintilando nas árvores, mas, afinal, o que não era estranho no País das Maravilhas? Alguma coisa grande sobrevoou sua cabeça, e Dinah ouviu um grito esquisito enquanto corria pelas plantas espinhosas, com as pernas se movendo mais rápido do que pensara que pudessem. Era somente ela, somente o ar que saía de seus pulmões, o som rasgado de seus soluços escapando do peito e o barulho das folhas e dos ramos sob suas botas.

Ela correu. Não demorou para chegar ao fim da floresta e, quando emergiu das árvores, foi pega de surpresa ao ver a face de uma escarpa que subia diante dela, parecendo um osso na luz branca da lua. Dinah enterrou o rosto nas mãos ao se lembrar, aos poucos, de onde estava: no vale Yurkei, rodeado por montanhas. Não havia para onde ir a não ser para cima... Não havia escapatória. Ela olhou em volta por alguns minutos antes de avistar um caminho sinuoso que Sir Gorrann mencionara havia alguns dias. Era íngreme, com ondulações que serpenteavam para o topo da montanha; era estreito, mas bastante utilizado. Dinah se viu correndo pelo caminho sem nem parar para pensar. Ela só precisava correr para qualquer lugar, em direção a qualquer coisa. Era muito para ela. O caminho ficava cada vez mais alto, até a jovem estar rodeada por uma névoa densa e branca que embaçava sua visão. Ela pressionou as costas contra a parede e continuou a subir como um caranguejo, de lado, até a neblina fantasmagórica dar espaço para o ar frio.

Quando chegou ao topo da escarpa, Dinah não conseguia respirar, arfando por ar, por clareza. Cambaleou e ficou surpresa ao se ver

quase desmaiando. A ferida que cicatrizava no ombro doía e pulsava a cada inspiração entrecortada, e a princesa se viu arfando no solo de cascalho. Apoiou a cabeça na pedra fria por alguns minutos, concentrando-se em respirar normalmente de novo. Limpando a boca, se ajoelhou e olhou ao redor.

Estava realmente sozinha naquele lugar excepcional. O solo era plano e feito de pedra – uma plataforma circular esculpida na montanha. Desenhos pequenos haviam sido feitos no solo, marcas que contavam uma história antiga de sacrifício e redenção. Eram os desenhos religiosos da tribo Yurkei. Ela passou os dedos levemente por eles. Harris teria amado ver isso – ele achava a religião Yurkei fascinante. Dinah ergueu os olhos para além do círculo de pedra. Podia ver todo o vale Yurkei se ficasse de um lado – e as tendas brancas flutuantes anexadas à lateral da montanha, cada uma emitindo um brilho escuro da luz sem chamas.

As enormes aves de pedra ficavam eretas, paradas e em silêncio, com a tenda de Mundoo suspensa entre elas. A correnteza do riacho atrás das tendas borbulhava satisfeita. Era uma noite quieta em Hu-Yuhar – o único barulho vinha da tropa de cavalos selvagens brincando em grandes grupos lá embaixo, seus relinchos felizes eram calmantes para seus ouvidos.

Dinah deixou os olhos viajarem para o extremo norte do vale, e eles pararam em uma floresta sutilmente iluminada, onde Cheshire esperara por ela com suas mãos compridas segurando uma xícara de chá. Ele ainda estava lá, sem dúvida passando o tempo até poder transformar tudo o que ela sabia em pó como o açúcar que sujou seu broche. Cheshire... seu pai? Dinah pressionou as mãos contra uma pedra dura. *Poderia ser verdade? E se fosse?* Ela deveria ficar feliz por saber que seu próprio pai não tentara matá-la, mas, sim, salvar sua vida? Ou furiosa, pois toda a sua vida fora uma mentira muito bem orquestrada? A verdade fora escondida dela, não apenas por Cheshire, mas também por sua própria mãe, a única pessoa que realmente a amava. Sua mãe, Davianna, que amava Cheshire e traiu o Rei, que possuía mãos macias e risada alta, mãos que envolveram a cintura de Cheshire quando dançaram no Grande Salão, as mesmas mãos que sempre acariciavam a face de Dinah de maneira tão amável... Dinah balançou a cabeça para pensar melhor. Será que era apenas outro dos jogos de Cheshire? Era possível, mas havia uma coisa martelando em seu coração dizendo que não era.

Uma parte dela desejava ter cortado a garganta dele antes que pudesse falar. *Ou será que era isso que queria?* Dinah não sabia o que queria. Suas emoções estavam bagunçadas, havia uma tempestade agitada dentro de si. Tinha que ser uma filha grata e adorável? Se tornar a guerreira que ele estava treinando? Uma princesa exilada,

uma prisioneira Yurkei? Será que estava cheia de ódio, como o homem que acreditava que era seu pai, ou cheia de graça, como Charles, agora seu *meio*-irmão? Se não era filha do Rei de Copas, mas de Cheshire, agora um traidor... O que ela era? Quem ela era agora?

– Quem você quer que eu seja? – ela falou brava para as estrelas, que naquela noite circulavam uma estrela especialmente brilhante que repousava preguiçosamente sobre as montanhas. Sua voz aumentou para um grito tenso, sufocado pela emoção. – Eu DISSE quem você quer que eu SEJA?

– Acho que *cê* sabe – respondeu uma voz familiar.

Dinah não fez questão de se virar.

– Como me achou? – ela fungou.

Ele deu uma risada rouca.

– Sou um rastreador, lembra? Não foi muito difícil... Não tinha outro lugar para *cê* ir a não ser para cima. *Cê* tá em um vale.

Ela baixou os olhos, recusando-se a fitá-lo.

– Mas é melhor não ir mais longe, para que Mundoo não pense que está tentando fugir. Dou valor ao ato de respirar.

Ela se virou para encará-lo.

–Você trabalha para ele, para Cheshire. Você me traiu. Mentiu para mim.

Sir Gorrann foi até seu lado, e Dinah ouviu suas botas pesadas ecoarem pelo abismo cavernoso.

– Nunca menti. *Cê* nunca me perguntou realmente sobre Cheshire. Ele me contratou para te encontrar? De fato. E encontrei? Sim. Salvei sua vida, garota, e salvaria de novo. Quando Cheshire falou comigo, fez uma promessa: se eu te encontrasse, iria ver com meus próprios olhos que o Rei teria o que merece, felizmente por suas mãos. Não apenas isso, eu o veria com todo o poder e orgulho arrancados. É isso o que desejo, que ele sofra como sofri. É isso que desejo, justiça finalmente para o Rei de Copas, justiça para Amabel e Ioney, é o que desejei por muitos anos. Só sua filha desobediente pode me dar isso.

Ele parou e coçou a barba olhando para Dinah, iluminado pelas estrelas cintilantes.

– Apesar de doer te dizer... Verdade seja dita, depois de um tempo, as coisas mudaram. Dinah, fiquei apegado a *cê*, e vou lutar ao seu lado, independentemente do que decidir.

Ele olhava gentilmente nos olhos dela, seu rosto como o de um pai cheio de amor.

– *Cê* me faz lembrar dela, da minha Ioney, se ela tivesse tido a chance de viver. Sua garra e força, cheia de emoção explosiva. Acredite que minha lealdade é para *cê*, só para *cê*. Se me pedir que o mate – ele apontou a cabeça em direção à floresta, a Cheshire –, eu mato. Apesar de que, tenha em mente, ele pode me pegar primeiro.

Cheshire já está a quatro passos à frente de onde *cê* pensa estar. Sabe o que vai pensar daqui a um mês. Me escute, garota, nunca subestime aquele homem. E não confie cegamente nele. Nunca.

Dinah puxou os joelhos para o peito e se arrepiou ao olhar para o vale lavado de branco que se estendia ao leste.

– Aquele homem... Você quer dizer meu pai?

Sir Gorrann não respondeu. Em vez disso, começou a fazer uma pequena fogueira com um ninho de aves seco para espantar o frio noturno. Sua habilidade era notável e logo as chamas quentes crepitavam e chiavam enquanto eles permaneciam sentados em silêncio.

Finalmente Dinah falou, sua voz se quebrando com exaustão emocional.

– O que ele quer que eu faça?

Sir Gorrann se mexeu no lugar e pegou um cachimbo.

– Não é óbvio? Ele quer que pegue o que é seu. A coroa. O trono da sua mãe no Palácio do País das Maravilhas. Ele quer que governe.

– E o que você quer?

Sir Gorrann soltou uma fumaça no ar, que acabou por ter cheiro de cavalos e folhas doces.

– Quero que faça o que acha certo. Desejo que o Rei tenha o que merece, mas vou fazer isso de um jeito ou de outro, agora ou daqui a vinte anos, ao seu lado ou de outra forma. Não vou fazer *cê* carregar meu fardo.

Dinah franziu o cenho.

– Justiça. – Ela gargalhou. – Será que não desejo isso também? O Rei matou meu irmão. Cheshire salvou minha vida.

– Isso ele fez mesmo. E, pelo jeito, mais de uma vez. Mas *cê* não deve nada a ele. Não queira dever para um homem daquele. Entendeu? Não queira. – O Espadas estava ficando chateado. Dinah o acalmou com o olhar. Ele suspirou. – *Cê* acredita nele? Sobre ele ser seu pai?

Dinah fechou os olhos. *Essa era a questão, não era?* Ela não queria acreditar. Queria que tudo voltasse a ser como antes – quando era uma criança nos braços de sua mãe, quando Charles estava vivo, quando o Rei de Copas ainda era seu pai e ela podia admirá-lo com orgulho, mesmo quando tremia de medo de sua fúria. Voltar no tempo em que Wardley estava por perto, com uma maçã em uma mão e a rédea na outra. Dinah pensou com cuidado antes de falar.

– Não quero acreditar nele e, mesmo assim, quando ele disse essas... coisas, eu pude sentir as peças espalhadas de minha vida se encaixando no lugar. Tudo está completo agora, de um jeito que não estava antes. – Ela balançou a cabeça. – É macabro, mas houve uma

conclusão, uma finalidade. Faz sentido... por que não pareço em nada com meu pai, hã, o Rei, ou com Charles. Por que o Rei me odiou a vida toda, por que batia na minha mãe, por que fugia para a guerra tão frequentemente. Por que nunca quis que eu dividisse o trono com ele. – Ela soltou um grito baixo antes de bater o punho cerrado contra o peito. – Deuses, sou muito TOLA!

A voz dela não havia nem acabado de ecoar pelas rochas quando um clamor de gritos ecoou de volta. Dinah e Sir Gorrann congelaram. Os gritos ficaram mais altos, até ela perceber que o que estava ouvindo era um grasnar de aves estridentes. Estava aumentando, um som terrível. Engatinhando, Dinah cuidadosamente colocou a cabeça na beirada da pedra circular e, imediatamente, sentiu seu estômago se revirar. O que ela pensara ser nada além de uma pedra lavada de branco eram, na verdade, pássaros, centenas de milhares de ninhos de groux brancos a quinze metros abaixo da ponta do abismo. O som crescente era ensurdecedor, e Dinah sentiu seu pulso acelerar. As aves podiam matá-los. Com essa recém-descoberta, ela olhou de novo para as marcas religiosas no chão, os lugares marrom-escuros que manchavam a pedra em certos lugares. Ela fechou os olhos e viu um prisioneiro, amarrado à pedra, levado pelos pássaros. *Um sacrifício. Ah, deuses.*

Sir Gorrann olhou para o abismo com uma careta.

– Esses groux são sagrados para nossos anfitriões. Os Yurkei os idolatram. São deuses e fonte de comida ao mesmo tempo, partes iguais na cadeia da vida. – Os olhos dele também pairaram nas manchas marrons na pedra. – Não deveríamos ficar mais aqui.

Dinah observou os groux em silêncio, seus olhos escuros arregalados com fascinação e medo. Depois de um tempo as aves se acalmaram, ajeitando suas asas, acomodando-se no ninho gigante. Dinah pensou ter visto uma carcaça de cavalo que ainda estava se movimentando levemente. Os gritos pararam, e Dinah falou baixinho.

– Cheshire quer que eu reivindique meu trono. Ele acha que sou uma conquistadora. Uma conquistadora sem exército.

– Os Yurkei vão lutar por você.

– Lutar por mim – ela riu alto. – Eles me *odeiam*. Os Yurkei vão lutar por Mundoo. Não têm interesse em lutar por mim. Já viu a cara deles quando passo? – Ela os vira, com seus olhos azuis brilhantes seguindo cada movimento dela, suas sobrancelhas franzidas de fúria. – E não há muitos deles, não se comparado às Cartas.

– Já viu os Yurkei lutarem? – respondeu Sir Gorrann. – Um Yurkei pode vencer quatro Cartas. – Ele balançou a cabeça. – Eles se movem com uma agilidade sobrenatural. É enervante.

– Ainda não é suficiente – ela retrucou. – Se realmente acontecesse, e não estou dizendo que vai, como poderia... acontecer?

Sir Gorrann demorou para estruturar a resposta com cautela, os olhos fixos no ninho de grou agitado abaixo.

– Cheshire esteve se encontrando com Mundoo por uns dias.

Dinah mordeu o lábio. *Então era lá que Mundoo estava indo.*

– Eles ainda estão discutindo um acordo aceitável. Até onde sei, em troca da ajuda na guerra, vão pegar todas as terras de volta na Floresta Retorcida, e uma promessa de que nunca mais vamos tentar tomá-las, em nenhuma ocasião.

Dinah balançou a cabeça maravilhada.

– Do que estamos falando? Há apenas algumas horas eu era uma prisioneira dos Yurkei, e algumas semanas antes disso, uma fugitiva, e antes, uma princesa!

Sir Gorrann balançou a cabeça.

– Cê nunca foi apenas uma prisioneira.

– Talvez eu apenas queira ser uma prisioneira! Ou ninguém! Talvez só queira ficar aqui e viver uma vida normal. Já pensou nisso?

Os olhos cor de amêndoa de Sir Gorrann analisaram o rosto dela.

– Cê não quer isso. Cê sabe disso.

Dinah sentiu suas bochechas ficarem vermelhas.

– Não importa. O que está me dizendo é que vou liderar um exército, que será derrotado com toda certeza, até o Palácio do País das Maravilhas? Estou certa? Está dizendo que eu deveria liderar essa briga toda em uma tentativa condenada de sentar em um trono porque minha mãe uma vez sentou lá? – A voz dela estava ficando cada vez mais alta, mais e mais agitada. Sentiu a fúria crescendo em seu peito, uma raiva feroz. Ela deu um salto e se levantou. – Olhe para mim e me diga... Quem sou eu, Sir Gorrann? Você vê Cheshire? Você vê uma garota choramingando ou uma guerreira Yurkei? Uma princesa mimada? Uma conquistadora? E quem é você? Um homem solitário? Você quer uma coroa em sua cabeça, Sir Gorrann?

Ela estava gritando agora e podia ouvir os grasnados exaltados quando os pássaros começaram a se agitar de novo. Milhares de asas começaram a bater no ar, alçando voo.

– Cale a boca, garota! Fique quieta! Quer ser bicada até a morte? – Sir Gorrann estava agitado também. Sua expressão estava contorcida com uma raiva que parecia iluminar o vale. – Está agindo como criança, é isso que cê é! Uma fedelha mimada que teve tudo! E agora, um homem traz um exército aos seus pés e cê não sabe o que fazer? Não é para eu te dizer! Sou só um Espadas sujo, um rastreador, um acabado, sei que acha isso!

Eles estavam furiosos um com o outro, brigando sussurradamente, suas frases sobrepunham umas às outras, voavam cuspes de sua boca. Uma veia roxa pulsava na testa de Sir Gorrann.

– Está perguntando quem sou eu? Não sou mais quem fui, um homem com uma esposa e uma filha. Nos tornamos quem precisamos para superar a dor e fazer tudo certo de novo! Tudo que fiz, fiz para ter justiça para minha família! Não te trouxe tão longe para perguntar a alguém o que deveria fazer!

Sir Gorrann apontou para as faces verticais das montanhas que dividiam o oeste e o leste do vale. A pequena fogueira havia ficado acesa, e as gigantes sombras deles dançavam através das chamas.

– Eu sei o que vê! Não importa o que Cheshire te disse, ainda é a mesma pessoa que era antes de ir àquela mesa de chá. Não é a chegada dele que mudou tudo; é só seu entendimento do passado. Não há nada que eu possa dizer, mas diria para olhar com seus próprios olhos! – Ele começou a andar em direção ao caminho estreito que levava à base do vale. – Vou falar boa-noite quando estiver de bom humor. E tome cuidado, esses pássaros não vão adormecer.

– Vá embora – ela disse baixinho. – Não quero ver ninguém agora.

A fúria sombria estava se agitando dentro dela. Ela não iria deixar os argumentos dele a levarem à beira da loucura.

Bufando, ele começou a descer pelo caminho estreito, murmurando para si mesmo:

– A filha louca de Cheshire.

De repente, Dinah estava sozinha, consolada apenas pelo crepitar da fogueira que continuava a projetar gigantescas sombras dançantes nas paredes da pedra. Ela se sentiu varrida por uma onda de emoções, como se estivesse se afogando na maré de sua própria confusão. Milhares de mãos diferentes estavam em sua mente, cada uma puxando uma corda. Seu antigo pai, o Rei de Copas. Seu pai atual, Cheshire, como seu sorriso felino. Sir Gorrann. Mundoo. Bah-kan. Wardley, Charles, Harris, Faina Baker, Vittiore. Seus rostos se encontravam, cada um como uma parte dela, mas ninguém lhe dava a resposta de que precisava. Imagens perseguiam umas às outras em sua mente, um jogo de definições insano: Wardley beijando-a debaixo da árvore Julla. Sua mãe olhando para ela no reflexo do espelho. Charles com um chapéu elegantemente tecido na mão. Lucy e Quintrell sangrando e empilhados em um armário. Uma mesa vazia. Ela fechou os olhos e sentiu o calor do fogo se aproximar de seu rosto. Então fez todas as vozes se calarem.

Inconscientemente ergueu os braços, a dor em seu ombro a fez gritar com a confusão mental. *Fiquem quietas*, ela gritou para as vozes em sua cabeça. *Fiquem quietas!*, ela exigiu de novo. *Silêncio!* Enfim, ela as calou até sobrar apenas sua própria voz. Baixou as mãos. *Fiquem quietas, todas!* Havia um silêncio dentro dela, e Dinah se permitiu olhar para seu interior e reunir os pensamentos. Quando abriu os

olhos de novo, fitou a face rochosa do penhasco e, imediatamente, viu o que Sir Gorrann havia apontado. Aturdida, a jovem ergueu o queixo de um jeito que não fazia desde que deixara o palácio. Com o fogo saltitando atrás dela, a sombra de sua figura era enorme na pedra: gigante, quase maior que a própria montanha. E, em sua cabeça, estava a sombra da coroa que Cheshire colocara.

Dinah ergueu a mão e sentiu a borda da coroa com seus dedos trêmulos, o ouro aquecido em razão das chamas crescentes. Ela havia se esquecido de que a estava usando, pois estava muito acostumada com seu peso. Era natural para ela... Havia praticamente nascido usando aquela coroa em particular. A coroa tinha ficado no lugar mesmo depois de Dinah ter corrido pelas árvores e espinhos. Parecia *certo* estar na cabeça dela, e as pontas que cravavam em sua têmpora lhe davam uma estabilidade que não sentia havia muito tempo. Ela encarou a própria sombra, e a figura comandante com a coroa refletiu nas chamas. Sua mente clareou. A resposta estava ali. *Era isso o que ela era, quem ela sempre fora.* Não era filha, não era guerreira, não era bode expiatório ou prisioneira. Não era uma princesa mimada ou a salvadora de um povo estrangeiro. Dinah ergueu os olhos para as estrelas circulares, e sua sombra se endireitou de acordo.

Sou a Rainha, ela pensou.

Essa sou eu. Sou a Rainha de Copas, nascida para sentar em um dos dois Tronos de Copas. Sou a Rainha do País das Maravilhas e vou usar a coroa que meu irmão fez para mim. Vou tomá-la com fúria e golpes de espadas e qualquer ajuda que puder encontrar. O orgulho floresceu em seu peito, e cada centímetro de sua pele se sentia vivo com promessa e objetivo. De repente consciente de tudo que a tocava, pressionava sua pele, agarrava seu pescoço, Dinah começou a tirar a roupa. Rasgou o tecido com o punhal e tirou a túnica vermelha que representava o País das Maravilhas pela cabeça. Tirou as calças de penas Yurkei e as botas que foram colocadas em sua bolsa há milhões de anos. Quando terminou, Dinah estava sem uma única peça no corpo, sem correntes para prendê-la, presentes para suborná-la ou acessórios para envergonhá-la. Estava nua, apenas com a coroa na cabeça, uma coroa que era seu direito de nascença pela linhagem de sua mãe. *Eu sou a Rainha.* Todos no País das Maravilhas se curvavam diante dela. Ela não estava com medo, não mais. *Eu sou a Rainha.*

Viva de todas as maneiras, Dinah jogou um grande pedaço de madeira queimando pela beirada do abismo, que caiu com uma explosão de fogo no ninho enorme. Instantaneamente, o ar vibrou com o barulho dos milhares de asas, e Dinah observou sem medo quando o céu ficou preenchido pelos grous brancos gigantes. Voaram batendo as asas e com os bicos afiados, mas ela ficou parada, nua e ruborizada, apenas com a coroa na cabeça. Eles a rodearam, seus gritos altos

chegavam cada vez mais perto, seus bicos tocavam sua pele.

– Vão! – ela gritou. – VÃO!

Tudo ao seu redor era um mar de penas brancas, mas Dinah ousou não fechar os olhos. Houve um momento em que um grupo raivoso ficou rodeando bem acima dela, emitindo um chiado irritado e um enxame de grasnados, preparando um ataque àquela criatura estranha usando uma coroa e ardendo de raiva. Os olhos negros de Dinah encararam as aves, inflexíveis, desafiando-as a tocarem nela. As aves pareceram parar, com violência na mente, calculando as probabilidades de realizar esse último sacrifício. Então, no último instante, elas subiram no ar, em uma espiral infinitamente larga, bloqueando as estrelas, a pedra, tudo. Ela enfrentara os deuses e ganhara.

Eu sou a Rainha de Copas, ela pensou, *e vou tomar meu trono*.

A nuvem de pássaros desapareceu sobre a montanha, e o ar ficou em silêncio de novo. Ela ficou parada diante das montanhas, a brisa fria dolorosa chicoteando seu corpo. Alguma coisa havia mudado ali naquela pedra, naquele pedaço de pedra manchado por uma religião antiga. Dinah viu um caminho se abrir diante dela, confiante do que precisava fazer e de quem era. *Eu sou a Rainha de Copas*. Era uma rainha, tomaria seu trono e, quando o tomasse, faria justiça a Charles. Esse era seu destino, e ela estava, pela primeira vez, sem medo do futuro. O caminho para a guerra era, de repente, a opção menos assustadora de todas, porque era o *certo*. Assim que os pássaros desapareceram por completo no céu noturno, ela respirou profundamente até seu coração parar de bater rápido. Dinah sentiu o fogo acabar, mas não antes de dar mais uma olhada na sua sombra firme, tão feroz e segura, com as pontas de sua coroa tocando o topo da face do abismo. Uma voz ranzinza dizia a ela que, enquanto não era tão poderosa quanto *aquela* rainha, teria que tentar. Independentemente do medo que, sem dúvida, iria atingi-la pelo caminho, tinha que tentar.

Sem vontade, Dinah recolocou as roupas e deu mais uma olhada rápida para o vale Hu-Yuhar. Uma multidão Yurkei estava se reunindo, e suas vozes deram lugar a uma admiração silenciosa quando ela desceu pelo caminho íngreme esculpido na parede da pedra. Um grupo nervoso de homens lhe esperava na base da escadaria estreita: Cheshire, com seu robe roxo esvoaçando com o vento e suas mãos juntas como se estivesse rezando; Sir Gorrann, sua expressão firme como uma máscara de preocupação; Mundoo, feroz e orgulhoso, o líder de seu povo; e Bah-kan, que era mais alto que todos, aterrorizante e perigoso, segurando a espada de Copas. Os homens a observaram enquanto descia, sua expressão sem emoção não o traía. Centenas de Yurkei fascinados se juntaram para observá-la, seus olhos

azuis perfurantes quase fluorescentes no escuro. Ela chegava cada vez mais perto do pequeno grupo de homens que havia jogado com ela como um peão, que a havia levado em direção ao seu destino com muita habilidade. O rosto de Cheshire expressou um sorriso largo quando viu a coroa na cabeça dela. Rapidamente, ele se ajoelhou e se curvou diante dela em grande estilo. Sir Gorrann o seguiu. Mundoo e Bah-kan simplesmente assentiram em sua direção, eles não ajoelhariam.

Mundoo limpou sua garganta poderosa.

– Princesa. Temos muito sobre o que conversar.

Dinah só iria perceber depois que três simples palavras mudariam para sempre o destino do País das Maravilhas.

– É Vossa Alteza – ela o corrigiu. – E imagino que temos.

As estações mudavam a paisagem com uma velocidade tão alarmante quanto os meses seguintes voaram. *Até a grama estava diferente ali nas Terras Sombrias*, pensou Dinah, ao observar as samambaias de um azul-pálido em toda a paisagem escura. Tudo estava mais macio e molhado. Seu corcel pisava impacientemente, com sede e pronto para mergulhar a cabeça na correnteza de água fria que corria logo abaixo do musgo. Seu cabelo, úmido e torcido com laços brancos, voava à frente dela, e Dinah estremeceu com o ar da manhã quando alguma coisa redonda e brilhante deslizou abaixo da espuma da água. Ela esperava que o sul fosse quente e úmido. Estava certa com relação à umidade, mas, com o ar úmido e sem vento das Terras Sombrias vinha um certo frio matinal, o ar molhado segurando o último segundo de noite.

Havia sido uma marcha infernal – perderam muitos Yurkei no caminho, entre os pântanos escondidos e as criaturas estranhas venenosas que pareciam ficar à espreita debaixo de cada pedra. De forma perturbadora, a Floresta Retorcida parecia tranquila se comparada às Terras Sombrias. Conforme enfiava a mão na crina emaranhada de seu corcel, Dinah murmurava uma música suavemente, uma música que sua mãe lhe ensinara havia muito tempo. Uma música que, agora sabia, Davianna aprendera com Cheshire. A paisagem era hostil, mas, mesmo com o perigo a cercando de todos os lados, Dinah se sentia mais forte do que nunca. A coroa descansava no topo de sua cabeça, em seu lugar certo, e ela se sentia poderosa na sela alta. Seu estômago resmungou. Estava com fome, como estivera desde que começaram a marchar para o sul. Mover um exército pequeno exigia muita comida, e parecia nunca ser suficiente para satisfazer todo mundo. Todos podiam comer, pelo menos, cinco vezes mais, até a futura Rainha, que dormia em uma tenda maltratada, curvada em sua espada. Dinah ainda estava cantarolando quando Sir Gorrann trotou atrás dela em Cyndy.

– Sir Gorrann, bom dia.

Ele não perdeu tempo com palavras amáveis.

– Vossa Alteza, há um conflito entre dois guerreiros. Ju-Kule e Freyuk estão prestes a brigar. Cê precisa vir rápido... A disputa deles

com certeza vai acabar dividindo a lealdade entre os Yurkei.

Dinah assentiu e, com um estalo da língua, mandou seu corcel galopar até o campo – uma cidadezinha de tendas brancas circulares que mantinha milhares de guerreiros Yurkei e, até agora, aproximadamente trezentas Cartas desertoras. *Maravilha*, ela pensou, *outro problema, outra batalha pequena*. Acabou que planejar uma guerra era muito complicado e demorava meses. Ela mordeu o interior da bochecha nervosamente ao se lembrar de todos os conflitos que a haviam seguido desde as montanhas.

Na noite em que aceitou seu destino como Rainha, depois de descer da Montanha Yurkei, ela havia subido à tenda de Mundoo junto a Sir Gorrann e Cheshire. O medo retornou quando ela encarou a escada, mas, desta vez, tinha mais alguma coisa do que a sobrevivência nas mãos – tinha motivos para viver: vingança e o trono. Quando a escada balançava, se obrigava a subir sem medo. *Eu sou a Rainha*. Quase imediatamente depois de eles começarem uma discussão tensa, ficou muito claro que cada membro do conselho de guerra chegou com a própria lista de condições. Mundoo queria completa autonomia e independência para seu povo em relação ao Palácio do País das Maravilhas. Em troca de seu apoio na batalha, exigiu que devolvessem todas as terras antigas para os Yurkei, do norte até o Nono Mar entre Todren e até o leste, da Floresta Retorcida até o fim das Montanhas Yurkei. Também decretou que um representante do povo Yurkei sentasse no conselho da Rainha, assim que este fosse estabelecido, e teria um voto em todos os negócios do País das Maravilhas. Era um preço alto a pagar pelo exército, um que iria sentir mais tarde se fosse realmente coroadada. Parte das terras dos Yurkei incluíam Ierladia, a cidade natal de sua mãe, a maior fortaleza no norte do País das Maravilhas. As negociações sobre Ierladia levaram três dias, mas, no fim, chegaram a um acordo. Mundoo concordou que os cidadãos e as propriedades de Ierladia permaneceriam intactos sob o governo dos Yurkei, que seriam os donos da cidade, mas Ierladia ainda funcionaria como sempre – por meio de trocas e comércio com o palácio. Dessa forma, os Yurkei iriam ficar com uma porção grande dos impostos. Este era um conceito estranho para os Yurkei, mas, no final, cederam ao plano de Cheshire.

O recém-descoberto pai de Dinah também tinha sua lista de exigências: teria o cargo de principal conselheiro da Rainha e seria líder do conselho. Também permaneceria no comando de todas as Cartas, agindo como Carta de Ouros no comando da tesouraria. Seus poderes aumentariam para incluir uma vaga no conselho dos Yurkei, e teria o poder de manter ou soltar prisioneiros quando quisesse. Sem dizer expressamente, Cheshire se certificou de que seria a pessoa mais poderosa do palácio depois da Rainha. Bah-kan queria terras no

território Yurkei e um perdão real por sua deserção das Cartas, e o teria, mas somente se concordasse em ser o guarda-costas particular de Dinah até ela ser coroada. Sir Gorrann disse que negociaria sozinho com Dinah, mas, até agora, permanecera em silêncio e impassível, sem querer nada aparentemente.

Depois de os acordos terem sido assinados e selados, quatro cavalos velozes com cavaleiros Yurkei foram enviados para guardar os documentos nos quatro cantos do País das Maravilhas, para sempre haver um tratado em segurança, mesmo que as outras cópias fossem destruídas. Depois de os documentos terem sido enviados, Dinah, nervosa, se preparou para o antigo ritual de confirmação do pacto dos Yurkei. Vestindo apenas algumas penas, ficou completamente parada por horas conforme as palavras do tratado eram pintadas em seu corpo com tinta branca por mulheres Yurkei em silêncio. As palavras desciam de seus olhos em linha reta até a ponta dos dedos do pé e, no fim, não havia nem um centímetro de sua pele livre de tinta. As palavras do tratado estavam em suas bochechas, sua barriga e na ponta de seus dedos. Mundoo tinha o mesmo tratado escrito no corpo imaculado e, quando acabaram, Dinah e Mundoo foram colocados em um círculo de fogo, cada um com um grou subjugado amarrado ao punho. Os Yurkei começaram a cantar uma lamúria enervante que ressoava pelo vale estreito.

Cantaram por horas enquanto Dinah e Mundoo ficaram perfeitamente parados até suas pernas tremerem. Finalmente, com um grito desesperado, os dois se aproximaram à medida que as estrelas giravam no céu. Quando estavam bem próximos, os grou saíram de seus punhos e voaram um em direção ao outro. Mundoo e Dinah foram puxados para perto quando as cordas que os seguravam se torceram e enrolaram conforme os pássaros voavam e brigavam. As palavras quentes escritas em seus corpos estavam se mesclando, a tinta derretida se misturava ao suor e às lágrimas enquanto se emaranhavam um ao outro. Enfim, uma sacerdotisa Yurkei deu um grito e ambos soltaram as aves no céu. As palavras agora eram uma, seu suor era um e seu calor era um. Os olhos negros de Dinah encontraram os olhos azuis brilhantes em silêncio, cercados pelo fogo feroz. O que ela vira em ambos tranquilizou e assustou Dinah. Mundoo estava firme, resiliente, e ela via uma paixão não muito diferente da dela chamejar seus olhos. Ela era uma rainha e ele, um chefe. Eram iguais. Um pacto fora feito, uma promessa selada. Dinah nunca se sentira tão viva, e deu um grito para o céu, com a cabeça para trás em glória.

Depois de se limpar, ela se juntou aos Yurkei para uma festa ao lado de Bah-kan, Sir Gorrann e seus dois guardas Yurkei. Era uma celebração para deixar todos com inveja, até mesmo as festas infinitas

que eram realizadas no Palácio. Aves de todos os tipos estavam empoleiradas nas costas dos guerreiros Yurkei. Cada mordida vibrava com o gosto de deliciosas especiarias, amadeiradas e saborosas, cada gosto manipulado por Iu-Hora, o curandeiro local. Dinah recebeu pilhas de cogumelos comestíveis, cada um produzindo um efeito único – alguns a deixavam triste ou melancólica, outros a deixavam alegre ou boba. Alguns produziam uma sensação de intensa paixão que chegava ao máximo em segundos e a deixava com falta de ar, agarrada à mesa. Outro lhe dava alucinações sobre o palácio, cheio de corações vermelhos pulsando e pavões esvoaçantes. Outros lhe mostravam um rio de sangue que inundava seus pés. Os efeitos não duravam muito – a maioria não passava de um minuto –, então Dinah esperava ansiosamente pelo que o próximo cogumelo traria.

A sobremesa era uma torre de frutas misturadas e plantas comestíveis, junto a pães de mel quentinhos, dos quais Dinah parecia não se cansar. Quando o pão era partido, uma chama minúscula que, de alguma forma, queimava em seu interior, se extinguia, fazendo mel fervendo escorrer do pão quente. Era incrível, e Dinah lambia o mel dos dedos feliz, consciente de que, talvez, uma rainha não devesse ter tal comportamento. Ela não se importava. Os Yurkei também não se importavam.

Cheshire se sentou a um de seus lados e Sir Gorrann, do outro; e Cheshire constantemente tentava envolvê-la com elogios ou observações, mas ela ainda não conseguia ser gentil com ele. Ela se pegou fitando-o quando ele não estava prestando atenção, analisando seu cabelo e seus olhos pretos, como os dela, como uma imagem refletida no espelho. Ela o imaginou com sua mãe, rindo e tocando-a, encontrando cada momento livre para estarem juntos, envolvidos pelo perigo da paixão proibida. Ela não conseguia imaginar e, às vezes, aquela ideia a enojava. Desde que ele chegara, havia lhe dado vários presentes – um broche adorável de diamante na forma de um gato, uma capa roxa para cavalgar, um novo par de botas de couro vermelho-escuro decoradas com um coração em cada pé. Ela colocou as botas instantaneamente e guardou os outros presentes na bolsa. Ele não podia comprar sua lealdade ou amor, ainda não, mas ela precisava de botas novas, então se permitiu colocar os pés naqueles solados chiques, para regozijo de seus pés doloridos.

Seu treinamento com Bah-kan e Sir Gorrann continuou – manhãs brutais, todos os dias –, até ela conseguir lutar de forma competente com Sir Gorrann, vencendo-o algumas vezes. Todas as manhãs que ela havia brincado de espada com Wardley voltavam à sua memória, e seus golpes se tornavam rápidos e firmes conforme seu corpo girava e pulava intuitivamente. De alguma maneira, sem perceber, a lâmina e seu corpo se tornaram um só. Certa manhã, enquanto Dinah estava

tomando banho, Cheshire se aproximou e a convidou para treinar com ele o lançamento de punhal. Dinah concordou relutante, mas, para sua surpresa, gostou da aula. Havia alguma coisa em jogar um punhal em uma árvore que liberava sua ansiedade crescente em liderar um exército. Cheshire era extremamente habilidoso com o punhal, e Dinah percebeu que ele, generosamente, havia permitido que ela segurasse o punhal em seu pescoço no pomar aquela noite. Ele poderia tê-la desarmado ou a matado a qualquer momento.

Conforme jogavam a faca, Cheshire recontava partes da infância de Dinah das quais ela havia quase se esquecido – seu quinto aniversário, um jogo de críquete, quando ela quebrou a perna subindo em uma estátua. Ele realmente a observara, mas ela dizia a si mesma que não significava nada. Já era difícil pensar que tinha o mesmo sangue que ele, quanto mais desenvolver um afeto de pai e filha que não tivera a vida toda. Então ela não falava. Só lançava os punhais, de novo e de novo, adorando o barulho que a faca fazia quando entrava no tronco da árvore. Com o decorrer dos dias, ela gostava cada vez mais do tempo que passavam juntos.

Preparar um exército levava tempo. Havia armas para preparar, cavalos para treinar e enormes montes de comida para cozinhar. Foi decidido que Dinah levaria mil guerreiros Yurkei quando marchasse para o sul. Se fosse para ter o mínimo de esperança em relação ao exército de, pelo menos, dez mil Cartas do Rei, e que estava cada vez maior, então precisavam do apoio das Cartas desertoras que moravam nas Terras Sombrias. Eram homens perigosos, que haviam desistido de serem Cartas e fugido para o sul, onde podiam viver uma vida de relativa liberdade fora da lei do País das Maravilhas. Então, de novo, tinham que morar nas Terras Sombrias, o que, para Dinah, parecia ser punição suficiente.

Mundoo e seu exército de quatro mil Yurkei marchariam para o norte, recrutando homens de tribos menores que ficavam espalhadas abaixo de Todren, e desceriam para o palácio. Isso não apenas iria assegurar que o local fosse atacado pelo norte e pelo sul – o que era fundamental, já que a construção era rodeada por um muro circular –, mas o Rei de Copas com certeza focaria no exército grande e barulhento de Mundoo, permitindo que Dinah e seu pequeno exército rastejassem por trás. A esperança de Cheshire era que o exército de Dinah o surpreendesse, ou pelo menos assustasse as Cartas. Eles iriam saquear o palácio, tal qual exércitos independentes que trabalhavam como um só. Ele era incrivelmente inteligente em relação a estratégias de batalha, e Dinah viu na mesma hora por que o Rei o havia escolhido como conselheiro. A mente de Cheshire não era diferente de seu punhal. Lâmina afiada e letal, que poderia ser empunhada completamente de qualquer jeito que ele escolhesse. Ele explicou que

o pequeno exército Yurkei a protegeria nas Terras Sombrias, mas também servia como um símbolo para as Cartas desertoras do seu compromisso para com um novo tipo de existência, na qual os cidadãos do País das Maravilhas, as Cartas e os Yurkei conviveriam e lutariam juntos para acabar com a tirania. Nas palavras dele, ver a Rainha de Copas liderando um exército de guerreiros Yurkei seria o suficiente para persuadir até a mente mais teimosa.

– Guerras – ele a lembrou – são vencidas na mente, não no campo de batalha.

Um dia após a partida deles, alguns meses depois de Dinah ter descido a montanha com sua coroa, as mulheres da tribo Yurkei discretamente se juntaram para presentear Dinah com uma roupa para a batalha decorada com elementos que representavam Hu-Yuhar e o País das Maravilhas. Quando a desdobraram diante dela, Dinah mordeu o lábio para não desabar em lágrimas de gratidão. Ela estava levando os maridos e filhos daquelas mulheres para lutarem por ela – alguns com certeza para a morte, e elas estavam lhe dando uma obra de arte, uma coisa que nunca teria como pagar ou copiar. *Ela as tornaria viúvas e estavam lhe dando presentes.* No peito, a peça era branca – de um branco puro, impecável, que refletia os raios brilhantes do sol. Na frente, havia um coração vermelho, cortado em uma ponta. Era muito parecida com a armadura de seu pai, só que fora feita e moldada para o corpo de uma mulher. Descia e chegava ao seu quadril, onde coraçõezinhos delineavam a bainha. Para seus braços e suas pernas, havia armaduras pretas e marcadas com o mesmo coração vermelho.

A armadura, mesmo meticulosamente trabalhada, era apenas uma amostra da arte e do talento das mulheres Yurkei, mostrados completamente no manto de Dinah. Chamá-lo de manto ou de capa era um erro, pois era muito mais que isso. Ele se prendia em seu pescoço e passava pelos ombros com a mesma notável madeira clara que suspendia as tendas de Hu-Yuhar. Uma gola grossa de tecido xadrez preto e branco saía das laterais de seu pescoço e se torcia em dois corações logo abaixo das bochechas. A gola era delineada com penas brancas delicadas, tiradas de aves novinhas, e a capa era feita de penas de grou branco. A ponta de cada pena havia sido tingida de vermelho, dando a aparência de uma asa com sangue. A capa se estendia atrás dela como asas, comprida o suficiente para arrastar no chão. Dinah permitiu que a vestissem e trançassem seu cabelo com laços. Quando todas se afastaram, com os olhos arregalados, ela sabia que estava pronta.

Dinah ajustou a coroa de rubi na cabeça e virou-se para as mulheres. Algumas estavam choramingando, outras olhavam simplesmente com medo, seus olhos azuis arregalados temerosos.

Quando ela saiu da tenda, Cheshire colocou a mão no peito e arfou. Sir Gorrann, alguns passos atrás dele, ergueu as sobranceiras.

– Como estou? – Dinah perguntou com um sorriso.

Bah-kan estava amolando uma faca em uma pedrinha perto deles e olhou para cima em sua direção.

– Esplêndida. Parece que saiu dos pesadelos.

– Se *você* acha isso – ela respondeu –, então elas fizeram um ótimo trabalho. – Dinah assentiu, agradecendo às mulheres Yurkei, que se juntaram e colocaram a mão sobre o coração na armadura peitoral, enviando energias curadoras e murmurando preces silenciosas para seu sucesso.

Naquela noite, Dinah mal havia voltado para sua tenda quando derramou densas lágrimas de gratidão. Havia pouco tempo para isso enquanto as engrenagens da guerra giravam, e ela estava feliz por tê-las derramado.

O sol subiu e se ajustou no céu e, antes de Dinah sentir que podia reunir todas as informações e pensar em todos os detalhes, já era a noite da véspera de sua partida. Hu-Yuhar inteira estava em silêncio, e ela podia sentir o peso do medo e do desespero no ar – havia muita coisa em risco nessa aposta, uma aposta *nela*. O trono do País das Maravilhas, o destino dos cidadãos –, estava tudo em suas costas, pesado como a capa que voava atrás dela. Conforme a noite escura caía sobre Hu-Yuhar, tão distante daqueles que se agarravam uns aos outros desesperados em suas tendas, Dinah andou pelo vale quieto, caminhando para os grous de pedra que vigiavam seus segredos sussurrados. Havia mais uma coisa que ela queria.

Sem a ajuda dos guardas, Dinah subiu a escada e entrou na tenda de Mundoo, que estava comendo com a família, e Dinah se sentiu grosseira por interromper aquela última noite sagrada no lar. Mesmo assim, abriu a tenda e entrou. A esposa de Mundoo e as sete crianças olharam assustadas.

– Preciso falar com você antes de partir.

Mundoo abanou a mão, e sua esposa e as crianças correram pela ponte, que fazia um barulho alto no ar frio da montanha. Dinah levou os dedos à coroa. Ultimamente, quando sentia dúvidas bizarras ou no mínimo o medo que vinha com o planejamento de guerra e morte, ela tocava a coroa. Isso a fazia se concentrar e a confortava. Ela se curvou levemente diante de Mundoo antes de começar a falar com uma voz forte, mas serena.

– Você tem algo que quero. Sinto que lhe demos um bom acordo. Não pedi nada em troca.

Mundoo riu ao lamber com gosto a gordura de seus dedos.

–Você não pediu nada. Só uma coroa na cabeça e o fato de se tornar

a pessoa mais poderosa do País das Maravilhas.

Dinah engoliu e continuou.

– Eu o quero de volta. Ele não será útil para você se estiver morto. Precisamos dele.

– Não. VOCÊ precisa dele. Um corcel comum será perfeito.

– Qualquer homem que já montou um Hornhoov sabe que isso é mentira.

Mundoo se levantou e se sentou firme no trono de grous dourados. Ele olhou para Dinah, se divertindo.

– Não posso lhe dar o monstro louco que matou tantos guerreiros meus. É contra todo princípio da justiça Yurkei, mesmo se eu acreditasse que ele iria ajudá-la na batalha.

Dinah sorriu.

– Entendo, e nunca pediria para comprometer suas regras ou reputação com seu povo. Mas e se eu puder oferecer a você, aos Yurkei, algo maior que a própria morte?

Mundoo ergueu a sobancelha para ela, seus olhos azuis radiantes refletiam o pouco de confiança que ela passava no momento.

– E o que poderia ser? O que poderia igualar o valor das vidas? Talvez um pouco de ouro do País das Maravilhas? Uma parte do seu tesouro assim que for coroadas? – Ele zombou. – É muito a cara dos cidadãos do País das Maravilhas achar que podem comprar a justiça Yurkei. Você não nos entende se acha que pode pagar sangue com ouro.

Dinah abriu as mãos mostrando misericórdia.

– Não dinheiro. Eu lhe daria a vida pela morte. É a única coisa que é melhor.

Mundoo tamborilou os dedos nos lábios.

– Minha curiosidade me pede para ouvi-la. Continue. Mas tenha cuidado para não me insultar na minha própria tenda, no meu próprio reino. Não é minha rainha, Dinah, não se esqueça disso. – Os olhos dele se demoraram na porta que voava da base da tenda. – É um longo voo daqui das asas do grou até o chão.

Dinah inclinou a cabeça.

– Chefe Mundoo, no lugar da execução de Morte, proponho lhe dar vida. Doze vidas por doze que ele tirou. Doze Hornhooves. Assim que eu for Rainha, vou fazer Morte reproduzir com sua Hornhoov, Keres. Você ficará com doze de seus potros, machos e fêmeas, que, depois de um tempo, também se reproduzirão. Potros de Hornhoov são muito raros, como sabe.

Mundoo se jogou do trono e agarrou o queixo de Dinah.

– Acha que sou bobo, garota? Ou você é a boba? Com um exército de Hornhooves, minha tribo rapidamente seria uma ameaça para o Palácio do País das Maravilhas. Como quer que eu acredite que vai me

dar a prole dele?

– Eu vou. Tem minha palavra de Rainha.

– Ainda não é a Rainha – ele soltou. – Como sei que vai manter sua promessa?

Dinah sentiu a coroa pesar em sua cabeça.

– Juro pela vida de meu irmão, em nome de Charles.

Mundoo a soltou.

– Então eu aceito. Doze potros de Hornhoov para os Yurkei, trazidos quando estiverem na idade de começar o treinamento.

Dinah assentiu.

– Doze. Nem um a mais.

– E se não se tornar Rainha? O que é bem provável, como sabe.

Dinah já estava descendo a escada.

– Então todos estaremos mortos de qualquer forma. Boa noite.

Assim, ela se reuniu com Morte. Encontrou-o em uma jaula tão alta quanto três homens, rodeada pela madeira branca forte que mantinha as tendas de Hu-Yuhar suspensas. Essa madeira, no entanto, era coberta por espinhos, e ela viu centenas de cortes minúsculos nas pernas e na cabeça dele. Morte ficou tão feliz de vê-la que só pisoteou três vezes ao seu redor, sem ameaçar esmagá-la. Finalmente, assim que uma fumaça saiu de suas narinas, ele deixou Dinah passar um dedo em seu focinho enorme. Ergueu a perna para que ela pudesse montar e pular da cela aberta. Eles correram pelo vale por horas, os baques de seus cascos assustando outros pôneis selvagens. No fim daquela semana, os Yurkei a presentearam com uma sela especialmente feita para montar um Hornhoov, originalmente criada para o Chefe. Apertava o pescoço de Morte, mais do que suas costas, mas também tinha um buraco onde Dinah podia ficar de joelhos se quisesse. Com seu corcel, sua sela e sua coroa, ela liderou o exército de mil Yurkei para o sul, marchando por um estreito caminho secreto por dentro das Montanhas Yurkei, pelo meio da planície para as Terras Sombrias. O caminho a levava até ali, àquele poço de aflição, montada em Morte, orgulhosa e exausta. Dinah agora olhava para as barracas, em silêncio no ar da manhã.

O demônio negro pisava impaciente com seus cascos enquanto ela pensava por que havia ido até ali. O que Sir Gorrann dissera? *Um conflito entre dois Yurkei, ah, é.* Ela desceu de Morte, que rosou bravo quando ela tentou amarrá-lo em um galho. Seus olhos enormes brilharam de raiva. *Ela não aprenderia nunca?* Em vez disso, ela soltou as rédeas e Morte galopou para longe. Ele voltaria quando ela precisasse dele, arrastando uma carcaça ensanguentada de algum pobre animal aos pés dela. Ele, então, comeria até Dinah vomitar sua ceia no mato.

Dinah colocou a cabeça para dentro da tenda de Sir Gorrann. Os

homens a estavam esperando – Cheshire, Sir Gorrann e Bah-kan –, todos em silêncio enquanto ela os olhava com curiosidade. O rosto deles estava contorcido. Pareciam assustadoramente felizes.

– O que vocês estão olhando? Onde estão os guerreiros? Já se mataram?

Cheshire deixou um sorriso misterioso se espalhar por seu rosto.

– Não há guerreiros. Me siga. – Sem falar mais nada, ele saiu da tenda, seguido pelos outros dois homens.

– O quê? – Dinah correu para alcançá-lo, a espada balançando em seu quadril. – Pare! Não estou no clima para jogos agora! Acho que já brincou comigo o suficiente.

O sorriso de Cheshire ficou ainda maior, como o de um gato malvado pego em flagrante.

– Acho que vai gostar muito desse jogo, Vossa Majestade.

Eles estavam subindo por uma área gramada, escorregadia e molhada da névoa noturna. Dinah escorregou algumas vezes ao subir; suas botas pisavam na água escura que corria de cima da montanha.

– Encontrou mais Cartas desertoras? Mande os embaixadores falarem com elas de uma vez.

– Não – respondeu Cheshire. – Não são Cartas *desertoras*. – Ele parou Dinah e a segurou pelos ombros. – Me ouça agora, já que não o fez antes. Suba até o topo da montanha e veja o que trouxemos para você, um presente de seus servos leais para nossa Rainha. – Ele inclinou a cabeça em seu ouvido e sussurrou: – Mas mais de mim.

Sir Gorrann e Bah-kan esperaram logo antes do topo da montanha. Dinah lançou um olhar desconfiado para Sir Gorrann ao se afastar. Ele assentiu discretamente para ela, que continuou subindo. O topo da montanha dava para uma campina pontilhada de árvores com musgo branco e pequenas piscinas de água congelada. Ela apertou os olhos, em dúvida do que estava vendo. Então seu coração se acelerou. Homens. Uma fila de homens. Homens vestindo preto. Milhares deles, todos armados, usando o uniforme familiar, preto no preto. Um homem em um grande cavalo branco os guiava para a frente. A respiração de Dinah parou na garganta. *Ela estava sendo iludida? Era coisa de seu pai? Cheshire a havia enganado?* O cavalo branco estava correndo em sua direção agora, mas não se movia como um Hornhoov – era muito lento, e o cavaleiro era menor, com uma cabeleira castanha enrolada esvoaçando como o...

Dinah não sentiu seu corpo começar a se mover, mas logo estava correndo pela campina, gritando o nome dele, derramando lágrimas livremente pelas bochechas. Era o oposto de uma rainha, era uma mulher perdida, era uma criança que voltava para casa. Não havia majestade, nem compostura, só ele, sempre ele.

– WARDLEY! WARDLEY!

Ele desceu do cavalo, correndo em sua direção enquanto ela gritava seu nome.

– WARDLEY!

Eles se encontraram no meio da campina enroscando os braços em um abraço apertado. Ambos caíram no chão soluçando, pressionados um contra o outro com uma força de tirar o fôlego. Wardley beijava sua testa com os braços apertados em volta dela.

– Pensei que nunca o veria de novo! – soluçou Dinah.

– Estou aqui agora. Estou aqui. Shhh.

Ela ergueu as mãos ao rosto, sentindo suas faces, sua nova barba.

– É você. Está a salvo. – Dinah estava balbuciando agora, quase histérica. – Desculpe, Wardley, desculpe, por favor, me perdoe. Me perdoe por machucá-lo, por enfiar a espada em você. – Ela pressionou a mão onde sabia que estava a ferida. – Sinto muito!

Os olhos de Wardley se encheram de lágrimas.

– Não tem nada de que se desculpar. Eu que tenho que pedir desculpas. Sou um covarde. Deveria ter partido com você. Deveria ter te achado mais rápido. Você é a Rainha por direito, eu deveria ter te protegido. – Wardley a apertou contra seu peito.

– Você fez isso, Wardley. Salvou minha vida.

Eles encostaram a testa uma na outra, seus corações martelavam alto no vento úmido. Dinah enxugou as lágrimas, de repente consciente de que estava fazendo uma cena na frente de uma multidão de homens armados.

– O que está fazendo aqui? – ela sussurrou.

Wardley olhou para ela com seus olhos ardentes de cor chocolate, olhos que ela amou a vida inteira. Seu coração ainda era cativado por ele, mesmo depois de todo esse tempo.

– Dinah, você não sabe? Estou aqui para comandar seu exército.

Ele segurou o braço dela e a levantou. Dinah olhou para o mar de soldados de preto: guerreiros, assassinos e prisioneiros. Os Espadas haviam chegado.

Um sorriso se abriu em seu rosto.

Com aqueles homens, ela poderia esmagar o Rei.

Dormir era extremamente importante. Mesmo assim, Dinah não conseguia pensar em nada de que precisasse mais do que deixar seus olhos observarem o rosto adormecido de Wardley. Ela lhe assistia em silêncio, hipnotizada pela forma com que seus lábios se abriam ligeiramente a cada respiração profunda, a cada movimento de subida e descida de seu peito.

Depois da reunião alegre, assim que voltaram ao campo, Dinah vira como Wardley estava exausto. Seus lábios ressecados e sangrando, e ele estava com olheiras. Ele também estava magro, mais magro do que Dinah já vira, e havia uma dor torturante presente em seu rosto que partia o coração dela. Os Espadas, 872, marcharam por semanas sob sua liderança e chegaram famintos, fracos e irritados. Tinham um respeito invejável por Wardley, mas como um grupo eram independentes e indisciplinados, e ele manteve o comando com êxito graças à ferocidade de sua espada. Depois de se certificar de que os homens estavam confortáveis em suas tendas improvisadas, ele desmaiou imediatamente na cama de Dinah e caiu no sono em minutos. Dinah se sentou em um banquinho próximo, suas mãos cruzadas, sua espada em seu colo, seus olhos pretos absorvendo cada respiração dele. *Ele está aqui, ela pensou, veio por minha causa. Eu não estava errada ao pensar que me encontraria.* Cada vez mais uma onda de alívio tomava conta dela, uma enchente de alegria penetrava-a. Não era apenas por estar vivo e sem ferimentos – pelo menos externamente –, mas por ter alguém ali em quem confiava sem hesitação. Sir Gorrann era uma boa companhia, porém Wardley conhecia Dinah desde pequena, do jeito íntimo como só amigos de infância se conhecem.

Ela continuou observando-o até o próprio cansaço fechar seus olhos. Aconchegou-se e dormiu ao lado dele. Ela acordou com os passos impacientes e barulhentos de Morte do lado de fora da tenda. Ele estava com fome; sempre estava com fome. Então Dinah encontrou uma galinha viva e deu-a para Morte, que gostou de perseguir sua presa, brincando com ela antes de rasgá-la ao meio impiedosamente com um dos fragmentos ósseos que circulavam seus cascos. Então se acomodou na terra para comer o corpo ainda agitado, e Dinah voltou

à tenda sem vontade de tomar café da manhã. Wardley, entretanto, acordou morrendo de fome, e Dinah não conseguia alimentá-lo o suficiente. Ela se ajoelhou ao lado da cama enquanto ele devorava uma carne de ave seca, muitos pães inteiros e maçãs. As migalhas caíam por suas pernas longas. Os olhos castanhos perfuravam os dela, extremamente felizes em vê-la, e ainda cheios de uma culpa terrível. Wardley insistiu que Dinah contasse tudo a ele, cada detalhe. Ela respirou fundo e recontou sua história, assustada com o quanto parecia perigosa quando pensava em tudo. Começou quando foi acordada na cama por uma mão sobre sua boca e continuou até os detalhes do caso de Cheshire com sua mãe. A noite na montanha, com os grouse e as sombras ela guardou para si. Aquele momento era só dela, escondido bem fundo em seu coração, próximo ao lugar em que guardava Wardley. Ele a observava maravilhado enquanto ela contava sua história, e o rosto do rapaz reagia fortemente a cada reviravolta. Quando terminou, ele ficou sentado em silêncio por alguns minutos antes de falar.

– Então Cheshire é seu pai?

– É o que parece.

– E acredita nele?

– Não acredito nele. Sei que é verdade. Olhe para ele e olhe para mim. Não pareço em nada com meu pai... – Dinah se corrigiu, algo que estava começando a fazer mais frequentemente. – Desculpe, com o Rei de Copas. Não pareço em nada com o Rei. E acredito que minha mãe tinha um caso. Quando eu era mais nova, ouvi os dois discutindo sobre isso. Tantas coisas fizeram sentido quando ele me contou, peças tão discrepantes que se encaixaram perfeitamente. Agora minha vida faz sentido, apesar de tudo ser bastante assustador.

Wardley percebeu rápido o tom de voz dela mudar.

– Bastante assustador? – ele ironizou. – É assim que se sente sobre Cheshire ser seu pai?

Dinah andou até a porta da tenda e olhou pelo feixe de luz estreito. Milhares de tendas cobriam o solo úmido até onde seus olhos alcançavam.

– Ele é esperto. Organizou toda essa guerra, tudo para me colocar no trono. Salvou minha vida e, provavelmente, salvará de novo. O Rei nunca nem me olhou nos olhos. Ele me odiava. Matou Charles, Wardley.

A voz dele ficou mais suave.

– Eu sei. Mas fique alerta para sua gratidão não se transformar em confiança cega.

Dinah balançou a cabeça.

– Não vai. Eu juro.

Cheshire era a menor de suas preocupações. Agora, havia centenas de guerreiros Yurkei, trezentas Cartas desertoras e quase novecentos Espadas todos juntos em um campo molhado. Os Espadas eram as Cartas que os Yurkei mais detestavam. Se não tivessem cuidado, a guerra começaria e terminaria ali mesmo.

Wardley olhou além dela, casualmente colocando a mão em seu ombro.

– É bom ver você, Dinah.

A pele de Dinah formigou com seu toque, por estar perto dele. Ela sorriu e se obrigou a dar alguns passos silenciosos para dentro da tenda.

– Sente-se. Você está exausto e sem forças para ficar se movendo. Mas me conte o que aconteceu no palácio desde que parti.

– Vou te contar depois, porque agora tenho que me aprontar para a reunião com o conselho de guerra. Importa-se se eu me limpar?

Dinah virou os olhos.

– Já vi você tomar banho milhares de vezes.

– Isso é verdade.

Wardley se agachou perto de uma pequena tigela com água e tirou a camisa por cima da cabeça. Dinah se esforçou para não expressar nada enquanto seus olhos passaram por sua pele bronzeada e retesada, e ela observou com prazer enquanto ele esfregava a sujeira de seu peito definido. Quando ensaboou o cabelo com uma barra de sabonete e limpou a terra de suas unhas, repetiu a maioria das coisas que ela já sabia: depois de ela enfiar a espada nele (bem fundo!, ele foi gentil o bastante ao lembrá-la disso), foi levado à enfermaria, onde o Rei de Copas o encontrou e exigiu sua cabeça. Wardley achou que fosse morrer naquela hora.

– Ele estava louco de raiva, Dinah, furioso e insano. Você já o viu bêbado... Bom, estava mil vezes pior. Começou a bater nas parteiras e enfermeiras, gritando “Cortem a cabeça dele! Cortem a cabeça dele!”.

– Wardley balançou a cabeça. – Eu estava aterrorizado. Não conseguia me mexer. Não conseguia lutar. Mal conseguia ficar acordado, pelo amor dos deuses. Felizmente, um médico corajoso o convenceu de que meu sangue estar na mesa era um preço suficiente. Nenhum homem permitiria ser machucado tão profundamente de propósito. O Rei enfiou os dedos em minha ferida para se certificar.

– Oh, Wardley. Sinto muito.

Wardley deixou o pano molhado por um tempo sobre a cicatriz irregular e feia em seu ombro, de quatro centímetros de extensão e ainda não cicatrizada totalmente. Dinah sentiu as lágrimas inundarem seus olhos quando viu a ferida horrível que havia feito.

–Vou pegar um pouco de planta medicinal dos Yurkei para você. As

poções deles têm poderes incríveis de cura, surpreendentemente mais avançadas do que as nossas. – Ela correu o dedo levemente pela cicatriz antes de se afastar.

Wardley assentiu ao esfregar a nuca.

– Enquanto me recuperava na enfermaria, ouvi boatos de meu destino. O Rei queria minha cabeça, mas fora dissuadido pelo *conselho*. – Wardley enfatizou a palavra, deixando claro que falava de Cheshire. – Todos os meus títulos e minhas funções foram retirados. Ainda era, tecnicamente, um membro das Cartas de Copas, mas não mais o futuro Valete de Copas. Xavier Juflee me despediu do cargo de seu aprendiz. – Dinah estremeceu. Wardley praticamente idolatrava Xavier. – O rei ordenou que eu voltasse ao trabalho antes de estar completamente curado. Tudo o que fiz depois foi trabalhar nos estábulos, obrigado a reconstruir cada portão de madeira manualmente com ferramentas inadequadas. Era a minha punição. – Ele estufou o peito e deu um sorriso triste. – Tenho um título novo, e vou te contar: Wardley, o Fraco, a Carta que foi vencida por uma princesa. Um título que combina com um rei, não acha? Na maioria dos dias, não consegui trabalhar nos estábulos devido à minha ferida, então só ficava deitado no feno, sonhando em fugir da dor.

Ele parou.

– Muitas vezes, acordei nos estábulos sem me lembrar de ter dormido lá. Os dias pareciam nunca acabar, e as noites...

Wardley tinha o olhar distante, um olhar que Dinah nunca tinha visto... Vinha de um lugar que nunca poderia alcançar. A mente dele estava em outro lugar e, por um segundo, ela viu uma tremulação de *algo* passar diante de seus olhos.

– Wardley. – Ao som da voz dela, ele voltou a prestar atenção, seus olhos marejados. – E aí...?

– Depois de um tempo, Cheshire me encontrou. Ele me contou partes de seu plano, dando a cada semana um pouco de informação... nunca o suficiente para eu poder agir sozinho, e nunca o suficiente para poder acusá-lo de traição. Ele é manipulador, Dinah.

Eu também, ela pensou, porque ele é meu pai.

– Finalmente, o homem me disse o que queria. Queria que eu liderasse um exército de Espadas ao sul para te encontrar, aqui nas Terras Sombrias. Para lutar pela Rainha por direito, para lutar por você. – Ele sorriu. – Mas eu não precisava ser convencido. Você é a Rainha por direito do País das Maravilhas, e como uma irmã para mim. Eu pensei: como convencer um exército de Espadas a lutar contra as outras Cartas? O que faria um Espadas abandonar a lealdade a uma coroa para lutar por outra?

Dinah não fazia ideia. Wardley se inclinou para a frente, e uma gota

de água caiu de seu cabelo castanho encaracolado.

– *Direitos*, Dinah. Os Espadas desejam seus próprios direitos. No fim, não tive que convencer ninguém. Eles estiveram esperando por essa oportunidade por um bom tempo. Junte isso a um Rei que estava enlouquecendo a cada dia, e foi uma negociação fácil. Marcaram nossa partida para o meio de uma noite longa. Saí escondido dos estábulos e fui para o lugar que Cheshire havia me dito, meio convencido de que era algum tipo de jogo louco que o Rei estava jogando para testar minha lealdade. Mas ali, na escuridão, estava um exército silencioso de Espadas só esperando no jardim, com seu comandante Starey Belft à frente. Aqui está o que aprendi e do que deve se lembrar: a lealdade dos Espadas não é ao Rei. Nunca foi ao Rei. É a Starey Belft, porque ele vive a vida depravada de um Espadas, por isso eles o respeitam. Eles o seguiriam ao inferno, e foi o que fizeram. Marchamos por duas semanas e perdemos mais de vinte homens. Só temos alguns cavalos. As coisas que ouvi desses homens, você não iria acreditar...

Sir Gorrann colocou a cabeça para dentro da tenda e olhou com surpresa para Wardley molhado e Dinah observando quieta.

Ela sorriu.

– Não é o que parece.

– Como se eu ligasse. O conselho está esperando por *cês dois*.

Dinah assentiu de leve.

– Estaremos lá daqui a pouco. Obrigada, Sir Gorrann.

Ele saiu e Wardley olhou para a porta, cético.

– E ele? Confia nele? Você sabe que ele estava nas mãos de Cheshire, não sabe?

– Além de você, não tenho certeza se há outra pessoa em quem confio completamente ou vou voltar a confiar. O homem que pensei ser meu pai tentou me matar. Minha mãe mentiu para mim a vida toda. E ainda acredito que Sir Gorrann atenda aos meus interesses. Considero-o bastante, um amigo para sempre mal-humorado.

Wardley colocou uma túnica rasgada pela cabeça. Pegou, delicadamente, o rosto de Dinah e o coração dela parou.

– Você realmente sabe o que está fazendo, não sabe? Está planejando uma guerra, Dinah. Uma guerra na qual muitas pessoas vão morrer, talvez até você mesma. Isso não é brincar de espadas na frente do estábulo. Não é um jogo.

Dinah se afastou dele, com a face ruborizada. Wardley sempre sabia como irritá-la.

– É claro que sei! Sou a Rainha por direito. Não deveria lutar por meu trono?

Wardley balançou a cabeça.

– É, mas me preocupo com você. Nunca viu uma batalha, nunca viu

um homem...

Dinah deu um tapa na cara dele.

– O quê? Nunca vi um homem morrer? Vi o corpo do meu irmão esmagado em uma pedra. Vi um fazendeiro com uma flecha enterrada nas costas só porque aconteceu de estar em meu caminho. Matei mais de uma Carta ao sair do palácio, e vejo rostos sangrando nos meus sonhos! Então não venha me dizer que não vi morte ou guerra, ou que não sei o que estou fazendo. Estou em guerra com o Rei de Copas desde o dia em que nasci.

–Você me deu um tapa! – Wardley riu um pouco antes de se afastar e balançar a cabeça, seus olhos procurando o rosto furioso dela. – Você não é a mesma garota que beijei debaixo da árvore Julla. Doeui!

– Não se esqueça disso – ela comentou, ressentida por Wardley tê-la irritado, como sempre fazia. – Vamos, estão nos esperando.

– Não fique brava. Desculpe ter duvidado de você. – Ele brincou com a trança dela, e o coração feroz de Dinah se derreteu.

O conselho de guerra se reuniu em uma tenda circular preta que ficava no meio de todas as outras, um ponto escuro em um mar de nuvens. Grandes bandeiras cor de ônix com o símbolo dos Espadas costurado a esmo em sua parte frontal estalavam com o vento, esvoaçando nas colunas das tendas. Antes de os Espadas chegarem, as conversas do conselho de guerra eram ao redor de fogueiras ou em tendas comuns. Essa tenda era nova, grande e intimidadora. Transmitia uma mensagem: os Espadas não estavam para brincadeiras. Enquanto Dinah caminhava até lá com Wardley, muitos Espadas se curvaram diante dela. Fazia um tempo que as Cartas não se ajoelhavam à sua frente, e Dinah sentiu uma onda de orgulho quando suas cabeças se inclinaram para o chão. *Serei a Rainha deles um dia.* Dinah colocou a cabeça dentro da tenda, com Wardley atrás. Uma grande redonda mesa feita de madeira clara preenchia o espaço, obrigando-os a ficar grudados contra o tecido preto macio das paredes. Erguendo-se da mesa, havia um modelo do Palácio do País das Maravilhas. Dinah ficou maravilhada com a construção: cada janela, portão e torre estava presente, cada cortina minúscula contava. Ela passou os dedos pelo modelo dos estábulos, o jardim de rosas, as Torres Negras e os muros de ferro que rodeavam a cidade em um círculo perfeito. As pontas endurecidas de seus dedos descansaram no Grande Salão, e ela olhou para cima encantada.

– Como conseguiram isso?

– Permita-me responder, Vossa Alteza. – Starey Belft saiu do canto, a escuridão escondia metade de seu rosto cheio de cicatrizes.

Dinah o reconheceu, pois o vira em vários eventos no palácio, mas também pelo seu broche de comandante – era preto como as insígnias dos Espadas, porém, havia um único diamante branco brilhando no centro, denotando que era do alto escalão. Metade de seu rosto havia sido seriamente cortada durante uma batalha contra os Yurkei, entretanto, a outra metade permanecia robustamente bonita. Ele parecia cansado e acabado, com profundas olheiras roxas. Starey Belft era famoso por sua lealdade feroz às suas tropas e às mulheres da vida.

– Parece bem, Princesa. Perdeu suas bochechas redondas de criança.

– O senhor também.

– Hã, eu pareço ter sido cortado no rosto com uma faca.

Houve um silêncio doloroso na tenda até Bah-kan dar risada.

– SIM! Você foi mesmo!

Starey olhou furioso para ele.

Dinah gesticulou para que se sentasse. Cada membro do conselho tomou seu lugar ao redor do castelo enorme de madeira.

– Vou perguntar de novo, como conseguiram esta obra de arte?

Starey Belft limpou a garganta.

– Ah, eu o peguei, Vossa Alteza. Quando soube que iríamos deixar o palácio e sermos leais a vocês, invadi os aposentos do Rei e peguei o modelo dele, pecinha por pecinha. – Ele demonstrou ao desmontar metade da cozinha, dobrando-a, e depois colocando-a no lugar.

– É um quebra-cabeça! – exclamou Dinah.

– O que tornou o transporte mais fácil. Mesmo assim, não acho que meus Espadas ficaram felizes em carregá-lo pelas Terras Sombrias.

Dinah descansou as mãos no colo. Ela não queria parecer muito agressiva e, mesmo assim, já podia sentir a tensão crescente no espaço enquanto as exigências dos Espadas permaneciam ocultas. O comandante estava jogando com ela, esperando para ver quanto tempo aguentava até pedir que dissesse o que queriam. Então, ela jogaria seu próprio jogo.

– Como foi, Starey Belft, chegar a esta tenda hoje carregando o peso do palácio nos ombros? Deve ter sido uma carga incrível para suportar sozinho.

– Foi, sim, minha senhora. – Starey tomou um longo gole da cerveja que os Espadas trouxeram. Afinal, quem ia para a guerra sem essa bebida? Ela o encarou inflexível até ele dar de ombros timidamente. – O que sabe sobre a vida de um Espadas, minha senhora?

– Sei que viver a vida de um Espadas é uma honra.

Starey se levantou de repente, com o rosto vermelho de raiva e a centímetros do dela. Todos na tenda prenderam a respiração até ele parecer pensar melhor em suas ações e se virar. Quando Dinah abriu a boca para falar, Starey Belft se virou e cuspiu, derramando a cerveja de sua boca em Dinah. Ela tossiu e enxugou os olhos, permitindo que a raiva que se agitou dentro de si se dissipasse. *Ele não deveria ter feito isso.* Sir Gorrann se posicionou na frente dela, tremendo com a espada na mão ao apontar para seu antigo comandante, um homem que Dinah sabia que ele respeitava profundamente.

– Cê ficou louco, comandante! Senhor, esta é a futura Rainha do País das Maravilhas, e vai respeitá-la como tal.

Starey Belft riu.

– Volte a se sentar, Gorrann. Eu poderia arrancar sua pele por traição, seu ambicioso.

Os homens se encararam enquanto Dinah enxugou a cerveja de seu peito com a manga. Finalmente, a voz de Cheshire ressoou de trás das Torres Negras, a altura das torres amplificando sua voz sem corpo pelo palácio minúsculo.

– Sentem-se os dois. Não haverá briga nesta tenda, a pele de ninguém será arrancada. Starey, conte-nos sua história. Mas, se está aqui, deve respeitar a Rainha. Ela entende que fez uma longa viagem e que não estava pensando direito quando derrubou cerveja próximo aos seus pés.

– Derrubou cerveja da boca dele – murmurou Wardley.

– Tudo bem – murmurou Dinah, passando a manga em seu cabelo. – Já passei por muito pior.

A raiva de Starey Belft rapidamente se transformou em vergonha.

– Sinto muito, Vossa Alteza. É só que, se acha que os Espadas vivem uma vida de honra, está enganada. Eu deveria saber que a filha do Rei de Copas nunca saberia a verdade sobre nossa vida. – Starey desabou em sua cadeira. – Entre o nascimento e a morte, a vida de um Espadas é miséria e sacrifício. Somos considerados o menor escalão das Cartas, e somos tratados com desdém pelo restante. – Ele lançou um olhar acusador para Wardley. Os Espadas não amam as Cartas de Copas. – Como sabe, Espadas são proibidos de casar ou ter filhos. Quando fazemos nosso juramento, juramos viver para o Palácio do País das Maravilhas, então por que precisaríamos de mulheres, amor ou conforto? Vivemos em barracas congelantes que ficam logo atrás das Torres Negras, amontoadas uma em cima da outra, então nunca se sabe quem está mijando em você quando acorda. Temos um lugar para dormir e comida para comer, mas mais nada. Quando as Cartas de Copas, Ouros ou Paus vão para casa, para onde retornam? Para um quarto no palácio? Para uma esposa, um filho? Nós retornamos para nada além do frio e da escuridão.

Starey se arrepiou.

– E não me importa qual é a posição oficial do palácio, mas há algo que permeia o solo perto das Torres Negras. As raízes negras passam por nossas barracas. Deixam os homens bravos, loucos. E quando parece que temos uma união, os prisioneiros chegam. Direto das Torres Negras, liberados para se tornarem Espadas e servirem o reino. Assassinos, ladrões, mentirosos, estupradores... São esses quem o Rei envia para compor nosso exército. Como podemos nos promover quando os quartéis são, constantemente, invadidos pela escória da sociedade? Não podemos, o que é exatamente o que o Rei quer.

Ele respirou e se encostou na cadeira de madeira, tomando outro grande gole da cerveja dourada.

– A vida de um Espadas, minha senhora, *não é honrosa* como diz; não, é cheia de briga e insignificância entre nós mesmos, pois não

fazemos nada a não ser o trabalho sujo do Rei de Copas. É uma existência miserável. Pedem para vivermos na escuridão constante e, mesmo assim, se o Rei precisa assassinar alguém, a quem ele recorre? – Starey bateu no peito com o punho enluvado. – Recorre a mim, recorre a mim para assassinar seus inimigos, para encontrar espiões Yurkei, para descartar suas amantes quando ele se cansa delas. Joguei homens na prisão simplesmente porque olharam para ele de um jeito que não gostou. Faço essas coisas, e para quê? Para ver meus homens serem tratados como selvagens, descartados como tortas estragadas?

Ele bateu o punho no palácio de madeira, e os estábulos se amassaram debaixo de sua mão.

– Me diga, Vossa Alteza, qual será meu legado? Um legado de morte e tristeza, uma vida de merda, rezando para que haja guerra, só para podermos sair de nossos quartéis penosos? Vou te dizer, não! Que seja a última coisa que eu faça neste mundo triste, mas vou deixar os Espadas em uma posição melhor do que estão agora. Meus homens merecem coisa melhor do que essa desculpa para existência, porque somos quem luta e morre por esse reino.

Bah-kan falou do canto da sala, onde suavemente passava um punhal pela face gigante.

– Vocês lutam e morrem por guerras injustas. Os Yurkei não fizeram nada para merecer suas invasões. Seus homens são brutais e cruéis... São monstros.

– Não vou dar ouvidos a um covarde – respondeu Starey Belft, com o rosto deformado.

Bah-kan se levantou com um rugido, e Dinah mal teve tempo de se jogar entre os dois.

– PAREM! Como sua rainha, ordeno que SE AFASTEM!

Os homens se pressionaram ao lado dela.

– SENTEM-SE! Obedeçam sua rainha! – gritou Sir Gorrann.

Os homens, com os peitos arfando contra Dinah, deram um único passo para trás, mais por autopreservação do que por respeito, Dinah pensou.

Bah-kan olhou para Dinah ao falar em língua Yurkei.

– Você não é minha rainha; os Yurkei nunca se submeteram à dominação do País das Maravilhas. Mas jurei protegê-la, como Mundoo mandou. Não se esqueça, é por isso que a obedeço agora.

Dinah assentiu e esperou até que Starey e Bah-kan voltassem a se sentar. Ela já estava sem paciência.

– Sir Starey, o que podemos fazer pelo senhor? Quais são as exigências dos Espadas? Que preço pagarei para que lutem por mim?

Starey entregou um pedaço de papel enrolado para Wardley, que o deu a Dinah.

– Está tudo escrito aí, feito com as vozes de milhares de guerreiros

Espadas, vozes que foram oprimidas e escravizadas por séculos. Temos cinco exigências. A primeira, um Espadas deve poder se casar e ter filhos. A segunda, um Espadas pode escolher viver com sua família em uma casa particular no reino, como fazem todas as outras Cartas. – Ele pausou. Dinah assentiu. Essas pareciam ser razoáveis. – A terceira, pedimos que movam nossos quartéis para longe das Torres Negras, para o sul do reino, como primeiro grande ato assim que for coroada Rainha. A quarta, pedimos que a Rainha se reúna com um pequeno grupo de Espadas estabelecido antes de declarar guerra ou ordenar invasões a qualquer grupo de pessoas. Gostaríamos de poder discutir o assunto antes de pedirem para aprontarmos nossas armas para a batalha. Nossa última exigência é que os Espadas assumam um novo escalão logo abaixo das Cartas de Copas, e que sejam remunerados de acordo. Isso permitirá que tenhamos mais dinheiro para treinamento e alimentação e, assim, poderemos formar um exército mais forte, por dentro e por fora.

Dinah o encarou através da estrutura de madeira.

– Se esta guerra der certo, Sir Starey, não haverá necessidade de invasões ou batalhas. Queremos paz com os Yurkei.

– Uma rainha forte precisa de um exército forte.

– Ele tem razão, Vossa Graça – falou Cheshire. – Apesar de não mais guerrear contra os Yurkei, ainda precisará de um exército para policiar a cidade e protegê-la. Principalmente quando estabelecer seu governo, haverá partidos que desejam prejudicá-la.

Como os Ouros e os Paus, pensou Dinah, que acabarão sendo usurpados pelos Espadas. Elevarei um grupo e deixarei os outros bravos.

Talvez esse fosse o jogo que Wardley havia comentado. A base da guerra era uma grande redistribuição de cargos – um rei poderia se tornar prisioneiro, uma princesa podia, casualmente, começar uma guerra. Ocorreu, para Dinah, que sua guerra poderia não acabar quando o Rei fosse morto. Haveria muitos sacrifícios para lidar, e muitos deles tornariam infelizes os pilares da sociedade do País das Maravilhas. Dinah guardou o pergaminho em sua túnica.

– Pensarei em suas exigências, Sir Starey. Por enquanto, encorajaria o senhor a descansar, o que é muito necessário, e a ficar sóbrio. Temos muito o que planejar. Nos encontraremos novamente esta noite, logo após o jantar.

O conselho de guerra se levantou e se curvou antes de Dinah sair da tenda. Cheshire a seguiu. Dinah entregou o pergaminho a ele.

– Por favor, verifique-o e certifique-se de que não haja armadilhas. Devolva-me para que eu possa olhar de novo até hoje à noite.

Cheshire colocou a mão em seu ombro.

– Fez bem lá dentro, minha Rainha. Estou muito orgulhoso de você, como seu servo humilde e seu pai.

Dinah não sabia como responder, então se afastou dele e foi em direção a Morte, que a estava esperando ao lado de sua grande tenda branca, que alguém havia pintado desajeitadamente com um coração vermelho.

–Vou cavalgar um pouco para clarear a mente. Por favor, termine de ler antes que eu retorne.

Cheshire se inclinou, um sorriso felino se esticou por seu rosto fino.

– Nada me agradaria mais, Vossa Majestade.

– Sir Gorrann!

– Sim?

– Por favor, junte-se a mim para uma volta rápida.

O sorriso de Cheshire desapareceu, mas ele se virou antes que Dinah pudesse perceber. Sir Gorrann lhe fez meia saudação com a mão.

– Com prazer. Preciso selar Cyndy.

Morte estava batendo a pata no chão impacientemente e começando a relinchar. Seus cascos cortavam a superfície gramada, onde a água preenchia e borbulhava.

– Encontro você nas Lagoas Arruinadas. Ele não consegue esperar.

Dinah fez uma reverência com a cabeça quando se aproximou de Morte, e ele ergueu a perna para que ela montasse. Morte correu com vontade para as Lagoas Arruinadas. Dinah saboreou o vento úmido no rosto enquanto voavam pelo vale úmido. As lagoas não ficavam longe, o que era conveniente, porque era onde o exército pegava a água de piscinas que pareciam eternas. Ao lado das piscinas deliciosas e límpidas de água perfeitamente fria, havia outras lagoas, as Lagoas Arruinadas. Ela as havia visto quase todos os dias nas últimas semanas, e até agora as observava maravilhada. As sombrias águas rosadas eram cobertas por uma espuma que parecia deliciosa, mas tinha cheiro e gosto horríveis. De vez em quando, uma bolha cremosa e cintilante se erguia das profundezas. Margeando a beirada do musgo, as bolhas se arrastavam a alguns metros pelo chão e, então, começavam a flutuar lentamente em direção à criatura viva mais próxima. Era fácil de desviar se a criatura estivesse vendo, porque a bolha se arrastava a passos de lesma; mas, se tocasse a pele, como aconteceu com um infeliz guerreiro Yurkei, ela explodia, molhando a pobre vítima com água fervente. Segundos depois, a pele, o sangue e as veias começavam a ficar brancas e a endurecer. O guerreiro ficou petrificado em minutos, e uma bolha rosa cremosa se formou em seus lábios. Os Yurkei ficaram com medo de tocar nele para enterrá-lo adequadamente, então deixaram seu corpo para trás. No dia seguinte, quando voltaram para pegar água, o corpo do guerreiro havia sumido, e em seu lugar estava uma nova poça rosada de água. Ela o havia consumido, e ele se tornara o que quer que o tivesse comido por dentro.

Dinah observou com cautela enquanto Morte bebia com vontade de uma das piscinas límpidas. Não havia nenhuma bolha vagueando até agora, mas ela podia ver as Lagoas Arruinadas se agitando ao longe, um mar de bolhas espumantes cor-de-rosa se formando contra o musgo verde.

– Detesto este lugar. – Sir Gorrann chegou atrás dela, sua égua arqueando devido ao cansaço. Ele olhou para Morte. – Deuses, ele é rápido. A Cyndy galopou o mais rápido que conseguiu e ainda ficamos, no mínimo, um quilômetro atrás de você.

Dinah sorriu e colocou a mão no peito de Morte. Ele lançou um olhar incomodado a ela e se afastou.

– Ele não estava nem correndo. Quando o Rei nos perseguiu, corria tão rápido que eu mal conseguia ver a paisagem.

– Huumm. É uma fera incrível, não é?

Ambos olharam para o corcel enquanto ele, feliz, pisoteava um sapo até a morte.

Dinah focou os olhos nas lagoas que se ondulavam.

– Me diga, Sir Gorrann, o que acha das exigências dos Espadas? É por isso que concordou em me encontrar, certo? Por isso que disse que trabalhou com Cheshire? *Esse* era o seu objetivo. Queria ter certeza de que eu sobreviveria e entraria em contato com as pessoas certas para que eu pudesse apoiar a causa dos Espadas. Está correto?

Ele olhou para o horizonte.

– *Cê* está correta. Nunca escondi que tinha um objetivo, não pra *cê*. Se não posso trazer Ioney e minha Amabel de volta, pelo menos posso melhorar a vida dos homens a quem chamo de irmãos. Mas vou lutar por *cê*, Dinah. Acredito que será uma grande rainha, e vou lutar mesmo se não concordar com as exigências dos Espadas. São exigências justas. Não teve nada que pareceu... excessivo. – Ele parou e tomou um gole da água de uma das lagoas límpidas. – É claro – continuou ao enxaguar a boca – que, se não aceitar as exigências dos Espadas, *cê* não terá um exército. Terá mil guerreiros Yurkei, trezentas Cartas desertoras, que são inúteis, se quer saber, e o Rei irá eliminá-los do País das Maravilhas como terra sob os pés dele.

– Podemos vencer? – Dinah perguntou.

Sir Gorrann observou com os olhos desconfiados quando duas bolhas champanhe começaram a se arrastar em direção a eles, bem discretas e amigáveis, com o vento.

– Talvez. Mas com certeza não ganharemos sem os Espadas. Mundoo estava contando com a união deles quando marchou para o norte. Sem eles, não temos chance. As Cartas não temem os Yurkei nem perto do que deveriam, mas vão temer uma multidão de Espadas.

– Então está feito. – Dinah observou uma bolha cor-de-rosa linda passar por uma pedra mais baixa. Em segundos, o musgo que cobria

sua superfície se atrofiou e ficou branco. – E quando puder se casar, vai se casar de novo, Sir Gorrann?

Ele olhou para o vale baixo, agora cheio de centenas de bolhas cor-de-rosa flutuantes, todas se movendo lentamente em direção a eles.

– Para muitos de nós, há apenas uma pessoa que pode preencher o vazio do coração.

Dinah pensou em Wardley, na forma como sua respiração cobriu seu rosto, na forma como a cicatriz no ombro dele se esticou quando ele levantou os braços para lavar o corpo. Ela amava cada parte dele. Para ela, não havia mais ninguém.

– Sim.

Os olhos dourados dele focaram o rosto dela, as rugas em seus olhos mostravam os primeiros sinais de um sorriso. Ela estalou os dedos para Morte, que não veio, então ela começou a andar rápido em sua direção.

– Obrigada pela sua opinião, Sir Gorrann. Acho que devemos voltar para o acampamento.

Ele viu uma bolha brilhante rolando devagar até seus pés.

– Concordo plenamente. Odeio este lugar miserável.

Dinah olhou para a paisagem, tão encantadora; um mundo de bolhas cor-de-rosa macias e que emitiam uma luz quente. Ela deu de ombros.

– Parece com o amor.

– E é por isso que pode te matar – respondeu Sir Gorrann, empurrando-a para perto de Morte.

Quando não estava se reunindo com o conselho, Dinah continuava a treinar com Bah-kan e Sir Gorrann, mas agora Wardley trouxera sua experiência especial para os ataques. Multidões de Espadas e de Yurkei saíam de seu círculo de treinamento para assistir às batalhas épicas de espada e força, descaradamente ignorando as ordens de Starey Belft para que retornassem para seus próprios círculos de luta. Dinah, geralmente, era a primeira a sair do ringue, seguida de Sir Gorrann e, então, Wardley. Ninguém impedia Bah-kan, com exceção de uma tarde quente quando sua espada passou perto demais do pescoço de Dinah. A cor prata reluziu na luz do sol, seguida por um baque alto metálico, e Bah-kan olhou para baixo maravilhado pelo punhal enfiado profundamente na armadura peitoral, logo acima do coração dela. Ele lançou seu olhar furioso para Cheshire, que montava tranquilamente um cavalo a centenas de metros, sua capa roxa esvoaçante atrás dele.

– Bah-kan. – Ele balançou a cabeça tristemente. – Lembre-se de com quem está treinando, senhor, e vá com calma com sua lâmina. – Então se virou e cavalgou tranquilamente para longe, deixando a multidão aturrida e impressionada.

Bah-kan arrancou o punhal do peito com uma careta.

– Ele é extremamente protetor – soltou em Yurkei.

Dinah se permitiu rir, mesmo que fosse por um minuto.

– Ele é meu pai. – *E é perigoso até de longe.*

Ela se arrependeu instantaneamente de dizer isso alto e logo se retirou para sua tenda, com a mente se agitando com um sentimento de conflito. As preparações para a guerra continuavam a passos frenéticos e, na maioria das noites, Dinah caía na cama completamente exausta. Seu corpo doía, sua mente estava cansada e ela desejava ter insistido em trazer o colchão de grama de Hu-Yuhar, em vez de aquela cama improvisada. Geralmente, um sono pesado tomaria conta dela imediatamente, mas não naquela noite, a apenas alguns dias de sua partida para o palácio. *Durma!*, ela exigiu de si mesma. *Tem muito o que fazer amanhã; DURMA!* Mas quanto mais brava ficava, menos sono tinha, e se viu se virando desnecessariamente na cama. *Alguma coisa* a estava mantendo

acordada. Havia uma voz que se arrastava com o vento quente. *Venha para mim.* Dinah se mexeu e se virou. O sono era como um coelho branco veloz e, independentemente do quanto tentasse, ela não conseguia seguir a escuridão feliz.

Exasperada, Dinah se sentou e colocou a túnica e as botas. O ar úmido das Terras Sombrias estava esquentando a cada dia com a proximidade do verão, e ela não precisava de calças de lã ou penas. Encheu a mão de cubos de açúcar de uma bolsa aberta e saiu de sua tenda branca. Seus dois guardas estavam, lógico, bem acordados quando ela passou.

– Vossa Alteza? – Ki-ershan era o único guerreiro Yurkei que a chamava assim.

Dinah havia se afeiçoado bastante a ele.

– Só vou andar um pouco por entre as tendas.

– Não é bom ir sozinha.

– Não vou. Vou ter Morte comigo.

O guarda olhou para o animal enorme que havia trotado até lá para comer avidamente os cubos de açúcar. Sob a luz vacilante da tocha, os ossos espinhosos que saíam de seus cascos eram brancos como a lua.

– Tem certeza, minha senhora?

Dinah tocou o ombro dele.

– É só uma caminhada, juro. Estarei de volta em meia hora.

Normalmente, os guardas não a perderiam de vista a não ser que estivesse com um protetor – Sir Gorrann, Wardley ou Cheshire, mas a realidade da situação era óbvia: o que eles podiam fazer que Morte não podia? Morte matara um urso branco, algo que cinco guerreiros Yurkei não poderiam fazer. Ele a protegeria. Dinah começou a subir e descer pela fila de tendas. Primeiro as tendas dos Espadas, que tinha cheiro forte de homens, suor e cerveja. Roncos altos preenchiam os corredores gramados estreitos entre as tendas, e Dinah sorria a cada ronco que ressoava. Ela tocava delicadamente as tendas ao caminhar, refletindo sobre o quanto se sentia próxima daqueles soldados quando não estavam olhando-a de cima a baixo com dúvida. Aqueles homens iriam lutar e morrer por ela, mesmo que não tivessem certeza de sua habilidade como rainha. Acreditavam nela, em sua reivindicação do trono, mas, mais importante, acreditavam que reconheceria os direitos deles. Independentemente do motivo, ela apreciava cada som de sono que vinha de suas bocas imundas. Depois da guerra, haveria pouquíssimas vozes para ouvir.

Um campo grande separava as tendas dos Yurkei das tendas dos Espadas. Morte galopava por ele sem preocupação e a esperava impaciente do outro lado. As tendas Yurkei eram totalmente diferentes das barracas dos Espadas. Estas eram pretas e tinham a forma típica triangular com bandeiras pretas esvoaçando de seus mastros. As

tendas Yurkei eram redondas e brancas, totalmente sem cor ou bandeiras. Elas pairavam acima do solo, sustentadas por troncos finos de madeira. Dinah sabia, devido ao tempo passado em Hu-Yuhar, que também eram muito mais espaçosas, confortáveis e portáteis. Ela perambulou pela fileira de tendas Yurkei, subindo e descendo seus corredores infinitos. Não havia sons de pessoas dormindo. Os Yurkei eram dorminhocos silenciosos – não havia nenhuma respiração a ser ouvida. O mesmo acontecia quando eles se moviam. O rei e seus vastos recursos e exércitos falharam ao extingui-los do País das Maravilhas por um motivo: eram guerreiros furtivos e conseguiam atacar sem fazer barulho. Muitos aldeões nem sabiam que sua cidade estava sendo saqueada pelos Yurkei até que tudo estivesse acabado e uma flecha perfurasse seu peito. Comparados aos Yurkei, os Espadas eram ogros e desastrados, sendo seu único talento o manejo da espada e a crueldade com que matavam seus inimigos. *Não me admira que nos odeiem*, Dinah pensou, *somos como gigantes desajeitados, pisando em suas terras com pezões*. Ela parou para respirar.

A noite estava fria e úmida, as estrelas se amontoaram em um canto pequeno do céu. Bem fora da sua visão, Dinah flagrou o cintilar discreto de uma luz roxa. Ela piscou. Ainda estava lá, uma luz no escuro, um brilho azul onde não deveria haver, pulsando por entre as tendas. Dando alguns passos para trás, Dinah andou perto da fila de estruturas brancas, redondas e parecidas com nuvens, e espreitou entre duas que estavam localizadas de maneira incomum, muito juntas. Entre as duas tendas havia outra, só que essa era perfeitamente redonda – uma esfera com uma base larga, equilibrando-se precariamente em dois troncos compridos. O formato já seria incomum o suficiente, se não fosse a luz nebulosa e estranha. Uma trilha de fumaça lavanda-azulada saía de um buraco no topo da tenda, esvoaçando e espiralando. Morte deu uma bufada alta e começou a pisotear descontente. O solo chacoalhou quando seus cascos enormes bateram nele, e ela temeu que fosse acordar o exército inteiro. Dinah foi até ele.

– Shhh... shhhh... está tudo bem.

Morte se livrou bruscamente do toque dela e galopou a alguns metros de distância antes de se ajoelhar. Ele a encarou, acusando-a por não o seguir. Dinah se virou novamente para a tenda, com a curiosidade despertada. Era a tenda de Iu-Hora, o Lagarta, o bruxo curandeiro que viajara para o sul com os Yurkei. Iu-Hora era o alquimista que criava remédios incríveis que curavam os Yurkei rapidamente. Ele tinha erva para toda doença, muitas das quais Dinah usara enquanto estava em Hu-Yuhar. Diziam que ele era muitas coisas – louco, um gênio, uma encarnação demoníaca do poder e do mito dos Yurkei. Alguns diziam que ele nasceu de um casulo, outros que foi

levado à tribo pelos grous. Todo Yurkei o amava ou o temia, dependia de já terem usado seus remédios para salvar sua vida. De qualquer forma, era protegido vorazmente do resto do País das Maravilhas pelos Yurkei. Diziam que ele guardava os segredos do mundo dentro de seu cachimbo.

Recentemente, ouvira boatos de que Mundoo havia mandado Iu-Hora para o sul com ela para que suas poções pudessem ser usadas para mudar a opinião dos Espadas se precisasse. Não precisou, porém, a ideia de que alguém pudesse drogar um exército para fazer a vontade do outro era perturbadora. Dinah piscou com a luz hipnótica, sem saber por quanto tempo estivera olhando para a tenda. Lembrou-se do fruto reluzente e chamativo, e ela se viu se arrastando para a luz, reação parecida com a que teve no campo de cogumelos. *Pare!*, ordenou a si mesma. *Seja sábia!* Ela se virou para ir embora quando uma voz suave falou da escuridão, doce como mel e pesada como lã.

– Venha até mim. Dinah, minha criança, entre, entre! Deixe-me saber quem você é.

Morte bufou infeliz pelo campo. A tenda pulsou de novo com a luz e Dinah se viu subindo na plataforma de madeira e entrando. Seus olhos precisaram de alguns segundos para se adaptar à luz esquisita, que ela percebeu que estava vindo de um enorme narguilé no meio da tenda. Era quase tão alto quanto Dinah, e a luz azul tremeluzia da sua base. O vidro do narguilé era transparente e, dentro, folhas com veios prateados e azuis brilhavam e cintilavam. Uma fumaça densa encheu seus olhos e seus pulmões, e ela começou a tossir e a sufocar quando uma voz ressoou pelo espaço.

– Respire fundo, pequena Rainha. Deixe preencher você. Só assim conseguirá ver e ouvir seu futuro. Ou responder à pergunta *quem é você?*

Com a visão embaçada, Dinah mal conseguia enxergar o Yurkei enorme e gordo que sentava em uma pilha de almofadas brilhantes. Sua circunferência caía das laterais das almofadas, e somente uma tanga de pena amarela a separava da nudez dele. Sua pele era escura e brilhante e, diferente da maioria dos Yurkei, completamente sem tinta branca. Ao lado da tenda, centenas de painéis de barro e balanças clamavam por espaço. As paredes da tenda eram decoradas com ervas penduradas, vasos de plantas e um estilo de pintura a dedo que Dinah nunca tinha visto. Iu-Hora notou que ela encarava seu trabalho com interesse.

– As Terras Sombrias forneceram a colheita mais abundante que já tive. Já fiz três poções novas desde que chegamos aqui! Uma para brotoejas, outra para vista cansada e uma para... Bom, não precisa saber disso. Você vai ver.

Ela o fitou de novo, mas não conseguiu ver seu rosto nitidamente.

Ficava tremendo e mudando de lugar, mas era só a luz enevoadá, não era? *Não era?* Ela estava muito confusa, sentindo a fumaça entrar em seus pulmões, e uma sensação quente prazerosa começou a se agitar em seu peito. Estava se sentindo muito leve, muito livre e muito feliz.

– Aqui. Dê uma tragada. – De súbito, uma mão gordinha estendeu a ponta do narguilé para ela. – Só prove, Princesa. Só prove e ouça o que Iu-Hora tem para lhe dizer.

Impulsiva, antes de refletir sobre a decisão, Dinah pegou o cachimbo e tragou profundamente. Então ouviu as palavras de Sir Gorrann: “Impulsiva, assim como seu pai.” Mas aquele homem não era seu pai. Ou era? Ela não conseguia se lembrar, e não parecia se importar. A fumaça a invadiu doce e formigando, e ela, imediatamente, sentiu como se estivesse explodindo de alegria. Sua mente estava clara, e suas orelhas, atentas. Ela caiu de tanto rir em uma pilha de almofadas.

– Você pegou essas do País das Maravilhas? Os Yurkei não têm almofadas assim.

– Elas vieram até mim como vieram até mim. Você não veio aqui fazer perguntas sobre almofadas. Veio fazer perguntas muito mais difíceis. E estou aqui para lhe perguntar... quem é você?

– Sou Dinah – ela respondeu. – E não sei por que vim até aqui.

– Está aqui porque eu a trouxe. Esperei muito tempo para conhecer a Rainha de Copas.

– Não sou Rainha ainda.

Ele parecia deslizar em volta dela.

– Ah, sim, a guerra. A guerra iminente, a grande guerra. Uma guerra vai mudar o destino do País das Maravilhas. Batalha. Sangue, fumaça e pássaros. Um maço de cartas, caindo... caindo. Vejo uma garota escondida, uma espada ensanguentada, um coração machucado.

As palavras dele não faziam sentido para Dinah. Ela riu e se sentiu sombria de repente.

– Pode ver o fim? Ouvi dizer que o Lagarta prediz a sorte.

Por nenhum motivo claro, Dinah começou a rir da palavra *sorte*. Aquela palavra era tão engraçada.

– Não posso ver o resultado da guerra, porque envolve o destino de muitos. Minhas visões ficam embaçadas com tantas almas para ver. Vejo muita morte e infelicidade. Vejo uma mulher linda chorando em uma janela, uma flecha habilidosa, estrelas azuis no céu. Vejo você cavalgando um demônio negro, com grandes asas estendidas para trás.

– Esse seria Morte. – Dinah riu até chorar. Então olhou em volta. Há quanto tempo estava rindo? Um minuto? Três horas? Três semanas? O Lagarta emergiu da luz enevoadá, com seus traços ainda ilegíveis além dos olhos azuis brilhantes. Era tudo o que ela conseguia ver. De repente, Dinah ficou assustada.

– O que está fazendo? Afaste-se. Não me toque! – Ela pensou em palavras, mas, por algum motivo, não conseguiu formá-las com a boca.

Devagar, os dedos dele entraram na túnica dela e, então, ele a girou. Por um instante, Dinah ficou com medo do que estava acontecendo, mas depois sentiu o carinho quente dos dedos dele sobre a cicatriz em seu ombro.

– Isso foi obra minha. Uma cicatriz deixada em uma rainha por um chefe. Algo de que ela nunca vai se esquecer, mas uma ferida que se curou rápido.

Alguma coisa estava se infiltrando na pele dela pelos dedos dele. Ela podia sentir a alteração da temperatura de quente para frio, o formigamento em seu ombro. Estava dentro dela, o que quer que fosse, passando por sua pele como água. Iu-Hora virou suas costas e, de repente, Dinah sentiu que estava flutuando com ele, cada vez mais para cima, através da tenda até as estrelas que olhavam para Charles morto lá embaixo. Eles estavam voando pelo céu agora, sobre as Terras Sombrias, sobre os campos; voavam cada vez mais para cima e para longe até sobrevoarem o Palácio do País das Maravilhas. As Torres Negras brilhavam com maldade. Ela piscou. Não. Ela não estava no céu. *Estava?* Estava na tenda, e o rosto embaçado dele estava a centímetros do dela, as mãos dele em seu rosto. A voz de Iu-Hora mudou quando ele se inclinou para a frente como se fosse beijá-la, e ela sentiu a fumaça densa de sua boca envolver seu rosto. Toda a fumaça foi repentinamente sugada da tenda redonda e não sobrou nada além da escuridão, nada além do calor da testa dele contra a dela e de seus olhos azuis fixos. Uma voz baixa e horrível ressoou da escuridão. Pertencia a Iu-Hora, mas não parecia ele. Dinah estava com muito medo, mais medo do que nunca.

– *Rainha de Copas, a filha de dois pais, preste atenção em minhas palavras. Para usar a coroa, você precisa perfurar o coração de um homem e cortar o coração daquele que mais ama. O gato não vai cumprir a promessa dele para o grou, e sua cabeça vai rolar na grama.*

Iu-Hora arfou em silêncio e, de repente, a fumaça azul saiu de seus lábios. A voz dele voltou ao normal, e uma risada tola preencheu a tenda quando a luz também voltou ao normal.

– Quer mais, minha Rainha?

Dinah o empurrou para longe, contra as painéis e as balanças, que se quebraram sob seu peso. Ela não tinha certeza do que estava acontecendo. A fumaça azul estava saindo de sua boca, mudando de cor enquanto ela respirava. O vermelho se transformou em laranja, que se curvou em um azul-pálido e então em uma névoa cinza. Tossindo, ela rastejou em direção à saída da tenda.

– Volte aqui! – ele gritou, rindo. – Tenho muito mais para lhe

mostrar! Ela estava correndo agora, para longe da tenda. A fumaça saía de seus olhos, ouvidos e garganta. Emanava de sua pele. Ela tropeçou e caiu no chão. A voz dele voltou e sussurrou em seu ouvido, apesar de não estar perto dele.

– *Mantenha a calma, Rainha de Copas.*

Morte estava ao seu lado agora e, com fraqueza, ela se levantou para pisar no casco dele, e um osso afiado lhe fez um corte pequeno no tornozelo. Ela montou em suas costas, deitando de bruços nele enquanto continuava a sufocar com a fumaça colorida que saía de sua boca e de seu nariz. Morte correu de volta para sua tenda. O corpo de Dinah começou a estremecer como se não estivesse funcionando. Ela estava alternando entre um frio congelante e um calor sufocante, e sua mente estava correndo, saltando por entre formas ilógicas. Estava em pé ou deitada? Onde estava? Depois do que pareceram anos, Morte chegou ao acampamento dos Espadas e parou violentamente em frente à sua tenda. Yur-Jee e Ki-ershan se levantaram e pegaram Dinah, que tremia, das costas dele. Ambos balbuciaram freneticamente em Yurkei, suas vozes muito altas para os ouvidos de Dinah. Ela ouviu partes da conversa.

– Iu-Hora! Nenhum cidadão do País das Maravilhas esteve em sua presença! O que ele deu a ela? Bruxo curandeiro! Demônio!

Alucinações selvagens corriam pela mente de Dinah, e ela ouviu partes da fala de Iu-Hora novamente: *Rainha de Copas, a filha de dois pais... usar a coroa... perfurar o coração de um homem... cortar o coração daquele que mais ama. O gato não vai cumprir a promessa dele para o grou... cabeça vai rolar na grama.*

Conforme os guardas balbuciavam em Yurkei rapidamente, Dinah ouviu a voz de Wardley ressoar mais alta.

– O que diabos aconteceu? Entregue-a para mim! Chame Cheshire AGORA!

Wardley a embalou contra seu peito, e ela percebeu que ele a estava carregando para dentro da tenda. Um rastro fino de fumaça bordô saiu retorcida dos lábios dela e Dinah a soprou amavelmente no rosto dele. Esforçou-se para se manter acordada. Wardley inclinou o rosto sobre o dela.

– Pode fechar os olhos, Dinah. Estou aqui.

A sonolência a tomou, e ela ficou feliz de dormir em seus braços fortes, nos braços daquele que ela mais amava.

Levou dois dias para a fumaça sair completamente de seu organismo. Ela dormiu o primeiro dia inteiro e teve os sonhos mais vívidos e bizarros de sua vida. Acordava molhada com o suor que emanava de sua pele como ondas de cores vibrantes, e via Cheshire e Wardley observando-a, discutindo coisas que mal conseguia entender.

– Quando ela estará completamente consciente?

– Vamos torcer para que o chá remova todos os efeitos alucinógenos da fumaça.

– Eles o encontraram?

– Os Yurkei o estão vigiando dia e noite. Não vamos atacá-lo. Na verdade, acho que ele pode ser muito útil para nós.

– Mundoo foi notificado pelo que esse bruxo curandeiro fez à Rainha?

– Enviamos dois cavaleiros esta manhã com a mensagem. Também carregavam nossos últimos planos para a batalha. Deus nos ajude se os pegarem.

– Não serão pegos. São Yurkei.

Dinah ouviu pelo que poderia ter sido horas ou segundos antes de escorregar de volta para o sono deslumbrante. No dia seguinte, acordou com um pano frio pressionado em sua testa.

– Vossa Alteza? – Ela olhou para cima, esperando ver Sir Gorrann, mas, em vez disso, viu-se desconfortavelmente próxima ao rosto de Cheshire. – Como está se sentindo?

Assustada, Dinah se levantou mais rápido do que deveria e foi recompensada com uma onda de náusea.

– Oh. Oh. – Ela se permitiu afundar de novo na cama. – O que aconteceu?

Cheshire resumiu rapidamente, apertando o pano em sua cabeça.

– Do que se lembra?

– Eu estava caminhando, porque não conseguia dormir... e encontrei a tenda de Iu-Hora. – Ela franziu a testa. – Então... então...

– Deveria lembrar, porém, havia um branco em sua memória; era enigmático e enervante. Ela podia ver partes e pedaços, mas o conhecimento do que havia acontecido estava perdido. – Desculpe... – balbuciou. – Não lembro mesmo. Havia fumaça e luz e....

Cheshire emitiu um som que aparentava ser de desgosto. Mesmo assim, sua expressão demonstrava certo prazer e fascinação.

– O bruxo curandeiro Yurkei tem mais poderes do que o País das Maravilhas imagina. Duvido muito que tenha ficado lá *o tempo todo* por conta própria. Ele é conhecido por atrair as pessoas para si quando sente que é necessário, seja por doença, seja para hipnotizá-las. Mesmo assim, há uma maldade naquela tenda que pode ser útil para nós. É mestre em uma alquimia que o País das Maravilhas nem descobriu ainda. – Ele acariciou a cabeça de Dinah com delicadeza, tentando acalmá-la. Isso a fez ficar desconfortável. – Quase perdemos você para a febre. Se tivesse morrido, a cabeça de Iu-Hora estaria sendo sugada pelas Lagoas Arruinadas agora. Você causou uma grande agitação, filha.

Cabeças... *alguma coisa sobre cabeças...* Dinah não conseguia se lembrar. Havia apenas a lembrança incerta de fumaça e luz, e uma queimação profunda nos pulmões.

– Sente-se bem o bastante para se levantar agora?

– Sim. – Dinah detestava depender dele para qualquer coisa, mas permitiu que a levantasse e segurasse sua mão enquanto ela, delicadamente, ia até uma pequena mesa de madeira. Havia sopa fumegante em uma caneca e, de alguma forma, uma pilha de doces quentes esperando-a. Ela olhou para Cheshire maravilhada. – Como alguém faz *tortas quentes* na floresta?

Ele deu de ombros, indiferente.

– Não há nada que não possa fazer por você. – Cheshire ergueu uma colher até a boca dela.

– Posso fazer isso sozinha, obrigada. – Dinah agarrou a colher com determinação e, tremendo, a levou aos lábios secos. – Como você tirou o... era veneno?

Cheshire se recostou na cadeira e juntou as mãos sob o queixo.

– Chá de arroz de lavanda selvagem. Arroz atrai umidade, e a fumaça, quando inalada, se torna um tipo de líquido alucinógeno. É bem fascinante. Visitei o bruxo curandeiro depois de ver você, e ele explicou todos os efeitos. Acho que meu punhal na garganta dele ajudou um pouco. Depois disso, os Yurkei não deixaram mais ninguém chegar perto da tenda dele. – Ele fez uma pausa. – Odeio ser a pessoa a lhe dizer isso, mas o incidente só serviu para alimentar as chamas de raiva entre os Espadas e os Yurkei.

– Estamos do mesmo lado, pelo amor dos deuses – comentou Dinah.

– De qualquer forma, muitos desses homens vão morrer, todos por mim.

O sorriso dele se esvaiu.

– É aí que se engana. Esses homens não lutam e morrem por você.

Nenhum homem luta ou morre por um líder. Luta por um ideal. Esse ideal está incorporado em sua pessoa. Os Espadas vão morrer lutando por seus direitos, pelos direitos dos homens que lutam ao seu lado. Lutam pelo direito de ter filhos, uma chance de viver para sempre por meio de seus herdeiros. Os Yurkei lutam para reivindicar a terra de seus antepassados. – Distraído por um doce na mesinha, Cheshire terminou de falar. – Não se iluda, esses homens lutam por eles mesmos.

Cheshire escolheu uma fatia de torta de ameixa e deu uma mordida pequena. Dinah nunca havia reparado em como seus dentes eram pequenos e afiados. Suas mordidas tinham metade do tamanho das dela.

– Pais e filhos, minha querida. É por isso que esses homens lutam, mesmo que acreditem que estão lutando por você. Uma parte de se tornar um líder é aprender a manipular essa crença. É a forma como o poder funciona. Seu rosto, suas roupas e sua coroa representam essas coisas para eles, mas não importaria se fosse você ou outra pessoa. Sua tarefa agora é se tornar a rainha pela qual eles se dispõem a morrer.

Dinah encarou o chão. Ela se comportou de maneira tola indo à tenda de Iu-Hora e, mesmo assim, ficou furiosa com Cheshire por lhe dizer a verdade.

– É irônico como consegue falar em sacrifício com tanta facilidade quando só foi atrás dos próprios interesses enquanto o Rei batia na minha mãe e me tratava com desprezo.

Cheshire lançou-lhe um sorriso de pena.

– Pobre garota. É nisso que acredita? Eu simplesmente vejo como se concentrar em seu melhor interesse. Não havia nada que eu amaria mais do que roubar você e sua mãe na calada da noite e recomeçar em um novo lugar, uma nova cidade, longe do Rei, onde poderia amar vocês duas orgulhosamente. Então, fazendo isso, negaria a coroa a você, uma chance de se tornar a pessoa mais estimada do País das Maravilhas. Em vez disso, sofri em silêncio, assistindo ao amor da minha vida ser tocado por um homem que me enojava e à minha filha ser criada por um homem que a odiava.

Lentamente, Cheshire dobrou seu guardanapo, tomando cuidado com cada canto. Quando terminou, formou um minúsculo rato de papel. Ele o colocou dentro da xícara de chá vazia dela antes de se levantar para sair. Com calma, vestiu sua túnica roxa e, de repente, inclinou-se sobre ela ameaçadoramente. Seu bafo doce inundava o rosto dela.

– Não pense que me conhece, filha. Sacrifiquei *tudo* para trazer você aonde está. E, em vez de ser grata por meu sacrifício, e pelo sacrifício de todos os homens que estão aqui, nos recompensa caminhando direto para os braços de um bruxo curandeiro louco, para que a

vejamos morrer lentamente. Você não é mais criança! É uma rainha, então comporte-se como uma!

Ele se levantou e respirou fundo, ajustando seu broche e se transformando no Cheshire calmo e imperturbável de novo.

– Certifique-se de que não faça nada extremo hoje. Sem treinar. Sem lutar. Wardley ou Sir Gorrann ficarão com você o tempo todo. Não confio mais em seus guardas Yurkei.

Dinah observou em silêncio Cheshire sair da tenda. Seu apetite havia sumido. *Ele tinha razão.* Era hora de parar de brincar com esses jogos arriscados para satisfazer sua curiosidade infantil. Não era mais uma garota entrando escondida nas Torres Negras com Wardley. Seu reino estava em guerra, e ela era muito indulgente com os próprios caprichos. As consequências de suas ações seriam reais e severas. Pelo amor dos deuses, ela quase começara uma guerra ali no acampamento.

Um líder de verdade cria aliados em vez de inimigos, mas suas ações só serviram para criar uma divisão. *Vou me lembrar disso*, ela pensou. *Vou me lembrar de que o que a rainha faz importa. Vou ouvir a sabedoria de Cheshire, independentemente do quanto ele me faça sentir estranha.* Imersa em seu pensamento, ela mastigava uma torta de mirtilo silenciosamente. Quando foi dar outra mordida, olhou em choque para a ponta de seus dedos. Estavam de uma cor laranja escura, manchadas do veneno que saía lentamente de seu corpo, um lembrete verdadeiro de como ela chegara perto de arruinar milhares de vidas. Não acreditava que Iu-Hora, o bruxo curandeiro, tivesse intenção de matá-la, mas, mesmo assim, ele era perigoso. Sozinha na tenda, Dinah fechou os olhos e jurou que não iria mais tomar decisões impulsivas independentemente de seus caprichos. A causa e a coroa eram prioridades. *Serei a rainha que eles merecem.* Ela se esforçaria mais para se lembrar de que aquele era seu povo, tanto os Espadas quanto os Yurkei. Era seu trabalho liderar e protegê-los. Sua tolice antes da guerra era indesculpável.

Bebeu água fria de um balde próximo e se deitou por mais algumas horas antes de se sentir preparada para levantar e andar. Quando finalmente saiu da tenda, a luz do sol brilhante a esquentou através da névoa das Terras Sombrias. Wardley a esperava, suas pernas compridas cruzadas enquanto equilibrava a espada com um dedo.

– Você acordou! – Os braços compridos dele envolveram seus ombros, e Dinah deixou que a puxasse contra seu corpo. – Venha aqui, sua idiota! Eu estava muito preocupado. Por que foi ver Iu-Hora? Não ouviu os boatos sobre ele? Dizem que ele mói os ossos de pessoas de seu povo para fertilizar os campos de cogumelo. O que estava pensando?

– Não sei. Fui tola e não vai acontecer de novo – respondeu Dinah com calma. – E não, não ouvi esses boatos. – Ela pressionou o rosto

contra o ombro dele. – Apesar de não duvidar disso.

– O que aconteceu lá dentro? O que você viu?

– Não consigo me lembrar.

Wardley fez uma cara de desconfiado.

Dinah suspirou.

– É difícil explicar... É como se alguém tivesse puxado um tecido preto sobre essa memória. Sei que ele me disse algo importante, mas não consigo me lembrar do que era, só palavras aleatórias. – *Gato. Coração. Grama.* – É isso, não consigo lembrar.

Wardley se afastou e observou o corpo dela.

– Está se sentindo bem? Tem certeza de que não deveria estar deitada?

Dinah balançou a cabeça.

– Não. Dormi a maior parte do dia. Não mereço mais nenhum descanso, principalmente quando meus homens estão tão ocupados.

Em todo o campo havia uma agitação de atividades. Cavalos estavam sendo medidos para que couraças fossem feitas. Espadas eram afiadas, e o som de metal contra metal era ensurdecedor. Durante o dia, geralmente o acampamento ficava cheio de vozes altas, mas hoje não, somente o som de trabalho e progresso. Todos esses sons martelavam sob um silêncio esquisito que permeava o ar.

– Por que ninguém está falando? – Dinah viu muitos Espadas lançarem olhares fascinados em sua direção e, então, baixarem os olhos quando ela os fitava. – O que está havendo?

Wardley a olhou irônico antes de puxar seu cabelo para o lado e sussurrar em seu ouvido. O coração de Dinah bateu rápido quando a respiração do rapaz esquentou sua bochecha.

– Amanhã começa nossa marcha para o norte, Dinah. A guerra está sobre nós.

Dinah rapidamente contou os dias nos dedos. Perder um dia inteiro a deixara confusa. Ele tinha razão... marchariam no dia seguinte, direto para o Palácio do País das Maravilhas. Como chegara tão rápido? Os Espadas continuavam a encará-la.

– Mexam-se! – Wardley comandou, e eles obedeceram com má-vontade.

– Por que estavam me olhando daquele jeito?

– Provavelmente porque é a única mulher neste acampamento. – Ele se mexeu de um jeito esquisito.

– Me diga a verdade – brigou Dinah. Ela conhecia Wardley o suficiente para ver que era ridículamente óbvio quando estava mentindo.

Ele suspirou.

– Cheshire andou espalhando para todo mundo como você sobreviveu ao encontro com o bruxo curandeiro Yurkei e como, em

troca, ele lhe deu uma visão de nossa vitória.

Dinah olhou para Wardley e arfou.

– ISSO é mentira!

Ele colocou a mão sobre a boca dela.

– Shh. Não importa. Dá esperança aos homens, deixe-os acreditar que você tem algum tipo de conhecimento especial sobre a nossa vitória. Quem sabe, pode até ser verdade. Os homens terão menos medo quando entrarem na batalha se acreditarem que o destino está a favor deles.

Dinah segurou o braço de Wardley.

– Isso é falsa esperança. Não houve nada sobre nossa vitória. Apesar de que...

Gato. Coração. Grama.

– Pode ter havido – Dinah admitiu. – Não consigo me lembrar. Mesmo assim, quero que os homens acreditem neles mesmos, não em uma falsa profecia. Precisam ter fé de que vamos vencer.

– E por que exatamente vamos vencer? – perguntou Wardley.

– Porque estamos do lado certo – respondeu Dinah, não muito convencida. – Porque precisamos. Porque é o certo. – A jovem olhou para o acampamento. Ela sabia das dificuldades. Seus homens estavam em menor número e talvez fossem derrotados. Os Yurkei e os Espadas lutariam com bravura, porém, bravura e estar do lado certo faziam diferença quando os números não trabalhavam a favor deles? Dinah sentiu uma pontada de medo. – Você acredita que podemos vencer? Como o quase Valeta de Copas, acha que vamos vencer?

Wardley olhou para Dinah, sua expressão era de cansaço quando um cacho de cabelo castanho caiu sobre seus olhos. Dinah sentiu seu coração se acelerar.

– Venha caminhar comigo, Dinah. Quero lhe mostrar uma coisa.

Morte, obedientemente, seguiu Corning, o corcel branco adestrado de Wardley, para fora do acampamento e para dentro das florestas das Terras Sombrias. Eles andaram em silêncio por uma hora, pelos pântanos quentes e por um campo de estranhas plantas emborrachadas que causavam em Dinah uma inquieta sensação estar sendo observada. As plantas pareciam estar vivas – abrindo-se em direção aos cascos de Morte quando eles passavam antes de se recolherem, rejeitadas e famintas. Conforme os vales pareciam ficar cada vez mais molhados, Wardley os fez virar levemente para o leste, e os cavalos começaram a subir colinas de grama escorregadia, seus cascos escorregando na umidade viscosa que permeava o solo. Logo, os picos redondos acabavam em um espinheiro todo retorcido que se protegia de invasores com espinhos pretos que pareciam assombrados, cada um do tamanho de uma mão. Eles desceram de seus corcéis. Wardley prendeu Corning e Dinah riu da ideia de tentar isso com Morte. O melhor que ela podia fazer era torcer para que ele estivesse lá quando ela voltasse. Wardley cortou o espinheiro na frente dela enquanto eles se enfiavam em seu emaranhado pontiagudo. O espinheiro ficava cada vez mais denso; a luz escurecia. Dinah pensou ter ouvido água. Ela espetou a mão em um dos espinhos e observou o sangue encharcar sua palma.

– Wardley...

– Estamos quase lá. É virando aqui.

Wardley foi para a esquerda e desapareceu atrás de uma parede de espinhos. Com as mãos estendidas diante de si, Dinah as pressionou e seguiu Wardley até uma clareira pequena e mágica. Atrás deles, havia uma piscina azul de água silenciosa, tão parada e clara que sua luz refletida provocava ondas turquesa pelo rosto bonito de Wardley. Sem estar presa a nenhuma pedra ou outra estrutura, uma cachoeira fluía PARA CIMA do meio da piscina perfeitamente imóvel, sua correnteza virava uma névoa quando atingia certa altura. A névoa, então, espiralava e desaparecia no céu. Eles ficaram parados em silêncio por alguns minutos antes de Wardley falar suavemente enquanto Dinah observava fascinada.

– Incrível, não é? – Wardley tirou as botas e mergulhou os pés na

piscina rasa. – Nunca mergulhei em uma água tão limpa. É a temperatura perfeita, não muito quente, não muito fria. Encontrei este lugar enquanto você dormia para se curar das alucinações. Cheshire estava te observando, e eu não conseguia ficar lá sentado pensando se iria acordar, então fui andar. Encontrei este lugar. – Ele balançou a cabeça. – Rezei para que pudesse trazê-la aqui um dia; para que acordasse. Dinah, pense nisso... De onde vem essa água? Não há fonte visível sob a superfície e, mesmo assim, a água continua subindo. É um milagre.

Um sorriso se arrastou pelo rosto dele, tão adorável que chegava a fazer doer o coração dela.

– O País das Maravilhas é um lugar muito maravilhoso, não é? Eu não fazia ideia de que tinha tanta coisa fora dos muros do palácio. Me faz querer montar em Corning e apenas desaparecer. Entendo por que aquelas Cartas desertoras fugiram do palácio. Há muita beleza intocada aqui na natureza.

Os olhos dele seguiram Dinah quando ela entrou na piscina e andou para o meio, até ficar diante da cachoeira. Ela esticou a mão. Correntezas de água quente fluíam para cima passando por seus dedos, como se Dinah fosse a fonte dessa maravilha. A água parecia ter vontade própria, e gotículas rastejavam de seu punho até seus dedos antes de mergulharem para o céu. Ela voltou para a beirada da água e saiu, a bainha de sua túnica encharcada. Sorrindo, sentou-se ao lado de Wardley e mergulhou seus agitados dedos do pé na piscina. Ela o fitou, sentado tranquilo ao lado dela na margem. Foi assim que sempre foi: Dinah e Wardley. Juntos. Ela falou:

– Lembra-se daquele verão em que você roubou tortas da cozinha, e Harris correu atrás da gente gritando pelo corredor inteiro? Nunca ri tanto. Você tinha farinha em toda a cara e, mesmo assim, quando ele te viu, a primeira coisa que você fez foi gritar “Não fui eu!”. – Ela riu se lembrando disso: Wardley, um garoto magrelo, seu rosto coberto de geleia e farinha, colocando o máximo de tortas que podia nos bolsos. O sol havia se infiltrado pelas janelas de coração vermelho enquanto seu corpo magro corria pelo castelo, Cartas de Copas e Harris gritando atrás dele, e Dinah também, sempre alguns passos atrás, observando-o admirada. Juntos, esconderam-se no jardim atrás das rosas brancas de sua mãe, que serpenteavam pelos muros, enfiando a cara nas tortas e rindo descontroladamente.

– Não estava morrendo de fome. Você só queria roubar alguma coisa.

– É mesmo. Eu era um bom garoto, mas, naquele momento, roubar tortas parecia perigoso, como um crime que teria as Torres Negras como punição. – Ele sorriu. – Era infinitamente emocionante.

Dinah estremeceu ao se lembrar das torres e olhou para a piscina.

– Quando for Rainha, vou destruí-las, até não sobrar nada além das raízes.

– Você sempre gostou de fazer declarações grandiosas de rainha. – Wardley sorriu ao colocar a trança preta dela atrás da orelha antes de seu olhar ganhar uma tristeza profunda. – Nunca mais vai ser bom assim, não é? A guerra está se aproximando e, de alguma forma, você e eu estamos totalmente envolvidos nela.

Dinah assentiu e observou a cachoeira, completamente consciente da mão de Wardley descansando a meros centímetros da dela na margem. Ela viu um peixe minúsculo cor-de-rosa nadar na cachoeira, suas nadadeiras minúsculas seguindo a correnteza para cima. De repente, quando percebeu o que estava acontecendo, o peixe reverteu o curso e se esforçou para nadar contra a corrente. Não adiantou. Foi sugado para o céu com a água que se transformou em uma névoa cor-de-rosa. Segundos depois, ouviram um barulho e viram o peixinho nadar para longe. Wardley continuou, imperturbável.

– Sabe no que não paro de pensar? Como torço para que meus pais tenham o bom senso de ficar de fora da guerra. Minha mãe vai ficar amontoada do lado de dentro com o resto da corte, enfiada no Grande Salão, mas meu pai pode simplesmente decidir ser um herói e vestir sua armadura de Carta para uma última batalha.

Dinah apertou a mão dele.

– Ele não vai fazer isso. Saberá que é você que está chegando.

Wardley engoliu.

– Sim, mas... e se não souber? E se ele estiver de capacete e eu não o reconhecer no campo de batalha? E se...? – As palavras dele sumiram. Alguns instantes se passaram enquanto ambos permaneceram em silêncio. – Do que você tem medo? – ele sussurrou.

Dinah engoliu em seco antes de baixar a voz para murmurar.

– De tudo. Tenho medo de que os homens vejam que sou só uma garota que foi rejeitada pelo Rei. Tenho medo de morrer em silêncio e quieta, como a chama de um fósforo se apaga, e acabar sendo nada mais do que uma criança que brincou de guerra. Tenho medo de perder você, Sir Gorrann ou até Cheshire. Tenho medo de decepcionar o povo Yurkei. – Dinah ergueu o pé e assistiu às gotículas de água rolaem por sua panturrilha. –Tenho muito medo de morrer, e não importará se tenho uma coroa na cabeça ou não. Vou morrer como os outros homens, com uma espada ensanguentada enfiada no peito, um último suspiro perdido na loucura.

Uma espada. O que o Lagarta havia dito para ela? “Você vai perfurar o coração de um homem e...”

A lembrança dela estava lá, mas havia sumido de novo, como uma borboleta que pousasse em sua mão e partisse no instante em que

Dinah olhasse para ela.

– Tenho medo até do que pode acontecer se vencermos. Serei Rainha. Será que consigo governar? Serei uma governante boa ou terrível como meu...? – Ela parou. – Como o Rei de Copas. Se isso chegar a acontecer. Se conseguirmos passar pelos portões.

Wardley pegou a mão dela, suas palmas escorregavam com o suor.

– Acredita que podemos vencer, Wardley?

Ele olhou para a pequena piscina natural. O rosto dele estava corado e ruborizado da caminhada e, por um instante, lembrou Dinah do menino roubando tortas. Mas então ela viu a barba crescendo em suas faces e o jeito como seus músculos se tensionavam debaixo da camiseta. Havia se tornado um homem desde a última vez que o vira. Ele suspirou e esfregou o rosto com a outra mão.

– Podemos vencer, mas agora não está a nosso favor. O Rei tem quase o dobro de homens, o que significa que as estatísticas estão contra nós. Os muros de ferro são perfeitamente redondos, o que quer dizer que, para cercá-los, ficaremos espalhados em todos os lugares. Temos os Espadas, que ajudarão, pois são implacáveis em batalha, porém, ele tem as Cartas de Copas, que são os guerreiros mais habilidosos do País das Maravilhas. Ele tem Xavier Juflee. – Ele deu risada. – Temos uma princesa exilada, o cavalo do Rei, um exército de selvagens e os Espadas. E, mesmo se ganharmos, assim que estivermos dentro dos portões, o povo do Palácio do País das Maravilhas não vai nos receber de braços abertos. Eles detestam você, sabe disso? O povo a teme, Dinah, e por um motivo justo. Está trazendo morte e guerra para uma cidade, uma cidade que nunca viu uma batalha. Quase todo homem do reino é uma Carta, e o Rei vai usar cada um deles para sua proteção.

– É, mas temos os Yurkei...

– Os Yurkei nunca atacaram uma cidade. O que sabem sobre muros e portões de ferro e um palácio feito de pedra e vidro? As Cartas de Copas montadas nos cavalos vão esmagar os Yurkei no norte enquanto nós lutaremos para passar por um mar de Copas, Paus e Ouros, tudo isso enquanto os arqueiros lançam chuvas de flechas em nossa direção. – Wardley balançou a cabeça. – Se formos capturados, nosso destino será muito mais terrível do que morrer rapidamente no campo de batalha. Vão nos jogar nas Torres Negras para amarrar-nos às raízes, até nos fundirmos à árvore ou pior. O Rei de Copas é um homem odioso. – Ele olhou para Dinah, seus olhos castanhos contemplando-a com adoração e tristeza. – Juro para você, aqui neste lugar, que vou matá-la antes de deixar o Rei torturá-la. E espero que faça o mesmo por mim.

Dinah sorriu de volta para ele, sabendo que nunca conseguiria tirar a vida de Wardley. Não, nem mesmo para salvá-lo. O amor a tornara

impassivelmente firme e desnecessariamente mole ao mesmo tempo.

– Fico pensando – ele murmurou – que esta pode ser a última vez que faço qualquer coisa. A última vez que como pão. A última vez que mergulho o pé na água. A última vez que conversamos como amigos, e não como um comandante e sua rainha.

Dinah sentiu seu coração começar a galopar no peito, tão rápido que ela achou que fosse explodir. Apesar de todo o oxigênio correndo em suas veias, estava congelada no lugar. Wardley parecia não notar o desconforto dela. Ele deitou de costas no solo cheio de musgo, esticando os braços acima da cabeça.

– Hoje pode ser a última noite que observo as estrelas simplesmente para me lembrar de meu lugar no mundo. Tudo o que temos pode ser tirado. Será tirado de muitos homens que descansam nas tendas, talvez de você, talvez de mim.

Dinah sentiu a fúria crescer dentro de si, só que desta vez era diferente. Era uma necessidade, um desejo, algo que se parecia com a sensação de cair, como se uma corda estivesse puxando seu coração para fora do peito. *Na direção dele, somente ele, sempre ele.* Ela não estava mais no controle – tudo o que podia sentir era a necessidade e o desejo de tocá-lo. A paixão rastejava por ela até se tornar seu fantoche. Ela movia seus membros, sua mente e seus lábios. Ela o queria. Esperou tempo suficiente, e quase o perdeu uma vez. Ele ainda estava falando quando Dinah se inclinou sobre ele, seus braços cada um de um lado do corpo dele.

– Se este é o fim, então há alguma coisa... Dinah, o que está fazendo?

Gentilmente, ela se inclinou sobre ele, passando os lábios nos dele de maneira tão delicada e macia como as gotas do orvalho em uma pétala. Os lábios dele eram quentes e úmidos e tinham o gosto de tudo de bom que Dinah havia provado. Seus lábios vermelhos acariciaram os dele, sentindo a boca dele ficar dolorosamente parada. Ele estava sem ação, congelado. *O que estou fazendo?* Dinah afastou a cabeça e olhou para ele confusa e hesitante.

Wardley fez uma careta de dor e, então, agarrou a nuca dela bruscamente, pressionando os lábios contra os dela. Dinah arfou com a força com que ele a beijou. Era o oposto de gentil – um beijo forte e faminto com um toque de raiva. Com um grunhido, ele trocou de posição com Dinah, deitando-a de costas, e colocou o corpo sobre o dela antes de recommençar a beijá-la, cada vez mais forte, até Dinah sentir seus lábios adormecerem. Era delicioso e muito prazeroso, mas, ainda, alguma coisa não estava certa. As mãos de Wardley estavam pressionadas contra os ombros dela como se ele a estivesse contendo ou se segurando. Era uma postura defensiva, e o corpo dele ficou tenso de raiva. Conforme a beijava furiosamente, Dinah sentiu uma

lágrima cair do rosto dele em sua bochecha. Ela empurrou seu rosto para longe e precisou de um minuto para respirar. Não foi assim que tinha sonhado com o primeiro beijo de verdade deles – agressivo e levemente violento.

– O quê? Wardley, o que há de errado? *O que está fazendo??* – Os olhos dela viajaram pelo rosto que conhecia muito bem, e ela pôde sentir seu coração se esticar dolorosamente quando percebeu a determinação severa dele. A expressão dela, em troca, mostrou um novo sentimento quando olhou para o homem que amava tanto: rejeição.

– Sinto muito, Dinah. – Ele desviou o olhar do dela, sua voz tremia.
– Não consigo fazer isso.

Dinah apertou as mãos.

– O que quer dizer?

Wardley se sentou e estendeu a mão para ajudá-la a se levantar. Dinah deu um tapa nela.

– Por favor, não me toque. – Ela se sentou, seus membros tremiam com a paixão não correspondida.

– Dinah, por favor! – Wardley a agarrou bruscamente, suas mãos nas laterais do pescoço dela, sua testa pressionada contra a dela. A voz dele estava cheia de desespero. –Você não entende? Eu QUERO te amar desse jeito. Nunca quis nada tanto quanto quero te amar desse jeito, do jeito que me ama. Implorei e pedi aos deuses que me dessem esses sentimentos por você! Quero ser seu rei, seu marido, seu amante. Mas não consigo... – Ele se esforçava para falar. – Não consigo me obrigar a sentir essas coisas por você, não importa quanto deseje, não importa quanto queira ser o homem que merece. – Ele a beijou tremendo na testa. – Você é minha melhor amiga, uma parte de mim! Eu te amo, Dinah, e vou lutar por seu direito de governar até minha morte! Isso significa alguma coisa? O fato de que eu morreria feliz por você? – O rosto dele estava contorcido de agonia ao fitar os olhos negros dela. – Dinah, por favor! Por favor, diga alguma coisa. Não suporto o silêncio. Por favor!

Ambos estavam ofegantes agora. Dinah o encarava, seu coração estilhaçado. O mundo parecia estar ruindo, se quebrando sob seus pés. Wardley abriu a boca de novo, suas palavras calmas e gentis.

– Você não faz ideia do que abandonei para vir e lutar por você...

– Não fale comigo.

Era como ser mergulhada em águas congelantes quando estava queimando – Dinah sentiu os cortes em sua alma e na sua visão do futuro deles. Ela foi deixada vazia, drenada – sem seu amor, sem ele...
Ele nunca seria dela.

– Por favor, vá embora. – Ela desviou o olhar, sua voz sem entonação e sem vida. – Por favor, Sir Wardley. Cumpriu sua tarefa

aqui.

Ele pegou o braço dela e a puxou.

– Pare, Dinah! Não fale assim comigo. Não dê as costas para mim. Não vou deixar você, não nesse estado. Por favor, olhe para mim.

Ela se virou para ele, sua expressão era uma máscara de pedra.

– Você me beijou uma vez. Isso é tudo um jogo, Wardley? Mais um segredo de minha vida distorcida? Alguém te contratou para que eu te amasse? Você se lembra daquele dia debaixo da árvore Julla, quando me beijou? Fazia parte do plano?

Wardley agarrou as mãos dela.

– Do que está falando? É claro que me lembro. Eu te beijei porque *queria*. Porque foi a primeira garota com quem me importei. Mas, mesmo naquele dia, sabia que meus sentimentos por você não eram dessa natureza, independentemente do quanto eu tentasse obrigá-los a existir.

– Obrigá-los? Você se obrigou a brincar comigo quando éramos crianças? Ou a me procurar quando ficamos mais velhos? Foi obrigado a me treinar com a espada ou a me seguir até aqui?

Wardley balançou a cabeça bravo.

– Não. Nunca! Você não está ouvindo. Não entende... Dinah, eu faria qualquer coisa por você!

– Exceto me amar de verdade do jeito que um homem ama uma mulher – ela respondeu fria. – Exceto me beijar.

– Isso realmente importa? Sou seu de todas as formas. Escolhi você e o faria de novo. Gostaria de poder fazer meu coração obedecer ao que meu cérebro sabe tão claramente. Tentei muito. Não quero mentir. Eu me importo muito com você. Dinah... por favor, entenda... é minha melhor amiga. Minha Rainha.

Havia uma verdade profunda nas palavras dele e, mesmo assim, Dinah sentiu que não conseguia mais suportar olhá-lo. Lágrimas inundavam sua visão, e um soluço de ânsia estava se formando em sua garganta. Ela respirou fundo.

– Preciso que saia. Agora. Por favor, Wardley.

– Dinah, não...

– Eu EXIJO. Por favor, me deixe. – Ela lhe lançou um olhar que implorava, uma lágrima escorria por seu rosto. A voz dela não chegava a ser nem um sussurro. – Por favor, Wardley, por favor, faça essa gentileza por mim.

O rosto de Wardley expressava uma tristeza quase tão horrível quanto a dor que ela sentia no coração. Ele lhe deu beijos suaves na bochecha e se virou, indo até a beirada da clareira.

– Estarei te esperando amanhã de manhã para cavalgarmos para o norte. – Ele a encarou, com o rosto cheio de culpa, antes de desaparecer no espigueiro.

Dinah esperou até não poder mais ouvir seus passos antes de desabar em lágrimas. Um vazio sem esperança a tomou, e ela ficou deitada ao lado da piscina, mal conseguindo respirar com a dor. O pensamento de estar com Wardley a manteve viva em todas aquelas noites frias na Floresta Retorcida, todas aquelas tardes quentes em Hu-Yuhar. Sempre o visualizou sentado no trono ao seu lado, a mão dele sobre a dela enquanto guiavam o País das Maravilhas para um futuro glorioso e pacífico. Agora, não havia nada, só escuridão e desespero. Ela se entregou à tristeza que a havia tomado, uma onda de angústia e rejeição, e se deixou afogar naquele sentimento, aliviada por sentir alguma coisa.

Por horas, ficou deitada à beira da piscina, seu coração latejando com cada palavra que ele dissera. Ela soluçou e gritou, arranhou a terra com os dedos e deixou o punhal tremer em seu pescoço por alguns segundos antes de jogá-lo para longe. Quando a noite finalmente caiu, ouviu alguém chamá-la pelo nome. *Wardley*? Ela ouviu de novo. *Não. Sir Gorrann.* Com as mãos trêmulas, Dinah ajoelhou e jogou água no rosto. Abrindo os olhos pretos, encarou a si mesma, mal reconhecendo seu reflexo. A garota que ela era havia desaparecido. Saíra do palácio como uma menina ingênua e idealista que sonhava com uma coroa fácil e governar ao lado de um homem que a entendia e amava seu coração. Seus dias seriam cheios de elogios e suas noites cheias de paixão infinita, enrolados um ao outro.

Agora, uma mulher fria a encarava de volta, uma criança esquecida, uma guerreira amarga. A ponta de sua trança negra mergulhou na piscina com o restante de sua infância, seu cabelo comprido negro, o cabelo de sua mãe. E ainda, mesmo quando sua mãe teve tudo – uma coroa, um marido, filhos e todas as riquezas do Palácio do País das Maravilhas –, ela fora infeliz. Nunca poderia realmente ficar com o homem que amava. Assim como Dinah. Mas, diferentemente de sua mãe, ela não ia se deitar e morrer. Diferentemente de Davianna, Dinah lutaria por sua coroa. Com as mãos tremendo, pegou seu punhal no galho próximo em que estava enterrado e voltou até a piscina. Com dois movimentos rápidos conseguiu cortar a maior parte do cabelo, até deixá-lo na altura do queixo. Sem titubear, jogou a trança na água e se virou para ver Sir Gorrann, que correu até ela, com os olhos cheios de preocupação, cuspiendo xingamentos que ela não ouvia. A dor ainda estava viva dentro dela, ardente e insaciável. Foi rejeitada e estava desesperada, preenchida com uma nova fúria, essa perigosamente feroz. Preenchida por um desejo de destruição, uma necessidade de se esvaziar de toda a tristeza. Ele lhe deu uma chacoalhada forte, e os olhos brilhantes de Dinah finalmente se conectaram aos dele.

– Vossa Alteza! Dinah! O que aconteceu?

Os lábios dela tremeram formando um sorriso irônico.

– Ele não me quer. Depois de todo esse tempo.

Os olhos de Sir Gorrann se encheram de empatia, e ele deixou Dinah se apoiar nele.

– Sinto muito, Vossa Graça. Venha, vamos te levar de volta para sua tenda.

Ela se sentia nua, despida, e o seguiu sem pensar. Só a raiva foi deixada para trás, e era uma corrente furiosa, Dinah desamparada em meio à correnteza. Deixou Sir Gorrann ajudá-la a passar pelo espinheiro até onde Morte a esperava. O corcel batia no chão impaciente até ela montar nele. Com um estalo da língua dela, eles voaram pela paisagem, deixando Sir Gorrann seguindo-a de longe. Ela sentiu que alguma coisa havia mudado dentro de si. A cada baque dos cascos de Morte, sentiu que sua tristeza se transformava em raiva. Seu ódio estava borbulhando, espirrando até ferver de fúria. Se não podia tê-lo, iria, pelo menos, ter a coroa.

Se não conseguia apagar o fogo que queimava dentro dela, iria atear fogo no País das Maravilhas.

Leia também:



Rainha de Copas 1

Nem todo conto de fadas tem um final feliz. Esta é a história de uma princesa que se tornou vilã...

Como princesa de um palácio no País das Maravilhas e futura Rainha de Copas, os dias de Dinah são uma monotonia sem fim. São muitos chás, tortas e uma série de humilhações causadas pelo Rei de Copas, seu pai. O momento mais esperado de seus dias é quando é visitada por Wardley, seu melhor amigo de infância, o futuro Cavaleiro de Copas – e o amor de sua vida.

Quando a coroação de Dinah se aproxima, uma sequência de eventos sangrentos sugere que algo errado está acontecendo nos extravagantes salões do palácio. A princesa terá de desvendar esses mistérios antes que ela perca a cabeça para um inimigo sagaz e sem rosto.

Personagens conhecidos como o Gato de Cheshire, o Coelho Branco e o Chapeleiro Maluco fazem parte da narrativa que encantarão os leitores com uma nova perspectiva do País das Maravilhas, criado por Lewis Carroll.

